

OBRAS DE JOÃO PENHA

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDO

ELSA PEREIRA

VOL. IV
TOMO II – APARATO CRÍTICO



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FICHA TÉCNICA

Título: Obras de João Penha. Edição crítica e estudo
Vol. IV – Tomo II – Aparato crítico

Autora: Elsa Pereira

Prefácio: Francisco Topa

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Design gráfico: Helena Lobo www.hldesign.pt

ISBN: 978-989-8351-43-2

Depósito Legal: 403122/15

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. www.sersilito.pt

Porto

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT– Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013 e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Contou ainda com o apoio de uma Bolsa de Investigação da FCT (referência SFRH/BD/41413/2007), financiada pelo POPH – QREN – Tipologia 4.1. – Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência.

A autora é bolseira de Pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/92155/2013), investigadora do CLUL e colaboradora do CITCEM, que acolheu e apoiou este projeto.

SUMÁRIO

Aparato crítico

II – Prosas

1. Textos reunidos em livro

718. Prefacio	13
719. Prefacio	24
720. Rachel	27
721. Os nephelibatas	38
722. Uma estrophe de Victor Hugo	48
723. Chateaupers á la rescousse	51
724. Os parnasianos	52
725. Israël	59
726. Sylvia	61
727. Questão litteraria – I – Cerveja e alexandrinos	65
Questão litteraria – II – Alexandrinos e asclepiadêos	85
Questão litteraria – III – O paio e a emoção	92
728. As barbas de Carlos Magno – I – A canção de Roland	105
As barbas de Carlos Magno – II – Trovistas e trovadores	116
As barbas de Carlos Magno – III – A tragedia de Roncesvalles	122
729. A Orgia – I	124
A Orgia – II	125
A Orgia – III	128
730. Mr. Le Symbole	129
731. Os visionarios	132
732. Prefacio	136
733. Prefacio	137
734. Colombina	138

735. Desceu, ha pouco, sobre nós, um decreto,...	142
736. Prefacio	144
737. Adeus, Manuel!	145
738. Um conde italiano	147
739. Dois livros	155
740. Poesia e arte	162
741. Os dois monumentos	174
742. Da Terra ao Sol	176
743. De Paris a Lisboa	177
744. Almôço campestre	179
2. Esparsos	
745. Prologo	183
746. Prefacio	184
747. Prefacio	185
748. Prefacio	188
749. Antes de subir o panno	189
750. Satanica em prosa	190
751. Satanica em prosa	191
752. O que pode consolar-nos...	194
753. Philosophando	195
754. A eterna alliança	196
755. Anthero	197
756. Os centenarios	198
757. Uma aventura nocturna	199
758. Se esta homenagem fosse	200
759. D. Zulmira de Mello	201
760. Luiz da Silva	205
761. Manuel Duarte d'Almeida	206
762. Visconde da Torre	209
763. Braulio	210
764. Oradores	211
765. Herculano	212
766. O nosso Luiz	213

767. Duas linhas	214
768. Una voce	215
769. O crime	216
770. Chronica	221
771. As soirées de Pindella	222
772. A Paizagem Portugueza de João Penha	226

APARATO CRÍTICO

II – PROSAS

1. Textos reunidos em livro



Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – João Penha, *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1898 [1897], pp. 7-31. Vd. descrição no n.º 65.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *Revista do Norte: Literatura, Arte, Ciência, Filosofia* (dir. Fernando de Araujo Lima), Porto: [s.n.]. N.º 5 (maio de 1955), pp. 143-144.

Trata-se de uma cópia truncada e manipulada, onde se fundem excertos deste texto com outros retirados do n.º 721.

Anotação textual: emendas

57. humano»;]; humano;»
 107. verdade», – mas]; verdade,» – mas
 239. /alma *itálico*/]; alma
 240. /artista *itálico*/]; artista
 311. decassylabos (heroicos]; decassylabos, (heroicos

Arquivo documental

I. Em carta enviada a Antero de Figueiredo, ficamos a saber que João Penha começou a escrever este prefácio a 11 de julho de 1897. O testemunho que o confirma encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-1144(13), e é constituído por um bifólio de papel liso (com 21,9 x 17,8 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu caro Anthero.

A sua idea é excellente: feito um livro não se pensa mais n'ella, e passa-se a outro: nulla dies sine linea: é a divisa de Zola, que deve ser adoptada por todos que queiram adquirir o habito de escrever.

*Quanto ao meu volume, eis ahi a minha /*aventura/: fiquei de entregar o manuscrito até ao fim d'este mez, e muitas composições estão por concluir, e o prefacio por fazer. Principiei-o hontem, com tristeza, e com uma dor de dentes, produzida pelo abanar incessante dos leques de duas senhoras que me vieram consultar: parecia uma nortada... sobre uma face quente. Apesar de bem bonitas – o diabo as parta!*

O título é o mesmo /* *requeifedal/* e pretencioso de *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*, com as suas quatro partes: *Musa que ri*, *Tancredo*, *As evocações* e *Arias modernas*. Puz de parte o de *Novas Rimas*, porque grande parte d'ellas são velhas, e anteriores ao 1.º volume, e não só por isso, mas também porque, estando agora resolvido, – para ganhar o tempo perdido, a publicar um volume de versos todos os annos, sempre seria necessario que mudasse, a não ser que adoptasse os titulos de *Novas Rimas A. Novas Rimas B.* etc.

Quanto ao reclamo, asnos fomos em o não lançar antes das negociações para a publicação, porque estaríamos em condições de fallar mais papo. Ainda assim estou muito satisfeito com o Lello & Irmão, não só porque não fizeram questão do preço, nem das outras condições do contrato, mas também porque se mostram muito satisfeitos, e ate entusiasmados pelo negocio que fizeram. Pelos cornos de Jupiter, lhe digo, meu amigo, que tudo isto me cauza umas certas apprehensões, com receio de que tudo venha a dar n'uma grande cancaborrada.

Para o proximo domingo está combinado um almoço no Bom Jesus, entre mim, o Alberto de Madureira, e o Antonio Pinheiro, nefelibata. Tudo são combinações, que me tiram um tempo precioso.

Abraça-o como sempre o

S.

12-7-97.

J. Penha.

A 22 de agosto, o poeta voltará a referir-se ao prefácio, ressaltando a sua longa extensão. O testemunho, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, com a cota BPMP, M-AF-1144(14), é composto por um bifólio de papel pautado (com 23,1 x 18,1cm), escrito de ambos os lados, a tinta preta, ostentando, no f. 1r, a seguinte anotação apógrafo: “R. 24 d'Agosto 97”:

Meu caro Anthero.

A regra é que ninguém gosta de fallar senão de si, das suas cousas, dos seus amores, dos seus achaques, etc. etc. Os codigos do *savoir vivre* reprovam tudo isto, com vozes severas, e até com certa philosophia, porque a regra é que ninguém se importa com as couzas, os amores, os achaques, etc. etc. dos outros.

Por este cabeçalho (o Anthero lê bem a minha letra?) já deve ter concluido que vou fallar-lhe da minha pessoa, e d'ella lhe fallo participando-lhe que revi hoje as primeiras provas da *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*; – que todo o manuscripto já está em mãos dos editores Lello e Irmão, e que estes estimaveis cidadãos já me enviaram os estipulados 150:000r.

O livro, alem do prefacio, bastante longo, porque mede 34 paginas, e em que defendo, com uma demonstração scientifica, de phantasia, os parnasianos, leva umas 9 ou 10 notas, também bastante desenvolvidas, e que talvez não sejam o que desagrade mais. N'uma d'ellas, intitulada *Tancredo*, descrevo o festival academico que se realizou em Coimbra no dia em que eu acabei esse poema, ou como se lhe deva chamar.

Finalmente, se não houver transtorno na machina, partirei no dia 1 de Setembro para Varzim, onde, no predio n.º 111 do Passeio Alegre, o espero receber para o abraçar, e, para em seguida, irmos almoçar a Villa do Conde.

Agora, a seu turno, venham de lá noticias.

Se ex corde

22-8-97.

Penha.

A resposta de Antero de Figueiredo data de 24 de agosto e encontra-se guardada no espólio do poeta, com a cota ADB, Ms. 550, ff. 69-70. Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 22,6 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta e numerado como ff. 69-70. No canto superior direito do f. 69r, foi posteriormente acrescentada, a lápis, a data “24-VIII-1897”:

Prezado amigo

Gostei muito da sua carta de hontem pelas boas noticias que me dá do seu livro que, visto isso, deve estar prompto em setembro – epoca em que já devo estar em Lisboa e inteiramente ao seu dispor.

A proposito do seu prefacio e do parnasianismo, lembro-me perguntar-lhe se conhece um livro do Catule Mendés intitulado “Legende du Parnase Contemporain” onde se historia, minuciosamente, como se formou esse grupo e como se firmaram n’essa esthetica. É um volume indispensavel para a historia d’essa feição litteraria. Há tambem n’um livro de critica de Paul Bourget um longo capitulo sobre a “Esthetique du Parnasse”. O Brunetière na “Histoire de la litterature française” escreveu desenvolvadamente sobre o assumpto.

Tambem do Anatole e de muitos outros ha trabalhos sobre o assumpto. Decerto o meu amigo conhece-os; no entanto, ahi fica a lembrança.

E a edição é bonita? Ha tiragens especiaes?

Outra cousa: aquelle soneto feito à Palmyra Lacerda entra n’este volume? Sabe que esse soneto d’um certo modo me pertence, porque o tenho em autographo. Escreveu-o o meu amigo, a meu pedido, n’um dia de festa no Passeio Publico d’ahi. Lembra-se?

Eu estou concluindo um pequeno trabalho (100 paginas) que espero publicar ainda este inverno. É um monologo “d’um filho do seculo”, onde há uma intensa nota original. Verá.

Sinto não poder aceitar o seu convite d’almoçarmos junctos em Villa do Conde. Pouco mais estarei aqui do que um mez e este tempo tenho-o todo preenchido: espero diversos hospedes. Um deles será o dr. Costa Palmeiro d’ahi que mora na rua dos Chãos (de Baixo) n.º 39. Por elle, que vem um d’estes dias, pode o meu amigo mandar-me qualquer novidade que ahi tenha inclusive, a sua minuta a respeito d’uma questão d’um / parollo/ com o /* presbitro/, que ainda não li e me dizem ter muita graça.*

Um abraço do seu amigo e admirador

Anthero de Figueiredo.

Lanhellas

24 d’Agosto de 97

Já depois de concluído, João Penha confia a leitura do texto ao seu amigo Antero de Figueiredo, que a 23 de setembro tece um longo comentário, declarando algumas das suas reservas. A missiva em causa pertence ao espólio do poeta, com a cota ADB, Ms. 550, ff. 75-78. É constituída por dois bifólios de papel pautado com moldura preta, medindo 22,6 x 18 cm e escritos de ambos os lados a tinta preta:

Lanhellas, 23 de Sept.^{bro} de 97

Meu prezado amigo

Regresso d'um passeio por terras de Hespanha. Respondo à sua ultima carta.

Que do tal trambolhão não exista nenhum signal no seu corpo, e no seu fato nenhum vestigio das drogas mal cheirosas que usou na cura, é o que eu lhe desejo sinceramente. Posto isto, deixe-me agradecer-lhe penhorado a gentileza de que me quiz fazer devedor enviando-me as primeiras folhas do seu novo livro – delicadissimo primeur. Dos versos só não conhecia o “ultimo bohemio”, composição muito semelhante às “Amantes” das “Rimas” e em que se caracteriza o seu original humor.

No prefacio as quatro primeiras paginas são uma nota explicativa interessante que, no meu fraco entender, era o suficiente para acompanhar o livro. Mas o meu amigo achou isto pouco, “demasiadamente anão”, e, de phantasia livre, começou a escrever com a expontaneidade de quem cavaqueia, saboreando um charuto cujo fumo azulado vai guiando para as alturas a imaginação alegre. E d'um cavaco, por mais paradoxal que seja o que se sustenta, fica sempre uma agradável impressão quando é bom cavaqueador, porque o que se pretende é passar o tempo e todo o assumpto, seja qual fôr, é bem vindo e a proposito.

N'um prefacio a cousa é diferente: se o livro é de arte pura e nova o que o auctor precizará explicar é as razões da sua esthetica; se no livro ha revolta, pontos de vista novos para os quaes o publico não está preparado, esse prefacio é tambem uma revolta que inicia o leitor, ou consolida argumentos e assentua ideias expalhadas no texto se o leitor é dos que, como eu, só leem o prefacio depois de lido o texto.

Ora a que proposito, pergunto, veem agora, n'este prefacio, as suas ideias acerca da arte poetica? Teriam vindo, talvez, oportunamente n'um dos numeros da “Folha” ou como prefacio às “Rimas” se ellas tivessem precedido os livros de Gonçalves Crespo, porque então o parnasianismo era uma novidade para os muitos que ainda seguiam a Castilho. Hoje, porem, que a esthetica parnasiana já não tem os exclusivismos da sua primeira feição, e que está posta a serviço mais largo, que os modernos poetas teem desfiado, desdobrado a velha unidade dos rithmos de infinitos modos, não me parece que venha bem a proposito, e, sobretudo, que esteja bem em dia o seu prefacio, alias encantadoramente escripto.

Na verdade em que explica elle os seus versos? Pois o seu publico (que é pequeno e culto) não conhece as suas ideias poeticas e tambem as da esthetica parnasiana? Com certeza que conhece e portanto escusada será qualquer demora da sua parte.

Depois, na parte psychologica, parece que o meu amigo apresenta-se refutando uma theoria materialista que julga ser ainda uma novidade, não se lembrando que depois de Bückner teem vindo os modernos experimentalistas Stuart Mill, Spencer, Bain e outros que já não teem da alma essa noção grosseira de materialidade a que se refere. Emquanto

a experimentalistas, porque a respeito de espiritualistas as mais modernas ideias em philosophia são as dos neo-criticos, que com certeza conhece, embora os não citasse, no que aliás havia precisão para dar ao prefacio, neste ponto, um ar inteiramente moderno.

É esta a minha impressão, é isto o que me parece. Naturalmente sou eu (que começo a rabiscar cousas) que não vejo bem este assumpto. Devo estar enganado. Em todo o caso digo-lhe lealmente a minha impressão como amigo sincero. Acho o seu prefacio um fino e interessante folhetim, com todas as qualidades de ligeireza, elegancia e diletantismo que o genero requer; mas alli, á entrada d'um livro em que predomina a nota humoristica, parece-me grave e desnecessario.

Do estylo não direi senão que é mais uma bella prova da sua mestria em escrever portuguez.

E agora, por ultimo, espero que apreciará as minhas boas intensões, porque o que lhe exponho será um erro da minha parte, mas é dictado com leal amizade.

Muito gostava que me respondesse.

Seu m.^{to} admirador e

amigo

Anthero de Figueiredo

A resposta de Penha foi endereçada dois dias depois e encontra-se guardada no espólio de Antero de Figueiredo, com a cota BPMP, M-AF-1144(16). Trata-se de um bifólio e meio de papel pautado (com 22,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados (f. 1r-3r), a tinta preta, e onde se lê:

Meu caro Figueiredo.

A uma nortada infernal durante 24 dias consecutivos, segue-se agora um nevoeiro espesso de cortar à faca, o qual vem completar a serie de horrores com que os fados me têm mimoseado durante a presente quadra balnear. Uma desenfreada comedela!

Pela sua carta, vejo que não gostou do meu prefacio. É preciso porém, attender a que esse prefacio é um verdadeiro syllogismo, com as suas duas premissas e respectiva conclusão, e por isso, para se entender bem a minha idea, é necessario estudal-o em cada uma d'essas partes: tendo de comparar a idea e a fôrma, mostrei, na 1.^a premissa, que aquella se gera quasi automaticamente, sendo unicamente para esse effeito que desenvolvo as minhas ideas ácerca da acção da alma nos actos humanos. De raspão, e para tirar um tom demasiadamente massado à obra, é que me refiro aos matererialistas, cuja pseudo-philosophia, apezar do que o meu amigo diz, vae alastrando cada vez mais. Não tinha pois que dizer qual o estado actual das diversas escolas, porque isso estava fôra do meu quadro, como eu por duas vezes ahi declaro. Na 2.^a premissa, mostrei o laborioso trabalho da gestação artistica, e, comparando-a com o da formação da idea, conclui que fôrma e arte vem a ser tudo uma e a mesma cousa. Na conclusão final intento o thema que tinha enunciado, isto é, que no mundo arte a fôrma é o principal, a idea uma cousa secundaria. Quer uma idea profunda, expontanea? Eil-a: a morte é uma operação feita pela natureza para a renovação dos corpos.

Dê-lhe fôrma artistica, metrefique-a. Ahi está o meu amigo a coçar na cabeça!

Mas, o que na sua carta mais me surpreendeu foi o achar o meu amigo que as minhas ideas não tinham actualidade, isto é, que eram velhas, quando é certo que eu desafio a quem quer que seja a que me cite um autor, ou livro onde se encontre qualquer d'essas ideas. Como pode ser velho, o que só d'aqui a duas ou tres semanas verá a luz do dia, o que até hoje só foi lido pelo ôlho do meu amigo, pelo meu, e pelo dos typographos?

Contudo entendo que a sua opinião ha de ter sectarios – entre os novos.

Agora, uma comunicação especial: a razão pela qual fiz o prefacio, e tambem notas, foi unicamente porque suppuz que a parte metrica não daria uma volume razoavel, – no que me enganei – porque já estão impressas 226 paginas e ainda faltam as notas. Versos são 2:000 pouco mais ou menos.

O conto à Palmyrinha é dedicado ao Alberto Pimentel. O meu amigo leva o Idyllio Campestre, soneto absolutamente inedito.

Ainda se demora por essas estranhas paragens?

Se

25-IX-97.

Penha.

Ainda antes da publicação do livro, Penha refere-se uma vez mais ao prefácio, em carta datada de 8 de outubro, com a cota BPMP, M-AF-1144(17). Trata-se de um bifólio de papel pautado a marca de água (22,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, e onde se lê:

Meu caro Anthero.

Talvez lhe tenha cauzado surpresa o eu não lhe ter respondido á sua ultima carta; maior surpresa, porém, lhe cauzará a explicação d'essa falta: no principio do mez minha irmã Delmira foi acommettida da variola, de mau character, e tem estado gravemente doente. Ha dous dias, sobretudo, esteve tão mal que todos nós suppunhamos que ella morria. O medico, Dr. Oliveira, passou cá a noite, e logo no 1.º dia, furibundo, revaccinou-nos a todos, e até ás creadas, e descendo ao 1.º andar, pediu braços, e vaccinou tambem toda a familia que ahi se acha.

Actualmente, a doente pode considerar-se livre de perigo, mas naturalmente só lá para o fim do mez é que estará em estado de fazer viagem. Aqui ficarei, pois, todo esse tempo, n'um estado de tristeza que me cauza dó.

Passando agora aos assumptos da sua carta, direi, com referencia aos versos da Palmirinha, que se os dediquei ao Alberto Pimentel foi porque foram os 1.os que compuz depois que elle publicou um estudo a meu respeito. Demais, não ha profanação, porque o livro sáe com o nome de Rosina.

Pobre Palmira! quanto mais morta ella está mais eu a ammo. Quando eu morrer, hei-de ir por esses mundos fóra ate a encontrar, e assim que a encontrar hei-de fazer-lhe uns versos tão lindos, que ate o Padre Eterno hade por a mão em concha no ouvido, para os ouvir melhor.

Quanto ao livro, já está impresso, e a estas horas deve estar a brochar. Tem 247 paginas. Quanto á tiragem especial é só de 4 exemplares, segundo uma linha que eu la vi, – e sem indicação de preço, o que mostra que não entrarão no commercio.

Vejo-me, pois, na contingencia de só lhe poder mandar um em papel commum. A edição é como todas as outras da livraria Chardron isto é, nem boa, nem má. Satisfaz apenas. Sobre este aspecto a proposta do Gomes era muito melhor.

Finalmente, quanto ao que me diz do prefacio, – não concordo em absoluto, porque o livro contem algumas das minhas primeiras poesias, e alem d'isso é lícito a todo o escriptor, explicar em qualquer dos seus livros as suas ideas a respeito da arte que professa. Eu não defendo os parnasianos, defendo-me a mim: o parnasianismo não fui eu que o introduzi n'estes reinos, nem foi o Crespo que o introduziu, porque era apenas meu discipulo: o parnasianismo inventei-o eu. O Vinho e fel é anterior ao advento d'essa escola. Como acabou o papel, acabo tambem esta epistola.

Seu

08-10-97.

J. Penha.

II. Como testemunha a correspondência do poeta, João Penha chegou a ponderar, para este segundo volume de poesias, os títulos *Novas Rimas* e *Canções d'um Vagabundo*, mas acabou elegendo o que ele próprio sugerira, meses antes, para um livro de Antero de Figueiredo: *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. Isso mesmo testemunha uma carta pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, com a cota BPMP, M-AF-1144(10). Trata-se de um bifólio (com 22 x 17,8 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, e onde se lê.

Meu caro Anthero.

A proposta do Gomes já é mais acceitavel, menos quanto a fazer o pagamento ate ao fim do anno. Que diabo de phantasia será essa? Os contratos d'esta especie ultimam-se, segundo o codigo, pela tradição da couza (o manuscrito) e pela entrega do preço.

No caso de se acceitar essa proposta pedirei mais, alem dos taes cem mil reis, um bilhete inteiro da loteria, mettido mysteriosamente entre as folhas do japão ou watheman, e escolhido pela pequenita mais nova do Gomes. Eu não sei se elle é casado ou solteiro, mas não ha neste mundo ninguem que não tenha, mais ou menos, uma pequenita. Sou romano, e esta phantasia prende com as minhas ideas relativas aos bons ou maus auspicios.

Não quero o titulo de Novas Rimas, e por isso adoptei o que lhe tinha suggerido para o seu livro, isto é, o de Viagem por terra ao paiz dos sonhos. É longo, mas é suggestivo e convem-me. Tambem me tinha lembrado d'este: Canções d'um vagabundo, mas fiquei-me n'aquelle.

O volume terá, alem do prefacio, quatro partes a saber:

1.^a – A musa que ri.

2.^a – Tancredo.

3.^a – As evocações.

4.^a – Arias modernas.

Hoje mesmo escrevi ao Magalhães e Moniz. Vamos a ver o que sahe.

Foi o meu amigo que me metheu n'estes trabalhos, – o que não obsta a que o abraçe.

Se.

15-6-97.

Penha.

A peculiaridade do título haveria aliás de causar estranheza, entre os contendores da Questão Literária que imediatamente se seguiu à publicação do livro, sobretudo pelo arrojo metafórico, ironicamente destacado por Delfim de Brito Guimarães.

Efetivamente, o prefácio de João Penha suscitou uma acesa polémica geracional, travada nas páginas da imprensa periódica. As hostes oponentes foram inauguradas por Delfim de Brito Guimarães, numa recensão crítica, inicialmente publicada na *Mala da Europa* (ano IV, n.º 97, 15 de novembro de 1897, p. 4) e depois compilada por Delfim Guimarães, em *A “Viagem por Terra” do Sr. João Penha* (Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1898, pp. 5-11):

Não ha ainda meia dusia de annos que fizemos leitura das Rimas de João Penha, por nos dizerem ser vergonhoso desconhecer a obra poetica do auctor do Vinho e fel. Apontaram-nos o poeta como um dos mais cristalinos temperamentos artisticos da nossa terra, e como parnasiano distincto émulo de Gonçalves Crespo.

A um novato na «Universidade das letras» impunha-se a lição de tam laureado mestre. Procuramos o volume, não descançando enquanto o não lemos de fio a pavio. E de modo algum foi desfavoravel a impressão que d'essa leitura gravamos na memoria, e que ainda hoje subsiste bem nitida.

Nas Rimas, revela-se João Penha artista superior na factura dos seus versos, evidenciando um temperamento originalissimo, de uma ironia agridoce. Como parnasiano, porém, o nosso gosto litterario colloca-o em degrau inferior a Gonçalves Crespo, ainda que não tendo duvida em reconhecer que João Penha se avanta em originalidade ao poeta inditoso dos Nocturnos.

Crespo, igualmente meticoloso na fôrma das suas poesias impeccaveis, dava ás suas producções um sabor palaciano. Era um temperamento mais fino, ou, por outra, mais sensivel. Se a ironia por vezes escorria dos bicos da sua penna, nada tinha de brutal e causticante. Restos do romantismo, talvez, as poesias de Crespo, em menor ou maior grau, revelam uma alma apaixonada, e, ainda que parnasiano, e como tal cuidando mais da fôrma do que da ideia-mãe, nos seus versos vive um coração de poeta.

João Penha é, por assim dizer, ao inverso de Crespo. Ha talento, ha originalidade, ha verve nas suas producções, mas não se sente o pulsar de um coração amavel; o despontar de uma tristesa ou o alvoroço de uma abençoada alegria nunca aflora uma das suas quadras bem trabalhadas ou um dos seus magistraes sonetos. O poeta é frio, chegando a ser lugubre na sua friesa por vezes irritante. Nos motivos mais bellos que a phantasia do poeta vae procurar para a urdidura dos seus versos, ha sempre uma gargalhada diabolica, – qual uma sanguinea papoila a manchar um taboleiro de brancas margaridas...

Como todos os que escrevem, e principalmente todos os que fazem o verso, João Penha tem uns narizes de cera que polvilham as suas producções, contribuindo para incutir-lhes o cunho pessoal que caracteriza o artista que as cinsêla. Mas Penha usa e abusa, e d'ahi um grande erro, em nossa modesta opinião.

É assim que nas suas poesias, só a mulher hespanhola (andaluza ou sevilhana: o paladar do poeta não vae alem) merece as suas endeixas tenorianas. Se é Carmen o nome da beldade, então o poeta exulta, e é vê-lo cantar-lhe as comas e as pomas, chegando a abusar das rimas em omas para lhe ser agradável. Mas como se fosse pouco o

afinar continuamente a lira para honrar as bellas do visinho reino, João Penha tece um cantico dos canticos a favor da cerveja alleman...

Podiam arguil-o de falto de patriotismo por tal facto, mas o poeta evita os botes de qualquer aljubarroteira espada, não se esquecendo tambem de cantar aos echos da Iberia as excellencias do paio de Lamego, como não deixando no silencio o bello sumo de parra!

O seu livro Rimas deixou-nos as impressões que vimos de confiar ao papel, e, reconhecendo o alto valor do poeta, tomámol o, não como a obra-prima que havia a esperar de quem tam prodigiosamente trabalhava o verso, mas sim como um livro de ferias, primicias de um temperamento estranho de bohemio, indifferente á vida, indifferente ao amor, e só desejoso de mostrar espirito, de fabricar graças ás pilhas, rindo de tudo e de tudo chalaceando. As Rimas, sendo, como são, o livro do tempo academico de João Penha, além de possuirem as qualidades extraordinarias que lhe grangearam o luzido nome que disfructa, constituem na verdade um bello livro, e não vemos obra alegre dos rapazes de hoje que se lhe possa cotejar. Mas, com franquesa, as Rimas de João Penha, sendo um bom livro, não podem de modo algum tomar-se como obra-prima, e é de justiça o dizer-se que está áquem do merito do poeta que o burilou.

Foi debaixo d'esta impressão que se nos deparou o volume de poesias agora editado por Lello & Irmão, e a que João Penha deu o compridissimo nome de Viagem por terra ao paiz dos sonhos.

Como não encontrassemos justificação para semelhante titulo, que nos faz lembrar o Partindo da terra do nosso talentoso camarada Anthero de Figueiredo, procurámos no prefacio com que abre o volume a explicação de tal. Dá-a João Penha pela seguinte fórmula: «se o escolhi (ao titulo) foi porque me pareceu que nos meus versos, além do seu elemento real e essencialmente humano, havia tambem a projecção ideal d'esse mesmo elemento pelo sonho e pela phantasia.»

Ha n'isto, cremos bem, uma imagem simbolista que a nossa intelligencia não alcança, e assim não insistiremos no assumpto, passando a dizer do prefacio o que da sua leitura colhemos.

Em vinte paginas de prosa maleavel, magnifica, cheia de espirito, diz o poeta os motivos que o levaram a publicar um volume de versos, depois de 15 annos de silencio, e expõe com toda a claresa, e de uma fórmula que não é para raros apenas, as suas theorias litterarias.

Das theorias expendidas no prefacio, limitar-nos-emos a consignar uma, em nosso entender a mais extravagante:

A evolução da humanidade que o homem, no seu nunca desmentido orgulho, attribue a si proprio, não é differente da dos astros: é a mesma, determinada por Deus, para um fim que só elle conhece.

Não levamos a mal o déismo profundo que o poeta professa, mas não sabemos a que attribuir a opinião absurda que acima transcrevemos e que os mais rudimentares conhecimentos de philosophia destroem pela base.

Segundo o principio que o poeta sustenta poderíamos chegar á seguinte conclusão ultra-erronea: que não ha evolução artistica determinada pelo estudo, e que todo e qual-

quer progresso que a obra de um artista vá assignalando não é mais do que um pallido reflexo da evolução simultanea que Deus imprime aos celestiaes luzeiros.

Se fosse verdadeira a doutrina do poeta das Rimas ha muito que o universo estaria feito em cacos, – taes teem sido as evoluções do homem-argila! Mas o homem-Deus, muito conservador e catholico, não inicia nem acompanha movimentos revolucionarios, continuando a manter, com todo o seu prestigio, o velho regimen nas monarchias dos seus multiplos planetas.

Adiante.

Como para accentuar bem que continúa – quand-même – parnasiano até á raiz dos cabellos, João Penha frisa no prefacio citado que a idéa, materia prima da procreação artistica, é uma cousa secundaria, – como se existir podesse edificio solido em pessimos alicerces!

Termina por declarar que os seus versos são feitos á sua imagem e semelhança – querendo assim dar a entender que é diverso do que julgam, isto quando toda a gente sabe que João Penha allia aos altos dotes de poeta os mais finos predicados de homem de coração e de character.

Do diabo se diz que não é tam feio como o pintam; ora com muito mais rasão se deve dizer que João Penha não é tam mau como elle proprio se diz.

Mas vamos aos versos, que é o que importa.

Em quatro partes distinctas se divide o volume, a saber: A musa que ri, Tancredo, As evocações e Arias Modernas. Como o poeta o confessa, as poesias que constituem as tres primeiras, salvo raras excepções, são anteriores ás Rimas, e só a ultima parte Arias modernas (umas vinte e tantas composições), data de poucos mezes, depois de uma gasetta de 15 annos ao Parnaso.

Quando João Penha em 1882 publicou o seu livro de versos já tinha produzido a mór parte da materia do presente volume, e assim não é difficil ajuizar que se não a incluiu nas Rimas é porque a achou inferior, ou, pelo menos, egual áquella de que fez o livro, que obedeceu naturalmente a minuciosa selecção.

Não se tratando pois de uma reedição das Rimas, livro em que taes producções poderiam caber sem desaire, ainda que monotonizando o talvez, não vemos a necessidade que o poeta tinha de as dar agora a publico.

Porque na maioria das producções primevas da Viagem por terra, por maior que seja a distancia que nos separe da leitura das Rimas, não deparamos senão as mesmas notas, os mesmissimos estribilhos, e assim chegamos a pensar se não será o mesmo volume o que temos ante a vista, e irritamo-nos contra o nosso ouvido que tem a petulancia de segredar-nos colcheias, semi-colcheias e semifusas ha muito decoradas.

O poeta é impeccavel; os seus versos teem vida, teem cor, mas a ideia que lhes dá relevo é em demasia velha: está batida, tem os cabellos brancos.

As hespanholas, o paio, a cerveja, o sumo de parra, são as mesmas marcas da fabrica do poeta das Rimas, e as suas poesias, a nosso ver, inferiores, salvo esta ou aquella, ás da obra referida, e isto explica-se sabendo-se (ou suppondo-se) que ao confeccionar o primeiro livro João Penha escolheu amavelmente as melhores das suas producções.

Alem de outros pequenos senões que poderíamos citar para comprovar a asserção que nos permittimos fazer de que a Viagem por terra não mereceu ao poeta os mesmos

cuidados da viagem por mar, queremos dizer: das Rimas, *transcrevemos duas quadras de duas poesias da Musa que ri, em que João Penha quasi se repete:*

A paginas 65:

*Evoquei-o do profundo,
Ao pé d'um cano d'èsgoto
E vi-o surgir, immundo,
Mal vestido, magro, e rôto.*

E logo a paginas 72:

*Andei por sobre telhados,
Andei por canos d'èsgôto;
Vi-me em lances arriscados,
Sem dinheiro, magro e rôto.*

Objectar-nos-ão: – Mas isso não é defeito.

Perfeitamente d'accordo, mas quando João Penha subscreve com o seu nome aureo-lado um livro como as Rimas, á critica fica o direito de ser exigente perante imperfeições muito desculpaveis no sr. Guilherme Santa Ritta.

Vemos nós mal? É possível, e discordando das mais opiniões, e ficando sós em campo, nada nos intimida isso, porque temos a robustecer o nosso juizo e a escudar o nosso nome obscuro, a grandesa da sinceridade que nos anima ao esboçar, sem pretensões o que pensamos do livro do poeta.

Nas Arias modernas, as ultimas produções de João Penha, ha verdadeiras joias, como os Mendigos, Idyllo campestre, O golpe e Lacrimae rerum, a altura do nome que o poeta gosa e reveladoras da bella obra que o poeta poderá produzir quando o intente fazer. Significa isto que o auctor das Rimas não retrocedeu, e o seu progresso não é insignificante. Pena é que, seguindo os novos, não consagrasse á factura dos alexandrinos o cuidado que as boas regras poeticas recommendam.

O volume fecha com interessantes notas e estas com a promessa formal que o poeta faz ao respeitavel publico de o mimosear cada inverno que passe com um livro – que fique, diremos nós.

– Em boa hora o diga!

A esta crítica inaugural responderá João Penha numa série de réplicas posteriores (vd. textos editados no n.º 727), com os consequentes ecos – mais ou menos inflamados – que daí emanaram para as linhas de outros contendores (vd. textos editados no Arquivo documental dos n.ºs 124 e 727).

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 5-20.

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, pode ler-se que o contrato de edição previa uma tiragem de mil exemplares e foi firmado pela quantia de 50.000 réis (BPMP, M-AF-1157(3); M-AF-1182(1)), sendo cada volume depois vendido pelo preço de 500 réis.

O livro entrou no prelo em fevereiro de 1899 (BPMP, M-AF-1157(3)), ficando concluído em maio seguinte (BPMP, M-AF-1157(9)). Ainda pela correspondência do poeta, verificamos também que Penha tencionava abrir o volume com uma apresentação de Trindade Coelho, que todavia não chegou a concretizar-se (BPMP, M-AF-1157(2)).

Pouco depois da publicação, o autor confessava não auspiciar muito êxito para esta sua obra, notando: «Não me parece que seja livro fadado para grandes destinos. Ha disseminadas, porém, por todo elle certas ideas, relativas á arte, que me não parecem de todo o ponto desarrazoadas. O tom geral é o que me é proprio: o de um benigno “persiflage”» (BPMP, M-AF-1157(9)). Ainda segundo a correspondência, o livro, que saiu com algumas gralhas tipográficas (BPMP, M-AF-1157(11)), terá sido recebido de forma mais ou menos benévola, tanto pelos leitores, como pela generalidade da imprensa (BPMP, M-AF-1157(11), M-AF-1157(13)), havendo todavia a destacar uma crítica violentíssima que João de Barros tecerá, mais tarde, em 1902 (vd. Arquivo documental II, no Aparato Crítico do texto n.º 740).

O volume, propriamente, apresenta encadernação brochada, com as seguintes indicações: “João Penha | Por montes| e valles| (Prosa)| com um prefacio e notas || Lisboa| Livraria Editora| Tavares Cardoso & Irmão| 1899”. É constituído por 229 páginas (de 11,7 x 18,2 cm), incluindo um prefacio (pp. 5-20), uma “Tabua das Materias” (p. 229) e um apêndice de “Notas” (pp. 217-227), onde o autor justifica o título, de seguinte forma:

Na maior parte dos livros modernos, e até em muitos dos antigos, os titulos não têm relação alguma, pelo menos visivel, com o seu conteúdo. São apenas como que rotulos ou marcas de commercio que não servem senão para evitar confusões. É um systema commodo, mas que nunca seguirei. Como o que este volume contém é uma simples viagem de recreio, mais ou menos accidentada, pelo mundo litterario, mundo em que, como em todos os mundos possiveis, ha

altos e baixos, não me pareceu de todo o ponto desarrazoado, o que lhe dei: Por montes e valles (p. 227).

Anotação textual: emendas

- 16. – «Sire,]; – Sire,
- 42. – Tu!» responde a rival de Creusa.]; – Tu! responde a rival de Creusa.»
- 53. Julieta;]; Julieta,
- 54. monologo de Lady]; monologo do Lady
- 65-66. lawn-tennis!]; law-tennis!
- 197. familia,]; familia;
- 198. domestica,]; domestica;
- 275. lawn-tennis,]; law-tennis,
- 280. poderiam ser]; poderiam se
- 291. commum e vulgar]; commum vulgar
- 303. alta,]; alta;
- 349. appris.]; appris

Arquivo documental

I. Em carta enviada a Antero de Figueiredo, João Penha alude a este prefácio como sendo susceptível a reações adversas, por parte da nova geração literária. O testemunho encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-1154(12), e é constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,7 x 18 cm), escrita de ambos os lados, a tinta preta:

Meu caro Anthero.

Recebi o seu postal, e é certo que ha ja alguns dias que eu fazia tenção de lhe escrever para saber da sua saude e da D. Lina. Creio que os ares beneficos d'essas verdes regiões, lhes hão de ter retemperado os organismos, envenenados pelos ares e pelas aguas pestilenciaes de Lisboa.

Aqui tivemos janeiro até ao S. João, mas depois, e subitamente, passamos a um verdadeiro Senegal. Não se respira, não se dorme, não se come: bebe-se. Eu não penso noutra cousa: beber, e de tanto beber trago o estomago estragado.

Quanto á coiza litteraria, está tudo no mesmo estado. Ainda me não dirigi a editor algum. Se me não apparecer em condições toleraveis, não escrevo mais nada: para as Memorias de um estudante de Coimbra, nem uma linha. Apenas farei alguns versos para recreio proprio, e para não perder a mão. Hontem acabei o prefacio, o qual se intitula Antonio. Ha nelle ideas, que talvez incitem questão, podendo ate ser que o meu amigo seja um dos que venham à estacada, – por suppor que se esta comprehendido, embora de raspão, entre os escriptores a que me refiro. Mas não é assim: não ha ahi a menor referencia ao seu estylo.

Quanto a novidades pouco lhe posso dar. Morreu o Jeronymo Pimentel o qual tinha aqui muito poucas sympathias. Depois que morreu tudo mudou de figura, de sorte que ate receio que lhe levantem uma estatua. O Delfim deu ordem para que a Mala, que eu recebia desde os seus primeiros numeros, me não fosse mais enviada. De sorte que, além de burro e patife, é um reverendissimo pulha.

Finalmente, se quizer um folheto que publiquei, intitulado os Frades de Montariol, avise para lho mandar, mas pouco ou nada o pode interessar por ser questão de direito.

Abraça-o

O S.

11-VIII-98

J. Penha

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Mala da Europa: Revista Quinzenal* (dir. Conselheiro Thomaz Ribeiro), Lisboa: [s.n.]. Ano I, n.º 17 (8 de março de 1895), p. 3.

Esta revista ilustrada publicou-se em formato grande (de 51 cm), entre agosto de 1894 e outubro de 1916. Tinha colaboração de vários nomes significativos no panorama intelectual da altura, dirigindo-se essencialmente ao público brasileiro, como testemunha um subtítulo acrescentado em 1898: “Semanário ilustrado destinado ao Brasil e colónias portuguesas”.

Este número em particular foi dedicado ao poeta João de Deus.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 23-29. Vd. descrição no n.º 719.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 266 (20 de maio de 1900), p. 2.
Trata-se de uma cópia da *Mala da Europa*.

Anotação textual: emendas

3. judaico,] A; judaico
58. christianismo.] A; chistianismo.

Aparato genético

2. alta, A alta B
3. judaico, A judaico B
5. doces e inquietos, A dôces e quebrados, B
10. meiguice do olhar e A meiguice dos olhos e B
12. alta, A alta B
27. indio, A indio B
28. retincto; A retinto, B
31. mais do que nenhum, outro A mais que nenhum outro, B
34. amores virginaes d'aquellas A amores originaes d'aquellas B

39. «É o álbum de Rachel, A – «É o álbum da Rachel, B
 50. Mas, que escreveria? A Mas que escrever? B
 58. christianismo. A chistianismo. B
 60. E, A E B
 62. breve A breve, B
 63-4. da inestimável relíquia. Era pois A do inestimável thesouro. Era, pois, B
 68. – «ainda A – «Ainda B
 71. pretexto A pretexto, B
 75. tarde não A tarde a não B
 80. obra, A obra B
 85. *Em A, existe um separado, r entre as linhas 85 e 86.*
 89. de destruição, A da destruição B
 91. Assim, como A Assim, – como B
 93. soltou apenas um A soltou um B
 95. E A «E, B
 96. deus A Deus B
 113. que, tangendo A que tangendo B
 117. norte, chama as atenções um pequeno A norte, a seguir á capella, vê-se um
 pequeno B
 120. campas. É A campas que avultem. É B
 124. comtudo, pensava A comtudo (pensava B
 125. jardim, nunca A jardim) nunca B
 127. Porque as não ouvirá A Porque não as ouvirá B
 128. logo, A logo B
 129. «Foi-se-me A Foi-se-me B
 133. vendo A vendo, B
 137. pura, A pura B
 139. dura! A dura. B
 142. inda A ainda B
 143. emtanto, A entanto B
 145. que conclui, não cessaram um só momento de agitar-se, A que a conclui, não
 cessaram um só momento de se agitar, B
 146-7. ouvir um leve sussurro, harmonioso como os sons vagos de uma harpa a
 distancia. A ouvir um tenue sussurro, em que havia umas vibrações vagas
 de uma musica distante. B
 149. chorava A chorava, B
 151. noute A noute, B
 154. ainda, A ainda B
 155. arvoredo, uma Sombra A arvorêdo uma sombra B
 158. tempo! A tempo. B
 Data. 12-2.º-95. A □ B

Arquivo documental

I. Em carta enviada a Alberto de Madureira, João Penha alude à divergente versão deste episódio, conforme narrada por Trindade Coelho, no livro *In Illo Tempore*. O testemunho encontra-se guardado no ADB, com a cota Ms. 546 ^{maço 12}, ff. 86-88 e é constituído por um bifólio e meio de papel pautado (com 22,9 x 17,9 cm; 11,4 x 17,9 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta. No canto superior esquerdo do f. 86r foi posteriormente acrescentada, a lápis, a seguinte datação: “28-VIII-1902”:

Caro amigo

Não levantarei polemica ácerca do caso João-Rachel, porque nada de seguro posso afirmar a esse respeito.

Ignoro até qual seja a versão do Trindade Coelho, porque este rapaz, que se poz de mal commigo, sem eu saber porquê, não me mandou o In illo tempore. A minha versão, se não é a verdadeira, é consequencia logica (e poetica) dos factos consumados. Supponho, porém, que é a verdadeira. A meu irmão Manuel, q. foi condiscipulo, e amigo do João de Deus, e que era quem o leccionava para o acto, a ouvi como a reproduzi, e a muitos outros academicos d'aquelles tempos. Conheci muito bem a Rachel e a Candida Nazareth, de uma familia de gigantes, ellas mesmas muito altas, mas de uma suprêma elegancia.

Muitos eram os academicos que as cortejavam, e não posso dizer se a Rachel só tinha olhos para o João. Eu mesmo, imberbe, as amava em silencio e ás escondidas, recordo-me até de que uma noite, a altas horas, em pleno deserto da Sophia, – lhes cantei á porta d'ellas, com uma supposta voz de tenor, o Mentia la perfida, do Trovador.

Quanto não daria eu hoje para ouvir essa minha cantoria! Para concluir esta materia, accrescentarei ainda que o meu artigo Rachel foi publicado na Mala da Europa, em numero consagrado ao João, e não me consta que elle fizesse a menor observação a respeito do que eu ahi disse. Diz o Trindade que o João Vilhena era o fidus Achates de João de Deus. Não o nego, nem o affirmo, mas o que eu posso dizer é que o João era de uma reserva extraordinaria a respeito da Rachel, ou dos seus amores. Quando alguém lhe tocava n'esse melindroso assumpto, respondia com o silencio, ou com um sorriso, e a um indiscreto que o interrogava ácerca do poema do seu amor: a vida, respondeu que o fizera para se exercitar nos diversos metros. Eis o que lhe posso dizer sobre este assumpto. O seu artigo está muito bem feito, nem o Trindade era homem capaz de fazer um livro mau.

Abraça-o cordialmente o

S. de c.

28-VIII-02

J. Penha

Efetivamente, Trindade Coelho apresenta uma versão diferente, no capítulo “Resurrexit non est hic”, do seu livro de memórias coimbrãs *In Illo Tempore*:

Trindade Coelho, *In illo Tempore: Estudantes, Lentes e Futricas*, Lisboa: Aillaud & C.^a, 1902, pp. 25-42.

RESURREXIT NON EST HIC!

In illo tempore – no tempo em que João de Deus andava em Coimbra, havia na Lusa-Athenas, que é terra de mulheres bonitas, duas senhoras muito formosas, que eram irmãs, – uma chamada Rachel e a outra Candida. A Rachel, principalmente, diz que era uma divindade; e a mocidade da Academia, sobretudo os poetas, bebião os ares por ella! Não era branca nem morena: tinha uma côr de bronze, de uma suavidade encantadora, nariz grego, e então uns olhos extraordinários, avelludados, muito brilhantes e pestanudos, que eram a perdição da rapaziada! Os pretendentes eram assim – aos cardumes... E cabeça de rapaz sobre a qual esses olhos admiráveis pousassem por um instante, mesmo casualmente, era cabeça perdida; porque entrava logo de andar à roda, como se fôsse uma ventoinha, e o menos que lhe acontecia era rebentar n'uma catadupa de versos – que nem sempre, diga-se a verdade, eram condignos da inspiradora...

Ora o João de Deus pertencia á ala dos namorados d'essa divindade, se bem que nunca lhe falasse; e tanto que a magestosa Rachel ficou sendo para elle uma especie de Musa, como para o Camões a Catharina, para o Dante a Beatriz, a Laura para o Petrarca, para Miguel Angelo Victoria Colonna, etc., etc. Fez-lhe muitos versos, e aquella poesia A VIDA que a não ha mais linda em todo o mundo; e fez-lhe depois, quando ela morreu, aquella elegia que tem o seu nome – RACHEL – uma das melhores coisas que o genio humano tem produzido, e que João de Deus, por signal, improvisou n'uma tourada, alheio, vário, absorto, estranho ao mais formidável chinfrim que se tem desencadeado n'uma praça de toiros! Soubera a noticia da morte quando ia para lá; chegou e amodorrrou-se a um canto: e quando se deu fé que a praça de toiros tinha desabado, revolvida, de baixo para cima, pelo furacão da rapaziada, foi dar com elle o João Vilhena, o seu fiel Achates, no mesmo lugar onde o deixára, e que por milagre tinha escapado! Pegou-lhe por um braço e levou-o d'alli, como se estivesse doido ou a dormir...

– Anda, João! Vamos...

Não vira nada; não ouvira coisa nenhuma; desabára a praça e elle a sonhar! Mas depois, chegado a casa, dictou d'um jacto a soberba elegia, que o João Vilhena, absorto diante de tal maravilha, escreveu sem o perturbar, com os olhos vidrados de lagrimas...

*Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lirio esquecido
Do orvalho do céu!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher, sou irmão teu.*

.....
Até ao fim!

[...]

Ora defronte do João de Deus, á entrada do Bêcco das Flôres, onde todas as manhãs appareciam no chão boninas novas, como chamava o Camillo a certas indecencias que por alli se faziam, – morava então o Sanches da Gama, que era ainda estudante. Era já o bon vivant que sempre foi: beijo sensual, ventre que tinha suas parecenças com o

de Falstaff, um namorado de primeira ordem e um comedor então de primeiríssima! Poetava. [...]

Poetava, pois, também, o Sanches da Gama; e mettera-se-lhe na cabeça, porque poetava, render pelos productos do estro a beldade da divina Rachel! Era a inspiradora daquele Falstaff, essa mulher etherea! Das relações da familia, ia muito lá a casa, o Sanches da Gama, principalmente ás vésperas de feriado. Mas gostava, para as intermitencias, de arranjar o seu pé de por lá apparecer um dia por outro. Arranjou-lhe um album, por conseguinte; e offerecido o album á formosa Rachel, eil-o de porta em porta a colher da academia lettrada – versos, musica, desenhos, qualquer coisa; e cada coisa que arranjava, eram duas visitas: uma quando ia levar o album, outra quando ia outra vez por elle para o levar a outros!

Estava como queria!...

Até que deixou o album, uma vez, em casa do João de Deus, para o João de Deus escrever n'elle também! Mas como o João não era para pressas, e o Sanches queria aquele pé para ir vêr a Rachel, não se passava uma hora que se lhe não pozesse a gritar lá da janella:

– Ó João?! Então esse álbum?!

– Deixa! – dizia-lhe o João de Deus.

Mas o outro é que o não deixava, – e dia e noite era a mesma perlanda:

– Ó João! Então vem o album, ou não vem?!

Até que tanto moeu, tanto massou, que o João de Deus disse-lhe uma vez:

– Olha! Vem por elle!

Foi logo, de tres escanchadas!

– Mas isto não está acabado! exclamou o Sanches, mirando no album o esboço d'um Christo. – Está bonito, mas falta acabá-lo!

– A cavallo o Christo! – calemburisou o João de Deus admirado de que o outro não percebesse que era de um esboço que se tratava, e de mais nada... – Leva-o, anda! Isso que ahi está é o que é!

Mas passados dias, usufruido em tres ou quatro visitas á linda Rachel o esboço do Christo morto, eis que o Sanches da Gama volta com o album ao João de Deus, e depõe-lhò em cima da cama:

– É p'ra o acabares, ó João! Aqui te fica! Mas vê lá agora se ainda o demoras...

– Não! Deixa.

Mas ainda o Sanches da Gama não tinha atravessado a rua, já o João de Deus o chamava de cima:

– Ouves? Pódes vir, que está prompto.

– Prompto o quê?!

– O desenho. Então que ha-de ser?!

Atravessa outra vez a rua o Sanches da Gama, sobe as escadas do João de Deus, e entra-lhe no quarto.

– Toma; leva!

Abre o album na folha do desenho o Sanches da Gama, e fica attonito! Em vez do esboço do Christo, que o João de Deus apagára com uma borracha, leu o seguinte ao fundo da pagina, – e que é a legenda do santo sepulcro, que diz que o Christo já não está alli... porque ressuscitou:

RESURREXIT NON EST HIC

Uma terceira versão dos acontecimentos é apresentada por Antão de Vasconcelos, num capítulo do seu livro de memórias:

Antão de Vasconcelos, *Memórias do Mata-Carochas* (pref. José do Patrocínio), Porto: Manuel Barreira Editor, 1956, pp. 88-89 [1.^a ed. 1906].

Nessa época havia em Coimbra uma beldade por todos admirada como beleza fenomenal, não só pela correcção das linhas, como pela elegância e majestade do porte. Era encantadora a Raquel Nazaré!

Quando a Academia a encontrava nos seus passeios, batia-lhe as capas com entusiasmo e essa continência rasgada era sempre seguida no murmúrio que a sua beleza arrancava dos seus adoradores. Ela, agradecia com ligeira inclinação de cabeça, dispensando-lhes o mais ameno dos seus sorrisos: era a majestade da beleza correspondendo à homenagem dos seus vassalos.

Instruída acima do comum, desenhava com muita perícia. Recebeu ela, de presente, um lindo álbum; o João de Deus era o poeta da moda; mandou-lhe ela o álbum, não sei, como diz Trindade Coelho, se o fez por intermédio do Sanches da Gama; é certo que lho mandou, pedindo-lhe a fineza de honrá-lo com um trabalho seu, abrindo-lhe a primeira folha.

João de Deus, que sabia ser a Nazaré imensamente religiosa, com o fim de lisonjeá-la, começou a desenhar com o seu costumado apuro e arte – O Descimento da Cruz.

Largou o desenho em meio e esqueceu a Nazaré e o álbum.

Passado muito tempo, indo alguém buscar o álbum, foi entregue como estava.

A Raquel admirou a perfeição do desenho e devolveu o álbum pedindo com instância a conclusão.

João de Deus recebeu-o e não mais nele pôs as mãos; tantos foram os pedidos, tantos os portadores, tantos os recados, que o João, já amolado, azorado com eles, pegou da borracha, apagou o desenho, deixando apenas vestígios e escreveu-lhe por baixo: – Resurrexit, non est hic!

Entregou o álbum ao primeiro portador que o veio reclamar, sem mais ocupar-se com isso. A religiosa Nazaré sentiu profundamente ter perdido o Descimento da Cruz; ganhou porém, a Ressurreição – contemplando o Calvário na folha do seu mimoso álbum.

João de Deus não queria cair na vulgaridade de uma saída de sendeiro; sabia que a Nazaré era imensamente religiosa e cristã; chamando-a à contemplação do seu Ideal, de Jesus Cristo, morto na Cruz, amparado no descimento pela piedade de seus discípulos, espancou as trevas da morte com a luz gloriosa da Ressurreição, e o grande poeta, com um canto da borracha, limpando o desenho, completou os voos da alma do artista, abrindo espaço para, com quatro palavras, esculpir naquela página a gigante epopeia, a história da Paixão: – Foi crucificado, morto e sepultado, ressurgiu dos mortos, subiu aos Céus – Resurrexit, non est hic!

II. Neste texto, João Penha cita o poema “A vida”, de João de Deus

João de Deus, *Flores do Campo*. 2.^a ed.. Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz Editores, 1876, pp. 160-169:

*Così trapassa, al trapassar d'un giorno,
Della vita mortale il fiore e 'l verde,
Nè, perchè faccia indietro april ritorno
Si rinfiore ella mai, nè si rinverde.*

Tasso.

*Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'èsta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulto descendo.*

*Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.*

*Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que, o bem, bem pouco dura.*

*Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.*

*Ah! quando no seu collo reclinado,
– Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flôr do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;*

*Quando á luz dos seus olhos... (que era vêl-os,
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a Biblia Santa
Escripta em letra côr dos seus cabellos;*

*Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como tímida pomba sempre álerta,
Me impunha ora silencio ora segredo;*

*Quando, como a alveloa, delicada
E linda como a flôr que haja mais linda
Passava como o cysne, ou como, ainda
Antes do sol raiar, nuvem doirada;*

*Quando em balsamo d'alma piedosa
Ungia as mãos da suplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flôr sequiosa;*

*Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo d'amor que as almas prende,
Me dizia... o que ás mais dizer não oiço;*

*Quando, se negra nuvem me espalhava
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto,
No perfume d'um riso a dissipava;*

*Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve de seu collo e seu vestido
– Pomba que do seu par se ia perdido,
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;*

*Tinha o céu da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraíso,
Distillava-me a alma um dôce riso,
Debaixo de meus pés nasciam flôres.*

*Deus era inda meu pai. E em quanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe
– No campo em flôr, na praia arida e triste,
No céu, no mar, na terra e... na virtude!*

*Virtude! Que é mais que um nome
Essa voz, que em ar se esváí,
Se um riso que ao labio assome
N'uma lagrima nos cáí!*

*Que és, virtude, se de luto
Nos vestes o coração?
És a blasphemia de Bruto
Não és mais que um nome vão.*

*Abre a flôr á luz, que a enleva,
Seu calix cheio d'amor,
E o sol nasce, passa e leva
Comsigo perfume e flôr!*

*Que é d'esses cabellos d'oiro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlate,
Meu thesoiro!*

*Que é d'esse halito, que ainda
O coração me perfuma!
Que é do teu collo de espuma,
Pomba linda!*

*Que é d'uma flôr da grinalda
Dos teus doirados cabellos,
D'esses olhos, quero vê-los,
Esmeralda!*

*Que é d'essa alma que me déste!
D'um sorriso, um só que fosse,
Da tua bocca tão dôce,
Flôr celeste!*

*Tua cabeça que é d'ella
A tua cabeça d'oiro,
Minha pomba! meu thesoiro!
Minha estrella!*

*De dia a estrella d'alva empallidece;
E a luz do dia eterno te ha ferido.
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecesse.*

*Foste a concha da praia. A flôr parece
Mais ditosa que tu. Quem te ha partido,
Meu calix de crystal, onde hei bebido
Os nectares do céu... se um céu houvesse!*

*Fonte pura das lagrimas que choro!
Quem tão menina e moça desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos d'oiro!*

*Some-te, vela de baixel quebrado!
Some-te, vôa, apaga-te, meteoro!
É n'este mundo mais um desgraçado.*

*E as desgraças, podia prevel-as
Quem a terra sustenta no ar,
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar.*

*Deus podia prevêr a desgraça,
Deus podia prevêr e não quiz;
E não quiz, não... se a nuvem que passa
Tambem póde chamar-se infeliz!*

*A vida é o dia d'hoje,
A vida é ai que mal sôa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que vôa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve*

*E como o fumo se esváia:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cáia!*

*A vida é flôr na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave;
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou,
A vida – penna cahida
Da aza d'ave ferida –
De valle em valle impellida,
A vida o vento a levou!*

*Como em sonhos o anjo que me afaga
Leva na trança os lirios que lhe puz,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz;*

*Como os ávidos olhos d'um amante
Levam consigo a luz d'um dôce olhar,
E o vento do levante
Leva a onda do mar;*

*Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos labios maternaes,
E á alma que suspira
O vento leva os ais;*

*Ou como leva ao collo a mãe seu filho,
E as azas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho,
O vento mã levou.*

*E tu és piedoso,
Senhor! és Deus e pai!
E ao filho desditoso
Não ouves um só ai!
Estrellas dêste aos ares,*

*Dás perolas aos mares,
Ao campo dás a flôr,
Frescura dás ás fontes,
O lirio dás aos montes
E tiras-mã, Senhor!*

*Ah! quando n'uma vista o mundo abranjo,
Estendo os braços e, palpando o mundo,
O céu, a terra e o mar vejo a meus pés;
Buscando em vão a imagem do meu anjo,
Soletro á froixa luz d'um moribundo
Em tudo só – talvez...*

*Talvez é hoje a Bíblia, o livro aberto
Que eu só ponho ante mim nas rochas, quando
Vou pelo mundo vêr se a posso vêr;
E onde, como a palmeira do deserto,
Apenas vejo aos pés, inquieta, ondeando
A sombra do meu sêr.*

*Meu sêr, voou na aza da aguia negra
Que, levando-a, só não levou comsigo
D'esta alma aquelle amor!
E quando a luz do sol o mundo alegre,
Chrysalida nocturna, a sós commigo,
Abraço a minha dôr!*

*Dôr inutil! Se a flôr, que ao céu envia
Seus balsamos, se esfolha, e tu no espaço
Achas depois seus atomos subtis;
Inda has-de ouvir a voz que ouviste um dia,
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso!...
Dante... a sua Beatriz!*

*– Nunca; responde a folha que o outono,
Da haste que a sustinha a mão abrindo,
Ao vento confiou:
– Nunca; responde a campa onde, do somno,
E quem talvez sonhava um sonho lindo,
Um dia despertou.*

*– Nunca; responde o ai que o labio vibra;
– Nunca; responde a rosa que na face
Um dia emmurcheceu:
E a onda, que um momento se equilibra
Em quanto diz ás mais: deixai que eu passe!
E passou e... morreu!*

Coimbra.

721

[Os nephelibatas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Novidades* (dir. Emydio Navarro), Lisboa: [s.n.]. N.º 2180 (25 de maio de 1891), p. 1. Vd. descrição no n.º 703.

O texto de João Penha insere-se numa sondagem dirigida pela redação a vários escritores consagrados. Vem antecedido de uma breve apresentação (vd. *infra* Arquivo documental I).

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 33-36. Vd. descrição no n.º 719.

2. *Eliminatio codicum descriptorum*

Entre as cópias indiretas, contam-se as seguintes:

- *Correspondencia de Coimbra*, Coimbra: Imprensa Academica. Ano XX, n.º 43 (29 de maio de 1891), pp. 1-2.
Trata-se de uma cópia do jornal *Novidades*.
- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1074 (30 de maio de 1891), p. 1.
Consiste numa cópia do jornal *Novidades*, mas antecédida por introdução diferente (vd. *infra* Arquivo documental I).
- *Revista do Norte: Literatura, Arte, Ciência, Filosofia* (dir. Fernando de Araujo Lima), Porto: [s.n.]. N.º 5 (maio de 1955), pp. 143-144.
Trata-se de uma cópia truncada e manipulada, onde se fundem excertos deste texto com outros retirados do prefácio editado no n.º 718.

Anotação textual: emendas

17. segundo é mais] A; segundo □ mais
77. velha] A; velh

Aparato genético

Título. A escola nephelibata A Os nephelibatas B

1. *Em A, o texto vem antecedido de uma introdução, pelos redatores do jornal em que foi publicado. Vd. infra Arquivo documental I.*

2. Bellas-Artes, ou Artes Liberaes. Ella e a Musica A Bellas-Artes ou Artes Liberaes. Ella e a musica musica B
6. «cornemusa» A «cornemuse» B
- 7-8. poetico, que se transmite do espirito A poetico que se transmite vagamente do espirito B
- 11-3. prosa. Desenvolveremos este ponto. Tanto A prosa. || Desenvolverei as minhas idéas a este respeito. || Tanto B
15. para o papel as idéas, A para o livro as idéas B
17. segundo é mais A segundo mais B
- 17-8. cria. Assim A cria. Como? || Assim B
21. poema. || O artista, A poema. O artista, B
25. complicados, de fórma, A complicados, da fórma B
28. palavras e locuções, A palavras, ou de locuções, B
29. consistem sobretudo A consistem, sobretudo, B
- 30-1. produzir, combinadas umas com as outras, de modo que A produzir combinadas umas com as outras, em ordem a que B
31. resulte, deve estar de harmonia A resulte, esteja de harmonia B
32. pensamento que as mesmas palavras conteem, isto é, a tactica e a A pensamento que o conjunto das mesmas palavras contém, isto é, a tacitura e a B
34. n'elles estão A nelles estão B
36. romanos, sobretudo A romanos, e sobretudo B
41. Hugo, Musset A Hugo, de Musset B
42. esta nossa theoria. A esta minha theoria. B
50. Foz ao A Foz, ao B
51. Setubal ao sul; A Setubal, ao sul: B
53. d'uma A de uma B
55. estes em geral, quanto a nós, os principios de esthetica, A estes, em geral, quanto a mim, os principios de esthetica B
57. afigura-se-nos A afigura-se-me B
- 60-1. poeta falla, come e bebe como A poeta, bem como todos os seus sectarios, fallam, comem e bebem como B
62. principios que acima expozemos podem A principios, que acima expuz, podem B
63. sybillino, e o dos seus sectarios. O pensamento, A sybillino. O pensamento, B
- 63-4. nas sombras indecisas A nas brumas indecisas B
65. o que ahi se perde, A o que por esse lado se perde B
- 66-7. Sons que, pelo desenho graphico, parecem palavras, A Sons, que pelo desenho graphico parecem á primeira vista palavras, B
67. não são, A não são B
70. compasso A compasso, B
71. futuro, de Wagner. Os effeitos, A futuro. Os effeitos, B
75. como dissemos, se envolvam A como eu já ponderei, se envolvam B

77. velha A velh B
78. Mulher, e A Mulher e B
79. parnasianos; A parnasianos: B
80. poetas decadentes não A poetas instrumentistas não B
81. propôr-lhe adorabundos o enlace nupcial, não A propôr-lhe, adorabundos,
o enlace matrimonial, não B
82. acto, A acto B
86. conde A Conde B
87. melhor é que A melhor será que B
89. é idealmente moral, A é essencialmente moral, B
90. por sua influencia, A por essa influencia, B
91. felizes: A felizes! B
92. /nous! *itálico* / || Por A /nous! *itálico* / Por B
93. resumidamente expozemos, votamos a favor da nova A resumidamente expuz,
applaudo enthusiastado a nova B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos sintagmáticos de substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

I. Em correspondência enviada para Antero de Figueiredo, o poeta refere-se a este texto, em termos genéricos. O testemunho é constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu caro Anthero.

Vejo que o meu amigo não me comprehendeu bem. O que eu disse é que não tornaria a questionar com novos no genero do Delfim, isto é, com bestas. Com todos os mais, novos ou velhos, que se apresentem bem, e palacianamente, o questionar com elles é, e será sempre, para mim um prazer.

O artigo a respeito dos nephelibatas a que me referi, é no genero do das Barbas: é uma generalidade relativa apenas aos poetas grotescos da epocha da invasão. O meu amigo falla-me no prefacio do Tristia para o Por montes. Hei-de lel-o para ver se ahi poderá ter cabida, porque esse livro será sobretudo um livro de humor.

O juizo a respeito do Partindo poderá sair. Talvez faça outro a respeito das Doentes, idea com que cuido já ha tempo.

Sylvia é a historia da paixão de amor que uma arvore teve por mim. Cauzar-lhe-á surpresa.

Um abraço aos tres novos com quem eu mais sympathizo: Trindade Coelho, Queiroz Ribeiro, e Julio Dantas.

Vae inclusa uma quadra para a sua collecção particular.

S.

19-II-98

J. Penha.

II. A versão publicada no jornal *Novidades* (vd. *supra* testemunho A) vem antecedida do seguinte texto introdutório (também reproduzido pela *Correspondencia de Coimbra* – vd. *supra* *codex descriptor*):

Publicamos hoje, conforme promettemos ha dias, o notavel artigo de João Penha sobre a escola dos decadistas.

Como dissemos, esforçamo-nos por obter um plebiscito dos nossos principaes poetas sobre a moderna escola, mas só João Penha e Bulhão Pato accederam gentilmente ao nosso pedido.

João Penha é, de ha muito, considerado um dos nossos poetas mais primorosos. Nas Miniaturas, Gonçalves Crespo presta-lhe a devida homenagem, chamando-lhe seu mestre.

Os sonetos do Vinho e fel serão sempre considerados uma verdadeira obra prima. Que graça, que originalidade, que pureza de linguagem e que irreprehensivel correcção de forma em todas as poesias de João Penha!

Pois não é menos original, nem menos correcta a sua prosa. Nos curtos e engraçados expedientes da Folha, João Penha era inimitavel.

Logo que abandonou os bancos da universidade, foi João Penha para Braga advogar. Em pouco tempo, era considerado o primeiro jurisconsulto da provincia do Minho. Apesar do trabalho forense lhe tomar muitas horas do dia, o artista impecavel não abandonou nunca a sua querida litteratura. Hoje, como de antes, João Penha conhece os principaes livros que se publicam tanto no paiz como no estrangeiro. As primeiras produções dos poetas decadistas portuguezes não o surprehenderam. Seguindo passo a passo o movimento da litteratura estrangeira, não lhe eram desconhecidos Paul Verlaine, Jean Rameau, Gustave Kakn, Jean Moreas, Francis Poictevin, Stephane Mallarmé e outros prosadores e poetas, que hoje são mais discutidos.

A sua opinião tem por isso um grande valor.

Publicando hoje o seu artigo, cumpre-nos agradecer-lhe a fineza com que nos distinguuiu:

De modo análogo, a versão transcrita n' *A Correspondencia do Norte* (vd. *supra* *codex descriptor*) vem antecedida da seguinte nota introdutória:

Abriram as «Novidades» um plebiscito dos nossos homens de lettras mais notaveis ácerca da nova escola dos decadistas.

João Penha, o fulgurante escriptor e primorosíssimo poeta das Rimas, escreveu um soberbo artigo, superiormente pensado e d'uma forma encantadora, que enviou áquelle jornal, expondo a sua opinião individual sobre o assumpto.

E' esse artigo que vamos inserir seguidamente, cheios d'orgulho por vermos que, ao fim d'um largo periodo de lethargia, surge novamente para as lettras o brillantissimo redactor da «Folha», – jornal que assignalou a gloriosa passagem por Coimbra de escriptores notaveis, de poetas de subido merito, d'homens de lettras que mais tarde constituiram uma admiravel pleiada ainda hoje insubstituivel.

O artigo de João Penha, traçado com todo o primor, veio avivarnos saudades d'esse tempo em que as bohemias litterarias de Coimbra se faziam notar por todo o paiz, não só pelas produções que publicavam mas ainda pela originalidade d'uns certos commettimentos.

Em Braga também houve uma epocha em que uma troupe, tão distincta como alegre, se fazia notar e deu ecco. A ella pertencia João Penha que era por assim dizer o oraculo d'esses bellos talentos como Gonçalves Crespo, Alberto Braga, Cunha Viana, Dias Freitas, Alfredo Campos, etc.

Quando voltará um tempo em que, trocando a penna do insulto politico, e das contendidas inglorias, alguns que ainda por ahí ha, se proponham caminhar, como elles, em busca d'um Ideal alevantado, constituindo uma bohemia d'espírito que produza, que trabalhe, e venha a educar-se para deixar de si algum nome e alguma obra que se veja?

O artigo de João Penha é o seguinte:

[...]

III. Em B, o autor faz acompanhar o texto da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 219-223):

OS NEPHELIBATAS

Foi na epocha da apparição dos chamados decadentes entre nós que eu, instado por alguém, escrevi as linhas que subordinei áquelle titulo. Não analysei os fundamentos da nova escola, porque nessa epocha os ignorava. Vi-os, depois, formulados no seguinte programma: «O fim da litteratura decadente é reflectir a imagem do mundo actual, o mundo do spleen. Só comprehenderá aquillo que tenha relação directa com a vida. Nada de descripções: tudo, sob este aspecto, deve entender-se sabido. Nada mais que uma synthese rapida que dê a impressão dos objectos. Não descrever: fazer sentir; dar á alma a sensação das cousas quer por construcções novas, quer por symbolos que, pela comparação, evoquem a idéa com mais intensidade. Synthetizar a materia, mas analysar os sentimentos.»

Ignorando este programma, limitei-me a escrever, visto o assumpto ser ainda para mim bastante vago, algumas phrases, levemente zombeteiras, suscitadas por algumas das composições dos novos adeptos, que eu tinha lido em horas de bom humor.

Nunca, porém, foi meu intento melindral-os em sua dignidade litteraria, não só porque o temperamento, com que a natureza benignamente me dotou, é contrario a actos menos correctos, mas também porque peor, e muito, que pizar o rabo de um cão que dorme, é pizar o de um poeta que devaneia. De mais, pareceu-me que os corypheus da escola surgente não se tratavam uns aos outros com a deferencia que seria de presumir entre vates que se propunham construir, sobre ruínas não existentes, um templo novo á Arte. E se não, veja-se o modo como o redactor do Décadent descreve um dos iniciadores da escola: Maurice du Plessys:

«Não se diga que não produziu nada, porque foi um dos fundadores do Decadente. Como Socrates, nada escreveu, mas, como Socrates, pensou. Que importa que nada produzisse, se o seu fecundo intellecto nos tem servido de guia, nas horas de desalento, em meio da luta em que andamos empenhados? A sua collaboração reduz-se a tres ou quatro artigos, e a alguns versos. Queria, de certo, produzir mais; porém o seu irremediavel desprezo pela escripta, inhiibe-o de pegar na penna.

«Se nos promete um artigo, com medo que o obriguem a escrevel-o immediatamente, ninguém mais o vê apparecer na redacção, antes que o numero da semana se publique e seja exposto á venda. Atheu, e ao mesmo tempo, fanatico pela religião, só é apto, como elle mesmo pittorescamente o diz, – para não fazer nada. Todas as suas aspirações, as da sua alma paterna, são para o Aniquilamento absoluto, e sonha cataclysmos que, destruindo o

universo, extingam o soffrimento. Como Socrates, adora o Bello: onde está o Bello está o Bem, diz elle, e tem razão. Se o Bello nem sempre é o Bem, é raro que por algum lado a elle se não prenda. Mauricio tem para com a sua pessoa todos os disvellos de uma mulher bonita. Esbelto e franzino, tem nos seus movimentos a flexivel ondulação da giboa. Doudo por velludos, e por tudo que brilhe, liga á compostura do seu vestuario cuidados tão minuciosos que, na rua, parece um monumentosinho a andar. Altivo e aprumado, mas sem rigidez, caminha de frente erguida, perdido o olhar nas regiões do firmamento: tem o ondular de quadris das jovens nocturnas, a desenvoltura dos clowns, e o artistico mover de pés de uma dançarina de profissão. Tão pujante como o D. Juan da lenda, nenhuma mulher lhe resiste. Conta-se que um dia, encontrando uma joven encantadora, se pôz a olhar para ella com olhos concupiscentes, o que sendo por ella observado, se lhe approximou, e lhe disse que vivia em precarias circumstancias, e que por isso se a quizesse soccorrer, muito lhe agradeceria o seu obsequio. Mauricio deu-lhe um franco, e cumprimentando-a com palaciana cortezia, afastou-se. Muitas vezes se lembrava d'essa rapariga, que decerto teria amado, mas que decentemente não poderia fazer sua, depois de a ter soccorrido. Por natureza é bom, magro como um esqueleto e caritativo: seus raros escriptos são o reflexo da sua alma.»

O programma foi cumprido á risca, como o são todos os programmas, mas o que unicamente chamou a attenção dos curiosos foi a parte relativa ás «construcções novas». Tudo o mais era velho. O descriptivo, debaixo dos seus varios aspectos, é mais proprio da prosa que do verso, e ha poemas inteiros, de poetas de renome, em que não ha uma unica descripção: os heroes desenham-se pela acções; o quadro, por duas pinceladas decorativas: o essencial, na poesia, foi sempre desde os tempos primitivos, o sentimento: a luta das paixões, o drama ou a tragedia a que ellas dão origem. Tudo isto se representou sempre quer por uma forma real, quer por uma forma symbolica, mas esta ultima, por mais adequada á poesia, que é, por sua natureza, synthetica e sem contornos definidos, foi desde a origem d'essa arte divina a preferida pelos maiores poetas. Sendo, portanto, o symbolismo, como era, uma cousa velha, trataram de lhe dar uma feição especial para que parecesse novo: a de uma nebulosidade incoercivel. Tomaram por modelo o Verlaine, não o primitivo, nem mesmo o dos Poèmes Saturniens, mas, ultrapassando-o, o dos ultimos tempos, quando as suas faculdades intellectuaes, turbadas talvez pela miseria, e pelas vicissitudes de uma vida incoherente e dissipada, já iam naquella decadencia morbida que, se a materia se não desfaz antes, não tem outro desenlace senão a loucura, e de tal modo o ultrapassaram que Leconte de Lisle, o poeta dos Poemas barbaros, se os não classificou de Esphynges de que nem elles mesmos poderiam ser os Œdipos, classificou a sua escola de – «escola do incomprehensivel».

Por outro lado, a curiosidade suscitada pela nova instrumentação do pensamento, musica estranha produzida por tiorbas, de cordas de todos os tamanhos, umas bambas, outras retesadas, foi esmorecendo pouco a pouco, de sorte que em breve, os novos alumnos das Musas se viram sós, nus, e abandonados «em meio da grande multidão anonyma que não tem outro valor senão o de numero –» mas que é, por fim de contas, a entidade moral que paga a obra, e aquella para quem se escreve.

Nessa epoca, porém, já os principaes da revolta tinham conseguido o seu fim, – e digo os principaes, porque os secundarios nem ao menos chegaram a suspeitar que esse fim não era mais que um meio: o de attrahir as attensões do publico, – desde logo foram pondo de parte, uns pouco a pouco, outros subitamente, as taes «construcções novas» e

muitos d'elles, tendo voltado ás antigas, occupam actualmente logares mais que distinctos na litteratura moderna. Formam ainda uma escola á parte: não são, nem serão talvez em tempo algum, populares, mas os seus livros, longe de fazerem rir, ou de fazerem chorar de piedade, lêem-se com prazer, embora grave, e deixam impressões que não se apagam facilmente, nem ainda depois da terminada a leitura. Os principaes são os que formam o numerozo cenaculo do Mercure de France.

Note-se entretanto que a primeira citação incluída nesta nota é traduzida por João Penha, a partir do volume *L'École Décadent*, de Anatole Baju (1887, p. 10).

IV. Neste texto, João Penha traduz uma passagem do “Romance mauresque”, que Victor Hugo baseou na lenda dos Infantes de Lara

Victor Hugo – *Les Orientales: Les feuilles d'automne; Les Chants du crépuscule*. Paris: Librairie de L. Hachette et C.ie, 1868, pp. 122-125:

Romance mauresque

*Dixó le: – dime, buen hombre,
Lo que preguntarte queria.
Romancero general.*

*Don Rodrigue est à la chasse.
Sans épée et sans cuirasse,
Un jour d'été, vers midi,
Sous la feuillée et sur l'herbe
Il s'assied, l'homme superbe,
Don Rodrigue le hardi.*

*La haine en feu le dévore.
Sombre, il pense au bâtard maure,
A son neveu Mudarra,
Dont ses complots sanguinaires
Jadis ont tué les frères,
Les sept infants de Lara.*

*Pour le trouver en campagne,
Il traverserait l'Espagne
De Figüere à Setuval.
L'un des deux mourrait sans doute.
En ce moment sur la route
Il passe un homme à cheval.*

*«Chevalier, chrétien ou maure,
Qui dors sous le sycomore,
Dieu te guide par la main!
– Que Dieu répande ses grâces
Sur toi, l'écuyer qui passes,
Qui passes par le chemin!*

– Chevalier, chrétien ou maure,
Qui dors sous le sycomore,
Parmi l'herbe du vallon,
Dis ton nom, afin qu'on sache
Si tu portes le panache
D'un vaillant ou d'un félon.

– Si c'est là ce qui t'intrigue,
On m'appelle don Rodrigue,
Don Rodrigue de Lara;
Dona Sanche est ma sœur même.
Du moins, c'est à mon baptême
Ce qu'un prêtre déclara.

«J'attends sous ce sycomore:
J'ai cherché d'Albe à Zamore
Ce Mudarra le bâtard,
Le fils de la renégate,
Qui commande une frégate
Du roi maure Aliatar.

«Certe, à moins qu'il ne m'évite,
Je le reconnaitrais vite:
Toujours il porte avec lui
Notre dague de famille,
Une agate au pommeau brille,
Et la lame est sans étui.

«Oui, par mon âme chrétienne,
D'une autre main que la mienne
Ce mécréant ne mourra.
C'est le bonheur que je brigue...
– On t'appelle don Rodrigue,
Don Rodrigue de Lara?

«Et bien! seigneur, le jeune homme
Qui te parle et qui te nomme,
C'est Mudarra le bâtard.
C'est le vengeur et le juge.
Cherche à présent un refuge!»
L'autre dit : «Tu viens bien tard!

– Moi, fils de la renégate,
Qui commande une frégate
Du roi maure Aliatar,
Moi, ma dague et ma vengeance,
Tous les trois d'intelligence,
Nous voici! – Tu viens bien tard!

– *Trop tôt pour toi, don Rodrigue,
A moins qu'il ne te fatigue
De vivre... Ah! la peur t'émeut,
Ton front pâlit; rends, infâme,
A moi ta vie, et ton âme
A ton ange, s'il en veut!*

«*Si mon poignard de Tolède
Et mon Dieu me sont en aide,
Regarde mes yeux ardents,
Je suis ton seigneur, ton maître,
Et je t'arracherai, traître,
Le souffle d'entre les dents!*

«*Le neveu de dona Sanche
Dans ton sang enfin étanche
La soif qui le dévora.
Mon oncle, il faut que tu meures.
Pour toi plus de jours ni d'heures!...*
– *Mon bon neveu Mudarra,*

«*Un moment! attends que j'aïlle
Chercher mon fer de bataille.
– Tu n'auras d'autres délais
Que celui qu'ont eu mes frères:
Dans les caveaux funéraires
Où tu les as mis, suis-les!*

«*Si, jusqu'à l'heure venue,
J'ai gardé ma lame nue,
C'est que je voulais, bourreau,
Que, vengeant la renégate,
Ma dague au pommeau d'agate
Eût ta gorge pour fourreau.»*

Mai 1828.

A teoria com que Penha sustenta a tradução de *Figuère* por *Figueira (da Foz)* era, no entanto, controversa. Entre as reações provocadas na imprensa da altura, inclui-se o seguinte artigo de Pinheiro Chagas (*Correio da Manhã*, n.º 2007, 28 de maio de 1891, p. 1):

ECHOS DA HAVANEZA

N'um engraçado artigo de João Penha, ácerca dos nephelibatas, traduz elle da seguinte fôrma uns versos de uma oriental de Victor Hugo:

*Arrastando a cimitarra
Percorrêra a Hespanha inteira*

*De Setubal á Figueira
Em procura de Mudarra.*

E accrescenta com uma ironia trocista deliciosa:

«O elemento original d'esta soberba estrophe consiste na collocação geographica da Peninsula Iberica entre a Figueira da Foz ao norte e Setubal ao sul, a notação vigorosa dos versos dá-nos a idéa de alguém, que, arrastando o ruidoso alfange por paus e por pedras, percorre montes e valles, em procura de uma especie de phantasma, que se lhe escapa, e a quem pretende trucidar».

Toda a troça que João Penha fizer aos nephelibatas é pouca, mas lá que Victor Hugo seja também embrulhado na cassoada, protestamos. Os versos originaes da Romance mauresque são os seguintes:

*Pour le trouver en campagne
Il traverserait l'Espagne
De Figüère à Setuval.*

Realmente, sempre desde que lêmos esta oriental, e suppozemos que a todos os leitores aconteceria o mesmo, tomámos esta Figüère pela cidade de Catalunha Figueras, e o verso De Figueras a Setubal queria dizer para nós «do oriente ao occidente». Nunca démos a interpretação de «Figueira da Foz», que se presta á troça de João Penha.

A polémica, entretanto, arrastar-se-ia nas páginas dos jornais, pela mão de outros contendores anónimos. Penha rebaterá as críticas, em “Uma estrophe de Victor Hugo” e “Chateaupers á la rescousse” (vd. textos editados nos n.^{os} 722 e 723).

722

[Uma estrophe de Victor Hugo]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Novidades* (dir. Emydio Navarro), Lisboa: [s.n.]. N.º 2186 (2 de junho de 1891), p. 2. Vd. descrição no n.º 703.

O texto de João Penha vem antecedido de uma breve apresentação dos redatores:

João Penha responde hoje ás observações que o Correio da Manhã fez ao seu espirituoso artigo sobre a escola nephelibata.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 41-43. Vd. descrição no n.º 719.

Aparato genético

Título. A escola nephelibata A Uma estrophe de Victor Hugo B

- 1-9. As judiciosas observações do /Correio da Manhã *itálico*/, relativas á tradução, que fizemos, d'uma estrophe do /Romance Mourisco *itálico*/ de Victor Hugo, carecem talvez de solidos fundamentos. Quem traduz A A quadra: || Arrastando a cimitarra, | Percorrera a Hespanha inteira, | De Setubal á Figueira, | Em procura de Mudarra, || que eu traduzi do /Romance Mourisco *itálico*/, de Victor Hugo, suscitou a Pinheiro Chagas uns amaveis reparos, a que eu respondi, defendendo-me, da maneira seguinte: || «Quem traduz B
- 10-1. É o que fizemos, quando nos abalançámos a trasladar A É o que eu fiz quando me abalancei a trasladar B
12. Lara, contra os costumes d'aquellas epocas, A Lara, em contrario aos costumes d'aquellas epocas B
14. revela, A revela B
15. caça, A caça B
18. moiros A mouros B
19. porque, A porque B
20. renegada que de punhal em punho A renegada, que, de punhal em punho, B
27. imaginou, A imaginou B
- 28-30. O verso chegou A O verso: || «Arrastando a cimitarra» || chegou B

32. pensamento que nós o traduzimos, removendo A pensamento que eu o traduzi, removendo B
- 33-4. Assim explicamos o nosso primeiro A Assim fica explicado aquelle meu primeiro B
36. segundo nos parece, não attentamos A segundo me parece, não attentei B
37. inteiro tributa ao A inteiro ainda ha pouco tributava ao B
39. Quando lêmos o verso: /De Figuière à Sétuval *itálico*/, hesitámos realmente, A Quando li o verso: De Figuière à Sétuval, hesitei realmente, B
40. Foz, A Foz B
41. Peninsula. Depois de minuciosas investigações, verificámos A peninsula. Depois de minuciosas investigações, verifiquei B
42. burgo A burgo, B
- 42-3. logo nos convencemos que A logo me convenci que B
43. Figueras A /Figueras *itálico*/, B
44. escreveu /Figuières *itálico*/, e não /Figuière *itálico*/, como póde vêr-se no Larousse, e A escreveu Figuières, como pode ver-se no Larousse e B
46. da Peninsula entre A da Hespanha entre B
- 49-50. como escolhemos, a maior, porque Victor Hugo tambem é A como eu escolhi, a maior, porque Victor Hugo é B
52. quando os espiritos A quando seus espiritos B
54. universo, A Universo, B
- 55-6. mundos mais felizes. No A mundos talvez mais felizes. || No B
- 58-9. comprehende. Não A comprehende. || Não B
60. estranhar se a A estranhar que a B
61. *Em A, acresce o seguinte parágrafo, no final:*
 Aceitando, portanto, de boa sombra as observações que o amavel /Correio *itálico*/ indirectamente nos faz, mantemos como rigorosa, embora não irreprehensivel, a traducção que fizemos.

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos sintagmáticos de substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

Em B, o autor faz acompanhar o texto da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 223-224):

UMA ESTROPHE DE VICTOR HUGO

Pinheiro Chagas, tendo lido o meu escripto ácerca dos nephelibatas, não achou bem que eu envolvesse nos meus gracejos de mau gosto, que applaudiu, o nome de Victor Hugo – «do seu Victor Hugo», dizia elle, e, com as razões que adduziu, defendeu a phrase que me parecera dubia, declarando-a correctá. Foi isso o que originou a replica que neste livro se encontra debaixo d'aquella epigraphe. Chagas, porém, não se collocou,

a meu vêr, em boa posição, porque, salvo o respeito devido ao maior poeta do século XIX, pôde dizer-se que a sua geographia obedece apenas ás necessidades da rima, e da construcção do verso.

Assim, no Bivar ha este alexandrino, que não é inferior ao verso que traduzi:

«D'Avis à Gibraltar, d'Algarve à Cadafal»

«De Gibraltar a Aviz, do Algarve a Cadaval.»

E assim, a cada passo. Por exemplo, no Roi Abject:

«Et tout tremble, Irun, Coïmbre,

Santander, Almodovar,

Sitôt qu'on entend le timbre

Des cymbales de Bivar.»

De harmonia com esta phantastica geographia do mestre, estão os nomes que elle attribue a muitos dos seus personagens. Só no Jour des Rois figuram estes: D. Pancho, Ariscat, rei d'Agua, Gesufal, o crú, rei do monte Jaxa, o rei D. Santos, Barbo, l'homme égreiro, e muitos outros.

Este «égreiro» não o encontrei em diccionario algum francez, de sorte que me vejo na triste necessidade de o traduzir por gregorio: «Barbo, o homem gregorio!»

Melhor andaria, portanto, Chagas, se, em logar de defender a geographia do Mestre, nos citasse estes versos de Horacio, na sua Epistola Ad Pisones,

«Pictoribus atque poetis

Quidlibet audendi semper fuit aequa potestas.»

723

[Chateaupers á la rescousse]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 47-53. Vd. descrição no n.º 719.

Anotação textual: emendas

- 39. commandement]; commendement
- 42. faits.»]; fait.»

724

[Os parnasianos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – Alfredo Campos, *O Infante Navegador: Poemeto* (pref. João Penha), Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1894, pp. IX-XXII.

Este livro, da autoria de Alfredo Campos, contou com um prefácio de João Penha, nas 14 páginas iniciais do volume. Publicado em formato pequeno (de 19 cm), o livro acolhia um longo poemeto (de 18 páginas), assinalando o quinquentenário do nascimento do Infante D. Henrique.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 57-65. Vd. descrição no n.º 719.

Anotação textual: emendas

- 16. 1871; a] A; 1871: a
- 79. – «É] A; – É
- 117-8. primeira! Muitissimo] A; primeira! || Muitissimo
- 170. En vain] A; Eu vain
- 183. professor do Curso Superior] A; professor de Curso superior

Aparato genético

Título. Prefacio A Os parnasianos B

3. discussão, A discussão B

7-8. de não a deixar escapar. A de a não deixar fugir. B

12. o 1.º numero A o primeiro numero B

14. séries; a primeira A series, actualmente muito raras: a primeira B

16. 1871; a A 1871: a B

18. pobre, em dia de A pobre mas em dias de B

22-3. origem, mas A origem, no seu livro /La Legende des Parnasiens *italico*/, mas B

24. longe do que A longe que B

25. muito publicavamos em A muito saía em B

25-6. Queiroz, entusiasmado, nos assignalou o novo periodico, incitando-nos a A
Queiroz me assignalou, entusiasticamente, o novo periodico, incitando-me a B

27. chamava poesia A chamava de poesia B
28. Acostumados á A Acostumado á B
29. surpreendeu-nos a A surpreendeu-me a B
31. mas sim, principalmente, A mas, principalmente, B
- 34-5. que nós, que absolutamente desconhecíamos aquelle movimento, A que eu e outros, absolutamente desconhedores d'aquelle movimento, B
38. Dissemos que A Disse eu que B
41. (não nos referimos á sua idade segundo os repertorios) A (não me refiro á sua idade segundo os repertorios) B
45. execução: não formavam uma escóla: unia-os A execução: unia-os B
46. Banville, A Banville: B
- 47-8. poesia; não tem outro valor senão o dos pensamentos que contém: é prosa. A poesia: é prosa, sem outro valor que não seja o dos pensamentos que contenha. B
54. arte aonde A arte onde B
56. n'isso, A nisso? B
57. Com certeza que não. A Sustento que não. B
58. principio A principio, B
60. /Pisones *itálico*/, que A /Pisones *itálico*/, conhecida vulgarmente por /Arte poetica de Horacio *itálico*/, que B
61. Ariosto, A Ariosto B
63. côres para A cores na paleta para B
65. perfeita A perfeita, B
69. deve-o sobretudo estudar o A deve sobretudo estudal-o o B
70. mesmo; A mesmo, B
72. combinadas de A combinadas entre si de B
73. indicava, A indicava B
75. Mr. Jourdain sentira-se A Mr. Jourdain, esse burguez, sentira-se B
76. qualquer coisa A qualquer cousa B
79. – «É em verso que quer escrever-lhe? – perguntou-lhe este. A – É em verso que lhe quer escrever? – perguntou este. B
82. prosa A prosa, B
83. coisa. A cousa. B
85. simples; A simples: B
86. prosa A prosa, B
94. – Sim, senhor. A – É. B
95. que fallo em prosa A que faço prosa B
- 96-7. era: – /Bella *itálico*/ A era: /Bella *itálico*/ B
98. fosse posto de A fosse feito de B
101. – Não, não, não. Não quero A – Nada, nada, nada. Não quero B
102. disse: – /Bella *itálico*/ A disse: /Bella *itálico*/ B
107. dizendo-me, para A dizendo, para B

- 109-10. então: – /D'amor *itálico* / A então: /D'amor *itálico* / B
- 110-1. então: – /Seus *itálico* / A então: /Seus *itálico* / B
- 111-2. então: – /Morrer *itálico* / A então: /Morrer *itálico* / B
- 112-3. então: – /Me fazem, seus olhos bellos *itálico* / A então: /Me fazem, seus olhos bellos, *itálico* / B
114. – Mas A – Mas, B
116. /d'amor! *itálico* / A /d'amor. *itálico* / B
- 117-8. estudos, fiz isso logo á primeira! Muitissimo obrigado». A estudos; fiz isso logo á primeira! || Muitissimo obrigado!» B
128. A moderna evolução do verso, iniciada, como dissemos, pelos A A evolução moderna do verso, iniciada, como eu já disse, pelos B
- 132-8. *Em A, não consta a passagem assinalada. Em seu lugar, surge o seguinte texto (correspondendo parcialmente às ll. 13-41 do texto n.º 721):*
 A este respeito, transcreveremos aqui as idéas que já n'outra parte expozemos. || «Em toda a composição poetica é indispensavel o elemento musical; sem este elemento, essa composição, embora rithmada e rimada, não transpõe os limites da prosa. Tanto o prosador, como o poeta, trabalham a mesma materia prima: o pensamento; o primeiro, porém, é apenas uma especie de artifice mechanico: extrahe da pedreira cerebral e transporta para o papel as idéas que ahi se lhe formam: executa. || O trabalho do segundo é mais elevado e complexo: o poeta cria. || Assim como nem toda a pedra é adequada e serve para a estatua que um Buonarotti se proponha fazer, assim nem todo o pensamento póde ser objecto de um poema. || O artista, sem o procurar, escolhe, entre os que espontaneamente lhe germinam no intellecto, aquelle que o seu espirito de selecção prefere; expurga-o das impurezas da vulgaridade, que lhe empanem a originalidade nativa, e depois reveste-o, por meio de processos extremamente complicados, da fórma que o torna visivel no mundo exterior. || Esses processos não consistem unicamente na escolha de palavras e locuções, e na regularidade do rithmo e da consonancia; consistem sobretudo na escolha dos sons que essas palavras devem produzir, combinadas umas com as outras, de modo que a composição musical, que d'ahi resulte, deve estar de harmonia com o pensamento que as mesmas palavras contêm, isto é, a tacitura e a notação melodica dos vocabulos, abstrahindo-se das idéas que n'elles estão incluídas, devem revelar, embora vagamente, o conjuncto d'essas mesmas idéas. || Os tres grandes poetas romanos, e sobretudo Horacio, attingiram esta perfeição do verso. || Leia-se uma ode d'aquelle poeta a um individuo que ignore completamente a lingua latina, a um professor d'essa lingua, por exemplo, e elle, só pela harmonia mysteriosa das estrophes, indicará o assumpto de que o poeta se occupou: Meyerbeer, Beethoven e Mozart collaboraram nas obras de Hugo, Musset e Lamartine». || Os fundamentos d'esta nossa theoria, que talvez pareça a uns imaginaria, e a outros inexequivel, assentam em factos absolutamente experimentaes.

140. alma, A alma B
146. pensamentos, e a parte musical que os reveste, A pensamentos e a parte musical que os reveste B
154. phrase, A phrase B
157. que em França A que, em França, B
158. uma enorme phalange A uma phalange B
162. podem cantar-se, e A podem ser cantadas, e B
170. En vain ils étaient frais et doux A Eu vain ils étaient frais et doux, B
171. tige: A tige; B
179. que nos temos referido, A que me tenho referido, B
180. como dissemos, iniciado espontaneamente A como já disse, iniciado espontaneamente B
183. o professor do Curso Superior A o douto professor de Curso superior B
186. /fórma. *itálico*/ A /forma! *itálico*/ B
- 187-8. No emtanto, em que peze ao illustre cathedratico, para elles, A Comtudo, em que pése ao illustre e glorioso cathedratico, para esses, B
188. Templo A templo B
189. *Em A, acresce o seguinte parágrafo, no final:*
 Alfredo Campos não é um d'esses poetas, mas se não é rigorosamente um parnasiano, mostra nas suas poesias, que, como João de Deus, tem musica na alma, e essa musica interior muitas vezes suppre, o que a arte, para os mesmos effeitos, laboriosamente obtem. Muitos dos seus sonetos poderiam ser assignados por Diogo Bernardes, e as bellas estrophes, que vão lêr-se, revelam que o seu talento malleavel não se affrontaria diante de uma obra mais completa, se com ella se propozesse enriquecer a nossa litteratura.

Data. 11-2-94. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

I. A carta de Eça de Queirós, revelando a João Penha a nova escola francesa, pertence ao Espólio de Antero de Figueiredo, à guarda da BPMP, com a cota M-AF-4391(2). O testemunho é constituído por um bifólio e meio de papel liso, escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu caro João

Escrevo-te para Coimbra sem saber se tu realmente estas em Coimbra. No entanto como esse è o teu quartel general, o teu nicho, como estamos apenas, no lendemain do carnaval, epoca dos fados esplendidos, è quasi certo que tu por ahi passeies o teu spleen. Disserão-me hà tempos que tu tinhas atravessado de leve as regiões theologicas, e depois tinhas tomado modestamente a larga estrada da pátria Braga: vasta via patria, como

dirião não sei que tribunos. Em fim, a minha carta vae, e com ella um largo abraço por todos estes dois annos que nos não vimos, e que eu passei a voltear sobre a corda bamba da politica e da litteratura, e tu, meu velho João, passaste de certo, n'algum canto de tasca artistica, como o bom Hoffman, a beber os esquecimos, e os diabos azues. Ah meu velho, de todos nos és tu o que tens juizo. Realizas o sonho, a visão, o azul em plena vida burguesa e constitucional. Nem sequer das ao mundo a importancia de te aborreceres n'elle. Creaste para teu uso um romantismo sensato, em que te aproveitas dos idealismos de Werther e Companhia – sem o perigo de lhes cahir nos ridiculos. Eu fallo assim, porque supponho que tu não tiveste a insensatez d'abandonar a tua vida phantastica, toda allumiada dos reflexos roxos do Deus Vinho. Teria sido um arrependimento insipido, inexplicavel e inutil. Meu, caro eu não tenho tempo para conversar, e esta carta mesmo, vae continuar com uma certa precipitação commercial.

Ves esse prospecto? Isso significa tudo. Eu e Anselmo fundamos definitivamente a Revista, que tinhamos ahi projectado. Trata-se d'assignaturas. O favor que eu te peço è que remettas a teu irmão para Braga esse prospecto, para elle arranjar algumas assignaturas. Esse outro fica tu com elle. Digo-te isto com todo o laconismo, pois que conto com a tua amisade, com a tua dedicação, e com o teu espirito. Se poderes arranjar ahi alguma em Coimbra, arranja, mas não te cances. Com o que insto, è com o outro para teu irmão. A Revista começa para os fins de <Março> Abril, todos os prospectos devem aqui estar por estes quinze dias. Comprehende-me. So uma palavra: peço-te isto, João.

Agora outra cousa: li ha pouco uma poesia tua à Lebouys. Uma das quadras é admiravel: a do sangue azul. Notei que tu eras o unico em Portugal, capaz d'introduzir a nova escola francesa. Não a conheces de certo. No entanto è necessario que a conheças. Para isso, manda comprar aqui, ou ao Porto o seguinte livro: Parnasse contemporain, recueil de vers nouveaux. E uma collecção de todos os poetas de França de 1856 – para cá. È a geração mais moderna. A sua escola é a da forma. São admiraveis. Vaies ter uma revelação. O assumptos d'elles são a philosophia, a Historia, e as cousas tenebrosas. Estuda-os. Estuda-os muito. Trata de trabalhar n'este genero. È uma revelação em Portugal. Com essa predisposição que tens felicissima para a poesia plastica podes dar um bello artista n'esse genero, e espero cultivar-te, meu caro João, para a nossa Revista. Responde-me, e eu depois te escreverei n'este sentido, mais largamente e mais definitivamente. Com o que sou do teu bello artistico coração

o maior amigo

Jose Maria d'Eça de Queiroz

Escreve para mim – Rocio, n.º 26 – 4º andar

Abro esta carta algum tempo depois de ella escripta, para te abraçar no abraço doloroso pelo nosso amigo e companheiro perdido. Fallo d'Alvaro. Imaginas, como sinto. Peço – para todos os d'essa casa um longo abraço – em que vae tudo o que sinto.

A missiva foi também publicada no número de homenagem que *A Chronica* dedicou a João Penha (n.º 63-64, abril de 1902), mas aparece aí numa versão truncada (cujo original, pela mão do poeta, se guarda também na BPMP, com a cota M-AF-4391(3)).

II. Neste texto, João Penha traduz uma passagem da Cena 4, no Ato II da comédia de Molière, *Le Bourgeois Gentilhomme* < <http://www.site-moliere.com/pieces/bourgeoi.htm> >:

MONSIEUR JOURDAIN: *Je vous en prie. Au reste, il faut que je vous fasse une confidence. Je suis amoureux d'une personne de grande qualité, et je souhaiterais que vous m'aidassiez à lui écrire quelque chose dans un petit billet que je veux laisser tomber à ses pieds.*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Fort bien.*

MONSIEUR JOURDAIN: *Cela sera galant, oui.*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Sans doute. Sont-ce des vers que vous lui voulez écrire?*

MONSIEUR JOURDAIN: *Non, non, point de vers.*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Vous ne voulez que de la prose?*

MONSIEUR JOURDAIN: *Non, je ne veux ni prose ni vers.*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Il faut bien que ce soit l'un, ou l'autre.*

MONSIEUR JOURDAIN: *Pourquoi?*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Par la raison, Monsieur, qu'il n'y a pour s'exprimer que la prose, ou les vers.*

MONSIEUR JOURDAIN: *Il n'y a que la prose ou les vers?*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Non, Monsieur: tout ce qui n'est point prose est vers; et tout ce qui n'est point vers est prose.*

MONSIEUR JOURDAIN: *Et comme l'on parle qu'est-ce que c'est donc que cela?*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *De la prose.*

MONSIEUR JOURDAIN: *Quoi? quand je dis: "Nicole, apportez-moi mes pantoufles, et me donnez mon bonnet de nuit", c'est de la prose?*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Oui, Monsieur.*

MONSIEUR JOURDAIN: *Par ma foi! il y a plus de quarante ans que je dis de la prose sans que j'en susse rien, et je vous suis le plus obligé du monde de m'avoir appris cela. Je voudrais donc lui mettre dans un billet: Belle Marquise, vos beaux yeux me font mourir d'amour; mais je voudrais que cela fût mis d'une manière galante, que cela fût tourné gentiment.*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Mettre que les feux de ses yeux réduisent votre cœur en cendres; que vous souffrez nuit et jour pour elle les violences d'un.*

MONSIEUR JOURDAIN: *Non, non, non, je ne veux point tout cela; je ne veux que ce que je vous ai dit: Belle Marquise, vos beaux yeux me font mourir d'amour.*

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: *Il faut bien étendre un peu la chose.*

MONSIEUR JOURDAIN: Non, vous dis-je, je ne veux que ces seules paroles-là dans le billet; mais tournées à la mode; bien arrangées comme il faut. Je vous prie de me dire un peu, pour voir, les diverses manières dont on les peut mettre.

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: On les peut mettre premièrement comme vous avez dit: Belle Marquise, vos beaux yeux me font mourir d'amour. Ou bien: D'amour mourir me font, belle Marquise, vos beaux yeux. Ou bien: Vos yeux beaux d'amour me font, belle Marquise, mourir. Ou bien: Mourir vos beaux yeux, belle Marquise, d'amour me font. Ou bien: Me font vos yeux beaux mourir, belle Marquise, d'amour.

MONSIEUR JOURDAIN: Mais de toutes ces façons-là, laquelle est la meilleure?

MAÎTRE DE PHILOSOPHIE: Celle que vous avez dite: Belle Marquise, vos beaux yeux me font mourir d'amour.

MONSIEUR JOURDAIN: Cependant je n'ai point étudié, et j'ai fait cela tout du premier coup. Je vous remercie de tout mon cœur, et vous prie de venir demain de bonne heure.

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *A Geração Nova: Jornal de Arte* (dir. Heliodoro Salgado, Julio Lobato), Porto: [s.n.]. Ano 1895, Número de Natal e Ano Novo, p. 6.

Esta revista ilustrada publicou-se quinzenalmente em formato médio (de 35 cm), entre 6 de maio de 1894 e dezembro de 1895.

O número extraordinário de Natal foi o último a ser publicado.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 69-71. Vd. descrição no n.º 719.

Anotação textual: emendas

4. o Czar] A; a Czar

Aparato genético

1. mais nos assombram, nestes fins de A mais me assombram, nestes fins do B
4. o Czar A a Czar B
Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.
7. carga, nesse paiz, foram A carga, foram B
13. ultramontano, com a /France Juive *itálico*/, levanta o A ultramontano, levanta, com a /France Juive *itálico*/, o B
14. lábarõ da guerra a todo transe A lábaro de guerra a todo o transe B
17. elles, A elles B
20. templo: olho A templo, olho B
21. biblia. A Biblia. B
- 22-4. treguas, porém, não se explica, a nosso ver, A treguas que, no estado agudo a que ultimamente chegou, faz prevêr uma nova /Saint-Barthélemy *itálico*/, não se explica, a meu vêr, B
26. sciencias physicas o A sciencias cosmogónicas o B
30. epochas, A epocas B
31. Para nós, se A Para mim, se B
- 34-5. religião, e pelas suas leis moraes. Os A religião e pelas suas leis moraes. || Os B
35. tenazes, A tenazes B

40. como o são **A** como são **B**
 44. aspectos, as Racheis, as Judiths, as Deboras dos **A** aspectos, as Judiths, as Déboras, as Racheis dos **B**
 47. Não vemos outra razão, senão a que expozemos. **A** Não vejo outra razão senão a que expuz. **B**
 48. contudo **A** comtudo, **B**
 52-3. modernos: Christo, **A** modernos, isto é, Christo, **B**
 53. eram todos judeus, **A** eram judeus, **B**
 55. respeitaveis, **A** respeitaveis **B**
Data. 27-12-94. **A** □ **B**

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, reorganização, redução e amplificação.

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *O Gabinete dos Reporteres: Jornal Independente, Illustrado e Litterario* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. Ano IV, n.º 75, pp. 3-4; n.º 76, pp. 1-2 (outubro de 1898). Vd. descrição no n.º 229.

A publicação do conto encontra-se repartida por dois números consecutivos. No primeiro excerto, identifica-se “Sylvia” como um inédito “do livro Por montes e valles, em via de conclusão”.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 75-87. Vd. descrição no n.º 719.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1802 (12 de novembro de 1898), p. 2; n.º 1803 (16 de novembro de 1898), pp. 1-2; n.º 1804 (19 de novembro de 1898), p. 1.
Trata-se de uma cópia da versão publicada n’ *O Gabinete dos Reporteres*.

Anotação textual: emendas

- 72. – Anda]; – «Anda
- 73. divertimento.]; divertimento.»
- 74. – Não,]; – «Não,
- 76. Mondego.]; Mondego.»
- 83. – Para]; – «Para
- 84. côso-lhò.]; côso-lhò.»
- 85. – Ainda]; – «Ainda
- 86. – Conforme]; – «Conforme
- 87. – Não,] A; – «Não,
- 88. – Então] A; – «Então
- 89. – É] A; – «É
- 90. – Então] A; – «Então
- 92. – De]; – «De
- 93. – Mesmo] A; – «Mesmo
- 229. – Vejo,]; – «Vejo,

231. recordo de ter] A; recordo ter
 238. graça.]; graça.»
 280. Christovão.]; Christovão.»
 284. contigo!»; contigo!

Aparato genético

7. consciente: A consciente; B
 15. caso A caso, B
 16. absurdo ou A absurdo, ou, B
 18. caso passou-se em A caso sucedeu em B
 20. academia A academia, B
 22. tambem? || Exactlymente por aquillo: A tambem? Exactlymente por aquillo;
 B
 30. linhas, A linhas B
 32. margens, A margens B
 36. tarde A tarde, B
 37. d'um salgueiro, plantado, A de um salgueiro, plantado B
 38. lado, A lado B
 39. se agitava como A se movia como B
 43. por ahi A por ali B
 45. arvores, A arvores B
 47. pareciam, immoveis, de A pareciam de B
 48. parei, e A parei, e, B
 51. Clara, A Clara B
 55. chegar porém A chegar, porém, B
 59. d'uma harpa, A de uma harpa B
 63. doido, entrei no rocio onde morava o dr. A doudo, entrei no rocio onde
 morava o Doutor B
 64. que averiguando A que, averiguando B
 67. valentes, – a A valentes, a B
 72. inquiriu, A inquiriu B
 73. situada; – parece-me A situada; parece-me B
 75. o dr. B o Doutor B
 76. valle Mondego.» A valle do Mondego.» B
 87. – Não, A – «Não, B
 88. – Então para que é? diga, diga... A – «Então para que é? diga. B
 89. – É para fazer um feitiço com que hei de prender esse teu coração ingrato.
 A – «É para fazer um feitiço com que te hei-de prender. B
 90. – Então A – «Então B
 92. – Então... não A – «De sorte que... não B
 93. – Mesmo A – «Mesmo B

99. e A e, B
101. harmoniosa, – mais A harmoniosa, mais B
102. ideias fixaram-se então, desde A idéas fixaram-se desde B
104. eu A eu, B
- 113-4. porque Salgueiro A porque salgueiro B
114. dei-lhe A dei-lhe, B
117. ahi se achava numa A ahi estava numa B
118. O, – pedi-lhe A O, pedi-lhe B
125. onde se acha o A onde está o B
128. chegue.» A chegue. B
129. doido, A doudo, B
133. cheguei A cheguei, B
138. mas haverá talvez dois minutos – virias tu no O, – que A mas, haverá talvez dois minutos, virias tu no O, que B
- 151 inventou, A inventou B
152. *Em A, termina aqui o excerto publicado no n.º 75 do jornal, que aparece datado de “2-V-98”.*
158. que ia A que eu ia B
172. tempos; A tempos, B
178. Foi essa a A Foi esta a B
180. dia ou de noite. A dia, ou de noute. B
181. Sylvia A Sylvia, B
184. doutor A Doutor B
190. applicara, traiçoeiramente, A applicara traiçoeiramente B
195. noite, A noute, B
200. Ora, A Ora B
203. pela empresa, e A pela surpresa, e B
Em A, a variante deverá resultar de gralha tipográfica, já corrigida na transcrição d’ A Correspondência do Norte.
- 207-8. palpitante. Seria A palpitante. || Seria B
211. distancia, A distancia B
219. além ponte, A além-ponte; B
220. de abril, A d’abril, B
224. lá, A lá: B
231. recordo de ter visto quando, por incumbencia do dr. A recordo ter visto quando, por incumbencia do Dr. B
237. fim, A fim B
- 239-40. um doido por aquelles caminhos fóra. A um doudo não sei para onde. B
248. nas sombras da A na sombra da B
251. abandonado, Queria, A abandonado. Queria, B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
252. impiedade, mas, A impiedade, – mas, B

266. indecisas dos horisontes A indecisas de horisontes B
 276. salgueiro, A salgueiro B
 282. eu A eu, B
 283. golpe: A golpe; B
 Data. 2-V-98. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição e redução.

Arquivo documental

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, ficamos a saber que este conto esteve inicialmente para se intitular “A vingança da carvalha”. O teste-munho em causa encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-1157(14), e é constituído por um bifólio de papel pautado, escrito de ambos os lados a tinta preta, estando todavia incompleto:

Amigo Anthero.

Pelo facto que deu origem ao seu telegramma (o qual ainda assim agradeço, – não costume receber parabens, – mas pezames: um de menos! Demais, recebi-o exactamente quando me participavam o fallecimento de meu tio S. Romão, que tão meu amigo era: ainda na Paschoa me madara de follar (porque era meu padrinho) dous soberbos presuntos de Melgaço. Agora, se me não engano, sou eu o decano da minha vasta familia: que tristeza!

Ha dous mezes que passo os dias a mostrar o punho aos deuses, como Ajax Telemou, e cito por causa dos cambios, que me não deixão mandar vir nada de Paris, e por causa do tempo, que me não deixa sair de casa. Desde que principiou a primavera, a estação mais feia, doentia e immunda do anno, principiou aqui o inverno: estamos em junho, e não vejo na rua senão individuos com os seus paletots de golas levantadas, ou embuçados nos seus capotes até ao nariz! Assim, a respeito de Bom Jesus, – nada! E é amanhã a romaria do Espirito Santo! Se eu não fosse illacrimavel, teria vontade de chorar.

O livro do Alfredo de Mesquita li-o logo que chegou. Lê-se em meia hora. O Alfredo ja era meu conhecido desde a Vida Airada: escreve bem, sem pedantismo, e não enfastia. O Terra de Hespanha agradou-me muito: ha, porém, ahi muita couza velha, que elle naturalmente suppoz nova. Ahi é que está exactamente a difficuldade: em dizer alguma cousa que não esteja dita ja ha muito tempo. Actualmente e neste fim de seculo, è justa uma quasi geral applicação o nihil novi sed nove, de Salomão. Hei-de escrever ao Mesquita, e tambem ao Bramão.

Os dous estados a que acima me referi, isto é, o dos cambios e o do tempo, reduziram-me a um tal estado de estupidez que, litterariamente fallando, quasi nada tenho feito. Assim o Por Montes e valles ainda não está concluido; deve-o estar, porém, por estes 15 dias, visto faltarem apenas dous capitulos: a Vingança da Carvalha, e Um poeta.

[Questão litteraria – I – Cerveja e alexandrinos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há quatro testemunhos diretos:

A – *O Jornal do Commercio* (dir. Mateus Pereira de Almeida da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 13194 (4 de dezembro de 1897), pp. 1-2.

Este importante diário generalista publicou-se em formato grande (de 49 cm), entre 1853 e 1899. Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, ficamos a saber que o artigo esteve para publicar-se no jornal *Mala da Europa*, mas o amigo de Penha aconselhou-o depois a submetê-lo ao *Jornal do Commercio* (ADB, Ms. 550, ff. 91-92; BPMP, M-AF-1145), intermediando a publicação das réplicas, ao longo da polémica. O texto vem publicado no folhetim de pé de página.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1713 (11 de dezembro de 1897), p. 1; n.º 1714 (15 de dezembro de 1897), pp. 1-2; n.º 1715 (18 de dezembro de 1897), p. 1. Vd. descrição no n.º 99.

Penha faz transcrever este artigo, corrigindo algumas gralhas com que saiu n' *O Jornal do Commercio*. O texto, repartido por três números consecutivos, vem antecedido da seguinte introdução:

O «Jornal do Commercio» de Lisboa acaba de publicar um notavel artigo de João Penha em resposta a algumas observações da critica que, na «Mala da Europa» o snr. Delphim de Brito Guimarães fizera ao livro de versos – Viagem por terra ao paiz dos sonhos, d'aquelle nosso amigo e illustre poeta.

Segundo um nosso collega, a questão apresenta-se vibrante de interesse, e a luva foi levantada com galhardia por João Penha. Reproduzindo esse primoroso artigo satisfazemos assim o desejo de muitos dos nossos leitores:

C – *Nova Alvorada: Revista Mensal, Litteraria e Scientifica* (dir. Sebastião de Carvalho), Vila Nova de Famalicão: [s.n.]. Ano VIII (1898), n.º 3, pp. 117-120. Vd. descrição no n.º 173.

Penha faz republicar este artigo, corrigindo algumas gralhas com que saiu n' *O Jornal do Commercio*.

D – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 91-108. Vd. descrição no n.º 719.

Anotação textual: emendas

118. fontes.»] **ABC**; fontes»
 177. jambo) – e podia ter tres (dactylo),]; jambo) e podia ter tres (dactylo)
 266. verre.»] **ABC**; verre»
 274. /Lear *itálico*/ **ABC**; /Leer *itálico*;
 371. /rois! *itálico*/] **ABC**; /rois!»*itálico* /

Aparato genético

Título. Um juízo critico A Questão litteraria B Um juízo critico C Questão litteraria D

Subtít. □ A Um juízo critico B □ C I | Cerveja e alexandrinos D

- 1-2. prosador, o sr. Delfim de Brito Guimarães, escreveu num dos ultimos numeros da /Mala da Europa *itálico*/, A prosador, o sr. Delfim de Brito Guimarães, escreveu num dos ultimos numeros da «Mala da Europa, B prosador, o sr. Delfim de Brito Guimarães, escreveu num dos ultimos numeros da /Mala da Europa *itálico*/, C prosador escreveu num jornal de Lisboa, a /Mala da Europa *itálico*/, D
3. conclusões, a que chegou, **ABC** conclusões a que chegou D
6. obra-prima; – e **ABC** obra prima; e D
- 8-9. surprehenderam-me tanto mais agradavelmente quanto é certo é que eu **ABC** surprehenderam-me, mas agradavelmente, porque o que é certo é que eu D
13. se supponha que **ABC** se julgue que D
16. é porém **ABC** é, porém, D
22. circumscrever, **AB** circumscrever-me, CD
23. Europa, **ABC** Europa D
28. e indefinível. **AB** e indefinido. CD
30. poeta que tem saído **ABC** poeta dos que têm saído D
31. historia de **AB** historia da CD
33. outras **ABC** outras, D
35. vira, **ABC** vira D
36. Athenas, Roma, **ABC** Athenas, em Roma, D
38. Hespanha, a Italia, a Escossia, a França e a Suissa, **ABC** Hespanha, para a Italia, Escossia, França e Suissa, D
40. /d'Arc *itálico*/ **ABC** /d'Arc *itálico*/, D
42. e a **ABC** e, a D
44. /d'Italie *itálico*/. A /d'Italie *itálico*/, B /d'Italie *itálico*/. CD
47. pintura, **ABC** pintura D
48. phenomeno: **ABC** phenomeno. D
50. compositores **ABC** compositores, D
51. esse mesmo amor pelas **ABC** essa mesma afeição pelas D
52. dois **ABC** dous D

53. Ovidio, /maerore *itálico*/ ABC Ovidio morreu de tristeza, /mærore *itálico*/ D
56. ondas da ABC ondas sonoras da D
58. versos, manifesto ABC versos manifesto, D
60. inclinação para as hespanholas, ABC inclinação pelas hespanholas, D
62. ninguém poderá accusar-me de A ninguém poderá accusar-me da BC ninguém me poderá accusar de D
65. ha realmente ABC ha, realmente, D
66. outra: A outra; B outra: CD
68. que fica exposta. ABC que deixo exposta. D
69. pois, a um dos dois exemplos que me perturbam. AB pois, a um dos dois assumptos que me perturbam. C pois, á primeira das accusações que me perturbaram. D
73. allemã...» ABC allemã.» D
75. que ellas saíram ABC que saíram D
76. possuo, que é offerecido pelos editores, está ainda por cortar, – mas A possuo, que é offerecido pelos editores, está ainda por cortar; – mas B possuo, que é offerecido pelos editores, está ainda por cortar, – mas C possuo, e que é o offerecido pelos editores, está ainda por cortar; – mas D
79. Richepin, ABC Richepin D
83. do Larousse, ABC de Larousse, D
84. coisa ABC cousa D
- 84-5. representa mais que ABC representa que D
92. feito ABC feito, D
94. cantaram, em odes e dithyrambos, e no Livro dos Livros é elle indicado ABC cantaram em odes e dithyrambos, e no Livro dos Livros é elle o indicado D
97. Mahomet ABC Mahomet, D
100. Paraíso ABC paraíso D
102. escandinavos ABC escandinavos, D
104. delicada do que ABC delicada que D
106. artista, por exemplo, pintar a ABC artista pintar, por exemplo, a D
107. Sylvia, como nympa AB Sylvia, como unica nympa C Sylvia, uma nympa D
110. certo; ABC certo: D
111. espume, ABC espuma, D
112. o citado Mahomet, ABC o mencionado Mahomet, D
114. vinho ABC vinho, D
117. Paraíso algum: A Paraíso algum. BC paraíso algum: D
118. /«Vina bibunt homines, animalia coetra fontes.» *itálico*/ ABC /«Vina bibunt homines, animalia coetra fontes» D
Em B, termina aqui o excerto publicado no n.º 1713 do jornal. Tem continuação no número seguinte.
121. que deixo exposto, ABC que fica exposto, D
123. cortezanar A cortezarias BCD

- Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*
124. esta materia ABC esta importante materia D
- 125-6. ácerca do 2.º dos assumptos graves ABC ácerca da segunda das acusações graves D
127. do illustre redactor da /Mala *itálico*/: ABC do sabio critico: D
128. /os novos *itálico*/ ABC os /novos *itálico*/ D
134. /Reporter *itálico*/, AB /Reporter *itálico*/ C /Reporter *itálico*/, D
141. e qual, A o qual, BCD
- Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*
144. A acurval-a ao A Acurvada ao B Acurvado ao C Acurvada ao D
- Em A e C, as variantes resultam de gralha tipográfica.*
147. flôr, ABC flôr D
151. «Quando AB Quando C «Quando D
152. profundo A profundo BC profundo, D
155. amando!» ABC amando.» D
157. d'este A D'este BCD
158. transformação operada neste soneto, ABC transformação por que fiz passar este soneto, D
159. que eu confessei que ABC que reconheci que D
163. grega, ou romana, A grega, ou á romana, B grega, ou romana, C grega e á romana, D
- 169-70. «/Pied *itálico*/, chaque syllabe d'un vers.» E ABC «Pied chaque syllabe d'un vers.» || E D
- 172-3. o menos que poderia ter seriam 24 syllabas metricas, e, ABC o menor numero de syllabas metricas que poderia ter seriam 24, e D
177. jambo) – e ABC jambo) e D
181. hexametro A hexametro, B hexametro C hexametro, D
182. /Georgicas *itálico*/ ABC / Georgicas *itálico*/, D
183. Larousse, ABC Larousse D
185. Que a chupodante putrem /sonitu *itálico*/ quatit ungula campum, A Quadru-
pedante putrem sonitu quatit ungula campum, B Quo empedante putrem
sonito quatit ungula campum, C «Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula
campum», D
- Em A e C, as variantes resultam de gralhas tipográficas.*
188. ella a de dizer-se, como AB ella de dizer-se, como C de se dizer, como D
191. visconde ABC Visconde D
192. acima indicamos, de ABC acima indiquei, de D
193. amadores de verso AB amadores, do verso C amadores do verso D
196. grego, isto é, o verso de A grego) isto é, o verso de B grego, isto é, o verso
de C grego) isto é, o de D
198. chorêo; 2.º de dois ABC chorêo; o 2.º de dous D

- 199-200. centraes breves, e 3.º e de mais duas A centraes breves, e 3.º um de duas B centraes breves, e 3.º de mais duas C centraes, breves; e 3.º de um de duas D
200. pé de duas syllabas, a primeira longa, A pé que tem a primeira longa B pé de duas syllabas, a primeira longa, C pé que tem a primeira longa D
203. versos, que ainda ABC versos, a qual ainda D
205. hexometro, – os AB hexametro, – os C hexametro, os D
Em A e B, as variantes resultam de gralhas tipográficas.
- 206-7. que os dos outros ABC que os applicados aos outros D
210. dois ABC dous D
- 211-2. isso a esses versos terem de ordinario, – mas não sempre, – no centro, dois ABC isso a terem esses versos de ordinario, mas não sempre – no centro, dous D
212. já fizemos notar, ABC já fiz notar, D
213. e imbuído nessas idéas erróneas A e, imbuído nessas idéas erróneas, B e imbuído nessas idéas erróneas C e imbuído nessas idéas erróneas, D
214. dois de seis syllabas, jungidos dois a dois, ABC dous de seis syllabas, jungidos dous a dous, D
222. poderem supportar essa especie de versos, ABC poderem tolerar semelhantes versos, D
227. alexandrino ABC alexandrino, D
- 230-31. que para fundir-se A que possa fundir-se BCD
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
231. caso ABC caso, D
- 232-3. tem de, para o meio do verso, andar em procura de palavras ABC tem de andar em procura, para o meio do verso, de palavras D
234. desenvolvimento de ABC desenvolvimento do D
237. existir, ABC existir D
243. coisa ABC cousa D
244. dois versos rimados, e dois ABC dous versos rimados, e dous D
245. razões ABC razões, D
246. dois ABC dous D
247. afirmar ABC afirmar-se D
249. verso, A versos BCD
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
253. e dos gregos, ABC e grêgos, D
254. decasyllabo) ABC decasyllabo), D
257. critico da /Mala *italico*/. ABC critico. D
Em B, termina aqui o excerto publicado no n.º 1714 do jornal. Tem continuação no número seguinte.
- 262-3. pensamentos. || Tenho-me ABC pensamentos. Tenho-me D
266. verre.» ABC verre» D
269. estes estimaveis instrumentistas ABC estes apreciaveis instrumentistas D

271. dois ABC dous D
272. França havia o Verlaine, um autor difficil, como diria A França, havia o Verlaine, um autor difficil, como diria B França havia o Verlaine, um auctor difficil, como diria C França, havia o Verlaine, um autor difficil, como dizia D
274. /Lear *itálico*/; – ha o ABC /Leer *itálico*/; havia o D
275. encarnou, para ABC encarnara, para D
276. Pöe: ABC Pöe; D
277. /Blanche *itálico*/, ABC /Blanche *itálico*/ D
279. existem, isso A existem, e isso BCD
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
282. respeito esses ABC respeito estes D
283. coisa ABC cousa D
285. Como, talvez, ABC Como talvez D
287. a esse ABC a este D
288. em que toda A em toda B em que toda CD
289. de arte. ABC d'arte. D
292. que supponho minhas ABC que, se me não engano, são minhas D
293. como som, A com som, B como som, CD
Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.
297. exemplo ABC exemplo, D
301. exemplo ABC exemplo, D
306. esmagadora! ABC esmagadôra? D
324. Ristori, silenciosa, aponta para a porta da A Ristori, silenciosa, aponta para a porta de B Ristori, silenciosa, aponta para a porta da C Ristori, aponta para a porta de D
326. desculpe: AB desculpe; C desculpe: D
327. custo, como ABC custo, e como D
330. quadras A quadras, B quadras C quadras, D
334. digo –: arrancar-me, – porque ABC digo arrancar-me, porque D
339. aguda A aguda, B aguda C aguda, D
341. isso ABC isso, D
342. assim; ABC assim: D
343. sente ao lêl-a, uma coisa A sente ao lêl-a, uma cousa B sente ao lêl-a, uma coisa C sente, ao lêl-a, uma cousa D
344. arrasta; que o seduz, uma coisa A arrasta, que o seduz; uma cousa B arrasta; que o seduz, uma coisa C arrasta; que o seduz; uma cousa D
347. coisa A cousa B coisa C cousa D
348. arte, ABC Arte, D
350. ainda; A ainda, BCD
352. assumptos, ou os «motivos» ABC assumptos ou «os motivos» – D
356. /nocturna *itálico*/ ABC /Nocturna *itálico*/ D

357. dois ABC dous D
359. coisa, AB coisa C cousa D
360. duas coisas vulgares, communs, e a Arte A duas scenas vulgares, communs, e a Arte BC duas scenas vulgares, communs, e a arte D
- 360-61. alto e luminoso fastigio. ABC alto fastigio. D
362. livro, para ABC livro de versos, para D
363. da illustrada critica, ABC do illustrado critico, D
364. triviaes, como os dos meus ultimos livros, ABC triviaes como os do meu ultimo livro, D
365. grande arte. ABC Grande Arte. D
368. /«Soldados, *itálico*/ AB /Soldados, *itálico*/ CD
369. /contemplam! *itálico*/ as gravemente sentenciosas, como a A /contemplam!» *itálico* / as gravemente sentenciosas, como a B /contemplam! *itálico* / as gravemente sentenciosas, como a C /contemplam! *itálico* / as gravemente sentenciosas, como as D
371. /rois! *itálico*/ – e ABC /rois!» *itálico*/, e D
373. /me: *itálico*/ A /me, *itálico*/ BC /me: *itálico*/ D
377. Ursa-maior. ABC Ursa Maior. D
378. Anthero do Quental A Anthero de Quental BCD
383. introito ABC introito, D
384. desertas, versificarei o rir silencioso ABC desertas, metreficarei o riso silencioso D
385. extranhos, de narizes ABC estranhos, com narizes D
386. seguir-me-ão ABC seguir-me-ão, D
- 387-8. /Alen *itálico*/, transposto o ádito, onde se lê o fatidico /Lasciate *itálico*/ A / Alem *itálico*/, e transposto o ádito onde se lê o fatidico /Lasciate *itálico*/ B / Alem *itálico*/, e transposto o ádito, onde se lê o fatidico /Lasciate *itálico*/ C Além, e transpondo o ádito onde se lê o /Lasciate *itálico*/ D
388. Paulo Malesta A Paulo Malatesta BCD
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
389. Rimini, e o metrificarei em versos menos pedregosos que o do divino Ali-ghière. Nas azas d'esse beijo voluptuoso ABC Rimini. Nas azas d'esse beijo voluptuoso, D
390. mundo, mas, desenganado ABC mundo, e desenganado D
391. hymnerio A hymnário BCD
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
393. sinceramente religioso dos ABC sinceramente catholico dos D
394. grande arte, ABC Grande Arte, D
395. occupado, – um A occupado – um B occupado, – um C occupado – um D
- Data. 1-12-97. ABC □ D

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste texto. A primeira corresponde à redação do *Jornal do Commercio* (depois revista nas impressões

d' *A Correspondencia do Norte e da Nova Alvorada*); a segunda encontra-se registada no livro *Por Montes e Valles*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

I. Em D, o autor faz acompanhar o texto da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 225-227):

QUESTÃO LITTERARIA

Um dos nossos mais distinctos e considerados homens de letras, fazendo um beningno juizo critico ácerca do meu ultimo livro: Viagem por terra ao paiz dos sonhos, entendeu, como já referi, que alguns dos versos de um soneto ahi contido não obedeciam ás regras de construcção dos dodecasyllabos francezes, vulgarmente chamados alexandrinos, e que por isso estavam defeituosos.

Desde logo foi minha intenção sair a terreiro para refutar o inesperado assérto no sentido de que não havendo lei que obrigue a construir os dodecasyllabos, só e unicamente, segundo o systema francez, podiam ser feitos segundo as regras geraes da metrificacção portugueza, como eu os fizera, e que por isso, e quanto ao metro, estavam regularmente bem feitos. Aquelle escriptor, porém, era um dos da geração litteraria a que eu pertencia, além d'isso, amigo a toda a prova desde os nossos tempos de Coimbra, de sorte que, por estas razões, e tambem para que elle não suppuzesse que eu me offendera com as suas benignas observações, entendi que não devia atirar-lhe directamente a luva em campo aberto á lide, dando ao publico o espectáculo, de que o inglez tanto gosta, de um combate de gallos, entre pessoas amigas, e entendendo-o assim, esperei ensejo propicio para realizar o meu intento.

Deparou-mò um escriptor desconhecido, critico official na Mala da Europa, o qual discursando com proficiencia a respeito do mesmo livro, fizera suas aquellas mesmas idéas ácerca da construcção dos dodecasyllabos, lamentando que eu os não preparasse á franceza. Ora, como o assumpto era pesado e sobremodo enfadonho, e o escripto do citado autor, pela sua variada contextura, continha elementos para outros mais alegres, aproveitei-me d'estes para fazer digerir aquelle, e nesse sentido escrevi as linhas que, sob o titulo de Um juizo critico saíram no Jornal do Commercio, de Lisboa, esperando eu que o meu hypothetico adversario acceitasse a diversão no campo galhofeiro em que eu a collocara.

Enganei-me, porém, redondamente. O homem tomou a serio o que eu dissera a rir: suppoz que o aggredira na sua inviolabilidade de Aristarcho, e em prosa secca, fria, e tremente de indignação, rebateu, de nariz franzido, as minhas suppostas asserções.

Não obstante, e apesar de mal ferido, voltei á carga, isto é, á questão dos alexandrinos a qual precisava de mais amplo desenvolvimento, visto terem apparecido na arêna novos combatentes em refuerzo a Murillo, mas para que não se entendesse que eu me acobardara diante do alfange agudo do feroz sicambro, a elle me dirigi tambem, e, no mesmo tom do escripto anterior, tratei de obter, por meio de vozes comedidas, em

que o receio manifestamente se revelava, se não uma paz digna, pelo menos o perdão das almas generosas.

Foi o que me perdeu: sup pôz que o desacatara em sua dignidade de juiz supremo, e fóra de si, e perdida a tramontana, vibrou-me ás cegas tão valentes cutiladas que me deixou sem alentos de vida.

Nestas circunstancias, não tinha outro partido a tomar: fugi da liça, não vencedor como Achilles depois do seu combate com Heitor, mas derreado como elle, e foi então que «em minha reputação dubia foi observada uma brecha de morte.»

Tal é a origem, e taes foram as lastimosas consequencias da chamada questão litteraria.

As Barbas de Carlos Magno saíram-lhe do ventre.

II. Este texto, originalmente publicado no *Jornal do Commercio* (a 4 de dezembro de 1897), insere-se numa polémica mais vasta, que se travou nas páginas da imprensa periódica (vd. o Arquivo documental III do poema n.º 124).

Mais concretamente, a réplica de Penha vem na sequência de uma recensão hostil à *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, que Delfim de Brito Guimarães publicara na *Mala da Europa*, a 15 de novembro de 1897 (vd. texto reproduzido no Arquivo documental II do n.º 718).

Na nota que acompanha o texto, comentavam os editores do *Jornal do Commercio* (n.º 13194, p. 1):

Um juizo critico

Cremos que a nossa namorada ala litteraria entrará na luta ao cartel de desafio que João Penha tão denodadamente lhe lança das columnas do *Jornal do Commercio* que distinguuiu para esse arremesso.

Da pericia e brilho do ataque, só temos que chamar para elle a attenção dos nossos leitores. Quanto á valentia e lustre com que o Mestre terçará, no modo como rompe o prelio incrudente está o penhor de que contará mais um feito d'armas.

Á luta, pois, porque, ainda que certa a derrota do adversario de João Penha, ficar-lhe-ha a gloria de ter proporcionado ensejo á victoria do vencedor, e assim haverá concorrido para arrancar do torpor os amodorrados campeões das nossas lettras.

E osculamos os guantos de João Penha por brandir a sua arma nas nossas columnas.

Efetivamente, os argumentos do poeta continuaram a suscitar reações acesas, nos seus opositores, como testemunha o seguinte comentário de Alberto Pimentel, n' *O Popular* (n.º 537, p. 1) de 5 de dezembro do mesmo ano:

Questão litteraria

O *Jornal do Commercio* publicou hontem um notavel artigo de João Penha em resposta a algumas observações da critica que, na *Mala da Europa*, o sr. Delfim de Brito Guimarães fizera ao livro de versos *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*, d'aquelle illustre poeta.

Por ora a discussão está travada entre os dois escriptores, e nenhum d'elles precisa certamente de reforço alheio. Comtudo, seria interessante que a discussão se generali-

zasse, como se diz no parlamento. A theoria de João Penha, a respeito da formação dos alexandrinos, é engenhosa, e por isso mesmo digna de suscitar larga polemica.

Castilho, se fosse ainda vivo, não ficaria silencioso: quebraria lanças em defesa dos alexandrinos pelo teor por que os ensinou a fazer.

A respeito da phrase de João Penha «que um poema escripto em parelhas de alexandrinos a franceza outra coisa não é que um poema escripto em quadrinhas de seis syllabas», Castilho reeditaria decerto a resposta que deu ao imperador do Brazil.

O illustre traductor de Virgilio tinha ido ao Rio de Janeiro para fazer a propaganda do seu methodo de leitura.

Visitando o imperador, fallaram de versos alexandrinos, de que o sr. D. Pedro II não gostava.

– Por fim de contas, dizia o imperador, tanto vale fazer um alexandrino como dois versos de seis syllabas.

– Perdão! contestou o poeta. Quando vossa magestade arde com sêde, o que é que mais o satisfaz: beber dois copinho d'agua ou pôr á bocca um copasio de palmo e pico? O imperador, rindo, deu se por convencido.

Pois se Castilho vivesse ainda, á la-fé que traria argumentos novos á discussão.

Em todo o caso, a questão apresenta se vibrante e interessante, e a luva foi levantada com galhardia por João Penha.

Ao côro de objeções, juntar-se-ia também o seguinte comentário do jornal *Tarde* (n.º 3007, 6 de dezembro de 1897, pp. 1-2):

Questão litteraria

Alexandrinos e asclepiadêos

N'uma critica ao livro de versos de João Penha, Viagem ao paiz dos sonhos, publicada na Mala da Europa, o sr. Delfim Guimarães joga esta floretada á metrica do poeta (sem adjectivo, porque o dispensa):

Pena é que o poeta, seguindo os novos não consagrasse á factura dos alexandrinos o cuidado que as boas regras poeticas dispensam.

João penha, no Jornal do Commercio, pára galhardamente o bote e responde:

Os versos de doze syllabas podem ser construidos á franceza, e chamam-se alexandrinos, ou á grega, ou romana, e então chamam-se asclepiadêos.

Depois de uma rapida dissertação, habil e erudita, chega a estas conclusões:

Um poema escripto em parelhas d'alexandrinos á franceza, outra coisa não é que um poema escripto em quadrinhas de seis syllabas, com dois versos rimados e dois brancos.

Essa forma de versos deve ser repellida de entre nós, construindo-se os versos de doze syllabas como elle os construiu na Moribunda, isto é, exactamente como os decasyllabos, só com a differença de que em logar de dez devem ter doze, naturalmente.

O sr. Delfim Guimarães naturalmente replicará ao poeta.

A questão não é nova. O Popular de hontem o prova, contando esta anecdotia:

O illustre traductor de Virgilio tinha ido ao Rio de Janeiro para fazer propaganda do seu methodo de leitura.

Visitando o imperador, fallaram de versos alexandrinos, de que o sr. D. Pedro II não gostava.

– Por fim de contas, dizia o imperador, tanto vale fazer um alexandrino como dois versos de seis syllabas.

– Perdão! contestou o poeta. Quando vossa magestade arde com sêde, o que é que mais o satisfaz: beber dois copinhos d'água, ou pôr á bocca um copazio de palmo e pico?

É possível que isto seja exacto. Nós o que sabemos, por o termos lido ha muitos annos, é que o visconde de Castilho teve larga discussão com seu irmão, o conselheiro José Feliciano de Castilho, a proposito dos versos de doze syllabas. O conselheiro era pela construcção hoje defendida por João Penha, ou pelos asclepiadêos. O auctor dos Ciumes do Bardo quebrava lanças pelos alexandrinos. Nessa amena conversação apparece o feliz simile dos dois copinhos e do coparrão.

E agora uma humilde observaçãozinha.

João Penha sustenta que «o alexandrino construido á franceza não pode tolerar-se: faz mal aos nervos, sobretudo aos auditivos. Para não offender nem uns, nem outros, propõe o poeta – que o verso de doze syllabas se construa como o decasyllabo, com a só differença de em vez de dez, ter doze syllabas.

No livro de versos Rimas não ha uma só composição em versos de doze syllabas. Na Viagem por terra ao paiz dos sonhos, duas, uma quadra e um soneto. Vamos reproduzir-as grifando os asclepiadêos.

A quadra é esta:

Cosmogonia

Assim que um poeta morre, ascende ao céu profundo

E logo resplandece em paramos ditosos.

D'um poeta que expirou resurge um novo mundo:

Os poetas são os germens dos astros radiosos.

O soneto é este:

No grande leito eburneo, macilenta a face,

Acurvada ao seu mal, e já sem movimento,

Esperava infeliz, de momento a momento,

O golpe derradeiro, o triste desenlace.

Era como uma flôr que a brisa ao chão lançasse

E naquelle profundo e mésto abatimento,

Sempre de olhos fechados, muda e sem alento,

Não respondera a Deus, se Deus a interrogasse.

Cheguei-me compungido, e então lhe disse: Quando

Déres entrada, além no ethereo azul infindo,

E entre os anjos ditosos resurgires, voando,

Extaticos dirão: Oh ceus! que rosto lindo!

E viverás feliz mais que na terra, amando!

Então abriu os olhos, e expirou sorrindo.

Em desoito versos, João Penha compoz treze alexandrinos, verso intoleravel que faz mal aos nervos, sobretudo aos auditivos, e cinco asclepiadêos.

Não sabemos o que dirá a discussão. A votação é contra João Penha, que tem apenas 5 votos contra 13.

Embora num tom mais afável, Cândido de Figueiredo não deixou igualmente de manifestar as suas reservas, face à argumentação do poeta (*O Reporter*, n.º 1791, 11 de dezembro, p. 2):

Prosa de João Penha

São conhecidos, e conhecidos com applauso, os versos do autôr das Rimas e da Viagem ao paiz dos sonhos. Das prosas de João Penha, o publico conhecia apenas, se tanto, algum prefácio, alguma nótula dispersa. Hoje porém posso registar do poeta mais largo escrito em prosa, nada menos de 42 linguados, que franjaram, há dias, a primeira e a segunda columna do Jornal do Commércio.

Procura elle demonstrar, com muita habilidade, mas talvez sem grande êxito, que, em português, podem fazer-se versos de dôze syllabas, que não sejam alexandrinos; como procura respônder a várias observações criticas de um redactor da Mala da Europa, Delfim Guimarães.

A respeito de alexandrinos, já eu, em conversa amiga com o poeta, lhe disse o que me occorria, e, por agora, não voltarei á vacca fria. Quanto ao mais, nada tenho em que intervir; mas, diante da prosa do poeta, sinto a tentação de dar conta della aos que a não vissem ainda.

Pura, ligeira, e levemente irónica, a prosa de João Penha reflecte, a par do seu temperamento moral e artistico, a sua cultura literária.

Darei uma amostra, que vale a pena.

[...]

Como era de esperar, todavia, o antagonismo mais verrinoso ao artigo de Penha viria com a tréplica de Delfim Guimarães, publicada na *Mala da Europa* a 13 de dezembro de 1897 (ano IV, n.º 101, pp. 2-3), e mais tarde compilada no opúsculo *A “Viagem por Terra” do Sr. João Penha* (Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1898, pp. 11-24):

O sr. João Penha

*«Mais souvent sur ses vers un auteur intraitable
A les proteger tous se croit intéressé
Et d'abord prend en main le droit de l'offensé.»*

São de Boileau-Despréaux os versos que transcrevo, e que vulgo bem cabidos no cabeçalho do artigo que sou forçado a escrever.

Noticiando a aparição do ultimo trabalho litterario do glorioso auctor das «Rimas», tive occasião de dizer na secção bibliographica da Mala da Europa algumas palavras sobre a obra poetica do sr. João Penha. Não fui aggressivo nem menos cortez nas ligeiras apreciações que me permitti fazer. Como, porém, não fui lisongeiro nem me prostrei em parvoa adoração ante a Viagem por terra, o illustre litterato sentiu-se magoado, e o seu indomavel orgulho explodiu, dando signal de si n'um artigo humorístico publicado no Jornal do Commercio, – artigo que a redacção d'este estimado collega recebeu jubilosa, fazendo desde logo a prophesia da minha derrota na peleja travada com o distincto cantor dos paiois de Lamego.

Dizer que me desgostou a replica, seria faltar á verdade; nem a replica me desgostou nem me senti magoado com o modo ironico por que o distincto poeta se refere no seu artigo á minha humilde pessoa. Conheço bem a enorme distancia que separa o meu obscuro nome litterario da aureola fulgentissima que circunda o nome do sr. João Penha. S. ex. porém é que parece ter olvidado essa distancia, comprazendo-se em procurar rebaixar o pouco que valho como escriptor, para accentuar a sua superioridade. Ora toda a gente sabe que o sr. João Penha tem de ha muito um nome feito nas letras portuguezas. Como a pescada, o sr. João Penha antes de ser o poeta consagrado das Rimas, já era um grande poeta. Toda uma geração academica se encarregara de espalhar aos quatro ventos do reclamo a fama do vate illustre que se immortalisara na Lusa Athenas pelos bons ditos. O que a outros custa muitos annos de trabalho insano e muito desgosto conseguiu-o o sr. João Penha facilmente: pela galhofa. N'um paiz de tristes surgira um temperamento de bisarro esturdio. Era certo o successo. Assim, muito antes de gemerem os prelos com as Rimas, já o poeta era uma gloria nacional. Appareceram as Rimas. O livro era alegre, cantava as femeas e o vinho, revelava um artista original. O publico gostou, mas a fama do poeta não subiu por tal facto: estava de ha muito consolidada.

Ao contrario, quem escreve estas linhas, conta apenas cinco annos de vida litteraria, assignalados por um ou outro trabalho modesto, e o nome que tem conseguido grangear é tam obscuro, anda tam pouco nas asas do reclamo que o eminente poeta da Viagem por terra o desconhecia. Disseram-lhe, porém, que eu era poeta, segundo confessa no artigo publicado no Jornal do Commercio. Fez bem s. ex.^a em não dar grande credito á informação, que é menos verdadeira. Poetastro, simples poetastro me preso de ser, não ambicionando outra gloria que não seja a de manter limpido o pequenino nome que consegui mercê do meu trabalho. Não sou ambicioso como vê.

Consignado isto para que o laureado poeta não continue a julgar-me engalanado com pennas de pavão que não possuo, pássos ao assumpto que motivou o lançar mão da penna.

*

Diz o insigne vate do Vinho e fel que eu na minha apreciação sobre a sua obra chegara a estas duas conclusões: 1.^a, que os versos da VIAGEM POR TERRA AO PAIZ DOS SONHOS teem cabellos brancos e ainda são inferiores aos das RIMAS, livro secundario que está longe de ser uma obra prima; 2.^a, que o auctor d'essas duas mediocres collecções de versos é tam pouco original que, sem comtudo plagiar ninguem, se plagia a si mesmo.

A quem, na melhor boa-fé, se deparar o artigo do sr. João Penha que não tenha lido o que escrevi sobre a obra do genial artista, as conclusões citadas são de molde a impressionar desfavoravelmente. Mas assim não é. Eu não escrevi o que o poeta me accusa de ter escripto; não cheguei a taes conclusões, nem poderia chegar sem correr risco de ser apodado de pouco consciencioso.

Recommendo ao poeta insigne nova leitura da minha critica, e peço-lhe que se sirva do monoculo, não se dê o caso de vêr mal novamente.

Eis em resumo o que eu escrevi, que é um tanto differente do que o sr. João Penha escreveu no substancioso artigo publicado em folhetim do Jornal do Commercio:

Nas Rimas revelou se o sr. João Penha um poeta de altos recursos, parnasiano distincto, temperamento muito original, ainda que abusando dos paios, do vinho e das hespanholas para dar um tom mais pessoal ás suas poesias. Que as Rimas eram um bello volume, mas que em minha opinião não constituíam a obra-prima que se deve esperar de quem como o sr. João Penha possui em alto grau o sentimento artistico.

Que na Viagem por terra o egregio poeta dava ao publico grande numero de produções contemporaneas das Rimas, em que se notavam as mesmissimas notas e motivos, – produções, a meu ver, eguaes senão inferiores ás do primeiro livro publicado, e aventurava-me a dizer que não se tratando de uma reedição das Rimas em que taes poesias podiam ter cabimento não comprehendia a rasão por que o sr. João Penha as dera á publicidade, tanto mais que ao preparar o primeiro livro escolhera, segundo é facil avaliar, as melhores joias do seu escripto poetico.

Isto escrevi e isto sustento. Como o leitor vê, nem disse que as Rimas eram um livro secundario, nem chamei mediocres ás composições dos dois volumes do poeta das hespanholas, nem cahi no absurdo de dizer que o sr. João Penha se plagiava a elle proprio! Mas como não o classifiquei como o primeiro poeta das Hespanhas, o que seria fazer offensa ao cantor dos Lusíadas e como tive o arrojo de dizer que o sr. João Penha se repetia, tornando-se massudo, d'ahi o despeito do principe dos poetas bracarenses, e as palmatoadas que procurou ministrar-me o original auctor.

Mais diz o vate illustre que eu pondo em relevo o seu hespanholismo exuberante o accuso de levar tam longe a mania que até chega a rimar comas com pomas! Decididamente o sr. João Penha precisa de substituir o monoculo. Eu não disse tal. Notei apenas o abuso que o douto artista se permittia de taes rimas para celebrar as bellas plasticas do visinho reino.

E, coisa curiosa, para se desculpar do culto que professa por andaluzas e sevillhanas, diz o poeta que todos os artistas dignos d'este nome teem um horror profundo a tudo o que os cerca, porque isso que os cerca é a realidade nua e crua, e em toda a obra artistica deve haver o quer que seja de ideal, de longinquo, de indefinivel.

Fico sabendo que o ideal, o quer que é de longinquo, vago e indefinivel das obras do sr. Penha consiste nas comas e pomas das hespanholas. Poder-me-á dizer s. ex.^a se a morraça, os paios e os presuntos das suas estrophes traduzem o quer que seja de ideal, de vago e indefinivel?

Sobre este assumpto – o da sua predilecção pelas niñas do Guadalquivir – cita o genial cantor exemplos de artistas de nomeada que de preferencia consagraram os accordes das suas liras a bellas estrangeiras, e dá a entender que a sua inclinação não é nada platonica, se traduz praticamente... Está aqui está feita a união iberica!...

Disse eu na Mala da Europa que o glorioso bardo não contente em celebrar amiude as filhas da patria do Cid tecia canticos réclamando a cerveja alleman e elevando ás nuvens o sumo da parra. Protesta o poeta quanto á cerveja alleman, e com alguma rasão, é justo confessar, pois que a cerveja hoje em dia póde ser alleman, franceza, ingleza e não sei se até bracarens... Em todo o caso, ao dizer alleman a bebida loira cantada nos versos do original artista, obedeci ao conhecimento – talvez erroneo – que possuia de que a doirada ambrosia fora invenção de Gambrinus, o lendario monarcha de Flandres e Brabante, cuja bonacheirona e cervejatica figura é ornamento das brasserias da Germania augusta.

Mas leva o protesto mais longe o original auctor, declarando por fôrma resoluta que nunca nas Rimas e Viagem, fez poesia alguma á cerveja alleman. Ponho de parte a procedencia da cerveja, que julgava e julgo de procedencia germanica, e vou dar-me á tarefa de indicar poesias do insigne poeta em que a cerveja apparece em scena, ora loirejante ora com duvidoso aspecto, conforme a grandiosidade dos assumptos em que tem de intervir, e a que dá especial relevo e um certo espirito – ainda que inferior ao do vinho, que o poeta muito aprecia e de que é cantor tambem.

Vejamos:

No soneto Camena das Rimas:

*Olhae-a: que poesia!
Na dorna da Arethusia
Lá enche agora a infusa
De classica ambrosia.*

*E aos labios de cereja
Eleva, airosa e rindo,
O copo de cerveja!*

No soneto Tudo escurece; das Rimas,

*Ora a taça do velho syracusa
Não vale um copo de cerveja ingleza.*

Nos Outros tempos da Viagem:

*Não lhe dês agua, que é uma cousa antiga.
Dá-lhe abundante em cada rocha um Bass!*

No Dentibus albis do mesmo livro:

*Vem tu, oh Bass: empunha a chave ingleza:
Arranca-me este amor que me devora!*

No Fi, do referido livro:

*Mas, d'esse bojo de Moloch ingente,
Se a ponta d'um florete o perfurasse,
Só jorraria o liquido de Bass,
Sangue impuro, com fezes d'agua-ardente!*

Como os leitores vêem pelos versos que deixo transcriptos, a cerveja abunda nas poesias do sr. João Penha. Não constitue isto, com effeito, um cantico dos canticos, mas o conspicuo e genial poeta das Rimas ha de concordar que o reclamo á ambarina ambrosia de Gambrinus pouco encerra de ideal, de longiquo, vago e indefinido.

Pondo a cerveja de parte, direi o que se me offerece como resposta ao que o luminoso poeta diz em defeza dos versos de dose sillabas que eu ousei atacar – crime inaudito e tanto mais censuravel quanto é certo que escriptores laureados o haviam commettido em primeira mão! Como não tive a dita de ser o primeiro mortal a noticiar a apparição do volume do saléroso poeta e ao dar-me á espinhosa tarefa notei, entre outros pontos escuros, um que já fora registado por um distincto escriptor, tira d'ahi o sr. Penha a conclusão estupenda de que eu, como não podia deixar de ser, me fiz echo de um tolle geral.

O parnasiano dos presuntos de Melgaço diz mais adiante, servindo-se de um verso d'esse bello poeta que foi Musset, que o seu copo é pequeno, mas que nunca se utiliza da taça do parceiro, pelo simples motivo, claro está, de ter em casa o vinho preciso para não ver nunca o fundo ao copo. Estou plenamente de accordo e até convencido de que

o poeta, amando como ama o sumo da parra, possui armazenadas algumas pipas. Ou por outra: o sr. Penha não precisa de pedir a ninguém o que tem de sobra: ideias e vinho.

Não permite, porém, o sr. João Penha que outros míseros mortaes possuam alguma coisa de seu, e assim tratou logo de me arrancar a paternidade de um juízo formulado sem que n'êlle influíssem tolles de qualquer especie. E diz o poeta: como não podia deixar de ser! O que podia muito bem deixar de ser era a insolita afirmativa do sr. Penha.

Mas vamos ao caso dos versos, que é o interessante:

O sr. Penha, que nas Rimas não incluiu verso algum de 12 sillabas, insere no ultimo livro uma quadra e um soneto em versos de esse metro, mas sem observancia do que as artes poeticas recommendam quanto á cesura.

O sr. dr. Candido de Figueiredo, no Reporter, condemnou o delicto do luminoso vate ao occupar-se da Viagem por terra. Na Mala, por igual, me permitti condemnal-o com convicção e não por imitação, como o sr. Penha suppõe.

Quando já composto o artigo publicado na Mala, vi no Reporter uma noticia firmada pelo sr. dr. Candido de Figueiredo em que este distincto litterato dizia ter o sr. Penha corrigido os alexandrinos do soneto. Como, porém, os versos do soneto não eram os unicos sem cesura, deixei ficar o que tinha escripto, e ainda bem que o fiz, visto que o magistral auctor da Viagem por terra agora vem declarar que nos primitivos versos não havia a mais insignificante irregularidade, e que se os modificou (ligeira e quasi imperceptivelmente, no dizer d'êlle) foi apenas com o intuito de ser agradável ao confrade illustre que lhe apontara o senão.

Realmente piramidal (é o termo) a declaração do vate. Para ser agradável a um amigo modificou o poeta alguns versos, e vem agora dizer que a modificação ligeira, quasi imperceptivel, não é testemunho bastante para se concluir que antes de modificados estivessem menos correctos! Só lembra ao lirico dos paios esta descoberta assombrosa!

Procurando ministrar-me uma lição (obrigado, magister!) diz o sr. João Penha que os versos de dose sillabas podem ser construidos á franceza, e chamam-se alexandrinos, ou á grega, ou romana, e então chamam-se asclepiadêos, e, de Larousse em punho, enciclopedia a que chama e torna a chamar repositório de asneiras, abre a torneira da sciencia e dá sahida, não a vinho, nem a cerveja, mas a um verdadeiro manancial de agua-pé, para chegar ao desideratum de que pé e sillaba são coisas diferentes, e todo se amofina com o Larousse (pobre Larousse!) porque este confunde paios com presuntos: – isto é, a sillaba com o pé.

E diz elle que d'esta confusão laroussiana nasceu o dizer-se em terras de França e Portugal que o verso de 12 sillabas é composto de dois hexametros justapostos, o que equivaleria a dizer que um alexandrino era formado por 26 ou 34 sillabas, visto que um verso hexametro se compunha de 6 pés, dos quaes os quatro primeiros podiam ser spondeos ou dactileos, o quinto dactileo e o sexto spondeo, isto é, composto de 13 a 17 sillabas, se os meus calculos não erram.

Mas, vamos á questão em si, como diz o sr. Penha.

O asclepiadêo latino ou grego compunha-se, em regra – como diz o poeta – de quatro pés: d'um spondeo, de dois choriambos e de um jambo, ou seja um total de 12 sillabas. Na divisão harmoniosa das sillabas longas e breves assentavam os principios rithmicos do verso asclepiadêo, principios que se observavam na factura dos versos de metro differente em voga na poesia grega e latina. O sr. Penha confessa isto mesmo no

artigo publicado no Jornal do Commercio, escudado na opinião de Larousse, a quem pouco generosamente continúa a classificar de repositório de asneiras. É ser ingrato!

E o sr. Penha, depois de frisar o que deixo exposto, diz que o trovista francez Alexandre de Bernay, que lia á franceza o latim (o auctor das Rimas é pela leitura á Kikero) julgou ver que os asclepiadêos eram divididos em dois hemistichios, devido isso a esses versos terem de ordinario, – mas não sempre, – no centro, dois choriambos, os quaes acabam sempre por sillaba longa, e imbuido n'essas idéas erroneas transformou-os em versos de dois de seis sillabas, jungidos dois a dois, ou grudados um ao outro.

O que se conclue d'aqui? – A meu ver, que Alexandre de Bernay não cahiu em erro de qualidade alguma, e que se ha alguém em erro é o trovista da Viagem por terra. Em regra, como o sr. Penha o confessou, involuntariamente talvez, o asclepiadêo tinha uma cesura natural na 6.^a sillaba em virtude do pé choriambo terminar por sillaba longa. Dava-se o caso, e a sciencia laroussiana do sr. Penha o testemunha, que asclepiadêos havia de construcção differente da citada como regra corrente, mas, de ordinario (dil-o o poeta intangivel) o verso de dose sillabas era construido de um spondêo, de dois choriambos (os da sillaba longa) e de um jambo.

Muitissimo bem.

Querendo enriquecer a poetica franceza com um verso de novo metro, Alexandre, o citado trovista, escolheu o asclepiadêo latino, que passou a denominar-se alexandrino, do nome do seu introductor. Claro está que este poeta não foi buscar para norma da factura dos versos de dose sillabas senão a regra seguida – de ordinario – pelos romanos, da qual resultava uma cesura forçosa na 6.^a sillaba do verso. O sr. Penha entende, porém, que o poeta francez andou mal em seguir o em regra, e para desculpá-lo (santa generosidade!) diz que o homem lia o latim á franceza! Alexandre de Bernay seguiu a fôrma classica; o poeta das Rimas, que lê por diversa cartilha, entende que tal foi um erro e preceitua a factura do verso de dose sillabas pelo sistema seguido pelos bardos latinos que fugiam á regra ordinaria, como o sr. Penha hoje foge das regras do nosso Castilho.

Embirra o sr. João Penha solemnemente com os versos alexandrinos (que elle não reconhece como filhos legitimos dos asclepiadêos) e é tal o seu rancor (a cesura não lhe é simpathica!) que chega a dizer que Michelet, achando-os maus, seccos e monotonos, escreveu a sua historia em prosa, pondo de lado – é de presumir! – a ideia de compor o seu poema em alexandrinos... Que pena não ter sido o sr. Penha contemporaneo do grande homem! Tinhamos hoje pela certa um poema assombroso, construido em asclepiadêos – sem choriambos ao centro da fileira...

Diz elle que Victor Hugo jaz eternamente sepulto no seio dos alexandrinos (Victor Hugo é zero ao pé do cantor dos paios!) e que entre nós, como succede aos italianos e hespanhoes, o asclepiadêo construido á franceza (fôrma que corresponde á fôrma classica latina – repetirei eu) não pode tolerar-se, que faz mal aos nervos, e sobretudo aos auditivos. Aos nervos e sobretudo aos auditivos do sr. Penha, – estou em acreditar. O poeta é d'um temperamento delicadissimo: o que não sejam comas, pomas, paios e presunto – tudo quanto é ideal – o irrita. Ha d'estes neurones, é coisa averiguada!

No entender do conspicuo poeta a cesura é uma peia, um barranco que obriga o artista a andar em procura de palavras especiaes, o que, segundo o seu juizo, entrava a expansão do pensamento, e só isto basta para tornar os alexandrinos improprios para um assumpto largo. A difficuldade não é motivo bastante para que se ponha de

parte um metro que possui reaes qualidades. A meu ver, isso constituirá um estímulo para o artista. O genio encontra recursos para se desembaraçar com gallardia de lances arriscados, quando intente fazê-lo, e não será nunca pelo motivo de ser intangível para o maior numero que se ha de lançar por terra uma graciosa torre cuja escalada só é possível a gigantes!

Aos delicados auditivos do sr. Penha a cesura do verso alexandrino faz-lhe o effeito de um barranco que lhe quebra a vibração musical. Diz isto o poeta das Rimas! Ora a pausa, a que a cesura dá lugar, como succede na musica, facilita a ondulação rithmica, permittindo que a vibração musical seja mais harmoniosa, mais grata ao ouvido.

Se assim não fosse, o sr. João Penha, que – elle o declara – consagra á factura dos versos o cuidado e o amor de um virtuose, ao construir o soneto Moribunda e a quadra Cosmogonia devia, para ser logico, empregar apenas versos de dose sillabas sem cesura ou, quando não todos, a mór parte. Não o fez, porém, e assim tem de dar as mãos á palmatoria, porque cahiu n'uma contradicção manifesta.

Em 18 versos de dose sillabas, o sr. Penha só construiu 5 em harmonia com as suas regras: isto é, deu a preferencia ao alexandrino que lhe incommoda os nervos, e que é, a seu ver, mau, secco e monotono! Então os alexandrinos prejudicam a ondulação rithmica, e o eminente poeta não receia empregá-los de preferencia aos asclepiadêos irregulares, que julga magnificos?

O sr. Penha deu uma raia, ainda que lhe custe confessá-lo e não me perdôa o eu não acatar theologicamente o seu magister dixit...

Quanto ao dizer o poeta que um poema escripto em parelhas de alexandrinos á franceza outra coisa não é que um poema escripto em quadrinhas de seis sillabas, com dois versos rimados e dois brancos, affirmação que nem se recommenda pela originalidade, direi que ha sua differença, pois que nem de todos os poemas em versos de seis sillabas, o original auctor conseguiria fazer poemas em alexandrinos. E que necessidade ha de construir os alexandrinos em parelhas?! Já Michelet dizia que a versificação franceza, com os alexandrinos emparelhados, tem pouco movimento. É não os emparelhar, se assim são monotonos, mas nunca pô-los de parte porque são magestosos e de uma belleza incontestada, como se vê da obra grandiosa de Hugo (o da decadencia, na opinião do poeta do sumo da parra) e entre nós na obra fulgentissima de Junqueiro, na obra de Gomes Leal e de tantos outros.

E, se mais sobre o assumpto fosse necessario dizer, bastava confrontar os versos da Moribunda antes e depois de modificados, – modificação insignificante no dizer do auctor da Viagem, mas não tam microscopica que d'ella não resultasse belleza e sonoridade para os versos, que ficaram sendo, como os que já o eram, alexandrinos ou asclepiadêos segundo a regra geral, alexandrinos a valer.

Como eu, ao citar os versos de 12 sillabas do sr. João Penha, notasse que elle, libertando-se da cesura, seguira os novos, diz o notavel poeta que não gosta de ir atraz de ninguem, e dá a entender que eu quiz fazer pouco dos novos! Quanto á primeira parte, só tenho a felicitar o cantor dos paios pelos seus sentimentos, que lhe ficam muitissimo bem; mas seria imperdoavel não consignar aqui que, melhor do que o auctor das Rimas, conheço e aprecio a obra dos novos, entre os quaes, além de Eugenio de Castro, o cinselador bisarro, e Antonio Nobre, o estranho poeta, (os unicos que o sr. Penha conhece), são

dignos do nome de poetas de altos dotes: Julio Brandão, Alberto d'Oliveira, D. João de Castro, Manuel da Silva Gayo, Carlos de Lemos, Julio Dantas e Fausto Guedes Teixeira.

As obras d'estes camaradas merecem mais alguma coisa do que o respeito que o poeta das Rimas declara tributar ás obras de peso, como elle diz maliciosamente; impõem-se como trabalhos de valia, reveladores de alguma coisa ideal que é difficil encontrar nos trabalhos do illustre sr. Penha.

Não é nephelibata (ninguem o ignorava), nem parnasiano, diz o poeta bracaraense e pelas noções que dá da sua esthetica especial fica-se sabendo que é instrumentista, e instrumentista creador, pois que dotou o mundo musical (e litterario?) com uma nova nota de sonoro timbre: – a nota victoriosa. Carmim, côr berrante de uns labios, é, segundo a descoberta do sr. Penha uma nota aguda victoriosa. Ora o carmim é com effeito victorioso quando realça o tom pallido das faces de uma cocotte...

Depois, passando a explanar o que é a Arte, diz: quando o leitor depara uma poesia artisticamente trabalhada, sente ao lel-a uma coisa misteriosa que o prende, o arrasta; que o seduz, uma coisa que elle não sabe explicar, uma musica que o embala e o acompanha como uma serenata distante, de que apenas se ouvem uns sons vagos, voluptuosos e dispersos: essa coisa misteriosa é a Arte.

Peço perdão ao egregio artista. Essa coisa misteriosa é a emoção. O poeta que produziu a obra de arte, trabalhou-a com todo o amor, emprestou-lhe o fogo do seu genio, poz n'ella toda a sua alma: – em summa, fez arte. O leitor que lh'a admira, subjugado pela arte do poeta, sentiu uma emoção, tanto mais forte quanto mais intensa fôr a producção artistica: – a ideia que presidiu á sua factura, a execução que soube imprimir lhe, e não ha obra-prima que dispense o culto da ideia alliado ao culto da fórma, se assim posso dizer.

Pergunta-me o poeta que grandiosidade ha na Ronda nocturna de Rembrandt ou nos Beberões de Velasquez. Objectar-lhe-ei que ha a grandiosidade da execução, e permittir-me-ei dizer-lhe que o primeiro produziu o Descimento da cruz e a Ressurreição de Lasaro, e que o segundo, o magnifico, mostrou tambem que sabia alliar o bello da concepção ao maravilhoso da execução na sua Coroação da Virgem e no Quadro das lanças, obras de primeira grandesa. E sobre o assumpto nada mais direi, para não fazer gala de conhecimentos em que sou leigo.

Termina o poeta por declarar ironicamente que, satisfazendo as indicações dos criticos, vae metrificar as grandes phrases prudhommescas, cantar as tres virtudes theologaes, increpar o Padre Eterno e elevar untuosos canticos a Nossa Senhora.

Mas ninguem lhe pede sacrificio de tamanha grandesa, sr. Penha. V. Ex.^a é um bello artista, um requintado artista, mas necessita variar os motivos (continúo a preferir a fórma franceza) dos seus poemas; necessita de tornar praticas as suas theorias: – cantar o que é ideal, pondo de parte o prosaismo dos salpicões, que poderá dar como presente ao sr. José Luciano de Castro. Mais alma e menos fórma, se o quizer assim, pois que, de contrario, a repetir Viagens por terra o sr. Penha corre o perigo enorme de ficar irremediavelmente sepultado sob os paios e presuntos que o seu estro divinisa, – salvo se alguma salerosa hespanholita lhe cortar as cordas da lira, propondo-lhe sociedade para se estabelecer com uma salchicharia no Bom-Jesus do Monte!

E tenho dito.

O distinto poeta das Rimas permitiu que eu crusasse a espada com a sua espada de adamantina tempera. Fui desastrado por certo no manejo da arma, mas não me accusa a consciencia de ter sido menos leal. Fiquei derrotado na peleja? É possível! que a ninguém fica mal a derrota quando fez todos os esforços por sahir vencedor do combate...

7-12-97.

A polémica estava então ao rubro. Segundo testemunhos da época, «discutia-se o caso pelas livrarias, pelos cafés, chegava quási até à praça pública, e havia imprecações de todos os lados contra o réprobo que ousava impugnar a autoridade do mestre» (Campos Lima, “Há trinta e sete anos...” in Galino Marques, *In Memoriam de Delfim Guimarães*, Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.^a, 1934, p. 75). Por outro lado, os apoiantes do jovem contendor davam azo a remosques mais ou menos humorísticos, de que é exemplo esta quintilha, transcrita por Cândido de Figueiredo, n’ *O Reporter* (Lisboa: [s.n.]. Ano VI, n.º 1795, 16 de dezembro de 1897, p. 3):

[...]

Quando João Penha surpreendeu alguns amigos com meia dúzia de versos de dōze sillabas, que elle chama asclepiadeus, e que alguém poderia suppôr alexandrinos incorrectos, um gracioso poeta improvisou a seguinte quintilha:

*Nunca mais dinheiro eu tenha,
eu jante sempre pepinos,
todo o mal sobre mim venha,
se tu sabes, João Penha,
o que são alexandrinos.*

Não fala verdade, mas tem graça.

O eminente filólogo – que se confessava «velho amigo de um dos contendores, como apreciador e confrade de ambos em lidas de imprensa» – lavava assim as mãos, como «Pilatos, num credo pouco evangélico, mas bem architectado» (*O Reporter*, n.º 1793, 14 de dezembro de 1897, p. 2).

A polémica prosseguiria com João Penha, em artigo publicado a 6 de janeiro de 1898 (vd. próximos fragmentos editados neste número).

[Questão litteraria – II – Alexandrinos e asclepiadêos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos:

A – *O Jornal do Commercio* (dir. Mateus Pereira de Almeida da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 13219 (6 de janeiro de 1898), pp. 1-2; n.º 13223 (12 de janeiro de 1898), p. 1. Vd. descrição no fragmento anterior.

A réplica publicada no folhetim do n.º 13219 é constituída por dois excertos, delimitados por um separador. O primeiro coincide com o texto aqui editado, enquanto o segundo corresponde ao fragmento III.

Posteriormente, João Penha fez publicar uma errata no n.º 13223, corrigindo as falhas tipográficas – vd. *infra* Arquivo documental.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1721 (12 de janeiro de 1898), pp. 1-2; n.º 1722 (15 de janeiro de 1898), pp. 1-2; n.º 1725 (26 de janeiro), p. 1. Vd. descrição no n.º 99.

Penha faz transcrever este artigo, corrigindo algumas gralhas com que saiu n' *O Jornal do Commercio*. O texto original surge repartido por quatro exemplares diferentes, sendo este fragmento acolhido nos três primeiros.

C – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 108-121. Vd. descrição no n.º 719.

João Penha divide a réplica original (vd. *supra* testemunho A) em dois fragmentos distintos.

Anotação textual: emendas

- 25. – «Por] B; – Por
- 28. – «Perdão!] AB; – Perdão!
- 136. não.]; não.»
- 303. travamento da roda] AB; travamento de roda

Aparato genético

Título. A questão litteraria AB [Questão litteraria] C

Subtít. □ AB II | Alexandrinos e asclepiadêos C

- 1. Intitulo assim este livro escripto, A Intitulo assim este ligeiro escripto, B
Intitulo – Questão litteraria – este ligeiro escripto, C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.

- 3-4. por que não vejo realmente que outro titulo lhe possoa dar. A porque não vejo realmente que outro melhor titulo lhe possoa dar. B porque não descobri titulo mais adequado ou melhor a que o podesse subordinar. C
5. que me não parece AB que não me parece C
9. ou quizer dar AB ou me quizer dar, C
13. vou AB vou, C
17. no decorrer do combate o que AB no decurso da peleja o que C
25. – «Por fim de contas, A – «Por fim de contas B – Por fim de contas C
26. dois AB dous C
- 26-7. syllabas.» Ao AB syllabas.» || Ao C
28. – «Perdão! Quando Vossa Magestade arde com sêde, o que AB – Perdão! Quando Vossa Magestade arde com sêde, que C
29. de agua, A d'agua, BC
32. commigo A commigo, BC
- 32-3. só me costume convencer AB só costume convencer-me C
34. dois AB dous C
35. com isso concordou A com isto concordou BC
- 35-6. porque o não negou, AB porque não o negou, C
37. dois AB dous C
38. coisa senão que quem não tem melhores razões, AB cousa senão que quem não tem melhores razões C
39. sejam – de AB sejam razões de C
42. já fazia notar A já farei notar BC
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
44. coisa AB cousa C
45. asclepiadêo AB asclepiadêo, C
51. que, AB que C
55. uma especie contraria AB uma natureza contraria C
57. que desde ha AB que ha C
62. fastio se logo ás primeiras dentadas, se elle não A fastio se logo ás primeiras dentadas, elle se não B fastio, se logo ás primeiras dentadas, se não C
70. ou do Porto, da AB ou de Porto, do da C
73. preferirá realmente, ingerir a droga de uma só vez; d'ahi, AB preferirá, realmente, ingerir a droga de uma só vez; – d'ahi, C
74. unicamente se poderá concluir é AB unicamente poderá concluir-se é C
75. alarve com sêde de versos AB alarve, com sêde de versos, C
- 75-6. beber, a longos tragos – para AB beber – a longos tragos, – para C
78. argumento, que d'ahi se pretende tirar, A argumento que d'ahi se pretende tirar, B argumento que d'ahi se pretende tirar C
81. artificiaes A artificiaes, BC
84. expuz no meu anterior escripto, AB expuz na primeira parte d'este escripto, C
87. expoz no seu ultimo folhetim AB expoz, no seu ultimo folhetim, C

- 88-90. revelar n'esse escripto que não sabe nada ácerca d'esta materia, pois que até confunde a cesura dos versos portuguezes com a cesura latina, que é uma coisa muito diversa, mostrando até que ignora o que seja aquella) além AB revelar, por esse escripto, que ignora absolutamente o que seja a cesura dos versos portuguezes, que confunde com a dos versos latinos, sendo cousas muito diversas) – além C
91. assêrto AB assêrto, C
- 92-3. e, pelo contrario o alexandrino lusitano AB e que, pelo contrario, o alexandrino lusitano, C
- 95-6. a terreno, o fallecido visconde de Castilho, A a terreno: o fallecido visconde de Castilho, B a terreiro: o fallecido Antonio Feliciano de Castilho, C
99. as narizes, mas porque, A aos narizes, mas para que, B aos narizes, mas para que C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
102. /terra *itálico* / AB /terra, *itálico* / C
104. /d'oiro *itálico* / AB /d'oiro, *itálico* / C
105. verso como elle mais AB verso, como mais C
107. No grande eleito ebúrneo, AB «No grande leito eburneo, C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
108. No grande leito eburneo, emmagrecida a face,» AB «No grande leito eburneo, emmagrecida a face.» C
109. portuguez, AB portuguez; C
112. – «Quantas AB – Quantas C
115. elles não só porque os vejo silenciosos, /les leres closes, *itálico* / A elles, não só porque os vejo silenciosos, /les leves closes, *itálico* / B elles, não só porque os vejo silenciosos, /les lèvres clôses, *itálico* / C
Em A e B, as variantes resultam de gralhas tipográficas.
116. responder outra coisa. AB responder-me outra cousa: C
117. – «Tem AB – Tem C
118. 2.º verso? AB segundo verso? C
120. 1.º verso, AB primeiro verso, C
123. – No 2.º? AB – No segundo? C
125. dois AB dous C
126. appliquem-lhe bem AB appliquem bem C
127. – Acham-lhe alguma differença na ondulação rythmica? AB – Acham-lhes alguma differença na modulação rythmica? C
129. – Então AB – Então, C
134. – Porque se se quizer desengonzar, no 2.º AB – Porque, se se quizer desengonçar, no segundo C
135. o 2.º hemestichio do primeiro, pode isso fazer-se, A o 2.º hemestichio do 1.º, póde isso fazer-se B o segundo hemestichio do primeiro, pode isso fazer-se, C
136. 2.º não.» AB primeiro, não.» C

138. creanças, e AB creanças, – e C
140. 1.º verso A primeiro verso BC
144. senão de cabo de esquadra, e por isso não A senão de cabo de esquadra, e portanto B senão – de cabo de esquadra, – e portanto não C
146. dois AB dous C
147. feita, por que é que não AB feita, porque não C
149. fazer-se dodecasyllabos portuguezes? AB fazer-se á portugueza? C
154. arrevesado, faça-os dodecasyllabas A arrevesado, faça-os dodecasyllabos B arrevezado) arrevesado, faça-os dodecasyllabos C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
156. desengonçamento AB desengonçamento, C
- 160-1. engenhoca madia do A engenhoca média do B engenhoca média do C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
162. desenvolvi no meu anterior escripto, não AB desenvolvi na primeira parte d'este capitulo, não C
164. musical: A musical. BC
166. comprido trechos em alexandrinos, A comprido trecho em alexandrinos, B comprido trecho de alexandrinos, C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
- 167-8. que sente um viajante em velhas diligencias de molas retêsas, quando a roda da machina entre AB que, em velhas diligencias de molas retêsas, sente um viajante, quando a roda da machina entra C
172. comparação á relativa AB comparação é relativa C
Em A e B, a variante resulta de gralha tipográfica.
174. segura obstando a que AB segura, obstando que C
175. outras, AB outras C
179. melhor drogas, A melhor droga, BC
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
180. perderá de todo o seu A perderá o seu BC
181. pedregulhos, que AB pedregulhos que, C
183. futuros que passem, – para que prudentemente se façam ao largo. AB futuros, que passem, para que prudentemente se façam ao largo. C
Em A, segue-se um separador. Em B, termina aqui o excerto publicado no n.º 1721 do jornal; tem continuação no número seguinte.
184. intervallos, AB intervallos C
185. /Popular (je te connais, beau masque) *itálico*/ já A «Popular» /(je te connais, beau masque) *itálico*/ já B /Popular *itálico*/ já C
187. passo sem mais demora ao segundo campeão AB passo, sem mais demora, ao segundo campeão, C
195. no /Viagem, *itálico*/ de sorte que os selectos e pios leitores d'este jornal, o AB na /Viagem, *itálico*/ de sorte que os meus selectos e pios leitores, o C

197. /« No grande leito eburneo, macilenta a face *itálico*/ A /«No grande leito eburneo, macilenta a face, *itálico*/ B /No grande leito eburneo, macilenta a face, *itálico*/ C
203. /alento *itálico*/ AB /alento, *itálico*/ C
205. disse: – «Quando AB disse: «Quando C
206. infindo AB infindo, C
207. / resurgires *itálico*/ AB /resurgires, *itálico*/ C
210. /olhos, *itálico*/ AB /olhos *itálico*/ C
211. /Tarde, *itálico*/ A «Tarde», B /Tarde, *itálico*/ C
218. mayonnaise AB /mayonnaise *itálico*/ C
222. da minha AB de minha C
225. baptisados em dodecasyllabos. AB baptisados dodecasyllabos. C
226. prova talvez A provem talvez B provém, talvez, C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
227. dois AB dous C
228. me parece, mas AB me recordo, mas C
232. na 6.^a AB na sexta C
234. dois AB dous C
239. dois AB dous C
244. de desengonçamento dos dois AB do desengonçamento dos dous C
245. obedecendo, A obedecendo B obedecendo, C
251. repetindo-se por outras palavras AB repetindo-se, por outras palavras, C
254. tenho a accrescentar A tenho que accrescentar BC
261. admiração entre aprenthesis, neste AB admiração neste C
262. coisa AB cousa C
263. d'ahi, AB d'ahi C
265. o ir tornando AB o irem tornando C
266. dois AB dous C
268. imperador da barba intensa, Γimperador da barba intonsa‡ A imperador da barba-intonsa, B Imperador da barba intonsa C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
269. Braga, AB Braga C
273. syllabas AB syllabas C
274. /terra, *itálico*/ mas AB /terra ao paiz dos sonhos, *itálico*/ mas C
276. o leitor ha de AB o recitador ha de C
279. physicas nas vias respiratorias, que AB physicas que C
280. continuar, e o façam AB continuar, ou que, finda a leitura do poema, o façam C
- 282-3. maior de que o AB maior que o C
284. tempo A tempo, BC
285. escolha, AB escolha C
286. revelem: em harmonisar os dois AB revelem, em harmonisar os dous C

- 289-90. ensanchas para o poeta ahi poder desenvolver as suas aptidões artisticas, AB
 ensanchas ao poeta para o desenvolvimento das suas aptidões artisticas; C
 291. alguma se poderá dizer dos alexandrinos, versos artificiaes, – rebeldes, AB
 alguma poderá dizer-se dos alexandrinos, – versos artificiaes, rebeldes, C
 296. maneira; que, por que AB maneira; não diga que, porque C
 297. numero AB numero, C
 298. um certo systema, A um certo systema B um determinado systema, C
 301. baixa, e querer isto, e afirmar aquillo, – o AB baixa; e querer isto, e afirmar
 aquillo, o C
 303. travamento da roda AB travamento de roda C
Em C, a variante resulta de gralha tipográfica.
 304. pensamento, e da sua revelação illimitada. AB pensamento e da sua expressão,
 quasi illimitada. C
Em A, segue-se um separador. Em B, termina aqui o excerto publicado no n.º
1722 do jornal; tem continuação no número seguinte.
 310. já ha AB já desde ha C
 311. finda, – por hoje. AB finda. C

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste texto. A primeira corresponde à redação do *Jornal do Commercio* (depois revista na impressão d' *A Correspondencia do Norte*); a segunda encontra-se registada no livro *Por Montes e Valles*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

Como se verifica no Aparato genético, o texto saiu no *Jornal do Commercio* com algumas gralhas tipográficas, depois corrigidas em errata publicada no n.º 13223 (12 de janeiro de 1898), p. 1:

No folhetim duplo, sob a rubrica A Questão Litteraria, que publicámos no dia 6 do corrente, firmado pelo nome duas vezes prestigioso de João Penha – poeta de inegnalavel perfeição e prosador da mais elegante e distincta vernaculidade – , introduziram-se os erros que vamos rectificar, embora neste trabalho nos tenha antecedido o leitor attento.

Onde se lê: barba intensa, deve lêr-se: barba intonsa.

Onde se lê: cantico superficial, deve lêr-se: critico superficial.

Onde se lê: além das raizes, deve lêr-se: além das raia.

Já vêem que nem todas as gralhas são da natureza d'aquella que fez d'um verso mediocre um verso celebre.

O poeta referir-se-á também ao incidente, em carta trocada com Antero de Figueiredo. Este testemunho, datado de 9 de janeiro, encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1154(1). É constituído por um bifólio de papel pautado (com 23,1 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta. No canto superior direito do primeiro fólio, Antero de Figueiredo fez a seguinte anotação: 1898.

Meu caro Anthero.

O artigo saiu com menos erros do que o anterior, – mas ainda assim vem com taes de 1.^a ordem.

Um é barba-intensa, por barba intonsa. Assim era uma asneira a corrigir outra, a da tradução de Theophilo, e foi por isso que entendi que lhe devia mandar uma errata, pelo systema da Mãe Seigle. Já lá a deve ter.

Os outros são cantico superficial por critico superficial, e além das raizes, por além das raias.

Acho esquisito o artigo do Alberto Pimentel, o qual, ao que parece, tomou a serio, o que eu disse a rir. Se o negocio toma esse aspecto, desisto da empreza, – mesmo porque poderá alguém suppor que tudo isto não passa de um reclamo à Viagem, combinado entre mim, o Delfim (a quem não quero mal algum) e outros parceiros.

Não se esqueça de me mandar as Novidades, e os outros jornaes de que lhe fallei.

Não lhe dou noticias d'este burgo, porque não as ha: ha frio de bater o queixo.

Abraça-o o

Se

9-1.º-98.

J. Penha

[Questão litteraria – III – O paio e a emoção]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há três testemunhos diretos:

A – *O Jornal do Commercio* (dir. Mateus Pereira de Almeida da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 13219 (6 de janeiro de 1898), pp. 1-2; n.º 13223 (12 de janeiro de 1898), p. 1. Vd. descrição no primeiro fragmento deste texto.

A réplica publicada no folhetim do n.º 13219 é constituída por dois excertos, delimitados por um separador. O primeiro corresponde ao fragmento II, coincidindo o segundo com o texto aqui editado.

Posteriormente, João Penha fez publicar uma errata no n.º 13223, corrigindo falhas tipográficas – vd. Arquivo documental do fragmento anterior.

B – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1725 (26 de janeiro), p. 1; n.º 1726 (29 de janeiro), pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 99.

Penha faz transcrever este artigo, corrigindo algumas gralhas com que saiu n' *O Jornal do Commercio*. O texto original surge repartido por quatro exemplares diferentes, sendo este fragmento acolhido nos dois últimos.

C – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 121-132. Vd. descrição no n.º 719.

João Penha divide a réplica original (vd. *supra* testemunho A) em dois fragmentos distintos.

Anotação textual: emendas

134. /phantasia.» *itálico*/] AB; /phantasia. *itálico* /
 183. de que seja] AB; de seja
 203. emoverat orbem.»] AB; emovere orbem»
 218. poetastro] AB; poetastor
 232. de Kent,]; de Kant
 248. Nacionaes.»] AB; Nacionaes.

Aparato genético

Título. A questão litteraria AB [Questão litteraria] C

Subtít. □ AB III | O paio e a emoção C

1. coisa AB coisa C
5. escriptor AB escriptor, C
6. lisbonense A lisbonense, B lisbonense C
- 6-7. que lhe são AB que a esse hebdomadario são C
9. /sonhos. *itálico*/ As AB /sonhos, *itálico*/ como já referi. As C
15. o merecimento AB os merecimentos C
16. dois factos, AB dous factos C
17. verdadeiros, A verdadeiros B verdadeiros, C
20. e o de AB e de C
22. imprensa a mostrar AB imprensa para mostrar C
23. accusado AB acusado, C
24. escriptor AB escriptor, C
28. Framboisy, – a AB Framboisy, a C
31. que passo AB que eu passo C
38. perto, – a de que sou indomavelmente orgulhoso. AB perto: a «de que sou indomavelmente orgulhoso». C
42. escriptor AB escriptor, C
44. este. AB este: C
51. dizer AB dizer: C
52. nisto, segundo cria, uma imagem symbolista, AB nisto uma imagem symbolista C
55. square AB /square *itálico*/ C
60. homens e que iriam AB homens, e que iam C
- 63-4. propria da sua competencia. AB propria das suas attribuições. C
69. outra AB outra, C
71. episodio, A episodio BC
73. que á roda de mim se passava. A primeira coisa que nos A que á roda de mim se passava. A primeira coisa que me B que em roda de mim se passava. A primeira cousa que me C
74. os enfermos se AB os doentes se C
75. eram talvez menos AB eram menos C
77. Febre, AB Febre C
79. as minhas attenções fixaram-se AB a minha attenção fixou-se C
81. muito AB muito, C
- 81-2. encantadora que AB encantadora das que C
83. pela fixidez com AB pela insistencia com C
84. seriba, com a penna suspensa, a contemplava, surpreso A scriba, com a penna suspensa, a contemplava, surpreso B scriba, com a penna erguida, a contemplava, suspenso C
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
86. rosto, AB rosto C

87. terrosa tão propria dos doentes, nem a do jaspe sem vida, AB terrosa, tão propria dos doentes, nem a do jaspe sem vida; C
88. magnolia, entre as folhas da sua arvore. AB magnolia, em que ha o reflexo d'um luar silencioso. C
90. linho, AB linho C
- 95-6. agonia? Era nisto que eu pensava, quando AB agonia? || Pensava eu nisto, meditabundo, quando C
97. enfermaria, na que formava angulo, uma irmã da A enfermaria, na que formava angulo, uma irmã de B enfermaria, da que formava angulo, uma irmã da C
98. biscoitos AB biscoitos, C
104. na mesma sinistra immobilidade; mas AB na mais sinistra immobilidade; mas, C
109. immundo que ali nos levara A immundo, que ali nos levara, BC
110. pareceu que AB pareceu vêr que C
118. pequeno jantar, senti AB pequeno repasto, senti C
120. depois, AB depois C
122. passos rapidos, ella, AB passos largos, ella, C
124. só instante, da funesta A só instante, da sua funesta B só momento, da sua funesta C
125. é o que AB é a que C
126. digo em que A digo que BC
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
127. cheguei confrangido ao AB cheguei compungido ao C
129. ler-se no final AB ler-se na parte final C
130. *Em A e B, segue-se um intervalo em branco.*
131. digno eu AB digo eu C
Em A e B, a variante resulta de gralha tipográfica.
132. além de seu elemento real, AB / além do seu elemento real, *itálico* / C
134. / phantasia.» *itálico* o/ AB /phantasia. *itálico* / C
Em A e B, segue-se um intervalo em branco.
136. já talvez a julgue, como AB já a julga, como C
Em A, segue-se um separador. Em B, termina aqui o excerto publicado no n.º 1725 do jornal; tem continuação no número seguinte.
142. do meu quadro, passo AB do quadro que eu me traçara, passo C
145. / Rimas e da Viagem, *itálico* / AB /Rimas *itálico* / e da /Viagem, *itálico* / C
148. Viu-se AB Viu-se, C
149. cantico dos canticos á cerveja allemã», – mas, A cantico a cerveja allemã», – mas, B cantico dos canticos á cerveja allemã» – mas, C
153. entanto, entendeu que devia mudar de tactica, e AB entanto, sempre entendeu que devia mudar de rumo, e C
- 156-7. presuntos. Um AB presuntos. || Um C
157. Um cantico superficial ¶Um critico superficial¶ A Um critico superficial BC

- Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*
158. coisas **AB** cousas **C**
159. são os reaes, **AB** são reaes, **C**
162. não, **AB** não **C**
163. /nocturnas: *itálico* / **AB** /Nocturnas: *itálico* / **C**
164. Socega: **AB** «Socega: **C**
172. quanto **A** quando **B** quanto **C**
- Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.*
174. perfumado, **AB** perfumado **C**
176. salchicharia, **AB** salchicharia **C**
- 178-9. applaude-se. Essa empada, **A** applaude-se. Em empada, **B** applaude-se, – embora em alexandrinos. Essa empada, **C**
180. abestruzes a poderão digerir. Eu desisto da empresa, **AB** abestruzes a poderão digerir. Eu desisto da empresa **C**
183. perdão! ha ainda um douto ensinamento, o de que seja **AB** perdão: ha ainda um douto ensinamento: o de seja **C**
184. de arte **AB** d'arte **C**
190. Mas, e entre **AB** Mas, entre **C**
194. dos seus **AB** de seus **C**
196. talvez, **AB** talvez **C**
198. leva **A** leve **B** leva **C**
- Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.*
199. anda no latim. **AB** anda em latim. **C**
200. de mudança **AB** da mudança **C**
203. emoverat orbem.» **AB** emovere orbem» **C**
206. precisas **A** preciosas **BC**
210. nem é tão logico comsigo mesmo, que não vá buscar além das raizes Γnem é tão logico comsigo mesmo, que não vá buscar além das raiaisΓ **A** nem é tão logico comsigo mesmo, que não vá buscar além das raiais **B** nem tão logico comsigo mesmo, que não vá buscar além das raiais **C**
- Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*
- 210-1. das raizes cousas **A** das raiais cousas **BC**
- Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.*
214. sólido, – o **AB** sólido; – o **C**
216. no poeta, **AB** no poeta; **C**
218. poetastro **AB** poetastor **C**
- Em C, a variante resulta de gralha tipográfica.*
219. chamo-o poetastro, não porque elle realmente o seja, **A** chamo-o poetastro, não porque elle realmente e seja, **B** chamo-lhe poetastro, não por que realmente o seja, **C**
221. sua modestia. **AB** sua interessante modestia. **C**
222. coisas **AB** cousas **C**

227. Olho AB ôlho C
 228. e AB e, C
 230. dois corações unidos de Paolo AB dous corações unidos de Paulo C
 231-2. marital. Tripudie. AB marital. || Tripudie. C
 232. de Kant, A de Hant, B de Kant C
 236. coisas, AB cousas, C
 237. Luz, do Garrett, – são AB Luz, de Garrett, são C
 240. amorosa. AB amorosa! C
 242. Fada, a ella ou a outra, porque deve ter mais de uma: compare-se A Fada, a ella ou a outra, porque deve ter mais que uma: compare-se B Fada: compare-se C
 243. esconjurando assim os AB esconjurando os C
 247. – «Pois sim, sr. Poetastro, A – «Pois sim, snr. Poetastro, B – «Pois, sim, senhor poetastro, C
 248. Nacionaes.» AB Nacionaes. C
 249. Então AB Então, C
 251. «emoção» A «emoção B «emoção» C
 253-4. Nós, fal-a-emos tambem: desde hoje em deante não faremos outra coisa: faremos AB Eu, fal-a-ei tambem: desde hoje em diante não farei outra cousa: farei C
 Data. 30-XII-97. AB □ C

Grosso modo, podemos distinguir duas versões deste texto. A primeira corresponde à redação do *Jornal do Commercio* (depois revista na impressão d' *A Correspondencia do Norte*); a segunda encontra-se registada no livro *Por Montes e Valles*. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

I. Este texto foi originalmente publicado com o fragmento anterior, no *Jornal do Commercio* de 6 de janeiro de 1898. Insere-se na polémica mais vasta que Penha travou com Delfim de Brito Guimarães e seus apoiantes, nas páginas da imprensa periódica (vd. o Arquivo documental III do poema n.º 124).

Mais concretamente, a tréplica de Penha vem na sequência das reações ao texto anterior (fragmento I), que entretanto se haviam publicado n' *O Popular*, na *Tarde* e na *Mala da Europa* (vd. *supra*, textos reproduzidos no Arquivo documental do fragmento I).

Apesar do ensejo que o poeta manifesta em encerrar a Questão, os seus argumentos continuariam a suscitar reações diversas, entre apoiantes e opositores.

Efetivamente, logo a 7 de janeiro, a *Tarde* (n.º 3031, p. 1) escrevia em tom irónico:

Alexandrinos e asclepiadeos

*O sr. João Penha volta a quebrar lanças pelos asclepiadeos.
Se um dia tivermos vagar escarpelísaremos o bicharoco. Por hoje limitar-nos-hemos
a dizer ao primoroso poeta, com o bom Sá de Miranda:*

*– Comes tubaras da terra?
Eu não as posso comer;
Nem um, nem outro não erra,
Para que sobre isto guerra?
Come o que te bem souber.*

No mesmo dia, o redator d'O Popular (Alberto Pimentel) publica o seguinte comentário nas páginas desse jornal (n.º 569, p. 1):

Questão litteraria

Em folhetim do Jornal do Commercio, de hontem, João Penha volta á questão litteraria travada com o sr. Delfim de Brito Guimarães.

A proposito de alexandrinos faz nos a honra de se referir ao Popular.

«Principiarei pelo Encoberto do Popular, diz João Penha, obedecendo assim á ordem logica da prioridade da investida.»

Perdão! Não fizemos investida nenhuma. A respeito de alexandrinos contamos uma anecdota authentica de Castilho, mas nem sequer a commentamos, e muito menos emittimos opinião a respeito do famoso metro tão preconisado por Castilho.

Parece-nos que sempre fomos mais opportunos do que o sujeito que, para impingir uma anecdota em que havia foguetes, perguntava ao interlocutor:

*– Não ouviu agora um foguete?
– Não!
– Ouvi eu. E a respeito de foguetes: ahi vai uma anecdota.*

Parece-nos que sempre fomos um pouquinho mais opportunos.

Mas limitamo-nos a contar um caso que vinha a proposito, e mais nada.

E não é porque deixemos de ter uma opinião a respeito de alexandrinos. Mas não eramos chamados á questão, que estava localisada entre dois adversarios apenas. Julgamos fazer honra aos contendores noticiando que se estavam batendo á penna.

De questões litterarias fugimos systematicamente ha muitos annos. Azédam se a breve trecho, e não vale a pena metter-se a gente em trabalhos por amor da Arte (vá com lettra grande) que, depois que apanhou inicial maiuscula, está cada vez mais tola.

O Encoberto de quem João Penha diz mais adeante – Je te connais beau masque – é ha vinte annos amigo do illustre auctor das Rimas. Não quer, nem deseja perder a sua amisade, porque já está velho para alliciar amigos novos. De mais a mais, não era chamado á contenda. Limitou-se a mencionall-a, e a contar uma anecdota, que lhe pareceu vir a proposito. Eis o seu nefando crime, que não é nenhum.

Pode, pois, João Penha ter a certeza de que «o seu querido antagonista(!) do Popular já dorme», não por ter ingerido um copasio de alexandrinos, mas porque o aborrecimento da vida litteraria o anestesiou a tal ponto, que acha que tudo vai bem, se o deixarem dormir a somno solto.

A 8 de janeiro, também o jornal *Novidades* (n.º 4220, pp. 1-2) comentava, nas notas habitualmente redigidas por Antero de Figueiredo:

João Penha voltou a defender-se. Afinal, aquillo não é uma questão litteraria, é uma questão de palladar. João Penha não gosta da cosinha á franceza quando lhe servem alexandrinos com accentos forçados que lhe irritam a garganta. Prefere o que temos por cá – o dodecassylabo livre e gostoso.

Os outros dizem precisamente o contrario: que os alexandrinos á franceza (os de Junqueiro, por exemplo) são delicadamente saborosos, e que os alexandrinos á portugueza (os de Penha, por exemplo) são asperos e irritantes.

Quem terá razão? Quem tiver melhor paladar.

Quanto ao principal opositor, Delfim Guimarães voltaria à carga no folhetim da *Mala da Europa*, a 10 de janeiro de 1898 (ano IV, n.º 105, p. 2), compilando depois a contra-réplica final no opúsculo *A “Viagem por Terra” do Sr. João Penha* (Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1898, pp. 24-32):

Ainda o sr. Penha

N’um roda pé de palmo e meio, massudo e emaranhante, volta o sr. Penha á lida, mas por tal fôrma combalido e desnorteado que mette dó. E não foi porque lhe faltasse tempo para se adestrar, pois que perto de um mez levou o eminente litterato a consultar o seu amado Larousse, e a preparar sob o seu conselho amigo a resposta assombrosa que ficará subsistindo como documento frisante da sua decadencia.

Se a aureola gloriosa que revestia o nome do sr. Penha soffreu um duro golpe com a publicação da Viagem por terra, algo soffrem tambem os creditos do rabula com a publicidade do seu ultimo folhetim, e deveras o sentimos, ainda que sendo o poeta do Vinho e fel o unico culpado do insuccesso. Para que se mettem s. ex.^a a quebrar lanças por uma causa perdida?... Assim, defensor e réu ao mesmo tempo, perdeu o seu precioso trabalho, deixou abalar o credito que usufruia, e paga as custas e sellos do processo, – que no caso presente não póde saldar em metal sonante.

Mas o sr. Penha não se dá por vencido com facilidade, e, aparentando um sangue-frio que se conhece bem ter perdido ao entrar na polemica, dá-se ares de combatente victorioso, e, sem ter mettido uma lança em Africa, apresenta-se com ares cesareos que o Mousinho não usa.

E, com franquesa, causa-me enorme pena ver confundidos, na mesma craveira (quanto á vaidade estulta, claro está) o artista das Rimas e o tamborileiro do Macabro.

Não o faz por mal o sr. Penha. O feitio refilão ficou-lhe de Coimbra, d’aquelles torneios originalissimos, em que Junqueiro lhe jogava d’estas e outras bordoadas:

*«Dou-te um conselho, Oliveira,
Como estás com muita pressa,
Vae coser a borracheira,
Meu menestrel de tripeça!»*

A Viagem por terra ao paiz dos sonhos foi um fiasco. O poeta das Rimas que julgara, ao lançar ao mercado o novo livro, obter um successo em toda a linha, viu que as suas previsões haviam errado e que uma derrota em vez de um triumpho tivera logar. O homem entupiu com o caso, e pela primeira vez em dias de sua vida duvidou do genio com que Jeovah o dotara, para gloria dos paios e immortalidade das filhas do Guadalquivir. Entupiu, mas logo uma ideia luminosa lhe brotou do cerebro gasto e enfermo: – fazer barulho, procurando salvar pelo tam-tam de uma polemica rija um livro banal e inferior.

Dito e feito: Monoculo em riste, Larousse na mão, o sr. João Penha, depois das cortezias do estilo ás salerosas niñas, saltou á arena e brandiu a espada. Nas galerias houve um fremito passageiro. – Ai do adversario! murmuraram vozes juvenis. – Pobre chico que te mueres! ousou exclamar uma andaluza guapa...

Mas não. O adversario evitou os golpes do mestre instrumentista, e sahiu-se galhardamente do torneio. Os espectadores dividiram-se em dois campos: – um que felicitava o moço vencedor; o outro que maldizia a hora asi[a]ga em que o sr. Penha se lembrara de medir-se com um rapazello. E o conselheiro Accacio, sempre conceituoso e amavel, dizia amoravelmente ao poeta das Rimas, collocando-lhe familiarmente a mão nos hombros: «Você, homem de Deus, já tinha idade bastante para saber o que succede a quem se mette com rapazes.»

Então Penha, o illustre sr. João Penha encavacou solememente. Que diabo! um homem não é de ferro...

Nem a nota victoriosa, aquella descoberta insigne, filha de muita sciencia e de muito engenho, o podera salvar; nem a sua demonstração cabalistica do que é a Arte, nem a citação dos quadros de Rembrandt e Velasquez o pozeram a salvo de golpes crueis! Era de mais... Que diabo! um homem não é de ferro...

Mas que fazer?! Como evitar que se propalasse a derrota que soffrera; como impedir que o seu nome de principe dos poetas beijasse o pó do esquecimento?! O que seria dos paios; o que havia de ser dos presuntos; o que não succederia ás hespanholas?!

Só de pensá-lo tremeu o vate. Consultou o Larousse, pediu a opinião do seu amigo Bass, e zás! mãos á tarefa. Depois de um parto laborioso, Jeovah Penha deitou cá para fóra uma ratasana: – um novo folhetim! Deus levava uma semana para crear o mundo. O sr. João Penha consumiu perto de um mez a fabricar 14 linguados – de prosa. Guardadas as devidas proporções, é caso para se felicitar o artista...

Destroe o sr. Penha no seu ultimo folhetim o que eu lhe dissera: rebate s. ex.^a alguma das asseções que me permitti fazer não só acerca dos seus livros como a respeito da doutrina no seu primeiro folhetim? Não, s. ex.^a não faz mais do que embrenhar-se n'um dedalo sem sahida. Querendo redimir-se, o sr. Penha só conseguiu comprometter-se ingloriosamente.

Está o sr. João Penha de boa fé? – Queremos crer que sim, pois que de contrario, não conseguindo illudir ninguem, só a si proprio illudiria.

A questão está morta – diz o auctor das Rimas. É possivel que o esteja, mas não foram por certo os argumentos empregados pelo original auctor que lhe mandaram a alma desta para melhor vida.

A questão, quanto a mim, está no mesmo pé em que estava. O sr. Penha nada conseguiu com o seu novo folhetim, como procurarei demonstrar.

Volta o sr. Penha a sustentar que um verso alexandrino outra coisa não é que dois versos de seis sillabas, quando nem todos os versos de seis sillabas se prestam á factura de alexandrinos, como o poeta muito bem sabe, e só finge ignorar para imprimir mais força ao seu dizer.

Insiste em que os alexandrinos (os asclepiadêos francezes) são artificiaes, maus e antiartisticos e improprios para assumpto largo e desenvolvido, ao passo que o alexandrino lusitano será, no seu entender, a maravilha das maravilhas. Aqui consignarei o modesto voto que faço para que á imitação do que se fez em França para com Alexandre de Bernay que cultivou com brilho o asclepiadêo segundo a regra geral, se dê ao asclepiadêo irregular cultivado pelo sr. Penha o seu nome. Em lugar de se dizer alexandrino lusitano, nome pouco sonoro e em demasia longo, dir-se-á joanino o verso de dose sillabas em que não haja o desengonçamento dos hemistichios. É justo e racional que assim se faça.

Os alexandrinos, como Hugo os trabalhava, affirma o sr. Penha serem pedregulhos, e, com grave offensa a quantos poetas potuguezes e estrangeiros teem sabido compor em alexandrinos poemas immortaes, diz o auctor das Rimas que: o alexandrinista, embora por vezes e por acaso faça alguns versos toleraveis, e até excellentes, faz todos os outros maus. Nesta altura do folhetim do viajero do paiz do sonho cheguei a duvidar da authenticidade da prosa. Mas procurei a assignatura, e lá a vi muito nitente: João Penha.

Que a coisa não devia admirar-me, palavra. Linhas antes, para fazer uma complicada demonstração, o sr. João Penha chama a terreno Thomaz Ribeiro, Candido de Figueiredo, Guerra Junqueiro – e o fallecido visconde de Castilho!

O homensinho está a mangar com a tropa...

E mais me convenço de que realmente assim é ao vê-lo trazer á contenda o Rei Galaor de Eugenio de Castro, felicitando este distincto artista pelo facto de ter incluido no seu ultimo trabalho alguns asclepiadêos ou alexandrinos sem a preocupação pueril e irrisoria do desengonçamento. E, esfregando as mãos de contente, accrescenta: É mais um passo d'este brilhante poeta para os bons principios da arte maravilhosa que todos nós professamos.

Se o sr. Penha conhecesse a obra de Eugenio de Castro, não cahiria em dislate de tamanho vulto. Não é apenas no Rei Galaor que se deparam versos joaninos (ficam baptisados de uma vez para sempre) mas sim em muitas outras joias do talentoso escriptor; e se realmente isso representa um avanço no caminho da arte maravilhosa (?) que o sr. Penha professa, eu não me furtarei a pedir respeitosamente ao meu illustre camarada e amigo que retroceda, deixando os joaninos em paz e ás mocas com o sr. João Penha. Na bagagem litteraria do auctor da Belkiss, a Nereide de Harlem, burilada em alexandrinos magnificos avanteja-se ao Rei Galaor, um mimo artistico, é certo, mas sem a perfeição do anterior trabalho.

Poderei ver mal, mas é o proprio sr. Penha que se encarrega de dizer-me que é mais do que solido o terreno que piso. Ora vejam: referindo-se aos versos de dose sillabas que Eugenio de Castro inseriu no Rei Galaor sem observancia do desengonçamento, e que segundo a doutrina do sr. Penha são os unicos versos artisticos e não artificiaes, diz o vate insigne das Rimas que não são dos menos sonoros do poema. Mas se realmente os versos que se não desengonçam são os unicos artisticos, parece que esses deviam ser

os mais sonorosos, não é verdade? Mas não é assim. O sr. João Penha não levou tam longe a affirmativa e fez muitissimo bem. Raias, tem dado de sobra!

E mostra-se revolucionario o homem quanto á evolução do alexandrino, julgando talvez que é o primeiro poeta que se permite liberdades na factura dos versos de dose sillabas! Posso pois continuar a dizer, e com justificadas rasões, que o sr. Penha não fez mais do que seguir os novos procedendo assim, visto que a fôrma regular do asclepiadeo latino, a que primeiro de quiz agarrar como a taboa salvadora, é representada pelo alexandrino francez.

Mais poderia dizer sobre o assumpto, mas isso é desnecessario desde que o poeta das Rimas por suas proprias mãos se castiga, como os leitores podem apreciar.

Declara o sr. Penha que só se costuma convencer com rasões que sejam dignas d'este nome. Mas se assim procede não dá a perceber, com franquesa. Teima a pés juntos que só os asclepiadêos, fugindo á regra geral, são magnificos e não duvidou em tornar maus, seccos e monotonos os versos da Moribunda! Decididamente, a logica do auctor da nota victoriosa, é linha em fundo de sacco!... Pois o sr. Penha, sciente de que fez versos magnificos, não hesita em torná'los horrorosos pelo facto de lhe dizerem que errou – e continúa a sustentar que os alexandrinos á Hugo e Guerra Junqueiro são a melhor pedra tumular da obra litteraria de alguém?! Ou quiz o sr. Penha enterrar a Viagem por terra? Não precisava de dar-se a semelhante tarefa, que a obra, sem as modificações, tinha jus á sepultura e ninguem haveria com animo de recusar-lhá!

D'aqui não poderá fugir, a não ser que revogue a affirmativa de que só se costuma convencer com rasões dignas d'este nome.

Alonga-se o poeta, procurando n'uma prosa enfadonha e a que á viva força quiz revestir de graça esfusiante, rebater algumas das minhas observações.

Seria immodestia declarar abertamente que o não sonseguiu, e eu não desejo fazê'lo, tanto mais que a minha inexperiente penna podia sahir-se mal – como o insigne cantor das Rimas declara que eu me sahi ao dizer alguma coisa sobre a cesura. Diz o sr. João Penha que eu confundi a cesura latina com a cesura dos versos portuguezes. É possivel, mas como s. ex.^a me não diz no que consistiu a confusão, filha da minha ignorancia, fico na mesma, não me dando por convencido, antes sustentando o que sobre o assumpto ousei escrever.

Como lhe provei, contra o que s. ex.^a affirmava, que nas suas poesias existiam versos em honra da cerveja, diz o sr. Penha que só encontrei cinco, o que no seu entender é uma insignificancia, e não uma fartura. Ora os cinco versos cervejaticos, creia o sr. João Penha, produzem no ouvido do leitor o effeito de outros tantos pelo menos, e d'ahi a impressão que me ficara.

Insurge-se tambem contra a classificação que tive o arrojo de conferir aos paios dos seus vaporosos cantares. Diz-me que não são de Lamego. Não são?... D'onde quer que sejam, que lhe façam bom proveito!

E, penhorando-me em extremo com tanta amabilidade, prova-me que não é orgulhoso, nada orgulhoso, dignando-se explicar-me – uma historia muito complicada – a rasão que o levou a baptisar o seu livro de Viagem por terra ao paiz dos sonhos, – nome de baptismo com que eu enguicara, por não me ter permitido a profundeza do

meu intellecto *compreender-lhe o sentido enigmatico. Obrigado, mil vezes obrigado, pelo incommodo que teve o insigne trovador.*

Como eu julgava mal o artista! Elle é um temperamento delicadissimo, sob um sonho luciolante, vivendo uma vida rescendente de perfumes de açucenas. Os paios e presuntos dos seus versos não são os paios e presuntos reaes, isto é, da vida real, mas sim a projecção ideal d'esses mesmos comestiveis pelo sonho e pela phantasia!

Camaradas, subjugado pela doutrina do poeta das Rimas, farei minha a phrase de Santo Agostinho:

Credo quia absurdum.

No folhetim primeiramente publicado sustentava o glorioso poeta das impereciveis Rimas que: quando o leitor depara uma poesia artisticamente trabalhada sente uma coisa misteriosa que o prende e arrasta; que o seduz, uma musica que o embala, etc., etc., terminando por dizer que a tal coisa misteriosa é a Arte.

Objectei-lhe que a coisa misteriosa não era a Arte, mas sim a emoção produzida pela obra do artista, de cujas faculdades dependia a maior ou menor intensidade da emoção.

Concorda o sr. Penha, pelo menos aparentemente, e dando-me a immerecidissima honra de se dizer meu discipulo – talvez em virtude de eu o não considerar meu mestre – discute a vernaculidade da palavra emoção, que não tem duvida em reconhecer que vem do latim, mas que no seu entender não pode significar outra coisa que não seja a de mudança de um objecto de um para outro logar.

Não tenho á mão o Larousse, o repositorio de asneiras de que o sr. Penha se utiliza quando uma duvida o assalta, mas vou servir-me da modesta enciclopedia Troussel, que tenho em melhor conta do que aquella em que o sr. Penha diz ter a do seu amado Larousse.

ÉMOTIONNER – Causer de l'émotion à: cette scène à émotionné les spectateurs. – S'ÉMOTIONNER – Eprouver de l'émotion: il s'émotionna au point de ne pouvoir répondre.

Como [o] sr. João Penha vê, não estou só no meu erro. E como não considero o Dictionario de Troussel um repositorio de asneiras, fico descrente da auctoridade do original artista no melindroso assumpto.

O cantor egregio das Rimas termina o seu folhetim com um periodo chocarreiro em que promette d'ora para futuro não fazer outra coisa senão emoção.

Faz muito bem o glorioso vate. E, se em vez de emoção quizer fabricar pinos, talvez utilize melhor o tempo e a musa inspiradora...

6-1-98.

II. O desejo de João Penha em encerrar a Questão demoraria assim a concretizar-se. Pouco depois da aggressiva réplica por Delfim Guimarães, surge um novo

contendor anónimo, nas páginas da *Tarde* (n.º 3036, 13 de janeiro de 1898, p. 2), desencadeando nova polémica:

A barba de Carlos Magno

Conforme promettemos publicamos hoje a carta assignada por Um estudante do curso superior de lettras, a proposito da traducção de barbe fleurie feita pelos srs. João Penha e Theophilo Braga.

Escusado será accrescentar que se o illustre professor ou o primoroso poeta quizerem replica, as columnas da Tarde ficam inteiramente á sua disposição.

Sr. redactor:

No notavel artigo intitulado – «Questão litteraria» – publicado pelo sr. João Penha no Jornal do Commercio de quinta-feira, ha um periodo, que nos chamou particularmente a attenção. Refere-se á barba de Carlos Magno, e diz:

«Se assim fosse, poderia affirmar-se que, d'aqui a um ou dois seculos, os versos seriam pelo menos tão compridos como os pêllos da barba de Carlos Magno, o imperador da barba intensa, ou da barba florida, como pittorescamente traduz Theophilo Braga, o «à la barbe fleurie»; a qual barba, segundo a lenda, lhe dava tres voltas á roda da cinta.»

A palavra fleurie não significa intensa, como se lê no Jornal do Commercio, nem intensa, como rectificou o sr. João Penha, nem florida, como traduz o sr. Theophilo Braga. A barba de Carlos Magno não era intonsa, nem florida, era simplesmente branca.

Em apoio da nossa asserção, podemos folhear os Extraits de la Chanson de Roland, commentados por Gaston Paris (Paris, 1891) no verso 620-621:

*Molt longes terres de vos avrai conquises
Que Charles tient qui la barbe at floride.*

uja traducção á lettra é:

*Comvosco terei conquistado muitas longes terras
Que Carlos possue, que tem a barba branca.*

Esse pequeno volume de Gaston Paris tem um breve glossario, onde explica os termos do antigo francez e dá para o termo floride, participio passado feminino de florir (antigo francez) fleurir (moderno francez) – estar branco (falando da barba e dos cabellos, em comparação com a florescencia das arvores de fructo).

Nos versos 24-25 da mesma edição:

*La siet lineis qui dolce France tient;
Blanche at la barbe et tot florit lo chief,*

cuja traducção é:

*Alli reside o rei que governa a dôce França,
Branca tem a barba e toda branca a cabeça.*

Em nosso auxilio tambem vem o illustre professor da Faculdade de Lettras de Lyon, sr. L. Clédât, que commentou a Chanson de Roland (Paris, 1890) e que no breve glossario d'esse livro frisa que a significação de floride é branca (falando da barba ou da cabeça).

Contentemo-nos com as opiniões e interpretações d'estes dois illustres sabios francezes, sem nos importarmos com o Dictionaire historique de la France, de Lallane; nem com La Sangue et la litterature française depuis de IX siècle jusqu'au XIV siècle, de Karl Bartsch, nem com o Recueil de Meyer.

Portanto: solemnia verba!

Não póde o sr. João Penha acoimar de pittoresca a traducção do sr. Theophilo Braga, porquanto se este senhor não traduziu como devia, tambem a traducção do sr. Penha é errada e falsa [†].

O sr. Braga traduziu florida no sentido de viçosa e o sr. Penha, achando pittoresca a expressão e julgando dar um quináu, lembrou-se da lenda que envolvia a personalidade de Carlos Magno, cuja barba dava voltas á roda da cinta e fal a intensa no sentido de desenvolvida (outra significação dos modernos diccionarios portuguezes).

Hoc fonte derivata clades.

Carlos Magno, o á la barbe fleurie, tinha a barba branca, e não barba florida e muito menos intonsa.

A contenda prosseguiria com João Penha, em artigo publicado na *Tarde*, a 24 de janeiro (vd. textos editados no n.º 728).

Entretanto, o poeta bracarense dava por encerrada a altercação com Delfim de Brito Guimarães, em carta reproduzida n' *O Jornal do Commercio* (n.º 13225, 14 de janeiro de 1898, p. 1):

Questão litterária.

O nosso redactor gerente recebeu hontem, do illustre poeta João Penha, a seguinte carta:

Meu caro Mariano Pina.

A Tarde, de hontem, chama-me «bicharoco», – e na Mala, o moço vencedor (!) no seu ultimo folhetim, aconselha-me a que faça pinos. Em vista d'isto, dou por completamente finda a questão litteraria, por mim iniciada no Jornal do Commercio. Nem mais uma linha. Antes fazer pinos, como muito bem diz o outro.

Seu etc.

11-1-98.

João Penha.

728

[As barbas de Carlos Magno – I – A canção de Roland]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 3044 (24 de janeiro de 1898), pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 129.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 135-147. Vd. descrição no n.º 719.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1732 (19 de fevereiro de 1898), pp. 1-2; n.º 1733 (26 de fevereiro de 1898), pp. 1-2.
Trata-se de uma cópia da *Tarde*.
- *O Jornal do Commercio* (dir. Mateus Pereira de Almeida da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 13234 (26 de janeiro de 1898), pp. 2.
Trata-se de uma cópia parcial do texto publicado na *Tarde*.

Anotação textual: emendas

56. Realmente,] A; «Realmente
138. branco»]; branco
192. – «Ouvis?»]; – «Ouvis?
194. – «A Olifanta!»]; – «A Olifanta!
197. – «A]; – A
223. – «Vingança!»]; – Vingança!

Aparato genético

Título. Questão litteraria A As barbas de Carlos Magno B

Subtít. As barbas de Carlos Magno A I | A Canção de Roland B

1-15. *Em A, o texto abre com a seguinte introdução (depois substituída em B):*

Quando hontem li, nêste importante diário, a carta, firmada por *Um alumno do curso superior de letras*, ácerca das barbas de Carlos Magno, já eu tinha escripto as linhas que seguem, para sairem, como da lavra de um terceiro, no //Jornal do Commercio *italico*/;

Em A, está ausente o separador.

- 16-7. J. Penha, publicado neste diário, ha A J. P. – publicado neste diário /(o Jornal do Commercio) *itálico*/ ha B
17. tradução A tradução, B
18. Braga, de /l'Empereur à la barbe fleurie *itálico*/ – por A Braga, da expressão: l'Empereur à la barbe fleurie, por B
21. intensa, como por lapso saiu naquelle folhetim) Será, A intensa como por lapso saiu naquelle folhetim). Será, B
- 26-7. barba virgem, isto é, que nunca foi espontada ou cortada, como A barba que nunca foi aparada ou cortada, isto é, virgem, como B
30. monarchia, A Monarchia, B
32. homem A homem, B
46. de □. A de village. B
47. Theophilo «barba florida» é A Theophilo – barba florída – é B
53. Franceza, A franceza, B
- 54-5. ilha, – não A ilha, essa phrase, dizemos, não B
56. Realmente, a de João Penha parece-nos preferivel, A «Realmente a de J. P. afigura-se-nos preferivel, B
57. exprimirá mais rigorosamente a A exprimirá melhor a B
- 60-1. /opiniões e sentenças que nos forem enviadas ácerca d'este momentoso assumpto. *itálico*/ A opiniões e sentenças que nos forem enviadas ácerca d'este momentoso assumpto.» B
- 62-3. veja: 1.º que nunca escrevi /barba intensa *itálico*/, mas /barba-intonsa *itálico*/, como pode vêr-se no respectivo manuscrito, existente nos archivos do /Jornal do Commercio; *itálico*/ e 2.º que eu A veja que eu B
69. /alumno do curso superior de letras *itálico*/, A /Alumno do Curso Superior de Letras, *itálico*/ B
70. estudante, – rejeita-as A estudante, rejeita-as B
71. / Carlos Magno, *itálico*/ A Carlos Magno, B
73. Paris, A Paris B
75. comparação A comparação, B
78. outro A outro, B
81. E em 1.º lugar A E, em primeiro lugar, B
86. ser, ao mesmo tempo, A ser ao mesmo tempo B
89. these, A these B
90. em 1.º lugar, A em primeiro lugar, B
91. Paris, e de Clédât: A Paris e de Clédât; B
- 91-2. que gozem, A que elles gozem, B
- 92-3. argumentos. Dizer-se A não são argumentos. || Dizer-se B
93. coisa é assim, porque o sabio fulano de tal A cousa é assim, porque o sabio Fulano de Tal B
95. muito do campo das A muito tempo das B

99. O 1.º é o que se pretende extrahir d'estes dois A O primeiro é o que se pretende extrahir d'estes dous B
101. Molt A «Molt B
102. /floride. *itálico*/ A /floride» *itálico*/ B
103. /Curso *itálico*/ A Curso B
104. Comvosco A «Comvosco B
105. branca. A branca.» B
110. autoridade, A autoridade; B
- 111-2. Théroulde (por hypothese): A Thérould (por hypothese – porque ainda não está averiguado quem seja realmente o autor da /Chanson de Roland *itálico*/): B
113. La siet lineis qui dolce France tient, A «La siet lineis quí dolce France tient; B
114. florit lo chief. A /florit *itálico*/ lo chief.» B
116. Alli A «Ali B
117. cabeça. A cabeça.» B
119. exagése A exegese B
123. poetico A poetico, B
125. dois A dous B
127. digo /suppoz *itálico*/, A digo – suppoz – B
128. que este devia A que elle devia B
- 131-2. (les rois chevelus) não podia, decentemente, pintar se careca. A (rois chevelus) não podia, decentemente, ser pintado careca. B
133. O 2.º A O segundo B
138. Dizem A Dizem: B
- 138-9. branca» – (applicado á barba ou ao cabelo) porque A branco (applicado ao cabelo, ou á barba) porque B
140. florescem, A florescem B
- 141-2. ainda. O A ainda. || O B
- 142-3. arvore, ou arbusto, que o produz, só muito mais tarde, depois que elle cae, A arvore ou do arbusto só mais tarde, depois que elle cae B
145. folha, A folha B
155. interpretes, a que o alumno do curso A interpretes a que o alumno do Curso B
156. argumento A argumento, B
159. razões, portanto, até A razões, até B
162. Ficam pois de pé: a versão de Theophilo, A Ficam, pois, de pé: a versão de Theophilo B
172. se a tem A se alguma pessoa a tem, B
176. boi, estava A boi ou de porco montez, estava B
181. de Christandade, A da christandade, B
182. menestreis seguia alegremente por accidentados caminhos A menestreis, seguia alegremente, por accidentados caminhos, B
183. d'Aquitania. A de Aquitania. B

184. Guy de Borgonha contava-lhe uma aventura da caça A Ruy de Borgonha contava-lhe uma historia de caça B
- 186-7. estendera morto. A estendera sem vida. B
- 188-9. De repente um som A De repente, e quando o fogoso barão se dispunha a imitar o grunhido que a fera exhalara ao morrer, um som B
198. rei, A rei; B
- 199-200. que desde a invasão do «Flagello de Deus» na A que, desde a invasão de Attila, Flagello de Deus, na B
202. Rei A rei B
209. Rei, A rei, B
212. corvos que, em A corvos, os quaes, em B
- 212-3. o mesmo lado: A os mesmos lados: B
214. Assim, na /Salambo *itálico*/, os pés de Martho, A Assim, – na /Salambô *itálico*/, os pés de Marthos, B
215. selvagem A selvagem, B
220. Durendal! A Durandal. B
221. ingloriamente, a embate dos A ingloriosamente, a embates dos B
223. – «Vingança! A – Vingança! B
- 224-5. leão haviam-se podentemente recolhido aos antros onde habitavam. Então A leão, haviam-se prudentemente recolhido aos antros onde habitavam. Então, B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
232. musculos de ferro, e no vigor da idade, não podia de maneira alguma A musculos d'aço, e no vigor da idade, não podia, de maneira alguma, B
234. eu a indiquei: A eu indiquei: B
236. verdade, com tristeza o digo, é A verdade, – com tristeza o digo, – é B
237. usava barba. A usava de barba. B
238. /Roland *itálico*/ revela n'aquellas A /Roland *itálico*/ talvez quizesse revelar naquellas B
239. está ali A estaria ali B
240. romana: A romana, B
241. /blanche *itálico*/ A blanche, *itálico*/ B
- 243-4. – «Mas, – dir-me-á – joven alumno do curso superior de letras, A – Mas, dir-me-á, ingenuamente, o joven alumno do Curso Superior de Letras, B
245. longa, A longa B
247. – «Tinha-a assim, repito, exactamente porque a não tinha.» A – Tinha-a assim, repito, exactamente porque a não tinha. B
253. exemplo: A exemplo, B
254. Artus e os da A Artur, os cavalleiros da B
255. de Andaluzia, A d'Andaluzia, B
257. poemas de phantasia, duas A poemas de fañanhas, duas B
259. brancos A brancos, B

271. 3.º – finalmente, que a minha é a unica acceitavel, e, A 3.º, finalmente, que a minha é a unica acceitavel, e B

Data. 18-1-98. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

I. Como se vê no Arquivo documental II do excerto anterior, o texto de João Penha vem na sequência da réplica que “Um Estudante do Curso Superior de Letras” publicou nas páginas da *Tarde*.

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, ficamos a saber que o poeta demorou vários dias a preparar a resposta, confiando a este amigo a composição final do texto, a partir de fragmentos que lhe foi enviando.

O primeiro testemunho, datado de 16 de janeiro, encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1154(2). É constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,6 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, onde se lê:

Meu caro Anthero.

Responderei á Tarde, como a toda a gente que se me não apresente a ornear asneiras. Infelizmente não pude concluir hontem o artigo, porque tive de proceder a certas investigações, e hoje cá estou com a albarda da advocacia ás costas. No entanto verei se lhe poderei mandar amanhã ou, o mais tardar, na 4.ª feira.

O artiquete, que lá tem entra, e por isso, não o perca, porque não tirei copia. Eu lhe indicarei o ponto onde elle hade ser intercalado.

A quadra hade ficar assim:

Se vires um homem de barba comprida,

Chapeu d'aba larga, cacête e gabão,

Esconde-lhe as filhas, e toma sentido,

Que é um homem de Berço, feroz D. João.

Fica assim com mais côr local.

Gostei do artigo do Julio Dantas, que deveria antes intitular-se: Retroinspecção. O pensamento é excellente sob o ponto de vista physiologico, mas banalmente fal-o noutro campo qualquer que na seja esse: no A. psicologico, por exemplo, ou no critico.

Mande-me, se poder, o n.º do Jornal do Commercio, em que saiu a minha carta.

Se

16-1.º-98.

J. Penha.

Dias depois, o amigo recebe nova carta, com orientações para a composição do artigo. O testemunho encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1154(3). É constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,5 x 18 cm), escrito de ambos

os lados a tinta preta. No f. 2r, Antero de Figueiredo acrescentou, pelo seu punho, a primeira quadra a que se refere João Penha, na missiva:

Meu caro Anthero.

Escrevo-lhe a correr, porque está o correio a partir. Vae o artigo, para ser publicado na Tarde, visto ella ter declarado que as suas columnas, etc. etc. Por isso entendo que não pode ir para o Jornal do Commercio. Faz favor de reparar bem para a ordem das materias.

1.º o cabeçalho.

2.º o artigo que lá tem até à quadra.

3.º depois as quadras que agora mando;

4.º depois o resto do manuscripto, que lá tem,

e 5.º depois toda a lenga-lenga que mando. Isto mesmo vae indicado na 1.ª folha.

Desejaria que saísse em folhetim, e que se quebrassem as columnas nos sitios do[s] versos, para estes saírem inteiros.

Quanto a provas, veja o meu amigo o que poderá fazer.

S.

19-1.º-98.

J. Penha.

|| [Em letra de Antero de Figueiredo]

A primeira quadra:

Se vires um homem de barba comprida,

Chapeu d'aba larga, feroz mata-mouros,

Esconde-lhe as filhas, e toma sentido

Que é um homem tenorio da terra dos couros.

As orientações prosseguem no dia seguinte, com nova carta de Penha. O testemunho encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1154(4). É constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,6 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu caro Anthero.

Na quadra do François Copeè, o verso:

Prends bien garde, la mère, à ta fille jolie:

deve ser mudado para este:

Garde bien ta maison, ton enfant si chérie:

(chérie:

e isto não só para variar de rimas, mas talvez porque aquele prendre garde à ta fille, não me parece um francez de bon aloi.

Torno a recomendar todo o cuidado na revisão das provas sobretudo das do verso, e dos nomes proprios.

Do jornal em que sair faz favor de me mandar alguns numeros.

O seu artigo Dor não tive tempo de o ler hontem. Fal-o-ei hoje, e lhe direi o que penso.

Eu tenho àcerca de todas as couzas d'este mundo umas ideas, talvez extravagantes, mas que são verdadeiramente minhas. Assim, para mim, a dor *physica* é um bem, embora desagradavel. É a voz do corpo á alma, pedindo-lhe soccorro, avisando-a de que ali, onde ella está, ha um mal que é preciso debellar. Sem esse aviso salutar, a mortandade /*anceria/ cincoenta por cento.

Hoje e amanhã temos aqui Mourinhada. Pode ter a certeza de que lha não descreverei.

Recados ao Julio e ao Trindade.

Abraça-o

Seu

20-1.º-98.

J. Penha

-F.S.N.P.-

Como não fiz borrão para o artigo a errata que lhe mandei, não sei se haverá alguma couza a mudar nas 1.as linhas, visto terem sido escriptas como para serem publicadas no Jornal do Commercio.

Faz favor de ver, e organizar os tronçons da bicha, de maneira que não saia caricaborrada.

Em carta posterior, ficamos todavia a saber que o poeta reviu – ele próprio – as provas enviadas pela *Tarde*, sendo as quadras de Hugo e Coppée – tal como o episodio em si – integralmente engendradas por João Penha. O testemunho encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1154(5). É constituído por um bifólio de papel pautado (com 23,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu caro Anthero.

O Urbano de Castro mandou-me as provas, de sorte para que o artigo saia sem êrros de vulto. Ha apenas alguns de facil emenda, como podentemente por prudentemente, exagère por exegese, – Martho, por Marthos, Eginhart, por Eginhard, etc.

A ultima quadra vem mordida da frasqueta, mas é de fácil reconstrucção.

Inutil é dizer-lhe que o episodio de Carlos Magno é de minha pura invenção. O que apenas ahi ha de real são os nomes, e a brecha de Roland.

Sabe quem é o tal alumno?

Se não é o proprio Theophilo é alguem a quem elle serviu de espirito santo de orelha.

Abraça-o, desejando promptas melhoras a D. Lima, o

Se

27-1.º-98.

J. Penha.

A resposta de Antero de Figueiredo, por sua vez, esclarece a identidade do *estudante* que afrontava João Penha. O testemunho encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 550, ff. 101-102. É constituído por um bifólio de papel liso com moldura preta, medindo 22,8 x 17,4 cm e escrito de ambos os lados a tinta preta:

Lisboa, 28 – Jan: 98

Prezado amigo

Respondo à sua carta de hontem.

Não sabia eu que o Urbano de Castro lhe havia enviado as provas, pois não voltei a estar com elle desde que lhe confiei a revisão. Foi melhor assim.

O «alumno do Curso Superior de Lettras» é um filho do Julio de Vilhena que fez, na verdade, ha tres annos aquelle curso. Não foi com certeza inspirado pelo Theophilo, porque tudo o que elle diz é sabido por qualquer alumno d'aquelle «curso», pois que na cadeira de philologia o texto (n'uma parte do anno) são algumas canções de gesta em que entra sempre a «Canção de Rolando».

Como sabe, eu fiz esse curso e estudei essa materia; mas tenho a dizer-lhe que n'esta cadeira não fui classificado, tendo-o sido em quasi todas. Isto lhe mostra o pouco interesse que ligo a taes assumptos.

O Delphim publicou em folheto os artigos d'elle publicados na «Mala da Europa». Quer que lhò mande?

Por este correio receberá as «Novidades» com um lindo conto do Guilherme Gama. Um d'estes dias apparecerá outro d'este seu creado.

A Lina melhor e agradece os seus cuidados.

Mande sempre e dê noticias suas aquem muito as estima.

Seu ad. /* dedicado/

Anthero de Figueiredo

II. Logo depois de concretizada a publicação, surge nova tréplica do anónimo Estudante, nas páginas da *Tarde* (n.º 3052, 3 de fevereiro de 1898, pp. 1-2):

Questão litteraria

As barbas de Carlos Magno

Antes de tudo, permitta-nos o sr. João Penha que fixemos o terreno da discussão. Não se trata de saber se as barbas de Carlos Magno eram pretas ou brancas, intonsas ou intensas, nem se elle tinha ou não tinha barbas. Sob este aspecto a questão seria extremamente pueril. Não merecia a pena de perder tempo a invocar documentos para decifrar os enygmas d'este minuscuro ponto obscuro. A questão é outra. Trata-se apenas de saber se o sr. João Penha, traduzindo a expressão barbe fleurie, originaria da barbe floride da Canção de Roland, por barba intonsa, traduziu bem ou traduziu mal. Queremos dizer que se trata de indagar se o sr. João Penha que veio, com um entono magistral, emendar a traducção feita pelo sr. Theophilo Braga, conhece ou não sufficientemente a lingua franceza para dar quinau nos outros. É isto e sómente isto. Todo o largo aranzel do illustre vate, em que a gente não chega a apurar qual era a ideia que lhe formigava no cerebro, desaparece perante a exposição simples do assumpto em discussão. Comprehende-se que o sr. Penha, para justificar a sua traducção, fosse procurar as origens da palavra florir do francez medieval, citasse documentos da latinidade classica ou barbara, ou ainda da epocha da Canção de Roland, em que tal palavra apparecesse com a significação de intonsa, ou não tosquiada; comprehende-se até que se limitasse a folhear um dictionario

de francez antigo; tudo isso seria natural e mostraria ao publico que o preclaro vate sabe discutir e defender-se, ainda quando a sua causa não tem defeza possível. Mas o que é extraordinario e o que tem feito rir a rapaziada do meu curso é que o sr. Penha não tem ideias precisas sobre o assumpto, porque umas vezes diz que a barba de Carlos Magno podia ser branca e intonsa, outras affirma que não podia ser branca, porque quando Roland morreu, tinha o heroe 36 annos, e outras assegura que nem era branca, nem intonsa, nem preta, porque elle não tinha barba nenhuma!

Ora, o que a rapaziada do meu curso queria vêr era a demonstração de que o sr. Penha tinha traduzido bem e essa ficou esquecida pelo illustre poeta. Mas, visto que não quer ou não sabe demonstrar que traduziu bem, vamos nós provar-lhe á evidencia que traduziu mal.

A Canção de Roland fala nas barbas de Carlos, ou de alguns dos seus companheiros, pelo menos em 15 versos. São os versos 117, 1771, 2308, 2384, 1353, 2605, 2744, 3618, 3654, 3087, 4001, 3171, 3503, 352, 3719. Ahi vão transcriptos os primeiros 11 versos (Ed. de L. Clédat. Paris 1890):

*Blanche at la barbe e tot florit lo chief.
Ja estis vos vielz et floriz et blans
Que Charles tient qui at la barbe chanude
Que Charles tient qui at la barbe blanche.
Que Charles tient, qui la barbe at floride.
Li emperédre od la barbe floride.
Ploret des oelz sa blanche barbe tirét
Et tot e vis tresqu'en la barbe blanche.
Fiers est li reis, at la barbe chanude
Los chies floriz et les barbes ont blanches
Ploret des oelz, la barbe blanche tirét.*

Como se vê, a Canção emprega trez termos para adjectivar a barba de Carlos, blanche, floride e chanude, o primeiro de origem germanica, e os dois ultimos de origem latina. Todos estes termos não só pelas suas origens, como pelo sentido em que são empregados, significam – branco ou alvo. Basta lêr com attenção os versos transcriptos para se concluir isto manifestamente.

O sr. Penha faz-nos o favor de não pôr em duvida o que dizem os commentadores da Canção ácerca do sentido figurado em que é empregado o adjectivo florido, mas acrescenta com um aprumo que faz rir:

Assim, arvores floridas são as que estão em plena actividade do seu desenvolvimento annual, ascendente a seiva, exhuberantes de vida, repletas de flôres.

Ora, pergunto eu: que analogia pode haver entre a vida e a morte, entre a florescencia, a vitalidade, representadas pela flôr e pelo fructo, e a decadencia e a velhice, representadas pelas cans e pela calvicie?

Absolutamente nenhuma, e, portanto, sendo falsa e tola a comparação dos interpretes, a que o alumno do curso se refere, o argumento que n'ella quizeram architectar, não só não colhe, mas até é contraproducente, e é sabido que um argumento contraproducente prova a favor da parte contraria.

E aqui está como o sr. Penha atira pela ribanceira abaixo os primeiros linguistas d'este seculo, homens que teem passado a sua vida no estudo das questões philologicas!

Se o sr. Penha conhecesse alguma coisa do assumpto sobre que escreve, se ao menos tivesse lido uma vez só a Canção de Roland, não escreveria contrasensos de tal ordem. A ideia de que a palavra floride exprime o estado de branco em relação á barba e aos cabellos não foi inventada pelos interpretes, como erradamente suppoz o sr. Penha. É o proprio auctor da Canção que se encarrega de explicar o sentido do termo floride. Os commentadores nada mais fizeram do que repetir o que elle diz. Leia o sr. Penha os versos 3:171, 3:503 e 3:521 e ahi encontrará respectivamente o seguinte:

*Li amiralz bien resemblet baron
Balnche at la barbe ensement come flor.
Blanche at la barbe come flor en avril,
Li amlralz at sa barbe for mise
Altresi blanche come flor en espine.*

As expressões barba branca como a flor, barba branca como a flor em abril e barba branca como a flor do espinheiro, são a explicação clara da barba florida. Já vê o sr. Penha que não é tola, como superiormente † dos commentadores.

Diz o sr. Penha que Carlos não podia ter a barba branca, porque, quando morreu Roland, tinha 36 annos de idade. Ora valha-o Deus!

Se o sr. Penha conhecesse a Canção não dizia semelhante contrasenso. É certo que, quando morreu Roland, tinha Carlos aquella idade, mas qualquer estudante de preparatorios sabe que a Canção, como nós a conhecemos, foi composta entre a conquista de Inglaterra pelos Normandos e a primeira cruzada, e que o seu auctor faz de Carlos Magno a figura de um velho venerando, e no estado de uma velhice ideal.

Assim diz o poeta (verso 2:805):

S'or ne s'en fuit Charles maigne li vielz.

e nos versos 523-525:

*De Charles maigne vos voeil odir parler
Il est molt vielz si at son tens usét.
Mien escients, dous cens anz at passét.*

Diz o poeta:

«Eu quero ouvir-vos falar de Carlos Magno; é muito velho; já fez o seu tempo; que eu saiba, já tem duzentos annos.»

E é assim com os seus duzentos annos, muito velho, com a sua barba branca como as flores que a Canção de Roland o representa.

De resto, toda esta larga explicação seria escusada se o sr. Penha quizesse abrir um dictionario de termos antigos. Veja o Ducange, por exemplo, e lá encontrará no termo floride a significação de branco, falando dos cabellos e da barba. Lá encontrará tambem a citação de diferentes auctores, além da Canção de Roland, onde aquelle termo apparece com a mesma significação. E se não quizer vêr o Ducange, tem facilmente á mão o Littré e lá verá que fleuri, significa branco, applicado á barba e aos cabellos.

Cremos que depois de tudo isto o sr. Penha concordará como ultima conclusão a tirar que traduzir barbe fleurie por barba intonsa, ou qui n'est point tondu, é simplesmente um disparate em que não vale a pena de insistir. E não se desconsola por isso; toda a gente os diz, e os faz, o que é peor. A unica differença que existe entre uma pessoa de talento e um tolo é que o primeiro só por excepção diz desparates, emquanto que o outro os diz habitualmente.

Preferimos esta conclusão á do bate-cú, ainda mesmo sob a auctoridade de Filinto Elysio.

Um alumno do curso superior de letras.

[As barbas de Carlos Magno – II – Trovistas e trovadores]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 3089 (22 de março de 1898), pp. 1-2; n.º 3090 (23 de março de 1898), pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 129.

Este excerto aparece repartido por dois exemplares diferentes.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 147-157. Vd. descrição no n.º 719.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1743 (6 de abril de 1898), pp. 1-2; n.º 1744 (13 de abril de 1898), p. 1.
Trata-se de uma cópia da *Tarde*.

Anotação textual: emendas

44. /barbe fleurie *itálico*/]; /barba fleurie *itálico*/
180. d'oil),]; d'oil,)

Aparato genético

Título. Questão litteraria A [As barbas de Carlos Magno] B

Subtít. As barbas de Carlos Magno | II A II | Trovistas e trovadores B

- o discurso anterior A o estudo anterior B
- expressão /barbe *itálico*/ A expressão /à barbe *itálico*/ B
- As conclusões A Como acaba de ver-se, as conclusões B
- /branca *itálico*/ – era A /branca, *itálico*/ era B
- /florida *itálico*/ A /florêda, *itálico*/ B
- melhor; A melhor, B
- Gaston de Paris A Gaston Paris B
- dos textos da A dos versos da B
- scena A scena, B
- 22-3. /barba branca *itálico*/, porque Ducange, Littré e outros assim o disseram. || Não A barba branca, porque Du Cange, Littré, e outros assim o disseram. Não B

24. argumentar: A argumentar, B
26. ouvirei A ouvirei, B
27. dois A dous B
30. 1891 dizia eu n'um diario de Lisboa: Tolices, ou, A 1891, dizia eu num diario de Lisboa: «Tolices, ou B
31. que A que, B
38. artigo) toda A artigo) – toda B
44. /barba branca *itálico*/, A barba branca, B
45. assim A assim, B
49. a um unico dos A a nenhum dos B
50. quaes nem chegou a comprehender, – chama-me, A quaes não chegou a comprehender, chama-me, B
52. collegas, Gaston de Paris, A collegas Gaston Paris, B
53. Littré, A Littré, B
- 57-8. mas em toda a parte. Uma A mas tambem em todos os outros paizes. Uma B
58. Asneira Humana A asneira humana B
59. preconceito. || A A preconceito. A B
60. encontrando-o adoptaram o, /mere *itálico*/ A encontrando-o, adoptaram-no /more *itálico*/ B
61. créditos e bôjo, e A credito e bôjo, e, B
63. adorar bundos como bonzos diante de um Deus A adorabundos, como bonzos diante de um deus B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
65. livres – reconhece A livres, reconhece B
70. sustentam; A sustentam: B
71. sabem A sabem, B
73. os outros com sorrisos victoriosos: «Que homem original, A os outros, com sorrisos victoriosos: «Que homem original! B
74. lado A lado, B
76. mythologia; A mythologia: B
77. forte do que A forte que B
81. nas minhas ideas, A nas mesmas idéas, B
83. Vamos pois ás barbas, que a questão é momentosa, A Vamos, pois, ás barbas, que a questão é momentosa B
85. E em 1.º lugar A E, em primeiro lugar, B
86. alumno A Alumno B
- 87-8. colloca a. Quiz axhibir A colloca-a. || Quiz exhibir B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
- 88-9. mestre talvez distincto A mestre, talvez distincto, B
- 90-3. /fleurie *itálico*/ fôra extrahida A /fleurie, *itálico*/ que segundo Roquette no seu estimado /Vocabulario dos principaes idiotismos e proverbios da lingua franceza, *itálico*/ se deveria traduzir: o /Imperador devoto de Baccho, *itálico*/ fôra extrahido B

97. verteu A verteu, B
98. /Aymerillot *italico*/ da /Lenda dos Seculos: *italico*/ A /Aymerillot, *italico*/ da /
Lenda dos seculos: *italico*/ B
99. fleurie A fleurie, B
101. – «Roncevaux! Roncevaux! ô taître A – Roncevaux! Roncevaux! ô traître B
103. *Em A, termina aqui o excerto publicado no n.º 3089 do jornal. Tem continuação
no número seguinte.*
105. Edade Media, A edade media, B
106. edade; A edade: B
107. de um cavalleiro montado n'um corsel, A d'um cavalleiro montado num
corssel B
109. tambem; A tambem: B
111. Ainsi Charles de France, appellé Charlemagne A «Ainsi Charles de France,
appellé Charlemagne, B
116. E estavam longe, bem longe, A Estavam longe, bem longe B
117. gaitas, A gaitas B
122. azul A azul, B
- 123-4. nuvem. O que seria? A nuvem. || Que seria? B
130. fuzilar de relampagos. O ceu, porém A fuzilar dos relampagos. O ceu, porém, B
134. pôz a gôrra de pelle de urso; A pôz o gôrro de pelle de urso, B
135. dois A dous B
136. escondido pelo terror, nos antros de uma caverna; A escondido, pelo terror,
nos antros de uma caverna, B
137. a passos rapidos na A a largos passos na B
138. caminho, porém, A caminho porém B
139. trovão; parou porque A trovão, e tambem porque B
141. qual A qual, B
142. Garin, o que A Garin, o mesmo que B
144. existiam: – o cicío que semilhava A existiam: o cicío, que semilhava B
149. /barbaros, *italico*/ A /Barbaros, *italico*/ B
150. / Paladinos *italico*/ A /Paladinos, *italico*/ B
- 154-5. vocabulo /florie *italico*/, extrahido do verbo /florir *italico*/ uma A vocabulo /
fleurie, *italico*/ derivado do verbo /fleurir, *italico*/ uma B
159. como aquelles poetas: verteu o apenas; A como esses poetas: verteu-o apenas; B
162. curso superior A Curso Superior B
- 165-6. no meu primeiro escripto ácerca d'esta materia. Accrescentarei porém A no
primeiro capitulo d'esta cousa. Accrescentarei, porém, B
167. interpretes A interpretes, B
168. philologos que só curam de investigação de origens, A philologos, que só
curam da investigação de origens, B
169. de interpretação, aconselhados A de investigação, aconselhados B
174. lingua que então predominava, era a /d'oc *italico*/ (Langue A lingua, que então
predominava, era a d'oc (langue B

175. principalmente de A principalmente por B
- 177-8. foi, pouco a pouco, A foi pouco a pouco B
180. /d'oil *itálico*/, (Langue d'oil) A /d'oil *itálico*/ (langue d'oil,) B
190. recebidas, A recebidas B
192. afirmações, A afirmações B
- 194-5. Mas não é só isto: não só a /Chachon de Roland *itálico*/ mas toda A Mas, não é só isto: não só a /Chanson de Roland, *itálico*/ mas também toda B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
200. modificados, A modificados B
203. irracionaes, e A irracionaes (e B
205. primavera, os interpretes, a que acima me referi, – se A primavera) os interpretes, a que acima me referi, se B
206. interpretes A interpretes, B
210. abril.» A abril.» B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
214. provençal; – e o de que A provençal; e o de que, B
216. cabelo A cabelo, B
220. barbas, A barbas B
224. estis vich oe /florir et blans,» *itálico*/ A estis vos vielz et floriz et blans». B
225. /e branco *itálico*/ significassem a mesma coisa, A e /branco *itálico*/ significassem a mesma coisa, B
227. cupelativas A copulativas B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
229. emprega o o A emprega o B
Em A, a repetição resulta de gralha tipográfica.
230. / florie *itálico*/A florie *itálico*/, B
233. assim, mas concluindo A assim; e concluindo B
234. applical o ao A aplicado ao B
235. porque porque as arvores de fruto também embranquecem A porque as arvores de fruto também embranquecem, B
Em A, a repetição resulta de gralha tipográfica.
236. florecem, – A florescem, – B
238. Fique-se pois A Fique-se, pois, B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

Em correspondência trocada com Antero de Figueiredo, João Penha refere-se à exaustão que esta polémica lhe vinha causando, numa altura em que se achava sobrecarregado com trabalho jurídico.

O primeiro testemunho, datado de 7 de fevereiro, encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1154(16). É constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,3 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, onde se lê:

Meu caro Figueiredo.

Envio-lhe hoje o 2.º artigo das Barbas, para a Tarde. Nunca escrevi nada com tão má vontade. Além de incommodado, e de ababado com serviços jurídicos, de tão esteril assumpto não via nada que pudesse tirar-se com geito. Enfim fiz o que pude, – mas sobre tal materia nem mais uma unica linha, ainda que seja el-rei que me chame a desafio.

Se não convier que o artigo, por longo, saia n'um só numero, deverá ser dividido em lugar conveniente, isto é, de modo que não fique cortada materia que logicamente esteja ligada entre si.

Tambem desejaria ver as provas, como da outra vez. Obsequie-me communicando ao Urbano este meu desejo.

Já ha muito que não recebo as Novidades.

Que ha de novo, litterariamente fallando?

Seu

VII-II-98.

J. Penha

Na segunda carta, a 12 de fevereiro, o poeta refere-se aos vários problemas que afetaram as provas tipográficas, na *Tarde*. O testemunho encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1154(17). É constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu caro Anthero.

Ao mesmo tempo que recebia o seu postal, recebia a prova do artigo enviada pela Tarde. Um horror. Se ahi se não faz uma nova revisão, sae uma pastelada de cauzar nôjo: até lhe falta um periodo inteiro. Mesmo com nova revisão, duvido que saia de modo que se possa ler.

O seu artigo agrada-me muito, – mas o Garrett não é o que o meu amigo diz: não é um poeta nacional: é um poeta do seu tempo: romantico, e rhetorico, embora com arte. Este assumpto pode ser amplamente desenvolvido.

Passemos a outro: ao dos piriquitos. Morreram ambos. Depois d'aquella luta que nos ambos presenciamos, viveram sempre na mais perfeita harmonia, sempre contentes e felizes. O anno passado, o seu, vendo um arame da gaiola um pouco largo, teve a idea desgraçada de sair, e de dar um vôo ate ao telhado vizinho: deu-o, mas caiu logo no papo de um maltez que ahi estanceava em plácido repouso. Suppuz que o outro morreria de saudade, mas com grande espanto, o vi nessa mesma tarde, a fazer gymnastica, com grande contentamento, como se fosse um ente racional.

O anno passado, na Povia, notei a sua ausencia, e perguntei por elle. Disseram-me que tinha ficado cá, porque a gaiola não estava segura. Fiquei desesperado, porque logo imaginei que o não tornava a ver, e assim foi. A gente bruta, a quem foi dado para o guardar, deu-lhe naturalmente droga que o fez alar-se para o outro mundo. Agora, n'esse outro mundo, talvez já seja papagaio.

Falto de piriquitos, portanto, acceito o seu amavel offerecimento.

Finalmente, qualquer dia (quando tiver duas horas vagas, enviar-lhe-ei qualquer couza para as Novidades.

Abraça-o.

O S.

12-II-98.

J. Penha

Vae uma quadra para a sua collecção de inéditos.

Pode-lhe servir para principio de namôro.

[As barbas de Carlos Magno – III – A tragedia de Roncesvalles]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Tarde* (ed. José Alves Leite), Lisboa: [s.n.]. N.º 3091 (24 de março de 1898), p. 1. Vd. descrição no n.º 129.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 158-164. Vd. descrição no n.º 719.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1745 (16 de abril de 1898), pp. 1-2.
Trata-se de uma cópia da *Tarde*.

Anotação textual: emendas

26. refere); morreu]; refere) morreu
29. l'insouciant] A; l'insauciant

Aparato genético

Título. Questão litteraria A [As barbas de Carlos Magno] B

Subtít. As barbas de Carlos Magno | II | (Conclusão) A III | A tragedia de Roncesvalles B

1. Agora, uma rectificação. Disse eu no meu artigo anterior A Agora uma rectificação. Disse eu no capitulo anterior B
- 3-4. Temerario é o A Temerario, cuja mãe era portugueza, é o B
5. Michelet, – mas A Michelet, mas B
8. cid, A cid B
10. Pyrenées, A Pyrenées B
23. Roland... A Roland.» B
28. á Tarrogonne; A á Sarragosse; B
29. l'insouciant Charlemagne ne veut point entreprendre. A l'insauciant Charlemagne ne veut point entendre. B
As variantes resultam de gralhas tipográficas.
43. França, seus companheiros, e A França, dos quaes se fizera companheiro, e B

51. Abriu-os pois A Abriu-os, pois, B
52. montanhezes, de sapato de carda, A montanhezes de sapato de corda, B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
60. pelos naturaes cismontanos A pelos încolas cismontanos B
61. transmontanos Rouceveaux, aberto, A trasmontanos Ronceveaux, aberto B
64. crepuscular, e o A crepuscular, o B
- 68-9. dominados por um persentimento A dominadas por um presentimento B
74. ôlho, A olho B
- 76-7. principiou a ouvir-se por toda a parte. Deliberavam A principiou a ser ouvida por toda a parte. || Deliberavam B
79. de Oliveiros o A de Rinaldo o B
89. dardos, e A dardos e B
91. que então se A que se B
102. creanças, A creanças B
110. que A que, B
111. adarve do A adarve de B
115. nigromante, A nigromante B
122. som, A som B
123. rugido dos ventos, o ribombo do trovão, os mugidos das vagas A rugido das vagas B
127. vento, A vento B
- 130-1. Ahi parou. Porque? Voltemos A Ahi, parou. Porque? | Voltemos B
138. noute, A noite, B
140. sangue A sangue, B
146. Assim A Assim, B
- 147-8. Malusina, que evoquei, e A Melusina, por mim evocada, e B
149. obscuros – A obscuros, – B
150. papa Adriano, A Papa Adriano B
151. imperador da barba longa. A Imperador da barba intonsa. B
- Data.* 6-II-98. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, redução e amplificação.

729

[A Orgia – I]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 167-173. Vd. descrição no n.º 719.

Anotação textual: emendas

- 77. abysmo?]; abysmo?»
- 127. casa.]; casa.»

[A Orgia – II]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 174-186. Vd. descrição no n.º 719.

Anotação textual: emendas

53. /aquas», *itálico*/]; /aquas, *itálico*/

Arquivo documental

I. Antonio Cabral reproduz uma carta de João Penha, referindo-se a este episódio e à estreita relação mantida com Eça de Queirós em Coimbra:

António Cabral, *Camillo e Eça de Queiroz*, Coimbra: Coimbra Editora, 1924, pp. 265-269:

Braga, casa de V. 21-VI-15.

Sr. Dr. Antonio Cabral.

Não respondi hontem mesmo a V., porque queria ver se encontraria qualquer carta do Eça, que podesse aproveitar ao trabalho que V. traz entre mãos. O mesmo foi que procurar agulhas n'um palheiro, tal é a quantidade de cartas que, sem ordem, e sem quaesquer indicações, tenho em diversas caixas, gavetas e armarios. Demais, diversos colleccionadores de manuscriptos, ahi têm feito buscas á sua vontade, e levado o que melhor lhes quadra, de modo que é provavel que já ahi não exista carta alguma do Eça.

Só de duas me lembro, ambas interessantes, mas que já foram publicadas: uma na Limiana, pequena revista, de Vianna, e que envio a V., e outra na Chronica, revista que durante dous ou tres annos foi publicada n'essa cidade, no numero especial que me foi dedicado. Hei-de ver se o descubro, e então o mandarei a V.

Quanto á vida anecdotica do Eça, nada posso dizer, porque realmente de nenhum acto ou facto me lembro, por elle praticado, que seja digno de nota. Depois do episodio, que debaixo do titulo a Orgia, sahiu no meu livro Por montes e valles, editado ahi, e que é de todo o ponto verdadeiro, Eça, que era um visionario, passou a dormir comigo. De manhã, vinha-nos á cama, n'um taboleiro, o nosso almoço, que devoravamos com o appetite da mocidade, aberta a janella, e alongada a vista, por sobre o placido Mondego, até aos chorões da Fonte de Ignez de Castro. Depois d'este episodio, Eça desa-

pparecia, sem que eu jamais o tornasse a ver a até á noite. Á noite, e sem excepção de uma só, seguiam-se diversos episodios, entre os quaes os das ceias na tia Maria, que frequentavamos, não por falta de dinheiros, porque sempre os havia, mas porque era perita e unica na arte de fritar a sardinha, o savel e a eiró. Muitas vezes, porém, ceias monstruosas se realizavam, até altas horas, no Paço do Conde ou no Castella, e ahi, como acolá, o prato forçado, e de resistencia, era o d'uma discussão descabellada sobre todas as materias relativas á arte, ou ás que constituem o saber humano. De ordinario, esses episodios tinham o seu remate em casas de raparigas de facil peso – mas nem Eça, nem qualquer de nós, jamais praticamos com ellas o acto, a que, pelo infortunio, eram destinadas, e era por isso talvez que nos adoravam. A isto me refiro, mais detidamente, no conto: a Orgia, a que acima me referi.

Eça, ao contrario do que quasi toda a gente suppõe, era um visionario, romantico e sentimental, tendo um horror profundo por tudo quanto é prosaico, isto é, pela vida commum, e real, como ella é. Nos seus livros, onde elle se nos revela observador, mas intuitivo, era um: – fóra d'ali, era outro, era, como eu disse, um romantico, um degenerado talvez, como todos os homens de genio, segundo certos principios de antropologia moderna.

Mas páro aqui, porque vejo que vou mettendo foice em seara alheia, isto é, no estudo que V. está fazendo ácerca d'aquella gloria das letras patrias.

Com a mais alta consideração, me subscrevo,

De V. att.º amigo e admirador

João Penha.

II. A passagem reproduzida nas linhas 102-105 retoma uma carta que João Penha enviou a Antero de Figueiredo, em setembro de 1897. O testemunho em causa encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1144(15). É constituído por um bifólio e meio de papel pautado (com 22,5 x 18 cm), escritos de ambos os lados a tinta preta. No f. 1r, Antero anotou posteriormente a indicação “R. 22 Septem. 97”.

Meu caro Anthero.

No anno do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de 1897, no dia 2 do corrente mes de setembro, seriam 9 e meia da manhã, um coupè que, n'èsta villa de Varzim, partira da estação do caminho de ferro, parava em frente do predio n.º 110 do Passeio Alegre. Um individuo, que dentro vinha, como o estribo da matina estivesse em ladeira, collocando ahi o tacão da bota, escorregou, e caiu desastrosamente, ficando o anus dentro da locomotiva, e as pernas pendentes e retorcidas do lado de fóra. Quem era esse indivíduo? Eu. Qual o resultado d'aquelle acontecimento? O andar elle, desde então, curvado como um c, e coxeando da perna esquerda.

Obra de quem? De Satanaz. E sabe o meu amigo quem é Satanaz?

É um individuo com cornos, pés de cabra, rabo em ponta de lança, e que quando falla, deita chamma pela bôca fóra.

Ora, com um figurão d'èsta natureza não se brinca, e eu atrevi-me a brincar com elle, dizendo n'uma quadra da Aventura que elle não existia! Inde irae. Desde então nunca mais o grande immundo deixou de, por ii, e pelos trasgos sem subordinados, me

tracassar por todos os meios ao seu alcance. D'ahi todos os meu males, todos os meus infortunios! (Áquelle malles pode tirar-lhe um l.).

A vida passo-a a dar fricções. As receitas, infalíveis, chovem de toda a parte: opodeldoc, linimuto de sabão com opio, pommada de belladona, arnica, orbus, begonia, etc. Resultado: o do costume: cousa nenhuma, a não ser o de que, pelos odores, pareço uma *pharmacia ambulante*.

Ate hontem me succedeu o seguinte. Como pude, fui-me arrastando ate ao americano (que parte agora de defronte da minha casa, – para ir almoçar a Villa do Conde. Dentro estava uma jovem encantadora que, desde logo, entabulou commigo um violento namoro. A breve trecho, porém, mudou de aspecto: a obra do meu perfume! No seus grandes olhos azues, subitamente entristecidos, bem lhe li este pensamento:

– “Que pena, que seja apenas um simples ajudante de *pharmacia*! E eis o que ha. Mando-lhe hoje as duas 1.as folhas da Viagem, como primeur especial. Depois de as ler, devolva-m'as. Como prefacio, tive apenas em vista mostrar que, mesmo em sciencia, se pode ser original sem dizer asneiras de cabo de esquadras. Diga-me o que pensa a esse respeito.

O livro deve ficar prompto por todo este mez.

Abraça-o o

Seu

9-IX-97

J. Penha

[A Orgia – III]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 187-189. Vd. descrição no n.º 719.

730

[Mr. Le Symbole]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Nova Alvorada: Revista Mensal, Litteraria e Scientifica* (dir. Sebastião de Carvalho), Vila Nova de Famalicão: [s.n.]. Ano VIII, n.os 6-7 (outubro-novembro de 1898), pp. 151-153. Vd. descrição no n.º 173.

O texto foi publicado num número de homenagem a Michelet.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 193-203. Vd. descrição no n.º 719.

Anotação textual: emendas

- 180. alcançar;] A; alcançar:
- 202. Leibniz,] A; Leibnitz,
- 206. Schopenhauer,] A; Schopenhauer,
- 222. Consciencia.»]; Consciencia.

Aparato genético

- 4. Mestre» A mestre» B
- 5. Collegio A collegio B
- 6. Superior de Letras), A superior de letras), B
- 10. um, A um B
- 11. nem o aspecto irrequieto de A nem a figura irrequieten de B
- 25. – «Vejo A – Vejo B
- 27. escripto.» A escripto. B
- 36. menos, ha muito num A menos, num B
- 37. affirmava, A affirmava B
- 38. rhetorico, A rhetorico B
- 39. historiadores, que desprezando relações de A historiadores que, desprezando narrações de B
- 40. acção A acção, B
- 41. personagem A personagem, B
- 46-7. a desenvolver, em duas palavras, as minhas ideas a este respeito. A a desenvolver-o, em duas palavras. B
- 48. estado anormal, A estado, anormal B

49. nervosa A nervosa, B
50. intervenção voluntaria, A intervenção, voluntaria B
53. doentio da sociedade franceza durou A doentio do povo francez durou B
55. /– «Je suis bien ainsi, monsieur le bourreau?» *itálico*/ A /– Je suis bien ainsi, monsieur le bourreau? *itálico*/ B
57. sucessivamente, algumas dezenas de cabeças, A sucessivamente, cinquenta e nove cabeças, B
60. pescoço no logar onde A pescoço onde B
64. «Estou A – «Estou B
65. e, A e B
66. arripio A arripio B
69. que ainda A que ella ainda B
76. tempos que A tempos, que, B
77. Incompactível, – o A Incompactível, o B
78. Directorio e o Imperio. A Directorio, e ao Directorio o Imperio. B
85. explica. Os A explica satisfatoriamente. Os B
89. mas tambem nos outros animaes, e até nas plantas, – porque A mas até nas plantas, porque B
91. de 30 A de 1830 B
95. transitorio, A transitorio; B
96. permanente, original na A permanente, originado na B
98. afastou-se da realidade, idealizando A afastou-se d'esta, idealizando B
104. amor A amor, B
106. humana, A humana B
107. anjo – e nessa epoca os anjos abundavam – os A anjo, – e nessa epoca os anjos abundavam, – os B
- 110-54. *Em A, não consta a passagem assinalada. Em seu lugar, surge apenas esta frase:*
 Foi este o primeiro periodo do romantismo
O poema introduzido em B corresponde ao editado no n.º 567.
155. esse seguiu-se o outro: A esse do primeiro periodo, seguiu-se outro: B
156. que, nos ultimos tempos A que nos ultimos tempos, B
- 156-7. vigorosamente atacado pelo Naturalismo, seu inimigo figadal. A vigorosamente combatido pelo naturalismo, e pelo realismo, seus inimigos figadaes. B
- 160-1. e logico, em A e methodico, em B
162. seculo, que finda, A seculo que finda B
164. origens, talvez contestaveis, A origens, naturalmente contestaveis, B
167. anterior: A anterior, B
170. esta nasceu, a meu ver, do A esta, a meu vêr, nasceu do B
- 175-7. É, antes: – a Historia, escripta por um vidente e um profeta, da Humanidade, desde as suas origens antes do tempo, até além da sua extincção no seculo. A É antes: a Historia da Humanidade, desde as suas origens antes do tempo, até além da sua extincção no seculo, escripta por um vidente e um propheta. B

- 178. tragedia, A tragedia B
- 180. alcançar; A alcançar: B
- 181. ceu, A ceu B
- 184. Morte. A morte. B
- 185. eterno: não pode destruir-lhe a vida, mas tudo o mais A eterno; não póde destruir-lhe a existencia, mas tudo mais B
- 187. sciencia, de A sciencia, e de B
- 190. reanima-o A reanima-o, B
- 194. deserto sem agua, sem vida, árido, A deserto, sem agua, sem vida, árido B
- 197. Julgamento A julgamento B
- 198. mundos futuros. A mundos por crear. B
- 201. morte: A morte; B
- 202. Leibniz, A Leibnitz, B
- 206. Schopenhauer, A Schopenhaur, B
- 209. Ashaverus A /Ashaverus, *itálico*/ B
- 211. cyclo aponta A cyclo, aponta B
- 213-4. naquella jornada, A naquella primeira jornada, B
- 215. Ibis, de bico de oiro, A Ibis de bico d'oiro, B
- 215-6. animaes mais ou menos fabulosos; a A animaes, na sua maior parte fabulosos; a B
- 219. passado, que A passado, «que B
- 220. Sombra, A sombra, B
- 224. proprio livro de Michelet, A proprio Michelet, B
- 225. sombra; – e A sombra; e B
- 227. idades» a unica que se vê A edades» – a unica que, por emquanto se vê, B
- 240. estylo n'esses A estylo d'esses B
- 244. avó A avó, B
- 247. «Posteridade A «Posteridade, B
- Data. 24-XI-98. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, reorganização, redução e amplificação.

731

[Os visionários]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Novos e Velhos: Revista Quinzenal Illustrada de Litteratura e Arte* (dir. Alberto de Madureira), Braga: Laurindo Costa Livreiro Editor. Série I, n.º 6 (20 de abril de 1897), pp. 81-84. Vd. descrição no n.º 74.

B – João Penha, *Por Montes e Valles (Prosa)*, Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899, pp. 207-215. Vd. descrição no n.º 719.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Reporter* (ed. Antonio Baptista Machado), Lisboa: [s.n.]. Ano VI, n.º 1601 (28 de abril de 1897), p. 2.

Trata-se de uma transcrição, corrigindo ligeiras gralhas com que saiu na *Novos e Velhos*. O texto vem antecedido de uma pequena apresentação, que deverá ser de Cândido de Figueiredo:

Um artigo de João Penha

João Penha, o impecavel sonetista, absorvido pela advocacia nos tribunaes do Minho, raramente se nos mostra na imprensa, mas, quando n'ella resurge, os seus versos e as suas prosas constituem verdadeira gulodice para os gourmets literarios.

A sua prosa, sempre exemplar como a de todos os bons poetas, é ainda mais rara que os seus versos.

Cremos pois que os leitores nos agradecerão o darmos-lhes um formoso artigo de João Penha, que, áparte os seus conceitos, ácerca dos quaes alguém poderá divergir, será para todos um delicioso trecho de prosa.

Anotação textual: emendas

15. a /Jerusalem *itálico*/]; /a Jerusalem *itálico*/
130. expressão do pensamento.] A; expressão de pensamento.

Aparato genético

Título. Partindo da Terra A Os visionarios B

- 1-72. *Em A, não consta a passagem assinalada. Em seu lugar, surge apenas este período:*
 Outro dia, como a brisa soprasse enregelada e cortante dos lados do Gerez, o
 que obstava a que eu saísse a dar o meu passeio matutino, peguei n'um livro,
 que me tinha chegado na vespera pelo correio; sentei-me commodamente
 n'uma poltrona, cruzei a perna direita sobre a esquerda, e dispuz-me a lê-
 o. Esse livro intitulava-se: *Partindo da terra*: no alto do frontispício lia-se o
 nome do autor: | Anthero de Figueiredo.
73. com uma certa A com certa B
77. as subfixas dos vocabulos, A os subfixos dos vocabulos; B
80. e flexível A como flexível B
84. que ainda assim é a A que é ainda assim a B
93. humanas, A humanas B
- 96-7. já conhecia este escriptor desde A já o conhecia desde B
- 97-8. apparecimento do seu primogenito, o /Tristia ^{italico}/: o que A apparecimento
 dos outros dous livros a que me referi: o que B
98. ainda seria cedo, A ainda era cedo, B
100. que n'aquella manhã em que a brisa soprava cortante dos lados do Gerez, li,
 A que li, B
101. contos A contos, B
104. que a nossa litteratura, tão minguada A que as nossas letras, tão minguidas B
105. nome, correcto, distincto, e, A nome, e, B
- 106-7. é, absolutamente original. Anthero de Figueiredo prende, A é, unico no genero
 entre nós, e absolutamente original. É um escriptor que prende, B
115. cousas A cousas, B
117. outros, A outros B
119. reproduzidas no livro, na tela e no marmore por A reproduzidas por B
120. observe o commum dos mortaes. Sem A observa o commum dos mortaes:
 sem B
121. originalidade. A originalidade, dizem elles. B
- 122-3. porque, embora não me pareça A porque embora me não pareça B
123. que – «a A que «a B
124. liberdade reconstruindo a seu modo, e tendo por fim a sua propria gloria, a
 phenomalidade A liberdade, reconstruindo a seu modo, a phenomalidade B
- 125-6. natureza, – » é A natureza», – é B
130. expressão do pensamento. A expressão de pensamento. B
134. completo: A completo; B
136. Quer-me parecer que Anthero A Supponho que Anthero B
138. parecendo A parecendo, B

- 139-41. adoptou, mas á letra, o pensamento de Schiller de que a arte deve ser ideal, mas com fundamentos na realidade. || Effectivamente, A adoptou, embora não completamente, os da ultima escola a que me referi. || Effectivamente, B
142. perfeito A perfeito, B
145. insensivelmente. || Nisto A insensivelmente. Nisto B
146. que nos encanta como tudo que é novo, fóra do commum, A que encanta, como tudo que é novo, fóra do commum B
148. Figueiredo, A Figueiredo B
- 149-50. descrições ha deliciosas vinhetas, como esta: «O abbade chegou a egua para a beira de uma pia de pedra que ali estava, collocou-se em cima das bordas, seguiu a redea, passando um dedo entre as crinas, pôz o pé esquerdo no estribo, e alçando pesadamente a outra perna, montou no animal.» || Mas, ha tambem A descrições não ha só deliciosas vinhetas, ha tambem B
150. telas A telas, B
154. Corots, e A Corots, ou Lorenos, e B
157. nitidente A nitidamente B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
159. Anthero de Figueiredo póde, A Anthero póde, B
- 160-1. de André Theuriet, A de Theuriet, B
162. symbolica A symbolica, B
165. que, se se realisam, se esvaem A que se se realizam, se esvaem, B
166. vezes A vezes, B
- 168-9. problema, ou, como se dizia antigamente, a moralidade da historia. || Essa moralidade, a de todos os contos, é, a meu ver, aquella. || Finalmente, A problema. || Finalmente, B
170. elegante, e simples A elegante e simples, B
172. são correctos e A são correntes e B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica. Vd. infra Arquivo documental.
173. sua ondulação musical, A sua modulação musical, B
- 175-87. *Em A, não consta a passagem assinalada. Em seu lugar, surge apenas este período:* É pois, sob todos os aspectos, um livro delicioso, e todos os que o lerem, dirão, como eu, beijando nas duas faces o sympatico escriptor: « – mais, venham muitos mais!»
- Data. 15-4-97. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição, reorganização, redução e amplificação.

Arquivo documental

Em carta enviada a Antero de Figueiredo, João Penha assinala algumas gralhas que afetaram este texto, na revista *Novos e Velhos*, e recomenda a sua emenda em futura transcrição.

A missiva em causa encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1144(6). Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 22,6 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, constando no f. 1r, a lápis, a anotação de Antero: “R. 30 d’Abril 97”.

Meu caro Anthero.

Como hoje recebi o n.º 6 dos Novos e Velhos, é provavel que ja lá o tenha também. Lá encontrará o meu pequeno artigo a respeito do seu Partindo. Entendo que lhe não desagradará. A mim desagradou-me por causa dos erros typographicos importantes com que sahiu, apesar de eu ter corrigido as provas: mas foi como se nada corrigisse. No periodo que principia Finalmente, depois da palavra exageração ha dous pontos, e não ponto e virgula, porque o que se segue é explicação da palavra anterior; os dialogos são correctos, não. O que eu escrevi foi: os dialogos são correntes, etc.

Como me disse que faria publicar o artigo n’um jornal de Lisboa, se insistir n’essa idea, poderão lá fazer-se aquellas correcções, que são as mais importantes.

Abraça-o o

S.

25-4-97.

J. Penha

732

[Prefacio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Novas Rimas*, Coimbra: França Amado Editor, 1905 [1904], pp. 5-8. Vd. descrição no n.º 128.

733

[Prefacio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 5-7. Vd. descrição no n.º 253.

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora. Vol. III (1906), n.º 18, pp. 454-458. Vd. descrição no n.º 253.

O conto vem acompanhado de ilustrações alusivas ao tema.

B – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 155-166. Vd. descrição no n.º 253.

Aparato genético

6. averiguada que, A averiguada, que B
9. arrepia e encrespa, cheio A arripia e encrespa, formando dorso de camêlo, cheio B
10. contempla-lo: o espadarte detesta a balea, e, A contempla-lo; o espadarte detesta a balea, e B
13. finalmente A finalmente, B
14. relatorio, – a A relatorio, a B
20. aquellos, A aquellos B
40. suprema, infinita, em A suprema, em B
45. alma, A alma B
58. vida eterna; A vida espiritual eterna; B
64. velho testamento. A Velho Testamento. B
65. succeder A succeder, B
66. ser, que actualmente tem o aspecto de um A ser que actualmente tem o aspecto d'um B
67. sua existencia anterior um simples jumento, A sua anterior existencia um simples jumento B
68. e, A e B
80. Porque o A porque o B
82. exemplo A exemplo, B
84. rouxinoes A rouxinoes, B
88. felina, gato, tigre, leão? || Do A felina: gato, tigre, leão? Do B
103. Portugal, A Portugal B
107. segunda que, A segunda, que B
112. miniatura, cujos distinctos A miniatura, pelos seus distinctos B

113. egoistas admiro, quando ella apparecia A egoistas, quando ella apparecia, B
 115. joelhos. Ahi A joelhos. Ali, B
 121. eu andasse A eu andava B
 123. miando A miando, B
 129. colosso: A colosso: B
 132. de um A d'um B
 145. do antigo Esphinge, A da antiga Esphinge, B
 146-7. rôsto. Nos A rosto. || Nos B
 150. mysterios A mysterio B
 163. outras, A outras B
 166. altura de A altura da B
 177. Mas A Mas, B
 180. frestas e por baixo das portas uma luz branca, sinistra. || Os A frestas, e por baixo das portas uma luz branca, sinistra. Os B
 187. obstante, A obstante B
 188. me sentara para A me assentava para B
 189. se aninhara A se aninhava B
 101. Depois A Depois, B
 105. eu A eu, B
 108. morta e bem morta. E comtudo, A morta, e bem morta. E comtudo B
 109. mãos! || Pobre A mãos! Pobre B
 110. porém A porém, B
 114. offendida em seus A offendida nos seus B
 117. o vestigio de seus A os vestigios dos seus B
 124. desde que logo A desde logo B
 125. outros delicados seres. A outros seres. B
 137. – «Tenho uma como que consciencia A – «Tenho como que uma consciencia B
 141. E A E, B
 144. poderia talvez recordar-se, A poderia recordar-se, B
 Data. 12-XI-05. A 12-XI-1905. B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, reorganização, redução e amplificação.

Arquivo documental

I. Em B, o autor faz juntar o seguinte esclarecimento, no final do volume (p. 174):

Este livro é de versos, e não de versos e prosas, de modo que o conto Colombina, com que o remato, talvez ficasse melhor nas Folhas do Outono, livro a que é estranha a linguagem dos deuses, e que, se os Fados a isso se não oppozerem irremediavelmente, tenciono publicar no proximo inverno. Comtudo, como esse conto, embora pelos factos

em que assenta, nada tenha de phantastico, pertence mais, como a Sylvia, que sahiu no volume Por montes e valles, ao mundo das cousas psicologicamente poeticas, do que ao mundo das cousas prosaicas d'esta vida, e como, por outro lado, representa uma pagina dos meus tempos d'outrora, entendi que não ficava mal n'um livro intitulado Echos do passado. Se é uma irreverencia, que eu, além d'isso poderia justificar com numerosos exemplos de poetas de alto cothurno, perdoem-ma os meus benignos collegas do Parnaso.

18-IX-12.

Também em carta enviada a Antero de Figueiredo, João Penha revela alguma dificuldade em classificar este texto. O testemunho em causa encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1170(3). É composto por um bifólio de papel pautado (com 22,6 x 18 cm), escrito de ambos os lados, a tinta preta:

B. 30-X-05.

Caro amigo.

Zangado, porquê?

Zangado, sim, mas contra a malechance que desde ha bastante tempo para cá me persegue.

Tudo me corre mal. Ja preparava as malas para ir estar o setembro e outubro no Bom-Jesus, – quando uma minha irmã (a mais nova) se achou gravemente doente. Mais, ou menos, todos adoecemos, da doença d'ella – e durante esses mezes, em lugar de vivificar o pulmão com os ares puros e embalsamados d'aquelle monte, vivi n'uma athmosphera de botica, cheio de medicos e de cuidados.

Agora, uma nova entorse, na mesmissima mão (isto sôa horrivelmente mal)! Mas, tudo vae melhor. Eis a razão do meu fúnebre silencio.

Litterariamente pouco tenho feito (pela mesma razão) mas conclui a Columbina, um conto ou o quer que seja no genero phantastico da Sylvia. Phantastico, mas com dous fundos: um real, o outro philosophico.

Das Rimas (as primeiras) vae sahir uma edição ne varietur. Ha 25 exemplares em Watman.

Diga agora de si, e abraçe o

Todo seu

J. Penha

II. Através da correspondência trocada com o diretor da revista *Serões*, ficamos a saber que a versão original deste conto foi objeto de censura, motivada pelo *decoro* da revista burguesa. O testemunho que o comprova encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-2534(3). Trata-se de uma folha de papel pautado (medindo 21 x 26,9 cm), com timbre da Livraria Ferreira, Livreiros-Editores. Pertence ao espólio de Antero de Figueiredo, que anotou no cabeçalho, a lápis, o nome de João Penha:

Lisboa, 19 de outubro de 1906

Ex.mo Sr. e meu eminente collega

Se folguei com a collaboração com que V. Ex.^a se dignou honrar os Serões, sobe de ponto a minha alegria por me ter dado ensejo de travar relações com um poeta a quem ha tantos annos dedico admiração profunda. E muito me lisonjearia se mais estreitas ellas se tornassem, pois que tudo tenho a ganhar na intimidade de um alto espirito, honra das letras portuguezas.

Envio a V. Ex.^a o original e as provas do seu originalissimo artigo. Seria impertinencia attenuar com phrases encomiasticas, embora justíssimas, um ligeiro reparo que me permitto fazer e que já communiquei ao nosso distincto collega Albino Forjaz de Sampaio. Este reparo nada tem que ver com a critica litteraria; é-me apenas dictado pelas necessidades mercantis da publicação que, como V. Ex.^a pode verificar, mantem um escrupulosissimo decoro, roçando talvez pela pruderie, afim de que os nossos numeros possam ter entrada livre nas casas mais requintadamente honestas. É um modo de ver burguez, a que temos de nos sujeitar. E por isso, atrevo-me a rogar-lhe o grande favor de attenuar quanto possivel a crueza de uma situação e de uma phrase, que aliás não altera em nada a essencia da materia. Refiro-me, já o adivinhou decerto, sobretudo ao paragra-pho com que abre o granel 6 e que marco com uma cruz. Perdôa-me esta impertinencia?

Rogo a V. Ex.^a me suggira alguma forma de illustrar o artigo. Creio indispensavel o seu retrato, cuja remessa muito agradecerei.

E, renovando os meus protestos de reconhecimento e de alta consideração, peço me creia

De V. Ex.^a

Adm.or att.º e coll.º obg.mo

H. Lopes de Mendonça

Em carta trocada com Albino Forjaz de Sampaio, verificamos ainda que o poeta não cobrou qualquer honorário por esta colaboração na revista *Serões*. Vd. testemunho transcrito no Arquivo documental do poema n.º 333 (vol. II, t. II).

735

[Desceu, ha pouco, sobre nós, um decreto,...]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Echos do Passado*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1914, pp. 167-173. Vd. descrição no n.º 253.

Anotação textual: emendas

73. cousas]; consas

126. / de motu proprio, *itálico*]/]; de motu proprio,

Arquivo documental

I. Em carta enviada a Alberto de Madureira (*1889 †1918), ficamos a saber que João Penha, por volta de 1901, preparara já um texto semelhante, sobre ortografia. A missiva em causa encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 546 ^{maço} 12, ff. 13-14. Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 22,7 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-2r) a tinta preta:

Meu caro Madureira

O artigo, que eu destinava á Revista illustrada, era ácerca de orthographia. Estava em meio, quando no 2.º ou 3.º n.º d'aquelle periodico, vi um artigo, referente ao mesmo assumpto, do qual conclui que o meu artigo, apesar de encarar a materia sob um aspecto absolutamente novo, não seria publicado. Por isso, parei, tendo, como tinha e tenho outros trabalhos entre mãos. Nestas circumstancias, não sei que faça. Olhe: vou continual-o: se o não quizerem na Revista irá para o Instituto, ou para outro jornal qualquer.

Verso, além de algumas peças pequenas, ha 5 sonetos, e a ode de Lamartine ao nosso Filinto Elysio (14 estrophes); verso, porém, não o mando para jornal algum senão debaixo d'estas duas condições: de se me não alterar nem uma virgula, e de se me mandar a prova para eu rever. Esta ultima condição é também applicavel á prosa.

Enfim: ouça o Madureira a Revista sobre estas materias.

S.

J. Penha

Embora o artigo nunca chegasse a figurar na imprensa periódica, a matéria acabou depois recuperada nesta nota final ao livro *Echos do Passado*, redigida em setembro de 1912. O primeiro testemunho dando conta da sua redação encontra-se

à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1180(1) – vd. transcrição no Arquivo documental do poema n.º 613.

A segunda missiva tem a cota BPMP, M-AF-1180(3) e é composta por um bifólio de papel pautado (com 22,5 x 18,4 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-1v) a tinta preta. No f. 2r, Antero de Figueiredo anotou posteriormente uma lista de mercearia e respetiva conta.

B. 20-IX-12

Caro amigo.

Por fim de contas, que se passou entre o meu amigo e o Magalhães e Moniz?

Entende que lhe deverei escrever? Mas, não será isso ir metter-me na bôcca do lobo?

Já fiz um prefacio, para substituir o parecer da academia, e, a proposito da orthographia do livro, uma nota (24 linguados) ácerca da official. Esta nota talvez dê logar a polemica. O livro está já sufficientemente gôrdo.

Fico aguardando a sua resposta.

Abraça-o

Se

João Penha.

II. Em carta enviada a Antero de Figueiredo, ficamos a saber que este texto, em particular, foi objeto de problemas tipográficos severos. O testemunho que o comprova encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1185(6). Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 22,7 x 17,8 cm), escrito de ambos os lados, a tinta preta:

B. 23-IV-14

Caro amigo.

O volume já está impresso; falta capear, brochar, e lançar.

Tem apenas 176 paginas!

Porquê? porque o amigo Moreira ficou no bolso com, pelo menos, duas composições, que lhe remetti para as mandar para a imprensa, e eu mesmo mandei decompor algumas já compostas.

E não é isto só: quanto a ordem das materias, tanto importou o que eu disse como nada; e para cumulo, da parte prosaica, não me mandaram senão uma prova, e, pelo menos, na nota, falta uma phrase que mandei compor, de sorte que, em certo logar, parece que o periodo de baixo não liga bem com o de cima. Dirá o meu amigo: isso decerto não se notará. Pode muito bem ser, mas noto-o eu.

Em resumo: não faço furor nenhum com este livro, e pelos deuses infernais lhe juro, que jámais o lerei.

O tal Moreira já lhe deu os 50? Se não, faz favor de me avizar, para eu providenciar.

Se for impressa a sua conferencia, faz favor de m'a enviar.

Abraça-o

o Se

J. Penha.

736

[Prefacio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – João Penha, *Ultimas Rimas*, Porto: Renascença Portuguesa, 1919, pp. 7-10.
Vd. descrição no n.º 327.

Anotação textual: emendas

35. É essa]; E essa

[Adeus, Manuel!]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – BPMP, M-AF-1190.

Este testemunho autógrafo, pertencente ao espólio de Antero de Figueiredo, é constituído por dez linguados de papel pautado (medindo 9,7 x 29,8 cm), escritos de um só lado, a tinta preta. No canto superior direito, João Penha anotou o número de ordem para cada linguado, reforçando essa informação no canto inferior esquerdo. No verso do último linguado, figura ainda a seguinte anotação invertida: “Adeus, Manuel”.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 103-108. Vd. descrição no n.º 333.

Este texto aparece integrado no conjunto “Excavações litterarias” (pp. 101-174).

Anotação textual: emendas

Título. Adeus, Manuel!] A; [Excavações litterarias] I | Adeus, Manuel!

Aparato genético

Título. Adeus, Manuel! A [Excavações litterarias] I | Adeus, Manuel! B

2. /terminus *sublinhado* / A /terminus *itálico* / B
7. posição A posição, B
8. causa um vivo A causa vivo B
12. voltar o rosto para A voltar a cabeça para B
13. chegar A chegar, B
16. chão A chão, B
20. indistinctas, A indistinctas B
28. Depois A Depois, B
32. pequenos, de uma côr dúbia, sem A pequenos, sem B
38. consorte A consorte, B
39. comboio. || Ao A comboio. Ao B
42. esposa A esposa, B
54. gritavam, A gritavam B
62. ouvido? A ouvido?» B

64. dous dias, A dois dias B
67. Manuel, até A Manuel» – até B
68. riso! A riso. B
71. noute A noite B
77. creador<,>)\ A creador) B
78. alguns <dos> fumos A alguns fumos B
- 79-80. offerecido? || <Será aqui Mephistópholes? || Era † > || Emfim, A offerecido?
|| Emfim, B
82. e, A e B
83. sorriu, e com uma inflexão de voz A sorriu-se, e com uma inflexão de voz,
B
85. – Ouço A – «Ouço B
87. refe<ria>ri, A referi, B
- Data.* 24-V-1916 A referi, B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de redução e substituição.

[Um conde italiano]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 82 (janeiro de 1903), pp. 3-4. Vd. descrição no n.º 130.

O texto vem acompanhado do retrato e de um poema que Belli de Leonardi dedicou a João Penha, bem como um outro carme do nosso autor. Vd. *infra* Arquivo documental I.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 109-114. Vd. descrição no n.º 333.

Este texto aparece integrado no conjunto “Excavações litterarias” (pp. 101-174).

Anotação textual: emendas

Título. Um conde italiano]; [Excavações litterarias] II | Um conde italiano

Aparato genético

Título. Conde Belli di Leonardi A [Excavações litterarias] II | Um conde italiano B

1. Honra pela segunda vez as columnas d'esta revista o illustre escriptor italiano Belli di Leonardi, / (Yabél) ^{italico} /, cujo excellente retrato adorna este numero. Di Leonardi não A O conde milanez, Belli di Leonardi, não B
2. sua bella alma, A sua alma, B
5. escriptores, – o A escriptores, o B
- 5-6. berço da maior das civilizações A berço das maiores civilizações B
8. Italia não A Italia (oh Hespanha, perdoa-me) não B
9. possivel; todas A possivel. Todas B
11. lagos A lagos, B
12. historicos: A historicos; B
13. porque A porque, B
14. lilazes; A lilazes, B
24. ella, A ella B
- 25-6. Alfieri, de Amicis, d'Annunzio, A Alfieri, Amicis, Annunzio, B
26. obscuras A obscuras, B
27. Giovanni di Fiesole A Giovanni de Fiesole B

28. Santo, A Sarto, B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
29. Veroneso, A Veronese, B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
30. Angelo, Ghiberti, Donato, Cánova, Tenerani; a architectos: Miguel Angelo, Arnolfo di Lapo, Izidoro di Mileto (o de St.^a Sophia) A Angelo, Arnolfo de Lopo, Izidoro de Mileto (o de Santa Sophia), B
31. Doges), A doges), B
33. Alboni, a A Alboni (elephante que enguliu um rouxinol), a B
37. talvez que o que A talvez o que B
38. jámais, A jámais B
41. castello em Sori, estendeu os olhos para além dos mares A castello, em Sori, estendeu os olhos para além dos mares, B
44. viaja, A viaja B
46. transatlantico que se partia A transatlantico, que partia B
47. monstro, A monstro B
48. Stomboli, A Stromboli, B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
49. queria d'este modo preparar A queria d'essa fórma preparar B
53. foi casar se A foi coser-se B
55. terras de Santa Cruz, A Terras de Santa Cruz B
57. ruas, A ruas B
58. zimborios A zimborio B
60. golphidos jorram das guelas hiantes, A golphinhos jorram das goelas hiantes B
61. romanas; A romanas, B
62. heroes, e de deusas mythologicas; – viu A heróes, de nymphas e de deuses mythologicos; – viu B
64. obras, não de artistas celebres e eternos, mas de pedreiros e de caiadores A obras não de artistas celebres e eternos, mas de pedreiros e caiadores B
68. arapouga A araponga B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
72. phantasticas lônas theatraes A phantasticas côres theatraes B
73. milanezes A milanezes, B
76. n'esse A d'esse B
81. Garrett, de João de Deus, e de A Garrett, e de B
84. praticando, A praticando B
- 85-7. seus dous escriptos, um já publicado ha tempos n'esta revista, e outro o que hoje se publica, onde apenas podem notar-se alguns brasileirismos que A seus escriptos, publicados na revista lisbonense /A Chronica, *itálico*/ onde estas mesmas linhas sahiram, onde apenas podem notar-se alguns brasileirismos, que, B

92. volta á mãe patria, A volta á sua patria, B
 95. vestuto A vetusto B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
 103. operarios A operarios, B
Data. 12-XI-02. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

I. Em A, o texto vem acompanhado do retrato de Belli de Leonardi:



Segue-se um poema datado de dezembro de 1902 (“O leão agradecido”), que Belli de Leonardi traduziu das Fabulas de Trelussa, dedicando-o a João Penha, e por fim um outro carme do vate bracarense (“A leôa vencida pelo homem” – vd. poema editado n.º 199).

II. Em B, João Penha esclarece esse mesmo contexto de publicação, na nota final ao seu livro (p. 180):

Um conde italiano

Este artigo foi publicado na Chronica, revista lisbonense, de que era director Luiz da Silva, escriptor já fallecido, em janeiro de 1903, no n.º 32 [sic].

Ahi publicou o conde Belli, os versos que seguem, que dedicou ao autor do artigo, e que confirma o que n'elle é dito a seu respeito, como escriptor:

*Nos desertos da Africa, um leão
 A quem na pata um duro espinho entrou,
 Pediu que lhe fizesse a operação
 A um tenente que, dextro, lh'o arrancou.
 Disse-lhe o leão: «Tenente, eu te agradeço
 Por me teres livrado d'esse espinho*

*Que muito me atrapava em meu caminho.
 Podes dispor de mim: é o que te peço.
 Que desejas? Talvez a promoção...
 Vou-te ajudar, palavra de leão.»*
*Na mesma noite a fera
 Cumpriu o que dissera,
 Melhor que um fiel christão:*
*Ao Tenente voltou, e disse: «Amigo,
 A promoção é certa, pois te digo
 Que venho de comer o capitão.»*

II. Em carta datada de 15 de março de 1903, Belli de Leonardi agradece ao diretor d' *A Chronica* (Luís da Silva) o envio dessa revista, pedindo que encaminhe «ao illustre dr. João Penha (de quem ignoro a adrèsse) o cartão que vae junto». Este último, com a cota M-AF-4930(2), mede 9,3 x 5,5 cm e nele se lê, a tinta azul:

*Belli de Leonardi agradece, penhoradissimo, o dr. João Penha, pelo lisongeiro mas
 immerecido artigo publicado no n.º 82 d' "A Chronica" e offerece-lhe seus serviços em
 Sori – Villa Castagnola.
 Italia.*

III. Bruno Belli de Leonardi fora um dos lusófilos que, a pedido de Joaquim de Araújo, participaram na homenagem d' *A Chronica* a João Penha. Nesse número especial, o cônsul italiano (natural de Sori, Génova) descreveu o seu primeiro contacto com a obra penhiana, ocorrido em 1895, pela mão de Tomás Ribeiro (*1831 †1901), que nessa altura cumpria também missão diplomática no Rio de Janeiro:

Homenagem da Chronica: Revista Litteraria Lisbonense ao Insigne Poeta João Penha
 (red. Luiz da Silva). N.º 63-64 (abril de 1902), pp. 5-6:

*Memorias dum casamento
 João Penha e Thomaz Ribeiro*

*Quem esteve no Rio de Janeiro e não foi a Petropolis? Quem se não metteu,
 ao menos uma vez, na velha barca da Prainha e não sentiu o coração transbordar de
 entusiasmo ao ver desfilar perante os olhos o magico panorama d'aquella bahia sem
 rivaes, semeada de pequenos paraizos terrestres, quaes são Paquetá, a Ilha do Gover-
 nador, a Ilha das Cobras, a Fiscal e cem outras? Quem não trepou á soberba serra em
 cujo cume repousa, reproducção fiel e não plagio vulgar de paisagem Suissa, acêda e
 tranquilla a cidade de Pedro?*

*N'aquelle pedaço de terra europea, transplantado em plena região equatorial,
 vivia em 1895, n'um aposento do Hotel d'Europe, o conselheiro Thomaz Ribeiro, enviado
 pelo governo portuguez ao Brazil, para reatar as relações diplomaticas tão bruscamente
 interrompidas, em seguida ao acto humanitario do brioso commandante Castilho e á
 consequente retirada do conde de Paraty, hoje respeitado ministro de Portugal em Vienna
 d'Austria. Mais acertadamente não podia proceder Portugal na escolha do seu represen-
 tante, pois era no Brazil universalmente considerado e estimado, mesmo entre os mais*

assanhados jacobinos, o cantor da Indiana e do D. Jayme. E foi n'aquelle aposento do Hotel d'Europe que quem escreve estas linhas se iniciou, debaixo da guia de tão valioso mestre, nas bellezas da litteratura portugueza.

De volta do Rio de Janeiro, estava eu uma tarde apoiado ao parapeito da barca Petropolis, olhando, com enlevo sempre novo, o magestoso espectaculo do pôr do sol, além do Pão d'assucar, quando senti uma mão bater-me o hombro e uma voz de baixo-profundo me dizer:

– Em que está o meu amigo a scismar?

Virei-me e reconheci de relance o tradicional chapéu de pêllo cinzento, a característica pêra branca e o farto bigode do ministro portuguez.

– Ó conselheiro! Estou extasiado perante estas bellezas naturaes que nunca me farto de contemplar! Mas veja que imponencia, que lindeza! Qual Bosphoro, qual golpho de Napoles!...

– Enthusiasmos juvenis, meu caro amigo! Quem me dera os ter ainda... Entretanto confesso que hoje, entre as aridas notas diplomaticas e a monotona routine do officio, passei uma hora em que julguei terem voltado os bellos tempos da mocidade e das ceias alegres na taberna da tia Camella...

– E quem fez esse milagre, conselheiro?

– Foi esta revista...

– Uma nova publicação litteraria?

– Litteraria sim; nova não. Veja a data: abril de 1878.

Peguei na revista e li na sua capa parda: A Renascença – órgão dos trabalhos da geração moderna. (Publicação mensal) Director – Joaquim de Araujo.

– Achei-a – continuou o conselheiro – entre livros e papeis velhos, na chancellaria da Legação. O meu exemplar ficou em Portugal. Muito provavelmente este foi ahi esquecido por algum predecessor meu, que não vivia só de notas, despachos, e officios... Esse fasciculo traz um esplendido estudo de Gonçalves Crespo sôbre o poeta portuguez João Penha. Vem ahi algumas poesias lindissimas d'elle e muitos fragmentos de outras. Que saudades dos meus tempos tive eu hoje, relendo essas poesias! João Penha! Não conhece? João Penha de Oliveira Fortuna é em Portugal o chefe dos poetas parnasianos. Nos seus tempos da academia de Coimbra foi o companheiro inseparavel do seu predilecto Eça de Queiroz e de Guerra Junqueiro, o primeiro romancista e o primeiro poeta da geração que succedeu á minha, que no fundo é a mesma de Anthero de Quental, Theophilo Braga e João de Deus, salvo as condições especiaes do ideal de cada um. Não conhece esse admiravel poeta? Nos versos de João Penha ha um mixto do humorismo de Heine e da descrença de Leopardi. A Folha, periodico publicado em Coimbra desde 1868 a 71, dirigido por João Penha, foi no seu tempo o melhor jornal litterario de Portugal. Os versos que o poeta ali publicou, foram mais tarde reunidos em volume. Leia pois o meu amigo a biographia escripta por Gonçalves Crespo e...

Não ouvi o resto. A barca tinha chegado á ponte de Matapá. Na sofreguidão de tomar um bom lugar no comboio da Leopoldina, os passageiros atiravam-se com a vehemencia d'uma torrente nos passadiços de taboas. Separaram-me do Conselheiro, mas a Renascença ficou comigo.

Li a biographia do João Penha, decorei os lindissimos versos. E foi assim que me tornei o mais obscuro, mas não o menos sincero dos seus admiradores.

*

Amor che a nullo amato, amar perdona...

Dante.

(Paradiso – Canto da «Francesca da Rimini»)

Por esses tempos me acontecia um facto extraordinario, se extraordinario é se apaixonar um rapaz de 26 annos por uma menina de 17. Amei. Pouparei ao leitor a descripção dos olhos negros, das tranças de ebano e das perolas, que serviam de dentes, á minha adoravel Dulcinea. Amei. E como todo homem que ama, vi tudo em côr de rosa e naveguei no deleitoso mar de leite do costume. Mas no meio d'este oceano havia um abrolho: e este abrolho uzava umas cravatas vistosas e uma prodigiosa collecção de brilhantes; dois argumentos que, ao que parece, tem grande poder sobre o coração das meninas de 17 annos. Além d'isso, o tal abrolho era mexicano e, o seu tanto, bonito rapaz.

Entre Mexico e Italia houve uma tacita declaração de guerra: guerra de conquista. O paiz que era para conquistar, se não resolvia nem para um nem para outro dos sitiantes: se mantinha, como em phrase parlamentar moderna, n'uma «benevola expectativa.»

A situação não era das mais commodas. Era preciso sahir d'esta incerteza. Uma batalha, campal e decisiva, se impunha. Não faltou a occasião.

As senhoras da nossa roda, aborrecidas dos jogos de prendas e das romanzas de Tosti, repetidas cada noite ao piano, pediram aos rapazes para recitarem cada um sua poesia.

O meu competidor não se fez de rogado. Passou a mão pelas melenas, puxou os punhos, ageitou os brilhantes de maneira que dessem scintillações faiscantes e sugestivas á luz do lustre, e começou a declamar, com o tom emphatico dos actores hespanhoes, uma d'aquellas poesias vulgares e delambidas com que os tantos poetas intertropicaes cantam seus amores infelizes, assim como a roza, o lyrio, o alecrim, o sol, a lua e tantas outras coisas que, Deus me perdoe, devem estar bem fartas de serem maltratadas por esses açougueiros da inspiração. A cantilena ia longe: a poesia era interminavel: o mexicano se repetia: nem todos comprehendiam aquelle hespanhol do Chimborazo: e o auditorio cochichava.

Tudo acaba n'este mundo: e a poesia... acabou. Mas percebi que o mexicano tinha perdido, sem querer, uns tantos palmos de terreno. Recebeu elle as felicitações de praxe e foi sentar-se, todo orgulhoso, no meio da sala, puxando para cima as calças para mostrar suas bellas meias de seda bordada.

Chegou a minha vez:

– Uma poesia, senhor Fulano!

– Um recitativo!

– E agora em portuguez, já se sabe...

A hora da batalha final tinha soado: não havia pois que hesitar. Era escolher uma poesia tão curta quanto a do mexicano tinha sido comprida, tão vibrante quanto a d'elle fora delambida, e tão original, quão banal tinha sido a outra. Tomei a minha decisão:

– Por quem são, minhas senhoras! Pois querem de mim uma poesia? E no meu portuguez macarronico? Emfim, vou fazer o que puder. Lá vae uma Balada...

Uma idéa velhaca me atravessou o cerebro.

– Mas é a uma condição: que alguém m'a acompanhe ao piano.

E accrescentava, com os meus botões: «O renegado do mexicano, ao menos, não teve musica!»

Uma senhora de lunetas e de nariz comprido, preludiou a Dalila. Tratei de dar á minha voz um tom natural e principiei:

*Essa mulher, que em sonhos me tortura,
Nas feiras de Stambul fôra sem preço...*

.....

*Depois d'estes dois versos uma voz zombeteira se fez ouvir: «Muito bem!»
Era o mexicano. Alguem descerrou um psi! severo. Era d'ella. Continui impavido e fui no meio do mais religioso silencio e da mais intensa attenção, que rematei:*

*Mas interrompa-se a epopeia lesta,
Que já vacilla o fogareu da Vesta.*

Que hei-de eu dizer? Foi a musica? Creio que não, porque a senhora da luneta e do nariz comprido errou duas vezes a Dalila e assassinou o trecho. Foi a minha voz que commoveu o auditorio? Tambem não creio, porque me lembro que n'essa occasião estava constipado e soffrivelmente rouco. Teriam porventura tomado por lagrimas de sensibilidade as do defluxo? Me não parece, pois a poesia não era para fazer chorar. O que teria pois provocado aquella explosão de applausos unanimes e espontaneos que saudaram o remate da Balada? Foi a propria poesia, homem! Foi a simplicidade, a harmonia, a força e o imprevisto d'aquelles versos divinos!

Tive um successo. Foi «requerido» um bis que tive o bom senso de não conceder, para não diminuir o effeito da primeira dicção. Retirei-me modestamente no canto d'uma janella.

D'ahi a momentos uma mãosinha de fada apertou nervosamente a minha e uma voz conhecida me disse:

– Parabéns pela escolha... Lindos os versos... De quem são? Quer m'os escrever?...

Dulcinea amava as bellas poesias: decididamente, o mexicano estava enterrado.

A Balada de João Penha, foi transcripta com o melhor da minha letra n'uma folha de papel pélure, – vanguarda d'uma legião de pélures sonogados entre o piano e a janella; e trez mezes depois offerecia eu aos meus amigos a ceia de despedida da minha vida de solteiro.

Ao sahir da ceia o marquez de L., o mais impenitente vieux garçon do mundo, prendeu-se ao meu braço com a ternura que dão o Champagne e o Kummel, e murmurou-me á queima roupa:

– Eu sempre queria saber quem foi que te mettu n'essa camisa de onze varas...

– Homem, queres saber? Foi... João Penha!

*

Agora a Senhora que tanto gostou da Balada, não gosta d'outra poesia a não ser a dos seus dous filhinhos: dos nossos dous filhos que me adoçam, me alegam, me perfumam a existencia e me fazem quasi acreditar na realidade d'esse bem tão abstruso e tão discutido: na felicidade d'este mundo. João Penha teve a sua parte na formação d'esta crença. Diga pois o leitor se no momento em que amigos e admiradores rendem

justa e merecida homenagem ao genio de João Penha, não tenho eu direito de metter entre tantos nomes claros e illustres o meu humilde e obscuro, e levar assim a minha pobre contribuição ás saudações com quem vem brindado o eminente artista das Rimas?

Acceite, pois, o poeta os votos fêrvidos d'um desconhecido: votos que não tem outro valor senão o de serem enviados da Italia, da terra classica das musas e do bom vinho, estes dois misterios, que João Penha tanto amou!

Genova, 2 de Março de 1902.

Belli de Leonardi.

NOTA: O conde Belli di Leonardi era, ao tempo a que este interessante artigo se refere, addido á legação de Italia no Rio de Janeiro. Escriptor de subido merito a dicção portuguesa do presente artigo mostra quanto lhe é familiar a nossa lingua.

739

[Dois livros]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 17 (agosto de 1900), pp. 1-2; n.º 18 (agosto de 1900), pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 130.

A publicação encontra-se repartida por dois números consecutivos.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 115-129. Vd. descrição no n.º 333.

Este texto aparece integrado no conjunto “Excavações litterarias” (pp. 101-174).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *O Bracarense* (dir. Delfim Alves), Braga: Typographia Luzitana. N.º 73 (19 de outubro de 1900), p. 2; n.º 76 (9 de novembro de 1900), p. 2; n.º 78 (23 de novembro de 1900), p. 2; n.º 79 (30 de novembro de 1900), p. 2.
Trata-se de uma cópia d’ *A Chronica*, mas com pequenas corruptelas.

Anotação textual: emendas

Título. Dois livros]; [Excavações litterarias] III | Dois livros

207-24. *Por lapso tipográfico, em B, este bloco textual encontra-se na posição que medeia as linhas 188 e 189. De modo a corrigir o erro (claramente devido a um equívoco na ordenações dos linguados), procedeu-se à transferência desse bloco textual para a posição testemunhada em A.*

218. Ajax,] A; Ajaz,

Aparato genético

Título. Dous livros A [Excavações litterarias] III | Dois livros B

Subtít. I A □ B

9. os aromas balsamicos A os perfumes balsamicos B
11. e a violetas A e violetas B
13. flor: A flor; B
15. phantasia, A phantasia B

21. que A que, B
 23. interrompera. A interrompera! B
 30. madre-silvas, A madre-silvas; B
 31. perfumes, A perfumes B
 35. dous A dois B
 36. estudal-os; A estudal-os: B
 39. designada A designada, B
 43. grotescas, com lamurias A grotescas, em lamurias B
 45. rabecas; – e A rabecas; e B
 46. dous A dois B
 50. popular, A popular; B
 51. bêccos, a das A bêccos, das B
 57. seculo XVII, A seculo XVIII, B
 58. desfazer-se, nas brumas da tarde, os A desfazer-se na bruma da noite, os B
 61. poetas A poetas, B
 66. prégadores A prégadores, B
 67. alguém A alguém, B
 69. poemas A poemas, B
 70. nossos A nossos, B
 71. idyllios, eglogas A idyllios, e eglogas B
 76. com os seus amores, as suas lutas, A com todos os seus amores, as suas lutas B
 78-9. dous ultimos seculos, afastando-se A dois ultimos seculos (XVII e XVIII) afastando-se B
 80. Sannazarro A Sannazaro, B
 83. estadios, Todos essas A estadios. Todas essas B
Em A, a variante resulta de gralha tipográfica.
 84. ficticios que encobriam outros, A ficticios, que encobriam outros B
 85. reaes, que A reaes, communs e prosaicos, que B
 87. pastores A pastores, B
 89. correspondido; a seus pés via-se o cão do rebanho A correspondido: a seus pés via-se o cão do rebanho, B
 91. desfechando frechadas a A desfechando settas a B
 92. gracioso A gracioso, B
 94. seculos A seculos, B
 95. globo. || A A globo. A B
 98. campo e dos poeticos trabalhos de agricultura, A campo, e dos poeticos trabalhos da agricultura, B
 99. hora, e segundo as A hora, e as B
 101. que, A que B
 106. elle A elle, B
 106-7. pinceladas. Romantico, A pinceladas. || Romantico, B

- 107-8. separa o homem, da natureza: não A separa da natureza o homem, não B
108. parte: A parte; B
111. côr, A côr B
112. deixando, A deixando B
113. illumine A illumine, B
120. poeta A poeta, B
- 124-5. tarde. || O do /Pôr do Sol, *itálico* / A tarde. O do /Pôr do sol, *itálico* / B
127. longada, A longada B
131. senhor-fóra. A Senhor-fóra. B
134. passando: e com elle vae, A passando, e com elle vae B
135. Bemdito, A Bemdito B
137. ceifeiras deixaram de A ceifeiras, deixando de B
141. quadros de A quadros do B
143. episodios que se seguem, episodios em que A episodios, em que B
145. d'amor A d'amor, B
152. «Ao A Ao B
156. vêr, A ver B
158. fallar, A fallar B
159. garganta.» A garganta. B
162. estão: A estão, B
164. vão... A vão. B
170. /longe:) *itálico* / A /longe) *itálico* / B
174. agua!» A agua! B
177. texto A texto, B
183. vendime A vindime B
186. e, A e B
188. *Em A, termina aqui o excerto I, publicado no n.º 17 do jornal. Tem continuação no número seguinte, sob o título "Dous livros | II".*
189. *Em B, as linhas 207-224 encontram-se erroneamente deslocadas para esta posição.*
191. natureza; identifica-se com ella, e A natureza: identifica-se com ella, e, B
192. Corot A Corot, B
195. que forceje, não A que se esforce, não B
196. nós A nós, B
200. penetrantes de geranios A penetrantes dos gerânios B
205. alma A alma, B
- 207-24. *Por lapso tipográfico, em B, este bloco textual encontra-se entre as linhas 188 e 189.*
213. pouco A pouco, B
215. N'esses A N'estes B
218. Ajax, A Ajaz, B
219. fatal A fatal, B

220. vezes, e a mêdo, deixa ouvir um murmurio A vezes e a mêdo, deixa ouvir um murmurio, B
223. «hora» – a A /hora, *itálico* / a B
224. sua joven esposa. A sua promettida esposa. B
227. morrer, A morrer B
231. sepultura: A sepultura! B
- 233-4. inesperada. O A inesperada. || O B
235. seus honestos amores, e desde então tudo mudara para ella: A seus amores, e desde então tudo mudara para ella; B
236. fechara-se A fechara-se, B
240. o esposo minuciosamente nos descreve, A o noivo minuciosamente descreve, B
- 241-2. espirito. A A espirito. || A B
245. porque, A porque B
248. entremos! A entremos!» B
251. sorrir-se A sorrir-se, B
253. nada: A nada, B
261. /soffrer *itálico* / representa o enunciado d'uma A /soffrer, *itálico* / representa o enunciado de uma B
268. hora, a dôr terrivel, A «hora», a dôr terrivel B
- Data. 15-VII-900 A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível dos mecanismos de substituição, redução e amplificação. Salienta-se, na segunda versão, um severo problema tipográfico, que parece dever-se a um erro na ordenação do manuscrito que lhe serviu de base.

Arquivo documental

I. Em A, o texto vem acompanhado de um retrato de António Correia de Oliveira (*1878 †1960):



II. Em B, o autor faz acompanhar o texto da seguinte nota explicativa, colocada ao final do volume (pp. 181-182):

Dois livros, dois poetas

Estes artigos foram escriptos ha bastantes annos, mas Antonio Correia d'Oliveira, longe de ter parado no seu caminho ascencional para a bifida montanha, já n'ella tem um assento, que ninguem lhe póde disputar. É um lyrico accentuadamente vegetalista, mas não no sentido gastronomico ou hygienico. O seu vegetalismo é outro: é puramente espiritual, é como que a reminiscencia vaga de existencias passadas.

Se o delicioso poeta adora os rios: o patrio Vouga, o rumoroso Tejo, e, agora, o modesto Cávado, é porque, ha dez mil annos talvez, depois de ter sido gaz, foi, como todos nós, agua.

Lavoisier quasi que attingiu a verdade, dizendo que o homem não era mais do que um gaz solidificado, e Camillo Flammarion: uma gotta d'agua. E, se adora as arvores, desde as raizes até ás suas frondes, é porque egualmente foi arvore, n'uma existencia longinqua, mas posterior áquella, e arvore copada, como se revela da sua ampla e espessa cabelladura, negra da côr da aza do corvo.

Seja ou não seja assim, o que é certo é que os seus versos, quer ideaes, quer suavemente humanos, são a nossa delicia, e avidamente os bebemos sequiosos, como beberiamos, ás horas do sol a pino, as frescas e cristallinas aguas da sonora Hippocrene, á sombra das tilias e dos quercos do eterno Olympo.

III. Em carta enviada a Antero de Figueiredo, João Penha revela um mal-entendido provocado pela sua confusão entre a figura do autor real e o autor implícito. O testemunho encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1162(7), e é constituído por um bifólio de papel pautado (22,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu caro Anthero.

Esta só pelo diabo! Imagine que escrevi na Chronica, de Lisboa, um artigo a respeito de Antonio Correa, o lavrador, e do Amar é soffrer de Guilherme Gama. Dizendo umas couzas a respeito da 3.^a hora, imaginei que a pequena era a esposa do Guilherme, e assim o disse. Eis, porém, que elle me escreve uma carta, agradecendo-me, mas dizendo-me que era solteiro! Que pôrra! Mas, então, que lhe era ella, ou, quem era ella? Que fazer? ou antes que responder? Uma rectificação é impossivel, mesmo porque o assumpto é extremamente delicado. Parece-me que o melhor é deixar as cousas assim. Que lhe parece? Mas, ha ainda outra couza: relendo o tal artigo, exactamente para ver a que ponto chegava a curiosidade do caso, pareceu-me que havia até periodos que me pareceram identicos ou pelo menos muito parecidos com outros que eu já escrevera. Esta tambem não seria má, embora menos importante que a 1.^a. Leu o artigo?

Quanto á Povia, ando desde o dia 1.^o do corrente a fazer a malla. Ahi trabalho todos os dias. Tudo são trabalhos. Tudo são canceiras!

Lá: Passeio Alegre, 120, 2.^o.

S.

21-VIII-900.

J Penha

IV. Nas linhas 126-139 e 152-174, citam-se excertos do livro recenseado:

Antonio Corrêa d'Oliveira – *Auto do Fim do Dia*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, s.d.. (2.^a ed., s.d., p. 17):

AO CAÍR DO SOL

*Num galeão de nuvens, para a Aurora
Embarca, ao largo, o sol. E, de longada,
Para assistir ao grande bota-fóra,
Vem, pela terra, a sombra amargurada.*

*Desce, entre os castanhaes, pela assomada,
Campainha a tocar, o Senhor-fóra.
Passam pombas no ar, em revoada;
Ouvem-se, ao longe, os gritos d'uma nóra.*

*E o Senhor vae passando: e com elle vae,
A cantar o Bemdito, de mansinho,
A gente que acompanha Nosso Pae.*

*E as ceifeiras deixaram de ceifar:
Ajoêlham á beira do caminho,
E ficam, de mãos postas, a rezar.*

Antonio Corrêa d'Oliveira – *Auto do Fim do Dia*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, s.d.. (2.^a ed., s.d., pp. 56-57):

*Ao sair da minha casa,
Ao fechar da minha porta,
Não me dava a alma acôrdo,
Desmaiada, como morta.*

*Quero vêr, e já não vejo:
Já o chôro se alevanta.
Quero falar, e não posso,
Que tenho um nó na garganta.*

Cala-se a voz do soldado, numa
sufocação de lagrimas... Da eira:

UMA RAPARIGA:

*Foge o rio, vae fugindo,
Pedrinhas chorando estão:
Saudades são dos que ficam,
Deixadas pelos que vão...*

CÔRO:

*Triste soldado que vaes
Correr venturas na guerra,
Talvez tu não ouças mais
Os sinos da tua terra!*

O SOLDADO, (mais longe):

*Ai triste de quem andar
Por longe, cheio de magua,
Tendo fome do seu pão,
E sede da sua agua.*

Nas linhas 227-232, cita-se uma passagem do livro recenseado:

Guilherme Gama – *Amar é Sofrer*. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1900, p. 45:

*Sumidinha e macerada como uma santa aqui nos veio morrer n'èsta aldeia
em cujos ares tanta fé puzemos para a saude da nossa preciosa creatura.
Sim, aqui ficaste, eterna e adorada dôr da minha alma!
Encho de rosas desfolhadas a humilde pedra da tua sepultura:
«Aqui jaz Maria.»*

740

[Poesia e arte]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 73 (agosto de 1902), pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 130.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 130-141. Vd. descrição no n.º 333.

Este texto aparece integrado no conjunto “Excavações litterarias” (pp. 101-174).

Anotação textual: emendas

Título. Poesia e arte]; [Excavações litterarias] IV | Poesia e arte

124. não desadoram as] A; não descubram as

Aparato genético

Título. Impressões Litterarias A [Excavações litterarias] IV | Poesia e arte B

Subtít. XIX | Allivio de Tristes | XX | Terra de Portugal A □ B

2. sobre suas A sobre as suas B

5. natureza, se A natureza, ou se B

7. enrugada A enrugada, B

10. sentia, A sentiu, B

16. desprezível, A desprezível; B

17. lembrarem de que A lembrarem que B

18. ella, A ella B

19. de pão e de A do pão, e do B

21. escute cahe nas mãos da A escute, cahirá na mão da B

27. importam. A importam.» B

28. isso, porque A isso, e porque B

29. porque A porque, B

30. de sua lavra A da sua lavra, B

31. mediocridade de suas A mediocridade das suas B

34-5. arte, nada, absolutamente A arte, absolutamente B

40. provarem; A provarem, B
43. ainda mais uma A ainda uma B
47. e, A e B
- 48-9. rir – apresentam essa cousa A rir, apresentam essa mesma cousa B
54. Que A que B
62. homem A homem, B
68. commum: A commum; B
70. silencio, A silencio B
71. de poeta. A do poeta... B
72. o ultimo livro de versos de Antonio Correia de Oliveira: A o livro de versos de Antonio Correia d'Oliveira: B
75. familia, o casal paterno; A familia: o casal paterno, B
76. ceifara a vida ao pae, a um irmão querido A ceifa a vida ao pae, a um irmão querido, B
77. sinistra para a tremula viuva, que só n'ella vê o termo de A sinistra, para a trémula viuva, que só n'ella vê o termo das B
86. estylo e pela classica pureza da linguagem. Por essa fórma A estylo, e pela classica pureza da linguagem. Por essa fórma, B
90. são; A são, B
93. desventura, A desventura B
95. sepultura A sepultura, B
96. tive, um lá ficou, A tive, só um ficou, B
100. levou, A levou. B
101. vejo A vejo, B
102. tormentos A tormentos, B
104. Ama, A Amou, B
- 106-7. os olhos. || J'aime en silence, A os seus olhos. /J'aime en silence, *itálico*/ B
114. d'ella. A d'ella: B
124. não desadoram as lettras – A não descubram as lettras, – B
Em B, a variante resulta de gralha tipográfica.
137. de por si A de per si B
140. ou á lareira A ou na lareira B
142. e A e, B
143. fazem A faziam B
144. de escrever o A de lêr o B
145. serena A serena, B
150. coração: A coração, B
153. vezes A vezes, B
155. sentiam... A sentiam, B
157. corriam. A corriam... B

162. Barnardes: A Bernardes: B
 163. «Ditosos A Ditosos B
 166. livro, e o anterior A livro e o anterior, B
 167. linhas nesta mesma revista, collocam-o, A linhas, collocam-no, B
 168. *Em A, segue-se um separador.*
 174. mundo fóra, A mundo em fóra, B
 175. longiquas A longinquas B
 182. maio com risos e flores, A Maio com risos e flores B
 183. Lar... A Lar, B
 185. Terra, mais vasto que o Mar. A terra, mais vasto que o mar. B
 186. plangente, A plangente B
 187. adeus; A adeus: B
 188. contente, A contente B
 190. Igreja A Igreja, B
 191. vêr: A ver; B
 196. assim, A assim B
 207. meus A meus, B
 208. vi, a chorarem, A vi a chorarem B
 211. Mãe... A mãe... B
 212. Morte, chora o meu fado A morte, chora o meu fado, B
 213. ninguém. A ninguém! B
 215. de um A d'um B
Data. 27-5-902. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, redução e amplificação.

Arquivo documental

I. Em A, o texto vem acompanhado dos retratos de António Correia de Oliveira (*1878 †1960) e Joaquim Ribeiro de Carvalho (*1880 †1942):



Além da recensão de João Penha, *A Chronica* publica também neste número uma breve apresentação ao livro *Terra de Portugal*, da autoria de Abel Botelho (p. 1).

II. As considerações que abrem esta recensão surgem na sequência de um artigo, que o quartanista de Direito João de Barros (* 1881 † 1960) publicara na *Resistencia*, atacando os pergaminhos de Penha, homenageados pel' *A Chronica* (n.os 63-64, abril de 1902)

João de Barros, "A homenagem a João Penha" in *Resistencia* (ed. Manuel d'Oliveira Amaral), Coimbra: [s.n.]. Ano 8, n.º 698 (15 de maio de 1902), p. 2:

A homenagem a João Penha

Saíu ha pouco um número da Chrónica em homenagem a João Penha.

Como se justifica esta homenagem?

Dizem os directores da Chrónica: – «pela admiração, respeito e enthusiamo que lhes merece o glorioso poeta que, pelo seu grande e inconfundivel talento e pelas suas nobres qualidades, é um dos brilhantes ornamentos das letras patrias.

Não duvido da sinceridade dos srs. Luiz da Silva, Ribeiro de Carvalho e Santos Junior; mas seja-me permittido duvidar da sua orientação e da sua nitida comprehensão do que é uma obra d'arte.

Para mim, a homenagem a João Penha representaria – se os seus promotores não declarassem o que transcrevi – uma prova de amizade, ou então um modo pratico de arranjar um bom número da Chrónica, de fácil venda, por ser collaborado pelos maiores talentos contemporaneos de J. Penha, que não se podiam recusar, correctamente, ao convite que lhes foi feito de dizer duas palavras sobre o seu companheiro de mocidade.

No primeiro caso, achava muito melhor offerecer um jantar intimo ao auctor das Rimas, com os indispensaveis paos e o seu bem amado vinho carrascão, sem exhibições de ternura para o publico. No segundo, contentar-me-hia em admirar o progresso da esperteza indigena e compraria o número homenagem – para lêr os bons versos e a boa prosa que lá vem, suppondo-a consagrada a um verdadeiro Poeta e Prosador.

Porque a verdade é esta – o snr. João Penha não é um Poeta: – é um homem que faz versos certos; não é um prosador: – é um alinhavador de phrases.

De ha muito que lhe ouço chamar Parnasiano; mas esta opinião é injustificavel. Artistas conscienciosos, os Parnasianos nunca deixaram de nos dar imagens precisas e proprias; se, por vezes, perderam o tempo a rimar sobre banalidades, tiveram uma nova sensação d'essas banalidades e exprimiram-na claramente e completamente. Vejam-se os sonetos de José Maria de Herédia, o mais Parnasiano dos Parnasianos; e digam-me depois se elle não dá bem a impressão do que escreve.

Cultor da fôrma, o sr. João Penha? Quem diz isto entende decerto, por fôrma, só a rima e o rythmo. Mas a fôrma não é isto: – é a justa proporção entre a ideia e o modo de a dizer, a fôrma não existe sem a ideia; e onde ha, nos versos de João Penha, uma ideia nova e original, ou pelo menos, uma ideia sentida com sinceridade e originalidade? Não encontro nenhuma em nenhum dos seus livros, e digo isto com o exacto conhecimento de todos elles.

Nas Arias Modernas, que o auctor apresenta como annunciadoras das suas futuras composições, não ha uma poesia que seja unicamente d'elle; e, no entanto, o sr. João Penha não plagiou; mas, incapaz de crear, apenas assimila as ideias que serviram a todos os Poetas da sua geração e da antecedente. Mesmo no soneto Lacrimae Rerum, que, apesar de banal, está bem feito, o poeta não consegue commover-nos e conta com velhas preciosidades de expressão a communicabilidade do seu sentimento, que julgo sincero.

A sua apregoada ironia? Eu nunca vi nada mais grosseiro, mais desastroso e que mais claramente revele uma inferioridade intellectual. Cifra-se na catholica ideia da separação entre a alma e o corpo, na queda da phantasia á realidade; e a realidade resume se, por sua vez, nos presuntos de Lamego, no vinho tinto, e em mais duas ou tres graças, pesadas e antigas.

O seu livro de prosa Por montes e valles é ridiculo, desde aquella pieguice da Silvia, até aos esforços que o auctor faz para provar que a Figueira duma quadra de Victor Hugo, é a Figueira portugüesa e não Figueiras em Espanha. O prefácio da Viagens por terra ao paiz dos sonhos indigna, se se attenta naquêlle modo de encarar a sciência moderna; na tentativa de explicação do que seja matéria e alma; na mirifica e inolvidavel distincção entre ideias e pensamentos; e, finalmente, na definição de Poësia (a revalação harmoniosa do pensamento humano) que nada define.

E esquecer se o sr. João Penha, que tanto procura mostrar a sua sciência, facilmente colhida em livrinhos de vulgarisação, que a Poësia é tam indefinivel como o homem!

As Rimas – o seu primeiro livro, publicado quando o auctor ainda estava em Coímbra, teve um grande successo. Nêsse tempo era elle redactor da celebrada Folha, e muito respeitado, temido até, por causa da sua severidade de pontífice litterario. Isto, juncto com a popularidade que tinha e, talvez, com o espirito de revolta que ha nos seus versos contra a melancholia, que era então moda em litteratura, provocou o successo das Rimas.

Mas em todas as composições é sempre o mesmo banal rimador que nos apparece e causa tédio. Não sam poêsias para juntar em volume, cuja única utilidade será, quando muito a de leitura de viagem.

Como redactor da Folha foi particularmente severo com a medida dos versos e a correcção grammatical dos escriptos que eram mandados para a sua revista. Poder-se-hám crear, por êste modo discípulos sem valôr, mas não se protegem talentos: – não é sob a ferula cathedratice dum mestre de letras que se criam artistas, mas sob a própria e consciente vontade de cada um. Os escriptores, que collaboraram na Folha, os mais originaes e os maiores, bem depressa se libertaram da influéncia do seu redactor, se alguma vez a soffreram.

Não se é perfeito quando se começa; a fôrma segue a evolução de ideias e sentimentos que só mais tarde se tornam – intensos êstes, definidas aquellas. É preciso escrever mal para escrever bem; é preciso hesitar primeiro para andar firmemente depois. E o sr. João Penha, não respeitando esta lei da vida, poderia ser considerado como pernicioso para a nossa litteratura, se o seu pontificado litterário não fôsse muito mais imaginário e restricto do que toda a gente julga.

Ha, porém, um argumento com que muitos partidários de João Penha o defendem, á falta de melhores razões: – é a sua linguagem castiça e portuguezíssima, pura e honesta como uma collegial em dia de primeira comunhão! E nisso concordo eu; mas êste argumento não é d'artistas: é de grammáticos.

O que me importa a mim que o sr. João Penha, poëta, não use do gallicismo e não erre a pontuação? O que eu exijo dum Poëta é que me faça viver a sua vida, chorar as suas lágrymas, rir as suas alegrias; é que me approxime da Belleza que sonhou, que a evoque e me dê a suggestão do seu sentimento; não lhe peço correccão, peço-lhe sinceridade.

E se uma e outra cousa fazem um Poeta completo, é tambem certo que a primeira dispensa-se e a segunda é lhe indispensavel. Quem ha aí que não pense como eu penso? Só se fôr o sr. Sousa Monteiro...

O sr. João Penha não consegue nunca impressionar nos.

Querendo ser um desilludido, que se entregou ao vinho, porque o amor duma mulher o fez desgraçado (e eu não duvido da verdade dêste romance) deixa-nos apenas a impressão de um Bacho de mau gosto. Querendo ser amargo na sua ironia, é apenas grosseiro; não nos arripia com ella – massa-nos. E desta sorte os seus versos não nos commovem; fazem nos só ter pena do trabalhinho que o autor teve a contar as syllabas pelos dedos – sem proveito para ninguém.

*

É a um homem dêstes que um jornal de Lisboa consagra um número homenagem, a um homem que representa, na evolução litterária dos últimos 50 annos, um engano e uma vergonha!

Mas alguma cousa ha que explica, sem a justificar, a admiração que muitos lhe têm: é a sua vida de Coimbra, a sua vida de Bohémio, alegre e bebado (vejam-se os seus livros), com piadas académicas que todos sabiam de cór; isso creou-lhe em volta uma lenda sympáthica; á sombra della se formou o seu bom nome litterário, por um dêstes phenómenos facilmente explicavel nos domínios da ingenuidade nacional. É ella que faz com que J. Penha seja posto ao lado de João de Deus e Anthero do Quental, dois verdadeiros poëtas; e entristece ver como se confundem, numa mesma apreciação e num mesmo respeito, êstes dois homens de tam elevado espírito e de tam puro sentimento, com êsse que apenas merece, como corôa de gloria, o ser considerado o typo clássico de estudante no meio século que findou.

JOÃO DE BARROS.

Ao ataque desferido pelo jovem estudante referir-se-ia João Penha, em carta para Joaquim de Araújo, datada de 29 de maio. A missiva em causa pertence ao Carteggio Araujo, da BNMV (Ms. 12242):

Meu caro Araujo

Estive doente e eis a razão por que lhe não tornei a escrever depois que sahiu o n.º da Chronica. Este n.º foi muito bem recebido, com grandes laudatorios por quasi todos os jornaes. Até agora só appareceu um dissidente, ao qual não responderei, porque é burro e patife. É um fedelho chamado João de Barros. O pifio teve a ousadia de dizer que as Arias modernas (da Viagem por terra) eram plagiadas.

Para o desfrutar talvez intente contra elle procedimento criminal por abuso de liberdade de imprensa, ou simplesmente – policia correccional por diffamação. Admittir-lhe-ia a prova da verdade da imputação, e como mais facil lhe seria metter um camello pelo buraco de uma agulha, do que proval-a, seria punido, nos termos do art.º 409, 2.ª parte do Cod. Penal, como calumniador, com prisão correccional ate um anno, e multa correspondente.

Seria original. Que refinadissimo patife!

Vamos a outros assumptos. Pela razão acima exposta, ainda não principiei os agradecimentos. Principio hoje pelo meu amigo. O seu artigo é um dos melhores, e agradou a toda a gente. Ahi vae pois, um apertado abraço, e não só por isso, mas pelos seus esforços para que o n.º sahisse bem.

Ha dias, escreveu-me o Luis da Silva, dizendo-me que ia publicar um n.º em homenagem a Garrett, e que n'elle publicaria o seu retracto, convidando-me ao mesmo tempo a escrever o respectivo artigo. Respondi affirmativamente, pedindo algumas instrucções. Ate agora não vieram, e supponho que elle desistiu de publicar o tal numero.

Em todo o caso, será um prazer que escreverei esse artigo, quando o seu retracto fôr publicado.

Agora ando com uma idea, que naturalmente vou pôr em pratica. É a seguinte. Da Folha, no ultimo anno, só sahiram quatro n.os. Deixei, quando me retirei de Coimbra, em mão de um amigo, toda a materia para o n.º de remate, com o respectivo expediente de despedida. Esse amigo não se desempenhou da missão de que o encarregara, de sorte que ficou aquella assim, sem um finis qualquer. A minha idea é publicar agora um n.º duplo (5.º e 6.º) em que collaborem todos [os] antigos collaboradores existentes, reportando-se áquella epoca, e em que sáhiem os artigos que estavam destinados ao 5.º n.º, que eu por ventura encontre entre a minha enorme papelada; concluindo por um indice geral de todas as series.

Este n.º não será posto no commercio, e será distribuido aos antigos assignantes, que o reclamarem. Que me diz a este respeito?

Eu, como sou artista, trabalho todos os assumptos sem me importar com a idade que tenho. Canto, pois, o amor, e não só o canto, mas executo-o, porque ainda tenho tesão para isso. Outros, porem, inuidos em velhos e deploraveis preconceitos, não entendem estas cousas assim, de sorte que deve ser curioso o ver como Viterbos, Pimenteis, Manueis Duarte, etc., velhos em plena virilidade, se sahirão com versos de amor...

Não quero um numero de saudade; quero um numero de mocidade.

Que me diz a esta idea?

E com isto fecho esta carta, que já vae longa.

Diga agora de si.

S do coração

B – 29-V-02.

J. Penha

Também em carta para João Penha, o editor d' *A Chronica* incitava o poeta à retaliação da afronta (ADB, Ms. 555 ^{maço 1}, f. 165). A resposta, em nome da revista, viria a lume pouco depois

(*A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (red. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 68 (junho de 1902), p. 1):

Os desabafos do menino João...

O sr. João de Barros (não confundir com o famoso auctor das Décadas) é um menino imberbe, natural da Figueira da Foz, filho de boa familia, mas um tanto ou quanto malcreado e amigo de metter o nariz nas vidas alheias. Começou ha dois ou três annos a escrever umas coisinhas insôsas, com muita parra e pouca uva, e todos o receberam com mais ou menos amabilidade, attendendo a que o interessante mocinho

mostrava evidentes desejos de ser alguém. No numero dos receptores amáveis esteve a Chronica, publicando-lhe a effigie e fazendo-lhe festinhas.

Tudo, porém, tem o seu contra neste mundo. Menino Barros tomou por simples justiça ao seu mysterioso talento o que era apenas bom desejo de o ajudar, e armou em Magriço de inconcebíveis façanhas literarias, distribuindo cutiladas a tórto e a direito, sem se lembrar ao menos de que esgrimia contra os moinhos, tal qual como o heroe de Cervantes.

Ora uma das suas victimas (e Deus lhe dê sempre algozes desta estatura) foi a Chronica. A homenagem a João Penha, prestada aliaz pelas pennas de Guerra Junqueiro, Gomes Leal e outros da Ala dos Gigantes, irritou os nervos do sympathico moço, que também quiz dizer de sua justiça, papagueando do poleiro da Resistencia que tal homenagem da Chronica não passava de uma patifaria, que João Penha não é poeta, e outras muitas baboseiras de igual quilate.

O diabo em pessoa, este irrequieto menino Barros!

Bem sabemos que daquelle desabafo de alma pouco ledo e muito cego não vem grande mal ao mundo. Mas foi malcreado o menino Barros, e mereceu, portanto, estas duas palmatoadas.

De vagarinho, e sem rancôr, como convem a creanças, mas em todo o caso, palmatoadas.

E terminarêmos, sem mais aquellas, com a ironia de João Penha, que é sempre um remedio efficaz em casos semelhantes:

Tem dó de nós, Aristarcho!

Não sejas mau, pequerrucho!

João Penha, por seu lado, tem também direito à sua réplica, na recensão d' *A Chronica* que aqui editamos, onde alude condescendentemente ao jovem antagonista. Este voltará, mais uma vez, à carga, nas páginas da *Resistencia*

João de Barros, "Ao Sr. João Penha" in *Resistencia* (ed. Manuel d'Oliveira Amaral), Coimbra: [s.n.]. Ano 8, n.º 729 (4 de setembro de 1902), p. 2:

Ao Sr. João Penha

Não sei se é a mim que o sr. se refere na critica ao Alivio de Tristes e á Terra de Portugal, publicada no n.º 73 da Chronica. Mas como lá interpreta mal phrases que eu escrevi a seu respeito, julgo que sim. Por isso as vou explicar, notando-lhe que seria mais leal citar o meu nome – ou o nome daquêlles a que se refere; e que essa falta de lealdade condemna o seu processo de discussão.

A não ser que me não cite, para mostrar que me não liga importância; mas isso, sr. João Penha!...

Eu não disse, no meu artigo sobre a homenagem prestada pela Chronica ao talento que os redactores dêsse jornal lhe concedem com tanta e tam desinteressada generosidade, que a forma era uma cousa desprezível: disse que a fôrma era inseparavel da ideia e que toda a ideia (ideia grande e bôa, como o sr. nunca teve nem terá!, é claro) traz comsigo a fôrma mais própria e mais precisa de a exprimir.

Théophile Gautier, de que o sr. transcreve uma phrase, tem razão; o sr. é que a não tem em faze lo advogado da sua Arte Poética, que não é Arte nem tem Poësia. Sabe porque

é que o Poëta «deve pezar cada verso, cada palavra, cada syllaba, na sua balança d'oiro?» É para melhor dizer o seu pensamento, não para fazer combinações de sons escondendo a pobreza de sentir e de pensar, que o caracteriza como artista, sr. João Penha. Porque se cada ideia traz consigo a sua forma, é preciso procurar esta e aperfeiçoá-la; não surge no espirito com a mesma facilidade com que surgiam no seu as conhecidas piadas de Coimbra.

Já sabia que era uma verdade muito velha isso do Poëta dever transmittir a sua commoção a quem o lê; mas apesar de velha, é uma verdade e tanto basta para que se repita; principalmente a quem, como o sr., parecia desconheçê-la:

Por ser velha é que eu me admirava que o sr. a não conhecesse; se fôsse nova, não teria tal espanto: – Como é que o sr. ha de comprehender uma verdade nova, se não comprehende as velhas, as que já sam do domínio de toda a gente?...

E enquanto ao pudor que o sr. invoca, ridiculamente, para se justificar da sua impotencia artistica – pois é uma impotencia não saber communicar aos outros o seu sentimento – dá vontade de rir. Se realmente existia esse pudor não o devia declarar para se defender duma accusação: conservava-o apesar de tudo.

O sr. confessa que êsses críticos poëtas de que falla (serám ou não serám eu?) o collocaram numa posição incerta e dedequilibrada. Se essas palavras se dirigem a mim – como julgo – dir-lhe-hei que só quem está muito pouco equilibrado se desequilibra tam facilmente; a não ser que a minha critica fosse tam justa... tam verdadeira, que o sr. reconhecesse a justiça e a verdade della. Mas a minha modestia não permite que eu viva nesta ideia durante muito tempo... E dir lhe-hei tambem, sr. João Penha, que todo o meu desgosto é não o ter desequilibrado por completo.

JOÃO DE BARROS.

N.B. Não julgue o sr. que eu escrevo estas linhas por sua causa: escrevo-as unicamente por causa de meia dúzia de pessoas que leram o meu artigo e que o julgaram escripto com sinceridade e consciencia, como realmente foi. (Porque se eu não transcrevia passagens dos seus livros para provar as minhas afirmações, citava aquellas que melhor poderiam dar prova da sua incapacidade – e que, no entanto, eram admiradas). Para esses é que eu escrevo agora: não vá alguém julgar que me atemorizou a sua resposta á minha critica, ou, se o sr. não quer nada commigo, á critica dos taes criticos poëtas que repetiram as phrases que eu dissera a seu respeito.

J. de B.

III. Nas linhas 89-103, 109-120, 127-135 e 144-156, citam-se passagens do livro recenseado:

Antonio Corrêa d'Oliveira – *Allivio de Tristes*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1901. (2.^a ed. 1918, p. 15)

*Outros vivem na casa de meus Pais;
Campos que foram meus, já o não são;
Outros, que ainda o são, não serão mais...*

*Já desde pequenino oiço um pregão
De tamanha desgraça e desventura
Que se me apertam alma e coração!*

*Já lá tenho meu Pai na sepultura.
De dois irmãos que tive, um lá ficou;
Outro, cá vem na senda da amargura;

E aquelle Amor, o bem que me sobrou,
Minha única alegria, anda previsto
Que cedo a levará quem os levou:

Pois minha Mãe a vejo, e sempre hei visto,
Tão ralada de penas e tormentos
Que mais parece a mãe de Jesus Christo...*

Antonio Corrêa d'Oliveira – *Allivio de Tristes*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1901. (2.^a ed. 1918, p. 21):

*Quantas vezes me deixo aqui ficar,
Nesta varanda, a ver se passa Aquela
A quem devo a alegria de chorar!

Aquela doce e singular Donzela,
Por que me sinto bom, só porque choro,
E pecador me vejo ao lado dela.

Aquela a quem eu amo, e não namoro:
Pois meus olhos abaixo, quando passa;
Meu coração descora, e eu descoro...

Tôda luz, tôda airosa, tôda graça,
Ora é nuvem que o sol para si toma,
Ora é sol que uma nuvem despedaça!*

Antonio Corrêa d'Oliveira – *Allivio de Tristes*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1901. (2.^a ed. 1918, pp. 15-16)

*Minhas doces Irmãs e meus alentos,
Tão lindas como o lume do meu lar,
Mimosas como as freiras dos conventos:

Se um rouxinol morreu de tal cantar,
Receio que meus olhos esmoreçam
De tanto ver sofrer, tanto chorar...

Mas Deus queira que os homens não me empeçam
De lhes ganhar, aqui, em suas vidas,
O que elas lá no céu a Deus mereçam.*

Antonio Corrêa d'Oliveira – *Allivio de Tristes*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1901. (2.^a ed. 1918, p. 79):

*Á hora do serão, hora serêna
Que tem um não sei quê de devoção,
Misteriosos ares de Novena,

Comecei eu a ler, com comoção,
Os versos que escrevi, como ditando
Os foi meu pobre e triste coração.

Fez-se silêncio, em roda. Repoisando
A costura ficava. Olhos poisavam
Em mim, e na minha alma. E ás vezes, quando

Os meus olhos erguidos perguntavam
O que esses doces corações sentiam...
As bôcas eram mudas: mas falavam

Os olhos, de onde as lágrimas corriam.*

Nas linhas 181-212, cita-se um fragmento do livro recenseado:

Ribeiro de Carvalho – *Terra de Portugal*. Porto: Livraria Editora Antonio Figueirinhas, 1901, pp. 9-10:

PARA ELLA

I

*Num dia de Maio com risos e flôres
Parti do meu Lar...
Levava no peito o meu sonho de amores,
Maior do que a Terra, mais vasto que o Mar...

As nóras do rio, num chôro plangente,
Diziam-me adeus...
E eu nem reparava, lá ia contente,
De ali, ao meu lado, vêr todos os meus...

Passei pela Igreja e o bom Padre Cura
Sorriu de me vêr...
«Estuda com alma, que eu quero a ventura
De dar-te o rebanho, se um dia morrer...»

O velho coveiro fitou logo em mim
O olhar, de remissa,
Pensando, coitado, se velho já assim
Ainda me havia de ouvir dizer missa...*

*Depois, pelos campos, ceifeiras do trigo
Diziam, pasmadas,
Se tendo crescido juntinhas comigo
Por mim ainda haviam de ser confessadas...*

*E eu via isto tudo, com certa vaidade,
Com certo prazer...
Mas lá o ser padre... que pouca vontade
Eu tinha de o ser!*

*Lembravam-me uns olhos de esperanças divinas,
Mais tristes que os meus,
Que eu vi, a chorarem, por entre as cortinas,
Dizendo-me adeus...*

*Mas lá me fui indo, depois de magoado
Beijar minha Mãe...
Poetas da Morte, choraes o meu fado,
Que um fado mais triste não teve ninguém...*

741

[Os dois monumentos]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – *Mala da Europa: Revista Quinzenal* (dir. Conselheiro Thomaz Ribeiro), Lisboa: [s.n.]. Ano II, n.º 41 (27 de janeiro de 1896), p. 1. Vd. descrição no n.º 720.

Este número de homenagem foi dedicado ao poeta João de Deus, falecido a 11 de janeiro de 1896.

B – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 142-145. Vd. descrição no n.º 333.

Este texto aparece integrado no conjunto “Excavações litterarias” (pp. 101-174).

Anotação textual: emendas

Título. Os dois monumentos] A; [Excavações litterarias] V | Os dois monumentos

Aparato genético

Título. Os dois monumentos A [Excavações litterarias] V | Os dois monumentos B

3. immortal, A immortal B

3-5. detido, na sua ascensão para a perfectibilidade, pela substancia contingente que o reveste. Por A detido, pela substancia contingente que o reveste, sem que podesse ascender para um estado mais perfeito. Por B

6. inspira A inspira, B

13. *Em A, segue-se um separador.*

16. de outr’ora, A d’outr’ora, B

17-8. astro, que se extinguiu, esplende ainda, no espaço infinito, longo tempo depois. Aquelle A astro que depois de extinto esplende ainda durante longo tempo no espaço infinito. Aquelle B

23. *Em A, segue-se um separador.*

26. gregos, / «aere *itálico* / A gregos, – / aere *itálico* / B

29. *Em A, segue-se um separador.*

39. ¿As A As B

43. rosto; A rosto, B

- 45-6. ¿Com as vestes pendentes de um pedagogo, aos pés a /Cartilha Maternal? *itálico* /
 A Com as vestes pendentes e negras de um pedagogo, com a /Cartilha mater-
 nal *itálico* / aos pés? B
48. mão, A mão B
55. Carrara; A Carrara: B
56. espirito, A espirito; B
- Data.* 20-1-96. A □ B

Podemos distinguir duas versões deste texto. As alterações situam-se ao nível sintagmático da substituição, reordenação e amplificação.

742

[Da Terra ao Sol]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 146-151. Vd. descrição no n.º 333.

Este texto aparece integrado no conjunto “Excavações litterarias” (pp. 101-174).

Anotação textual: emendas

Título. Da Terra ao Sol]; [Excavações litterarias] VI | Da Terra ao Sol

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 152-164. Vd. descrição no n.º 333.

Este texto aparece integrado no conjunto “Excavações litterarias” (pp. 101-174).

Anotação textual: emendas

Título. De Paris a Lisboa]; [Excavações litterarias] VII | De Paris a Lisboa
130. isto]; isto,

Arquivo documental

Em correspondência enviada a Antero de Figueiredo, ficamos a saber que João Penha escreveu este texto em 1916, substituindo o artigo “Manuel Duarte d’Almeida” (vd. texto editado no n.º 761), que inicialmente ponderara incluir no livro. O primeiro testemunho que o confirma encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-1189(5):

7 ou 8-VII-16

Caro amigo.

Estou abandonado por Deus, e pelo Diabo: escrevo, ninguém me responde; ólho, não vejo ninguém!

O Abilio, a quem escrevi ha já uma semana, não dá por burro, nem por albarda. Não sei como desencantar o tal artigo, e muita falta me faria na parte prosaica das Excavações, sobretudo porque, se bem me recordo, traz tres sonetos de Manuel, que serviriam para adorno do livro.

Como, porém, precisam d’elle para o prefacio do livro do Manuel deixal-o-hei de fóra, e para o substituir, já principiei e conto acabar-o amanhã ou depois, um artigo que intitulei: De Paris a Lisboa (Viagem a todo o vapor pela litteratura contemporanea). Será obra pittoresca, e original.

Sem ter tudo prompto, não tracto de editor, e eis o lado desagradavel d’este episodio.

Á 2.ª carta negativa que receba, fecho á chave o manuscrito na minha gaveta, e ahi o deixo até que os ratos o roam.

Recados ao Queiroz Ribeiro.

Seu ex-corde

João Penha.

Dias mais tarde, Penha anuncia a definitiva substituição do artigo pelo novo texto. A carta em questão pertence ao espólio de Antero de Figueiredo, com a cota M-AF-1189(6). É constituída por um bifólio de papel pautado (com 22,5 x 18,3 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-1v) a tinta preta:

B. _ de julho de 1916

Meu caro

Revolvendo papeis em procura dos malditos jornaes, encontrei esse, que envio, e que talvez sirva de alguma cousa ao Maximiano.

Do tal albino, nada, e eu a imaginar que eu era d'aquellas pessoas, a quem se responde!

A falta dos taes artigos introuvables, já a suppri com duas novas peças: Da Terra ao Sol, e de Lisboa digo, e de Paris a Lisboa, viagem a todo o vapor pela litteratura contemporanea. Fallo ahi de meio mundo, incluindo do meu amigo. O livro está prompto, incluindo o indice, e dará, segundo calculo, um volume de perto de 300 paginas.

Abraça-o o

Se ex corde

J. Penha.

744

[Almôço campestre]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – João Penha, *O Canto do Cysne* (ed. Albino Forjaz de Sampaio), Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1923, pp. 165-174. Vd. descrição no n.º 333.

Este texto aparece integrado no conjunto “Excavações litterarias” (pp. 101-174).

Anotação textual: emendas

Título. Almôço campestre]; [Excavações litterarias] VIII | Almôço campestre

II – PROSAS

2. Esparsos



Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – Cunha Viana, *Relampagos* (pref. João Penha), Porto-Braga: Livraria Internacional de Ernesto e Eugenio Chardron, 1874, pp. IX-XV.

Trata-se do livro de estreia de António José da Cunha Viana (*1851 †1890). Este volume de poesias publicou-se em formato pequeno (de 19 cm), com 148 páginas e um prólogo do seu conterrâneo, João Penha.

Anotação textual: emendas

- 20. seculo XVII]; seculo XVI
- 39. Junqueiro,]; Junqueira,

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há dois testemunhos diretos:

A – Anthero de Figueiredo, *Tristia* (pref. João Penha), Lisboa: M. Gomes Editor – Imprensa Nacional, 1893, pp. V-XIII.

Trata-se do primeiro livro de Anthero de Figueiredo, que o autor compôs durante uma longa viagem de convalescença. Tinha formato pequeno (de 16 cm), com 75 páginas, acrescidas ao prefácio de João Penha. Esta primeira edição teve um total de 410 exemplares, dos quais 5 são em papel da China e 5 em papel de Holanda.

B – Anthero de Figueiredo, *Tristia* (pref. João Penha), 2.^a ed., Porto: Typographia Occidental, 1893, pp. V-XXIII.

Esta segunda edição publicou-se em formato pequeno (de 11 cm), com 75 páginas, acrescidas ao prefácio de João Penha. Desta edição tiraram-se 512 exemplares, sendo 500 em velino, 4 em linho branco, 4 em linho azul e 4 em cartolina italiana.

Anotação textual: emendas

Subtít. □] A; Da 1.^a edição

78. como o pantheismo] A; como pantheismo

117. /Salambo; *itálico*/; /Salambo, *itálico*/

143. /Fille *itálico*/] A; /Filie *itálico*/

147. le choix] A; les choix

Aparato genético

Subtít. □ A Da 1.^a edição B

14. todo homem A todo o homem B

78. como o pantheismo A como pantheismo B

86. sciencia, A sciencia B

110. /seculos, *itálico*/ A /Seculos, *itálico*/ B

112. /humana; *itálico*/ A /Humana; *itálico*/ B

143. /Fille *itálico*/ A /Filie *itálico*/ B

146. se a ha, A se ha, B

147. le choix A les choix B

153. isso o que A isso que B

Data. 22 de outubro de 1892. A □ B

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – Alberto de Madureira, *Horas Perdidas* (pref. João Penha), Braga: Livraria Escolar-Editora de Cruz & C.^a, 1899, pp. IX-XVI.

O terceiro livro de Alberto de Madureira publicou-se em formato pequeno (de 20 cm), com 126 páginas e um prefácio de João Penha.

O texto apresenta algumas gralhas tipográficas, a que o poeta se refere em correspondência (vd. *infra* Arquivo documental II).

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Conta-se a seguinte transcrição indireta:

- *O Ocidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (ed. Antonio das Mercês, Gervásio Lobato), Lisboa: Lallémend Frères. Ano 23, n.º 769 (10 de maio de 1900), p. 103.

Trata-se de uma cópia do texto de João Penha (a partir do livro *Horas Perdidas*). Vem antecedida de um poema de Madureira (“O sahimento”) e de um cabeçalho onde se elogia não só o autor do poema, mas sobretudo o prefaciador:

[...] *João Penha, esse delicioso talento, que, no verso ou na prosa, sae dos moldes estabelecidos, para nos dar com o sabor antigo o atticismo moderno. João Penha é um grande do reino, em poesia; e apresentando alguém – consagra-o.*

Anotação textual: emendas

5. mesmo sonhar de]; mesmo sonho de
Vd. testemunho reproduzido no Arquivo documental II.
36. censure pois que mesmo]; censure porque mesmo
Vd. testemunho reproduzido no Arquivo documental II.
68. «lassata]; «lascata
85. poderosos recursos os poderá revestir do que]; poderosos recursos os poderá revestir de que

Arquivo documental

I. O autor do livro prefaciado era o jovem bracarense Alberto de Madureira e Costa (*1870 †1918):



II. Em carta enviada a Alberto de Madureira, João Penha dá conta de algumas gralhas tipográficas que afetaram o seu prefácio. O testemunho em causa encontra-se guardado no ADB, com a cota Ms. 546 ^{maço 12}, f. 28. É constituído por um bifólio de papel vergado (com 22,2 x 17,5 cm), escrito de ambos os lados, a tinta preta. Na primeira página, os bibliotecários anotaram, a lápis, a indicação: “s.d.”.

Meu caro Madureira.

O livro está realmente bonito, por fóra, e por dentro: casca e miôlo.

No prefacio vejo um mesmo sonho de chimeras, que era um mesmo sonhar de chimeras, e mais adiante um porque que era um pois que.

Pelo livro adiante vejo alguns erros orthographicos, como brisa, por briza, suppus, por suppuz, hylazes por lilases, etc. o que tem certa importancia para os Candidos de Figueiredos.

E a proposito: qual o motivo por que me não enviou as ultimas folhas, para eu rever?

É um mysterio que desafia a minha curiosidade. [...]

Também em carta enviada para Antero de Figueiredo, o poeta se queixa das gralhas deste prefácio. O testemunho em causa encontra-se guardado na BPMP, com a cota M-AF-1157(11). É constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,8 x 18,2 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, e onde se lê.

Meu caro Anthero.

O Trindade Coelho, em carta que me escreveu, diz, entre outras cousas: «a ultima parte do seu livro vai obrigar-me a reler o Anthero de Figueiredo, a ver se faço as pazes com elle, porque o rapaz, à vista do meu desamor, imbirra comigo.»

Estou que o Trindade mudará de opinião, mas, ainda que não mude, façam as pazes, mesmo porque não é obrigatorio que estejâmos adorabundos uns diante dos outros.

Quando o vir, pois, tire-lhe o chapéu, e aperte-lhe a mão com affectuosa cordialidade.

O Montes não tem sido mal recebido. Sobretudo em cartas o te Deum laudamus é exuberante. Artigos poucos tenho visto: o melhor é o do Portella na Tribuna. Se vir por ahi alguma cousa, mande.

Ao Teixeira Bastos não mandei, porque já tinha mandado ao Seculo. Ao Carlos Lemos, o poeta das letras grandes, tambem não mando, porque lhe offereci um exemplar da Viagem por terra e não se dignou agradecer-me, ou accusar a recepção.

Agora só mandarei ao Alberto Bramão, e não mando a mais ninguem, porque só tenho tres exemplares.

Recebeu um, que lhe enviei, para entregar ao Mesquita? Como tudo foi sem registo, é mais que natural que ahi uma duzia de exemplares fossem «happés» pelos amadores gratuitos dos nossos correios.

Recebeu o livro do A. de Madureira? No prefacio ha uns transformismos typographicos, como: o mesmo sonho de chimeras, – que era o mesmo sonhar de chimeras.

No Montes tambem ha muito d'isto, apesar da minha revisão cuidadosa.

Sobre todas estas materias responda, na sua letra caixeiral, o que se lhe offerecer, e mande o

P.S. Mande a morada do Bramão.

Se.

7-VI-99.

J. Penha

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – Corrêa Simões, *Dom Frei Caetano Brandão: Poemeto* (pref. João Penha), Braga: Typ. de J. M. de Souza Cruz, 1906, pp. IX-XI.

Este livro, publicado em formato pequeno (de 19 cm), continha ilustrações de Rebelo Barbosa. Além das 238 páginas do poema, conta ainda com um prefácio de João Penha e uma advertência do autor, intitulada “Duas palavras” (pp. XV-XVI).

749

[Antes de subir o panno]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – Eduardo Moreira, *O Mytho de Camões: de como se Prova que a Existencia do Grande Épico É Lendaria* (pref. João Penha), Braga: Raul Guimarães & C.^a Editores, 1915, pp. 7-11.

Este opúsculo de 43 páginas publicou-se em formato pequeno (de 17,5 cm).

Anotação textual: emendas

- 4. historiadores]; historiados
- 21. a do Carlos]; a de Carlos
- 48. de per si]; de por si
- 52. lê. O]; lê; O
- 55. /Deve beber-se quando se come? *itálico* /]; Deve beber-se quando se come?
- 94. Foi]; foi

750

[Satanica em prosa]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Harpa: Semanario de Litteratura* (dir. Joaquim de Araújo), Porto: [s.n.].
Série II, 1875, n.º 5, p. 41. Vd. descrição no n.º 23.

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho disponível:

A – *Revista Academica Literaria* (dir. Antonio d'Almeida Roque), Porto: [s.n.]. Ano I, 1878, n.º 2, pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 23.

Desta pequena revista portuense publicaram-se apenas três números, entre 1878 e 1879. Tinha formato de 29 cm e constitui hoje uma raridade bibliográfica.

Pela correspondência do poeta sabemos que esta *satânica* recebeu uma réplica de Gomes Leal, no n.º 3 (vd. *infra* Arquivo documental), que todavia não foi possível localizar.

Arquivo documental

Em correspondência trocada por João Penha e Joaquim de Araújo, ficamos a saber que esta *satânica* foi inicialmente enviada ao jovem diretor d' *A Harpa*, que a partilhou com Gomes Leal, suscitando a respetiva réplica. Ambos os textos estiveram para publicar-se n' *A Harpa*, mas acabariam cedidos à *Revista Academica Literaria*, que incluiu o texto de Penha no seu n.º 2, reservando a réplica de Gomes Leal para o número seguinte. Por se tratar de uma raridade bibliográfica, não foi possível localizar o n.º 3, com a aludida réplica.

O primeiro testemunho dando conta das peripécias que envolveram esta publicação encontra-se no espólio de João Penha. Trata-se de uma carta de Joaquim de Araújo, com a cota ADB, Ms. 546 ^{maço 9}, ff. 46-47, e consiste num bifólio de papel pautado (com 26,5 x 20,7 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu João

V. hade ter reparado no meu silencio. Tenho tido minha mãe doentissima, estive em Penafiel e além disso estive eu tambem doente.

Agradeço-lhe dole a sua satanica em verso e o trabalho, que lhe dei, de procurar as coisas do Almeida. Devolvo a poesia do Guilherme Braga: efectivamente a ultima estrofe é muito rasoavel.

Um parceiro daqui a quem eu mostrei a sua satânica communicou ao Gomes Leal a essencia della. Gomes Leal mandou-me uns Paradoxos nocturnos, pedindo-me a sua publicação delles. A dedicatoria embaraça-me um pouco – A João Penha, entre as dez e as onze. O resto acho publicavel, posto que G. lhe dê por varias vezes piadas. Por ex.: comparando V. com Ricardo d'Inglaterra que trocou a coroa por um cavalo, com Jacob

que trocou os seus direitos por um prato de lentilhas e com varios outros tipos, um dos quais deu a alma em sexta feira sancta por uma perna de capão, diz que V. dava tudo quanto elles deram por um copo de Cartaxo.

Gomes Leal escreve-me hoje a carta inclusa emque me pede a sua Satanica: remeto-lhe a carta delle e rogo-lhe o obsequio de m'a reenviar.

A sua satanica está impressa d'ha muito, mas eu não gosto de mostrar os escritos que me dão e por isso sem sua autorisação não mando a folha ao Gomes. Se, porém, V. me autoriza a isso eu mando a V. a resposta do Gomes, porque, nesse caso, julgo-me autorizado a mostrar a um e a outro o que escreveram.

Só lhe mando o escrito delle nestas condições na certeza d'uma coisa: não lhe mando o manuscrito porque isso me bolee com os nervos: mando-lhe depois d'impresso.

Se V. consente na publicação delle ou, para melhor dizer, se V. se não offende com a dedicatoria, eu publico na certeza de que v. pode responder que eu lhe mando a tempo o impresso, como quizer, ou nos termos em que quizer.

Não o masso mais: espéro carta sua na volta do correio. Agradeço-lhe muito e muito todas as suas finezas e peço-lhe que me mande aquelles n.os da Harpa que V. tem duplicados e que me prometeu. Preciso muito delles.

Joaquim d'Araujo

P.S. Devolva-me esta carta e diga-me o que heide fazer.

O soneto do Cabrita já sahiu na Folha, 1.^a serie. Lembro-me deste perfeitamente.

A resposta de João Penha encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-COR-II-27, e consiste num bifólio de papel vergado (com 21,1 x 13,6 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta. Na última página, os bibliotecários anotaram a seguinte etiqueta (a vermelho): “De: João Penha”.

Amigo J. d'Araujo

Effectivamente o tal entre as dez e as onze (se bem que póde applicar-se ao autor dos taes Paradoxos na occasião de escrever a dedicatoria) – é intoleravel, não só porque a idea que representa é falsa, – mas porque tal phrase, que só revela carencia de espirito, é só propria d'uma praça de peixe, ou d'um synhédrio de putos, mas não d'um jornal litterário que é lido por senhoras, e entre ellas por Maria Amalia Vaz de Carvalho, a Crespo.

Eu quanto á laraxa do copo do roxo, ja me parece mais admissivel, apesar de velha e batida, porque parece estar escripta com uma tal ou qual graça. (Qual graça!)

No que Você fez mal foi em dar parte ao Gomes Leal da minha satanica, porque assim apparecerão na Harpa duas couzas, já de si pifias, que parecerão combinadas, e portanto intoleraveis; – e porque o referido Gomes, que não leu o que eu escrevi, suppôz descompustura, e vem com outra, que ha-de talvez obrigar-me a ir-lhe em cima, de marmeleiro em punho.

Adeus; os jornaes irão n'outra occasião.

S.

J. Penha

P.S. Diga ao Gomes que essa historia da borracheira esta esgottada ha muito, como todas as manhãs o está o grande cópo de merda que elle todas as noites embórca.

A última carta de Joaquim de Araújo, aludindo a esta satânica, dá apenas conta da sua publicação na *Revista Academica Literaria*. Pertence ao espólio de João Penha e apresenta a cota ADB, Ms. 546^{maço 9}, ff. 86-87. Consiste num bifólio de papel pautado (com 26,8 x 20,9 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, e onde se lê:

Amigo João

Escrevo-lhe de Coimbra, onde estou. Fico sciente do que V. diz, menos numa coisa. Perdi o raio da sua carta e não sei o dia em que o jornal começa a sahir.

Vou daqui a 2 horas para Lisboa, no comboio da noite. Estou-lhe a escrever num café da Baixa. Isto aqui ou nunca teve graça ou então está duma decadencia espantosa.

Envie-me com urgencia um soneto seu ou 2 quadras – uma coisa qualquer – inédita. Estou aporrinhado porque prometi versos seus no 5.º n.º. Mande-os que em troca dar-lhe-ei versos inéditos, talvez um folhetim, do J. de Deus para o 1.º n.º do Norte.

Escreva.

Um grande obsequio que lhe peço e que me foi solicitado por um intimo amigo. Envie os 3 n.os publicados da Républica das Letras a Antonio de Almeida Roque, redactor da Revista Academica, rua Formosa, 90 – Porto. Creia que me faz muito um grande favôr. Esta revista vai continuar agora: eu dei-lhe na Povia por ordem do Roque que foi quem me encarregou de lhe fazer este pedido, o 1.º n.º. Neste 2.º sai a sua Satanica em prosa ao G. Leal.

Escreva.

Coimbra, 28

J.im d'Ar.º

Rua do Arsenal. Liv. Internacional.

752

[O que pode consolar-nos...]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Discussão: Diario Democratico da Manhã*, Porto: [s.n.]. N.º 454 (1 de junho de 1885), p. 1.

Este diário generalista publicou-se em formato grande (de 49 cm), entre 1883 e 1887.

O número aqui recolhido é um especial dedicado a Victor Hugo, no dia do seu funeral.

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – Lisboa-Porto: Numero Unico Publicado pela Imprensa de Lisboa em Beneficio das Victimias Sobreviventes do Incendio do Theatro Baquet, Lisboa: [s.n.], 1888, fl. 8.

Esta publicação de beneficência publicou-se em formato grande (de 53 cm), apresentando na capa uma aguarela a cores de Rafael Bordalo Pinheiro. As suas 32 páginas inumeradas acolhem textos e ilustrações de alguns dos nomes mais relevantes do panorama artístico e cultural português.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *Jornal da Manhã*, Porto: [s.n.]. Ano 17, n.º 230 (20 de agosto de 1888), p. 1. Trata-se de uma cópia a partir do número único.

754

[A eterna aliança]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – Homenagem da Academia Bracarense aos Heroes de 1640, no 1.º de Dezembro de 1890, Braga: Minerva, 1890, p. II.

Este número único publicou-se anualmente, entre 1882 e 1935, para ser vendido durante as comemorações estudantis da restauração da independência nacional. Além da comunidade estudantil do liceu de Braga, envolvia também colaboração dos literatos bracarenses da altura.

O exemplar em causa tem formato médio (de 45 cm), com 7 páginas e texto a duas colunas.

755

[Anthero]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Nova Alvorada: Revista Mensal, Litteraria e Scientifica* (dir. Souza Fernandes), Vila Nova de Famalicão: [s.n.]. Ano I, n.º 7 (novembro de 1891), p. 66. Vd. descrição no n.º 173.

Trata-se de um número de homenagem a Antero de Quental, que Joaquim de Araújo promoveu na *Nova Alvorada*, logo após o suicídio do poeta.

756

[Os centenários]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1894 (4 de março de 1894), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

Trata-se de um número comemorativo do quinquentenário do Infante D. Henrique.

Anotação textual: emendas

- 11. decrepito]; decripito
- 17. origem do]; origem de
- 22. robusteza]; rebusteza

[Uma aventura nocturna]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – A *Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 56 (dezembro de 1901), p. 4. Vd. descrição no n.º 130.

Trata-se de um número de homenagem ao Conde de Valençães, Luís Jardim.

Arquivo documental

Em correspondência trocada com o diretor d' *A Chronica*, ficamos a saber que Luís Jardim solicitou algumas alterações à versão original. O testemunho encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 555 ^{maço} 1, ff. 2-3. É constituído por um bifólio de papel pautado (com 22,6 x 17,9 cm), escrito de ambos os lados a tinta azul. No canto superior direito do f. 2r foi posteriormente acrescentada, a lápis, a indicação apócrifa “s.d.”.

Meu presado amigo

Junto envio as provas do artigo sobre o conde. Elle queria – segundo me consta – que onde o meu amigo diz só Luiz ponha sempre o Luiz Jardim.

Tambem – disse-me elle – que só descende de homens de sciencia pela linha paterna. Da materna, não.

A seguir ao numero do Conde, vae o de D. Zulmira. A respeito de encadrement só há o que empreguei no retrato do Modesto. Serve? O Bracarense troca com a Chronica.

E agora vamos ao seu numero. É bom tratar das cousas com tempo. Já falei ao conde dos artigos. Elle annuiu, creio.

Conviria que escrevesse ao Candido de Figueiredo, pedindo-lhe o artigo principal.

O Gomes Leal já me mandou um esplendido soneto.

O Conde de Arnoso, com uma delicadeza extraordinaria, devolveu-me uma colleção da Chronica que lhe offerecia e um bilhete dizendo-me que não tinha tempo para escrever.

Talvez com uma carta do meu amigo proceda d'outra fôrma.

Ao Guerra Junqueiro tambem o meu amigo escreverá.

Enquanto aos outros dir-me-ha a quem quer que eu peça.

E creia-me sempre

seu am.º e ad.or devotado

Luiz da Silva

758

[Se esta homenagem fosse]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2049 (12 de junho de 1901), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

Trata-se de um número de homenagem ao Visconde da Torre.

759

[D. Zulmira de Mello]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.].
N.º 57 (janeiro de 1902), pp. 1-2. Vd. descrição no n.º 130.

Trata-se de um número dedicado a Zulmira de Melo.

Anotação textual: emendas

- 48. emmolduram]; emmoldam
- 61. que a ondulação]; que ondulação

Arquivo documental

I. O texto vem ilustrado com o seguinte retrato da jovem poetisa:



A Chronica, n.º 57 (janeiro de 1902).

Além do artigo, este número dedicado à amada de Penha incluía também um poema inédito do mestre (vd. n.º 183) e o seguinte soneto de Zulmira de Melo:

Que é o amor?
(INÉDITO)

*Não é essa illusão vulgar, que inflora
Uma ternura vã e refalsada,
Que nas salas se arrasta decotada,
Que o tempo mata e em fumo se evapora.*

*Não. O amor é uma musica sonóra
Que nos vibra na alma enamorada,
Uma ventura nova, não sonhada,
Como luz de immortal, sublime aurora!*

*Nasce do Sonho, e em sonhos se alimenta:
Não ha poder humano que o destrua,
Que nem a morte destruil-o intenta!*

*É o fogo ardente que em meu seio estúa,
Um laço eterno, essa paixão violenta,
Que para sempre uniu minh'alma á sua...*

18-XI-901.

II. Em correspondência trocada por Penha, ficamos a saber que este artigo desagradou à jovem Zulmira de Melo. A primeira carta que o comprova é do diretor d' *A Chronica*, Luís da Silva, e pertence ao espólio de João Penha, com a cota ADB, Ms. 555^{maço}¹, f. 104. É constituído por um bifólio de papel pautado, escrito de ambos os lados (ff. 1r-1v) a tinta azul. No topo do f. 1r foi posteriormente acrescentada uma data (atribuída em função do carimbo de correio, no envelope que o acompanha): "19-I-1902".

Meu presado amigo:

Do Guerra Junqueiro nada. Extraviar-se-hia o artigo?

Recebi uma carta da sr.^a D. Zulmira. Diz ella (textual): «De bom grado lhe mandaria uma lista de senhoras de meu conhecimento para V.^a ex.^a lhe enviar o numero. Esse numero porém ficou tão poeticamente exaggerado, que essas senhoras, se o lessem conheceriam a photographada, mas não a biographada. Se quizer posso-lhe enviar essa lista – mas só depois de sahir o numero do ex.mo sr. dr. João Penha».

Por isto vejo que a sr.^a D. Zulmira é difficil de contentar.

Na verdade não se percebe a razão porque Ella não manda agora a lista, mas sim só depois de sair o seu numero.

Mysterios com que nada tenho, nem tento desvendar.

Recebeu uma carta que a sr.^a D. Felismina Torrezão me enviou para fazer chegar ás mãos de D. Zulmira?

Até breve.

Seu am.^o m^{to} / admirador/
Luiz da Silva*

Sabemos entretanto, também pela correspondência do poeta, que a publicação do artigo coincidira com um arrufo passageiro entre João Penha e sua amada (ADB, Ms. 555 ^{maço 1}, ff. 101-102), tendo o autor ponderado mesmo remediar o incidente com uma declaração pública.

Todavia, o redator d' *A Chronica* aconselha o poeta a não alimentar mais a polémica, numa missiva pertencente à BPMP, com a cota M-AF-2969(17). Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 22,3 x 17,9 cm), escrito de ambos os lados (f. 1r-1v) a tinta azul, e onde se lê:

Meu bom amigo:

Volto á minha. E creia que o defendo tambem. Publicar tal declaração é cair no ridiculo. Sabe que a gente que lê a Chronica é gente illustrada e facilmente percebe que nunca o nome de Zulmira de Mello, por um mysterio typographico, se poderia transformar nas iniciais F.C. Além de quê no mundo das letras é fallado o seu idyllio. Os Echos da Avenida e mais tarde o Tempo deram até a noticia de que um notavel poeta do norte estava para casar com uma poetiza bracarense. Mais tarde o Tempo quando saia o torneio, referia-se sempre ás quadras, parecendo que conhecia os contendores. Largava sempre piadas.

Ora sair agora com tal declaração é provocar mais dichotes, e começarão a considerar a Chronica, não como uma revista litteraria, mas como um Novo Secretario d'amantes, com arrufos e tudo.

E assim a posição de todos será pouco d'invejar (incluindo a sua).

Reflecta e verá que tenho razão.

As personagens dos Homens do mar são Gilliatt e Deruchette.

Creia-me semp

/ am./*

Luiz da Silva

Também Luís Jardim, Conde de Valenças e amigo de João Penha, aconselha prudência, no tratamento deste melindre. A missiva encontra-se guardada na BPMP, com a cota M-AF-1244. Trata-se de um bifólio de papel liso (com 22,5 x 18 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Lisboa 16 de Fevereiro de 1902

Am.º João

O Luiz da Silva manda-me aqui um artigo teu, dizendo que tu querias o meu parecer ácerca da sua publicação. O meu parecer é que tu não o debes publicar, porque senhoras não se discutem, e maximé quando teem 18 annos; mas tu procederás como entenderes. Se porventura a Sr.ª D. Zulmira ficou melindrada com o teu artigo, tu debes escrever-lhe uma carta muito respeitosa e muito leal, fazendo amenda honorable, e explicando tuas intenções, desculpaveis nos dominios da poesia. Se essa não ficou melindrada, tu não tens que dar satisfações a ninguém.

A polemica só aggravaria o caso, que o tempo facilmente oblitára.

Mais não digo, que mais não sei.

*Emq.to ás tuas outras cartas, responderei com mais vagar, visto que, agora, que
estou com alguma saude, todos puxam por mim, e afinal só me massam, que não estou
tão são como elles pensam.*

*Recebe um abraço meu e manda-me sempre, que eu sou
teu velho amigo*

Conde de Valenças

III. O poema de Zulmira de Melo que aparece citado nas linhas 121-134 foi publicado com algumas variantes:

A Correspondencia do Norte (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 1960 (21 de Julho de 1900), p. 2:

A estrella e a violeta

*A branca violeta, a flôr modesta
Que se debruça á margem da corrente,
Às caricias da brisa, indifferente,
Não sonha amôres no calôr da sesta!*

*Que a pobresinha amasse, nada o attesta!
Suspirava o vento, e ella negligente,
Gostava de rever no transparente
Crystal da lymphá, a sua face mésta!*

*Um dia, porém, viu no ceu raiar,
Uma estrella de magico fulgôr!
A pobresinha então, n'um vago ancíar,*

*Sentiu no seio o amôr: Agora a flôr
Ai! pergunta a si mesma a suspirar,
– Se a estrella saberá do seu amor!?...*

MELLO.

760

[Luiz da Silva]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *O Ocidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro* (ed. Antonio das Mercês), Lisboa: [s.n.]. Vol. XXV, n.º 863 (20 de dezembro de 1902), pp. 274-275.

Esta revista publicou-se quinzenalmente entre 1878 e 1915, tendo Guilherme de Azevedo como seu diretor literário. Apresentava formato médio (de 36 cm), profusamente ilustrado, contando com colaborações de alguns dos escritores mais relevantes de então.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria* (dir. Luiz da Silva), Lisboa: [s.n.]. N.º 81 (dezembro de 1902), p. 3. Vd. descrição no n.º 130..

Trata-se de uma cópia d' *O Ocidente*, mas antecedida de breve introdução.

Anotação textual: emendas

2. /Occidente *itálico*/]; OCCIDENTE
35. de seu pai,]; de seus pai,

Arquivo documental

I. A transcrição d' *A Chronica* vem ilustrada com o seguinte retrato:



761

[Manuel Duarte d'Almeida]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Echos da Avenida: Semanario Illustrado, Litterario, Scientifico, Noticioso e Theatral* (dir. E. Arthur Castello Branco), Lisboa: [s.n.]. N.º 680 (15 de novembro de 1903), p. 1. Vd. descrição no n.º 128.

Trata-se de um número dedicado a Manuel Duarte de Almeida.

2. *Eliminatio codicis descriptoris*

Entre as cópias indiretas, conta-se a seguinte:

- *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2260 (13 de fevereiro de 1904), pp. 1-2.
Trata-se de uma cópia do *Echos da Avenida*.

Anotação textual: emendas

20. um crime]; uma crime

Arquivo documental

I. Em A, o artigo vem acompanhado do seguinte retrato:



II. O poema de Manuel Duarte de Almeida que aparece reproduzido nas linhas 70-83 foi publicado com variantes, na edição póstuma de *Terra e Azul*:

Manuel Duarte d'Almeida, *Terra e Azul* (intr. Ricardo Jorge), Porto: Imprensa Moderna, 1933, p. 192.

TÉDIO

*Ergamos dêste charco o pensamento!
Mergulhemos a vista nas alturas,
No imenso lago azul, nas águas puras
Que pede o vosso espírito sedento!*

*Passemos sôbre a terra como o vento
Que vai cantando estranhas amarguras
E, ainda agora gemeu nestas agruras,
Já lá suspira ao longe o seu lamento.*

*Não demoremos nesta ingrata senda
O olhar saciado, os indecisos passos,
À espera que outro sol, enfim, se acenda.*

*Sol mais belo, mais puro, outros espaços
Mais vastos quer, também, onde resplenda:
– Alma! abre as asas! Rompe os térreos laços!*

Também o carme citado nas linhas 92-119 foi publicado com variantes, na edição póstuma de *Terra e Azul*:

Manuel Duarte d'Almeida, *Terra e Azul* (intr. Ricardo Jorge), Porto: Imprensa Moderna, 1933, pp. 187-188.

ECOS DA POESIA DA NOITE

I

*Oh poesia inefável, vaga, triste,
Dum íntimo sonhar, por noites belas
Perdido o olhar no lume das estrêlas
Doutro mundo melhor, que eu sei que existe.*

*Quando o luar me impele a que me aliste
Na falange risonha das quimeras
Que sai a conquistar novas esferas
De luz, co'a lança aspiração em riste...*

*Então, no azul espaço ilimitado,
Muito acima da terra e de seus montes,
Da lua pálida e do sol dourado,*

*Por outros céus, mais largos horizontes,
Meu espírito vai, penetra, ousado,
Buscando o amor em ignoradas fontes...*

II

*Ah! Como é belo divagar sonhando
Pela praia deserta em noites calmas!
Tão fresca a aragem nos perfuma as almas!
Tão branca a lua nos persegue, andando!*

*E tu, oh mar! tão amoroso, quando
Na fulva areia rútila te espalmas,
Tu, parece que a vaga dôr acalmas
De quem te vê cativo, mas amando!*

*Auras! erguei-me em vossas brandas asas.
Vagas! tomai-me em vosso colo undoso...
Cobre-me tu, ó lua, de alvas gazas...*

*Transportai-me sonhando... À dor? Ao gôzo?...
Eu quero ver-te, ó flama que me abrasas
Nesse ansiar, tão doce e doloroso!*

De modo análogo, o poema que aparece nas linhas 145-158 foi originalmente publicado n' *A Folha*, embora com variantes:

A Folha: Microcosmo Litterario (dir. João Penha), Coimbra: Imprensa da Universidade. Série V, 1873, n.º 1, p. 6:

ARÓMATOGRAPHIA

*Se alguma vez tentasse, ó minha doce amada!
Na tela desenhar teu nobre busto hebreu,
Não iria pedir – bucolico Dirceu –
Á neve, á rosa, ao lírio, a tinta delicada.*

*A gazella medrosa, a pomba assetinada,
O ébano, o marfim, o sol, o azul do ceu,
Nada tinham que dar-me, ó fouveiro escarceu,
Flamma alongada em lago onde a minha alma nada!*

*Perfumes na palêta, em vez de tintas, pondo,
Derramára o beijoim no teu seio redondo;
Nos labios a mordene escallonia; – no olhar*

*A magnolia, que lembra um antarctico mar;
E a rajada do sul, impregnada de aromas,
Pintára o turbilhão das tuas negras cômas.*

Maio, 72.

Também a edição póstuma de *Terra e Azul* inclui a mesma variante do poema:

Manuel Duarte d'Almeida, *Terra e Azul* (intr. Ricardo Jorge), Porto: Imprensa Moderna, 1933, p. 165.

762

[Visconde da Torre]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2300 (5 de janeiro de 1905), p. 2. Vd. descrição no n.º 99.

Trata-se de um número de homenagem ao 2.º Visconde da Torre.

Arquivo documental

Em carta datada de 9 de janeiro de 1905, Alberto Feio da Rocha Paris agradece as palavras de João Penha, no número que a *Correspondencia do Norte* lhe dedicara em dia de aniversário. A missiva encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 560^{maço 15}.

763

[Braulio]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *O Visellense: Quinzenario de Estudos Sociaes* (dir. Braulio Caldas; ed. José M. P. Guimarães), Visela: [s.n.]. Número especial (18 de outubro de 1906), p. 2.

Este periódico local publicou-se quinzenalmente entre 1904 e 1906, em formato médio (38 cm), de quatro páginas, a três colunas.

O número em questão é uma homenagem póstuma ao seu fundador, Bráulio Caldas.

764

[Oradores]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Vitalidade: Semanario Regenerador-Liberal* (red. Accacio Roza), Aveiro: [s.n.]. N.º 767 (25 de dezembro de 1909), p. 1. Vd. descrição no n.º 164.

Trata-se de um número de homenagem ao político aveirense José Estevão.

765

[Herculano]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Propaganda* (dir. Antonio C. da Cruz Teixeira Junior), Braga: [s.n.]. Ano I, n.º 13 (18 de abril de 1910), p. 1.

Este periódico bracarense publicou-se quinzenalmente entre 1904 e 1906, em formato médio.

O número em questão é uma homenagem a Herculano, no centenário do seu nascimento.

766

[O nosso Luiz]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett* (dir. Alberto Bessa), Lisboa: [s.n.]. Número especial (1910), p. 41.

Esta revista mensal publicou-se entre maio de 1903 e janeiro de 1914, em formato pequeno (de 26 cm), profusamente ilustrado, com o propósito de honrar a memória de João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett.

O número onde saiu o depoimento de João Penha constitui uma homenagem ao Presidente da Sociedade, Luís Jardim, logo após a sua morte.

Anotação textual: emendas

1. /Dolens *italico*/]; DOLENS

767

[Duas linhas]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *O Leme: Semanario Literario, Scientifico, Humoristico e Noticioso* (red. Nuno Castelo Branco), S. Miguel de Seide: [s.n.]. N. 23 (1 de junho de 1913), p. 9.

Este periódico, dirigido pelo filho de Camilo Castelo Branco, publicou-se aos domingos, entre 1895 e 1913. Tinha formato grande (35 cm), de quatro páginas, e empenhava-se em perpetuar a memória do escritor famalicense.

Este número, em particular, constituiu uma homenagem a Camilo, no 23.º aniversário da sua morte.

Anotação textual: emendas

- 29. Goncourt, a que]; Goncourt, que
- 33. Poe,]; Põe,
- 57. espetado]; espetada

768

[Una voce]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Numero-Homenagem Consagração da Academia do Lyceu Central Sá de Miranda aos Heroes do Primeiro de Dezembro de 1640*, Braga: [s.n.], 1913, p. 4.

Este número único publicou-se anualmente, entre 1882 e 1935, para ser vendido durante as comemorações estudantis da restauração da independência nacional. Além da comunidade estudantil do liceu de Braga, envolvia também colaboração dos literatos bracarenses da altura.

O exemplar em causa tem formato médio (de 45 cm), com 8 páginas e texto a duas colunas.

Anotação textual: emendas

6. feu.»]; fen.»

769

[O crime]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Biblos: Boletim da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra: Coimbra Editora. Vol. I, n.º 1 (janeiro de 1925) pp. 23-26.].

Esta revista literária publica-se desde 1925, em formato médio de 25 cm.

O texto de João Penha aparece reproduzido num artigo de Mendes dos Remédios, intitulado “Inéditos de escritores portugueses”. Vem antecedido de alguns esclarecimentos sobre a sua origem, incluindo uma troca de correspondência entre o autor e João Penha (vd. *infra* Arquivo documental).

Arquivo documental

I. O artigo de Mendes dos Remédios onde este texto foi reproduzido (vd. *supra* testemunho A) abre com a seguinte introdução:

Inéditos de escritores portugueses
João Penha

*Alexandre Herculano comprou a
Quinta de Val-de-Lobos ou recebeu-a
da munificência de D. Pedro V?*

Quando em 1910 decorreu o centenário do nascimento de Alexandre Herculano um grupo de Estudantes da Universidade de Coimbra intentou comemorar êsse facto, entre outras manifestações, com a publicação dum In Memoriam.

Com destino a êsse livro, que não chegou a ser publicado, nem mesmo a ter uma organização definitiva, escreveu o famoso Poeta das Rimas, Novas Rimas, Últimas Rimas, um interessante artigo, cheio de nervosidade e com a frágil base, segundo ao tempo presumimos, e é ainda hoje nossa convicção, num equívoco – qual era o de supôr – que o glorioso autor da História de Portugal e de tantos estudos de profundidade e saber havia recebido a Quinta de Val-de-Lobos da generosidade do Monarca D. Pedro V. João Penha ouvira sempre afirmar essa atoarda e tinha-a como a rigorosa expressão da verdade. Daí proveio, para disreterear sôbre alguma cousa de novo, o artigo enviado de Braga com destino ao In Memoriam. Quís prevenir João Penha da situação desairosa em que me parecia que êle ficava, dado que as suas considerações acrimoniosas e injustas deixavam de ter razão, uma vêz que houvesse sido Herculano quem do seu bolsinho, à custa das suas economias, tivesse comprado a Quinta, seu entretenimento e seu lugar de descanso e de repouso nos últimos anos da vida. O lance era delicado. Como receberia

o ironista, de tam requintada sensibilidade artística, velho boémio doutras eras, agora doente, pobre, de mal com a vida e com os homens, as considerações dum estranho ao círculo dos seus amigos, tam raros e tam dispersos?

Por outro lado, deixar sair o artigo de João Penha, sem o prevenir do possível desaire dum ataque justificado, doía-me a consciência. Hesitante, acabei contudo por lhe dirigir com a nota de confidencial a seguinte Carta:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

14-IV-1910.

Pediram-me os organizadores da homenagem a A. Herculano que lhes revisse as provas para o livro «In Memoriam». V. Ex.^a me desculpará de lhe vir chamar a atenção para o seu artigo que se funda, parece-me, num equívoco – o de ter sido D. Pedro V quem comprou e ofereceu a Herculano a Quinta de Val de Lobos. Sempre li que foi o grande historiador que a pagou do seu bolsinho e há mesmo, presumo, qualquer afirmação dêle nêsse sentido. Impossível me é verificar agora o facto, que reputo exactíssimo e o deveria sêr, dada a psicologia das personagens que nêle figuram. Possível é porém que V. Ex.^a alicerçasse o seu artigo em qualquer documento inédito ou por mim ignorado, o que muito bem pôde dar-se.

O que eu quero que V. Ex.^a creia é que, procedendo assim, fui movido unicamente pelo desejo de evitar a divulgação dum juízo menos exacto (penso eu) sôbre figuras tam simpáticas e tam amigas como foram e sam as de Pedro V e Herculano e esse juízo firmado pelo nome que há tanto a minha admiração estima e venera – como é o de V. Ex.^a

Mendes dos Remédios.

Era, como se vê, um aviso cauteloso feito com a reserva, que se impunha, tratando-se duma criatura como João Penha, fàcilmente irritável. Poderia também acontecer, como eu aventava em hipótese, aliás pouco crível, que o Poeta tivesse documento certo ou testemunho provado de que, com efeito, fôra o Monarca D. Pedro V, que tanto estimava o trato com o Historiador, o qual lhe retribuía, como é sabido, com reconhecimento inexcédível, do que ficou brilhante prova entre outras no Prefacio da 3.^a ed. da História de Portugal, quem presenteara o amigo com o eremiterio a que êle ciosamente se recolhera até aos últimos instantes da vida. Mas não. Penha escudava-se com a presumível autoridade de Bulhão Pato que, aliás, não podia apresentar. Fundava-se num «ouvi dizer» e nada mais, como se vê das duas cartas, que a seguir publicamos:

1.^a

Braga, 15-IV-10.

Ex.^{mo} Sr. Mendes dos Remedios

Acabo de receber a carta de V. Ex.^a a qual de veras me surpreendeu, porque sempre ouvi dizer, constantemente, que a quinta de Valle de Lobos, que pertencia á Casa de Bragança, D. Pedro 5.^o a dera ao A. Herculano. Onde teria este, apenas remediado de fortuna, os dinheiros necessarios (contos de reis) para a comprar?

Quem poderia elucidar o caso seria Bulhão Pato, mas li nos jornais que elle adoecera, e por isso não ousou escrever-lhe. Nestas circunstâncias, o melhor será que o artigo não sáhia, com o que ninguém perderá.

Agradecendo a V. Ex.^a a deferencia das suas observações, subscrevo-me com a mais alta consideração,

De V. Ex.^a m.^{to} Att. e ob.º

João Penha

P. S.

Talvez uma pequena nota, logo a seguir ao artigo, salvasse a situação.

Assim:

«O que affirmo n'estas linhas, com referencia á doação da quinta de Valle de Lobos, funda-se apenas na tradição, isto é, no que sempre ouvi dizer a esse respeito, sem rumor em contrario.

Pode, porem, ser que o facto não seja verdadeiro, e nessa hypothese, tenha-se por phantasia o que escrevi como origem da aquisição, real ou de invenção.

Nas consequencias é que nada haverá a alterar, segundo o meu modo de ver.»

P.

Que parece a V. Ex.^a? Resolva V. Ex.^a o caso.

Penha.

2.^a

B. 16-IV-10.

Ex.^{mo} Sr. Mendes dos Remédios

Relendo a carta de V. Ex.^a pareceu-me ver que V. Ex.^a achava desairosa, pelo menos para Herculano, a doação que, como sempre ouvi dizer, Pedro 5.º lhe fizera.

Se eu assim o julgasse, ou se entendesse que alguém o poderia julgar, de certo que a ella me não referiria.

Mas, não julgo: da parte do doador o facto o elevaria ainda mais no alto conceito em que é tido: seria uma doação remuneratoria dos grandes serviços prestados pelo donatario não só á patria, mas tambem a elle proprio doador.

Não só na historia do nosso pais, mas tambem na de todos os povos civilizados, se vêem doações desse genero, muito mais amplas, muitissimo mais importantes, feitas por grandes principes a personagens das mais elevadas dos seus respectivos paises, e para esses personagens, mais ou menos historicos, essas doações representavam (alem do proveito) uma grande honra.

V. Ex.^a tem lido a historia: viu uma unica vez que esses felizes donatarios fossem censurados por aceitarem tais doações? Não. Herculano, acceitando o que D. Pedro lhe fez, se é que lho fez, também o não seria, e até se a recusasse, da parte d'aquelle principe de quem era tão amigo, praticaria um acto de descortezia, que elle decerto lhe não perdoaria.

Descendo agora ao meu pequeno artigo insisto que o melhor será que elle não sáhia, a fim de se evitarem questões, questões que, se suscitassem, me fariam sahir logo a campo, em defesa dos dous, e da minha propria pessoa.

Com a mais alta consideração assigno-me

De V. Ex.^a m.^{to} att. e obrig.

J. Penha.

Entretanto ia eu averiguando do fundamento da minha convicção e como e logo que a obtive comuniquei-a ao meu illustre contraditor nestes termos:

19-IV-1910

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Não pode haver duvidas sobre a aquisição da Quinta de Val de Lobos. Foi o próprio Herculano quem a comprou e pagou. Leia V. Ex.^a este trecho d'uma carta do ilustre historiador para o seu amigo Fontana em que se refere aos seus editores Bertrands... «nunca houve condições. Elles imprimiam os volumes que queriam e davam-me o que entendiam... Passei annos e annos sem ver contas. ...Apurámo-las uma vez quando comprei Val-de-Lobos e trouxe de lá quatro contos de réis. Depois continuámos na mesma...» Disto tinha eu reminiscência que agora, nas buscas que fiz na Biblioteca, vi ser inteiramente fundada. V. Ex.^a dirá agora se quer que o artigo saia com a nota que enviou, ou se prefere remodelá-lo, ou substituí-lo. Excuso de accentuar que o assunto é para mim e continuará a ser confidencial.

Escrevi porque prezava o preço o nome do glorioso Poeta – João Penha, e não queria vê-lo a subscrever uma inexactidão.

Com a maior consideração

Mendes dos Remedios.

A carta era, reconheço-o, um pouco atrevida, quando falava na modificação ou substituição do artigo. Mas que fazer se a verdade estava patente e era incontraditável? Penha respondeu-me então com esta carta, que decidia a questão, pois seria impertinência indesculpável o prolongá-la:

B. 20-IV-10

Ex.^{mo} Sr. Mendes dos Remedios

Se A. Herculano, quando recebeu os 4 contos a que elle se refere, já tinha adquirido a quinta de Valle de Lobos, d'onde lhe adviriam os 20 contos ou mais que essa quinta vale?

Não lhe daria essa importância D. Pedro 5.º para tal fim?

Como é que, se assim não fosse, se espalhou logo (e andava eu n'essa cidade) esse facto?

Um rumor em contrario?

Invental-o-hia eu?

Hei de saber a verdade, mas não agora, visto o Bulhão Pato, amigo intimo do Herculano, estar doente na Caparica, e doente (hélàs!) com mais de 82 annos!

Quanto ao meu artigo, não deve sahir, porque na hypothese de que a doação, quer directa, quer indirecta, não fosse real, esse artigo seria uma extravagancia até inconveniente.

Quanto a fazer outro, ou a emendar o que fiz, recuso-me. Quando ouço falar n'um centenario fico logo a tremer.

Só para este recebi quatro convites um da Academia Real das Sciencias, outro da Associação dos Advogados de Lisboa, outro da Academia dahi e outro da de cá.

Satisfiz a dois e fiquei esgotado e o que fiz foi contra vontade: tudo o que não é espontaneo não presta.

Agradecendo a V. Ex.^a as benevolas observações, subscrevo-me com a maior consideração

De V. Ex.^a Amigo m.to att. e Obrig.

J. Penha

Eis agora o artigo de João Penha, que motivara esta amistosa tempestade:

[...]

II. Também em carta de Antero de Figueiredo depreendemos que o poeta tentara conferir, junto de seu amigo, o boato que esteve na base deste episódio. A missiva em causa pertence ao espólio de João Penha e encontra-se à guarda do ADB, com a cota Ms. 551, ff. 70-71. Trata-se de um bifólio de papel liso (com 25,7 x 16,4 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-2r) a tinta preta:

Espinho, 24 de abril, 1910

Meu caro amigo:

O França Amado tem razão: no inverno é que deve aparecer o livro. Aceite a edição delle. Olhe que o mercado de versos está pela hora da morte!... Aceite esse editor.

O que poderá começar a composição durante o verão para o livro sair no principio do inverno – logo em setembro.

Tambem eu tenho livros para o proximo inverno, se Deus não mandar o contrario. Duas novellas.

Nada lhe posso dizer a respeito da quinta de Valle de Lobos. Nunca ouvi dizer que D. Pedro V a tivesse offerecido ao Herculano. Nunca. Parece-lhe que Herculano a aceitaria?

Adeus. Beijos da Thereza.

/ Obrigado/*

Antero de Figueiredo

P.S. Aquelle drama do seu coração dura ainda?

A.

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Revista de Braga: Semanario Litterario, Noticioso e Pictresco* (), Braga: [s.n.]. N.º 1 (27 fevereiro 1862).

Esta revista de formato médio (33 cm), a duas colunas, teve uma curta existência de apenas seis números, publicados às quintas-feiras, entre fevereiro e abril de 1862. Embora anuncie a regular colaboração de João Penha, o jovem assinaria apenas dois pequenos textos, nesta revista.

Trata-se da publicação mais antiga de João Penha (anterior à ida para Coimbra) que foi possível localizar.

Anotação textual: emendas

21. / Cisterna Encantada *itálico*/]; Cisterna Encantada

771

[As soirées de Pindella]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *A Correspondencia do Norte* (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2259 (30 de janeiro de 1904), p. 2. Vd. descrição no n.º 99. < Zi >

Este texto encontra-se atribuído ao pseudónimo Zi (um alusão ao tratamento que João Penha carinhosamente usava com sua amada Zulmira de Melo).

Anotação textual: emendas

- 6-7. /selected nobility and gentry ^{*itálico*}/]; select nobilit and gentry
- 7. á popularidade,]; ápopularidade,
- 18. Mendelssohn]; Mendelssnh
- 19. Fahrback]; Fahrbcah
- 43. sua divina irmã,]; sua divida irmã,

Arquivo documental

Este texto, que João Penha publicou sob o pseudónimo “Zi”, suscitou reações acrimosas entre os convivas do sarau de Pindela. Em correspondência trocada com o filho da anfitriã, Bernardo Pindela, João Penha alude a alguns incidentes desagradáveis. O testemunho em causa pertence ao espólio do Conde de Arnoso, e encontra-se à guarda da BNP, com a cota E 32 / 2742. É constituído por meio bifólio de papel pautado (com 11,3 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Meu querido Bernardo.

Escrevi ácerca das soirées que tua mamã dá em sua casa, da R. de S. Geraldo, o artigo que lerás na Correspondencia do Norte que te envio. Suppuz que madrigalizei as senhoras a que me refiro, em tom cortez e palaciano, e todas ellas, segundo me consta, assim o entenderam. Certas entidades, porem, que tua mamã, pela sua bondade, recebe, mas que tu de certo não receberias em tua casa, – tem andado a dizer, por despeito ou estupidez, que eu disse grosserias (!) a senhoras.

N'estas circunstancias obsequieas-me se, na volta do correio (podendo ser) me disseres, n'uma linha, o que entendes a esse respeito.

Esta Braga é uma terra impossivel.

Todo teu, de coração

30-I-04

João Penha.

À resposta de Bernardo Pindela, Conde de Arnoso, responde João Penha na carta E32/2743 do mesmo espólio. Trata-se de um bifólio de papel pautado (com 22,7 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta, e onde se lê:

Meu querido Bernardo

Muito obrigado pela tua resposta. Eu ja assim a esperava; – mas, tem paciencia: lê o artigo, que vae incluso, e diz-me se confirmas, como creio que confirmarás, a tua primeira carta. Eu nem d'isto te fallaria, se D. Zulmira me não pedisse para o fazer, porque se julga attingida pelas baboseiras indignas dos taes sujeitos, os quaes dão a entender que foi ella quem me instigou a escrever o innocente artigo.

A estupidez d'esses sujeitos excede a comprehensão humana.

Desculpa-me, sim? Não te demores com a resposta.

B – 8-II-04.

Teu do fundo do coração

João Penha.

João Penha refere-se ainda ao incidente numa última carta endereçada a Bernardo Pindela. Trata-se na carta E32/2744 do mesmo espólio, constituída por um bifólio de papel pautado (com 22,7 x 18,1 cm), escrito de ambos os lados a tinta preta:

Querido Bernardo.

O Dr. Antonio Maria da Costa Rebello reside em Paços de Ferreira, onde exerce as funções de juiz de direito. Era sobrinho de meu fallecido irmão Manuel.

Os taes sujeitos andam agora com a orelha um pouco baixa. São como dizes «bestas» – mas pertencem á especie humana pela sua fôrma exterior. Quem tomou este negocio a peito foi a joven D. Zulmira, que ficou desesperada, fôra de si, mesmo porque uns diziam que fôra ella que inspirara o artigo; outros, que fôra ella mesma quem o escrevera!

Acreditas que um d'esses idiotas me escreveu um bilhete postal, anonymo (já se vê) em que classifica o tal artigo «um aborto»?

D. Zulmira anda agora a ler as tuas Jornadas pelo mundo, que tua mamã lhe emprestou. Tem gostado muito, e isto é um bom elogio, porque ella, litterariamente fallando, é muito difficil de contentar.

Abraça o

Teu do coração

18-II-04.

J. Penha

Também o Conde de Valenças, Luís Jardim, se refere à crónica de Penha, em carta pertencente ao espólio do poeta. A missiva, guardada no ADB, com a cota Ms. 552, ff. 51-52, é constituída por um bifólio de papel liso (com 25 x 20,3 cm), escrito de ambos os lados (ff. 1r-2r) a tinta preta:

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1904.

Amigo João.

Li na Correspondencia do Norte um artigo, que julgo ser teu, por um portuguez vernaculo, e pela elegancia como está escripto. Falas em D. Zulmira, minha Senhora, e dos meus maiores respeitos.

Está muito bom. Referindo-te a D. Zulmira, procedes-te bem, que tudo é devido á formosa senhora, tão credora pelo seu talento e graça de todas as admirações e respeitos. Eu me associo contigo; e diz a S. Ex.^a, se poderes, que eu sou um dos seus admiradores, e escravo o mais submisso, e que serei sempre um captivo de sua pessoa e talento.

Escrevi directamente a França Amado, e logo que tenha sua resposta, mais direi acerca dos interesses d'elle, porque tudo o demôva.

Nunca dizes, que vens passar alguns dias comigo.

Porquê? Nos estamos na segunda mocidade, e ainda esperamos a terceira, e o veranito de S. Martinho. Dá-te pena, que eu sou teu amigo antigo.

Conde de Valenças

Na sequência desta troca de correspondência, João Penha (ainda sob o pseudónimo Zi) publicaria, por fim, a seguinte declaração:

A Correspondencia do Norte (dir. Henrique Augusto Rouffe), Braga: Imprensa Commercial. N.º 2261 (20 de fevereiro de 1904), p. 1. < Zi >:

As soirées de Pindella

Tendo nos chegado aos ouvidos que uns certos individuos, cujos nomes ignoramos, têm andado a propalar, epilepticos de indignação, que no nosso escripto anterior havia grosserias contra senhoras, dámo-nos ao trabalho de o tornar a lêr, e afigurando-se-nos que tudo quanto dissemos a respeito d'ellas era palacianamente correcto, madrigalesco talvez na forma, mas com seu fundo de verdade, entramos n'uma grande perplexidade: na de se o nosso intellecto já não funcionaria regularmente, ou se, pelo contrario seria o d'elles que, por uma causa qualquer, permanente ou transitoria, se achasse desequilibrado.

N'estas circumstancias, e para que esta materia se tire a limpo, urbanamente convidamos os alludidos sujeitos a que, n'este mesmo jornal, que para isso lhes franqueia as suas columnas, declarem em que consistem essas taes grosserias, á ultima hora alcu-nhadas de troça, não para que entremos em discussão com elles, – porque isso, nunca! – mas para que o publico, baseado no simples senso commum, e nos conhecimentos que tenha da arte de viver na sociedade, resolva como fôr de justiça.

Em ordem a serem apreciados na discussão final do caso, exhibimos desde já, pela nossa parte, os seguintes documentos, que por emanarem de personagens que vivem na côrte, e occupam uma alta posição social, na politica e nas letras, se nos afiguram de certa importancia:

I

Real Paço das Necessidades, 10 fev. 904.

Meu querido... Zi.

.....
«É preciso ser se da estupidez mais crassa e mais supina para se ver no teu elegante artigo alguma coisa desagradavel.

.....
Nem era preciso lêl-o para saber de certo que nada poderias escrever, referindo-te a senhoras, que não fosse grand siècle, talon rouge.

.....
Conde de Arnoso.

II

Lisboa, 6 de fevereiro de 1904.

Amigo... Zi.

«Li na «Correspondencia do Norte» um artigo que julgo ser teu por seu portuguez vernaculo, e pela elegancia com que está escripto. Falas em D. Zulmira, minha senhora e dos meus maiores respeitos. Está muito bom. Referindo-te a D. Zulmira, procedeste bem, que tudo é devido á formosa senhora, tão credora, por seu talento e graça, de todas as admirações e respeitos. Eu me associo contigo, e diz a Sua Excellencia, se podéres, que eu sou um dos seus admiradores, e escravo o mais submisso, e que serei sempre um captivo de sua pessoa e talento.»

.....
Conde de Valenças.

*

Quanto a outras chronicas, ficam para as kalendas gregas. Não estamos com gente para cousas d'esta natureza. Comtudo, esta resolução não é definitiva, porque não ha ninguem n'este mundo que seja absolutamente independente. Ha sempre «alguem» que todo lo manda.

10-II 04.

Zi.

[A Paizagem Portugueza de João Penha]

Notícia dos testemunhos

1. *Recensio*

Há apenas um testemunho direto:

A – *Serões: Revista Mensal Illustrada*, Lisboa: Livraria Ferreira Editora. Vol. V (1907), n.º 30, pp. 386-388. Vd. descrição no n.º 253.

Este texto enquadra-se no âmbito de um inquérito que Henrique Lopes de Mendonça empreendeu em dois números da revista *Serões*. A apresentação da iniciativa faz-se no n.º 28 (vd. *infra* Arquivo documental), onde se incluem as colaborações de Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, Henrique de Vasconcelos, Afonso Lopes Vieira, Santos Tavares, Olga Sarmento, Abel Botelho, Luciano Freire, Magalhães Lima, Columbano, António Correia de Oliveira e José Sarmento. A conclusão publica-se no n.º 30, com novo preâmbulo do diretor (vd. *infra* Arquivo documental), seguido dos testemunhos de Bulhão Pato, Teófilo Braga, João Penha, Cândido de Figueiredo, Julio Dantas, Augusto Gil, Alfredo Mesquita e Francisco Valença.

Cada testemunho vem acompanhado de um retrato do autor e algumas fotografias da paisagem descrita. No caso de João Penha, a ilustração faz-se com um retrato dos tempos de Coimbra e imagens várias do Bom Jesus de Braga (vd. *infra* Arquivo documental).

Anotação textual: emendas

- 23. o valle]; o velle
- 30. altos montes,]; altos montas,
- 79. ficar. Já]; ficar, Já
- 94. perto,]; perto.
- 113. ficar,]; ficar

Arquivo documental

I. Em carta enviada para Antero de Figueiredo, João Penha refere a sua participação no inquérito, a convite do diretor da revista *Serões*, Henrique Lopes de Mendonça. O testemunho em causa encontra-se à guarda da BPMP, com a cota M-AF-1173(2). É constituído por dois bifólios de papel pautado (com 23 x 18,1 cm), escritos de ambos os lados (ff. 1r-3v) a tinta preta:

B. 25-XI-07.

Caro amigo.

Eu mesmo só na passada 2.^a feira, 17 de novembro, regressei do Bom Jesus: um escandalo forense!

Ácerca do assumpto principal da sua ultima, eis as minhas solemnes palavras:

Desde que nasci ate ao dia d'hôje vivi sempre, como artista que sou, estranho à politica: vejo-a de fóra, como amator de curiosidades. Fallo da politica activa, porque quanto á outra cá tenho, como bacharel algo philosopho, as minhas ideas.

Além d'isto, a minha posição relativa aos principaes chefes politicos da actualidade, inhibe-me de tomar uma resolução ostensiva, no sentido de me filiar neste ou naquella partido.

Assim, o Bernardino Machado, o chefe republicano, é um dos meus mais velhos e fieis amigos. Data isso desde os bons tempos de Coimbra.

A respeito do bom do Hintz era exactamente a mesma couza, havendo a notar que elle, por intermedio do Guerra Junqueiro, por duas vezes me perguntou: «que dissesse o que eu queria». Não respondi nada. A minha amizade para com o Julio de Vilhena, é tambem antiga, e sempre accedeu a todos os pedidos (pequenos, mas pedidos) que eu lhe fiz, não para mim, mas para outras pessoas.

Finalmente, o José Luciano, sempre me fez os maiores elogios (relativamente à couza juridica) e tambem a homens importantes do seu partido, como o Alpoim, e o Antonio Cabral; devo considerações e obsequios.

Republicano, fui-o em creança, – mas agora não o sou.

Com o partido progressista nunca sympatizei, e de bloco, não posso de maneira alguma fazer parte, porque, como homem de letras portuguezas que sou, e me prêzo ser, não posso fazer parte d'um gallicismo (bloco).

Mas, ficar-me-ia mal, nas relatadas circumstancias, abandonar essas pessoas amigas, ou antes os seus partidos, e filiar-me ruidosamente n'um partido contrario, quando é, pelo menos de mim sabido, que nem sequer, ate ao dia d'hoje, dei o meu voto a pessoa alguma, nem mesmo a meu irmão Manuel, quando, por duas ou tres vez, se propoz a deputado por Braga!

Propendo realmente para o franquismo, do qual faço propaganda, aqui, no meu escriptorio; estaria ate prompto a escrever alguns artigos a respeito do rei, da luta civil, dos adiantamentos, etc. materias que ainda ate agora não foram discutidas sob o ponto de vista em que o deveriam ser; – sympatizo com o João Franco, a quem ate dedico um livro (ácerca do Decreto de 29 de maio) – que ja está a brochar – mas, repito, seria da minha parte manifestamente incorrecto, – acceitar a sua proposta, de fazer parte o respectivo centro neste distrito. Se o João Franco sabe deste caso, elle que o julgue.

Quando o seu livro estiver prompto, envie-m'o. Dir-lhe-ei a minha opinião, a qual de certo será favoravel, visto os antecedentes.

No Bom Jesus, fiz apenas um soneto, e uma paizagem, a que de lá se disfructa, para os Serões, a pedido do Lopes de Mendonça.

Á jovenzita Thereza retribuo os seus bejos infantis, e as suas festas.

Abraça-o o

Se de coração

João Penha.

II. Como ficou dito (vd. *supra* Notícia dos testemunhos), a apresentação deste inquérito é feita no n.º 28 (outubro de 1907):

A paisagem portuguesa
(Inquerito aos homens de letras e outros artistas)

Os Serões abrem hoje um inquerito sobre a paisagem portuguesa. Para isso convidaram os nossos principaes jornalistas, homens de letras, musicos, pintores e esculptores, cujas respostas irá publicando em artigos successivos.

Obvias são as vantagens que este curioso inquerito offerece. Em primeiro logar figura a divulgação dos pontos mais formosos do nosso paiz; em segundo, a propaganda das suas bellezas naturaes, que são muitas, feita por espiritos de eleição, por almas sequiosas de Belleza e de Arte. A paisagem é o scenario da vida. Amiel disse que «a paisagem é um estado de alma». Para cada alma cada paisagem. Para o algarvio, o mar; para o minhoto, a romaria; para o alemtejanico, a charneca; para o da Extremadura, a da lezíria. Aos contemplativos dêmos as costas do Algarve com seus poentes reverberantes, de oiro, e as emmaranhadas mattas, a vegetação prodigalissima do Bussaco; aos spleneticos a animação das cidades; aos humildes, a resignada, primitiva paz da serra.

Frei Agostinho da Cruz, o poeta da meditação, é a paisagem biblica; Cezario Verde, a paisagem das cidades com seus ruidos e metallisações; Julio Diniz, o suave poeta das virgilianas paisagens da aldeia, como Camillo Castello Branco é o inimitavel paisagista de almas.

Se Victor Hugo é o mar, Dante é a treva e Shakespeare o abysmo.

Ha paisagens a que estão acorrentados nomes de escriptores e de homens illustres. Não se pode falar em Guernesey que não lembre Victor Hugo; em Valle de Lobos que não lembre Herculano; em Ovar que não lembre Julio Diniz; em Villa do Conde que se não recorde Anthero; na Quinta da Barroca que se não evoque Sá de Miranda; nos Areaes de Mira que nos não lembre o nome de Bingre; em Cintra que não surja Bernardim Ribeiro, e, finalmente, em S. Miguel de Seide que não venha logo o nome de Camillo.

Os Serões correspondem pois a um desejo do publico. Portugal é um paiz abençoado, um bouquet de paisagens. Tem para todos os gostos. A serra e o mar, a charneca e a matta, e raros serão os paizes do mundo que se lhe possam oppôr em bellezas naturaes.

Curioso tambem como documentação litteraria este inquerito é, a todos os respeito, digno de interesse, e representa um grande e bello serviço na obra de propaganda, tão necessaria como util, d'esta nossa querida patria.

[...]

O inquérito receberá ainda uma segunda apresentação no n.º 30 (dezembro de 1907, pp. 383-384), onde se inclui o testemunho de João Penha:

A paisagem portuguesa
(Inquerito aos homens de letras e outros artistas)

Os Serões continuam hoje o seu inquerito sobre qual seja o mais pictoresco de Portugal. As respostas que hoje publicamos, algumas bem interessantes, são assignadas por muitos dos mais cotados nomes do nosso mundo artistico. Inutil será frisarmos que nenhuma ordem, mais do que aquella em que foram recebidas as respostas, se adoptou na formação do artigo.

Bulhão Pato, o adorável revivedor das Memórias, o solitário do Monte de Caparica, deu-nos a sua opinião. Como veem, no ponto preferido do homem que tem atravessado as ultimas gerações, privou com Herculano, tomou do braço Garrett, e envelheceu a escrever e a recordar, patriota como raros, grande artista e figura inolvidavel, ha ainda muito de... saudade. Não é uma paisagem que se recorda, é uma epoca que se evoca. Não é um sitio que desapareceu, mercê da invasão da casaria, que transborda, é um tempo que não volta mais. Bulhão Pato fez uma paisagem do seu tempo. Fel-a com todo o amor que pode ter um coração que envelheceu a amar a sua terra e só para ella ser grande lhe consagrou toda a grandeza da sua alma e a fulgencia da sua penna d'oiro.

Teophilo Braga deu-nos a paisagem maritima, tão querida de um povo aventureiro, que teve o imperio dos oceanos por direito de audacia e de conquista. Teophilo Braga é açoreano. Ora o açoreano tem, como ninguém, o sentimento do mar, a visão dos horisontes coruscantes e afogueados ou dos melancolicos poentes das tintas mais supremas. Do ceu elle conhece todas as gradações; do mar todos os habitos. Viu-o repou-sante, calmo e espelhado; viu-o nevralgico e borrascoso; viu-o finalmente vergalhando a rocha, açoitando a penedia, taciturno e misterioso batalhador indomito e cruel. Por isso o açoreano e o mar são duas entidades que se completam. Depois, em Theophilo, a sua obra tem alguma cousa de um grande oceano, em que cada novo livro, em que cada volume novo é uma vaga que surge, para atraz d'esta outra surgir, e outra e outra, porque como o mar não tem descanso a sua actividade extraordinaria.

João Penha, o irrequieto cantor da bohemia coimbrã, poeta dos raros e artista dos bons, prefere o Bom Jesus de Braga, que parallelisa com o Bussaco. João Penha vive em Braga, e o Bom Jesus está-lhe defronte dos olhos. Ha annos que as arvores seculares do Bom Jesus conhecem o artista requintado da Sylvia, e adoram-no. Como vêem João Penha retribue-lhes. Junqueiro prefere o Bussaco, que é a paisagem para os Ensaíos Espirituaes do grande poeta. João Penha, prefere o Bom Jesus, que é a paisagem dos versos lyricos das suas Novas Rimas. O Bussaco ensina a rezar. O Bom Jesus a amar. E o Bom Jesus está, agora que o poeta nos deu o livro das suas lyricas, para João Penha, da mesma forma que para Junqueiro está esse bosque secular, sagrado e religioso que é o Bussaco.

Candido de Figueiredo é dos que ficam em casa. A sua paisagem é familiar. E realmente como queriam os senhores que elle tivesse conseguido os quarenta ou cincoenta mil vocabulos novos, que registrou no dictionario; como queriam que elle soubesse tudo o que sabe; que elle tivesse a auctoridade scientifica que tem, se elle andasse a passar o seu tempo olhando os pontos bonitos do nosso Portugal? Entre dois vocabulos novos e authenticos e um passeio a uma linda quinta, Candido de Figueiredo opta pelos vocabulos. E ahi está a razão.

Julio Dantas prefere os campos de Coimbra. Ha um certo ponto de contacto entre a sua paisagem e a sua obra. Julio Dantas é um espirito de artista que teve a desventura de nascer n'uma epoca de industrialismos. Coimbra tem historia, tem lendas; os seus campos tem poesia, tem encantos e tem paisagem. A que mais pode aspirar e desejar um grande artista?

Jorge Collaço, um espirito de patriota, prefere um dos mais bellos recantos de Portugal, Valença, o artista risonho do lapis, Braga, com todas as suas virtudes e todos os seus defeitos.

Augusto Gil; quem falla em Augusto Gil lembra logo:

«Amas a nosso Senhor
Que morreu por toda a gente,
E a mim não me tens amor
Que morro por ti somente.»

e mil outras quadras que a guitarra do Hylario gemeu pelas vielas de Coimbra, soluçando aos astros os mysterios da sua capa negra, e as raparigas decoraram, porque fallavam de amores e eram do Augusto Gil, o companheiro do Affonso Lopes Vieira, do Guedes Teixeira, do Carlos de Lemos e de muitos outros. Mas Augusto Gil, iamoz dizendo, quer o Mondego, perto da sua terra, o Mondego que vem depois, nas mil ondulações da agua corrente, retratar as tricanas e escutar com os poetas as mil queixas da desventurada Ignez, que soluça entre os salgueiros.

Alfredo de Mesquita, o nosso globe-trotter, das lettras – elle foi á Hespanha, á Hollanda, a França, ás Ilhas, á America, a toda a parte – prefere a Ilha. E elle que tem visto mundo, e que tão cathegoricamente, tão praticamente pretende que vizitemos aquella paizagem, é que lá tem as suas razões.

Mas, já dissemos quasi tudo: Não queremos demorar, mais a vossa curiosidade, que não é de todo infundada, como vereis.

Meus senhores e minhas senhoras: Está aberta a... paizagem.

[...]

O texto de João Penha vem acompanhado por um retrato dos tempos de Coimbra e várias imagens do Bom Jesus de Braga:



